

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Marília Gomes Teixeira Marques**

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASEGMENTAL DO NUTAJENSU (SARARÉ)**  
**- NAMBIKWARA DO SUL -**

**Recife**

**2022**

**Marília Gomes Teixeira Marques**

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASEGMENTAL DO NUTAJENSU (SARARÉ)  
- NAMBIKWARA DO SUL -**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – CAC da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

**Área de Concentração:** Linguística

**Orientadora:** Prof. Dra. Stella.Virginia. Telles De Araujo Pereira Lima

**Co-orientador:** Prof. Dr. Willem.Leo.Marie Wetzels

**Recife**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Marques, Marília Gomes Teixeira.

Fonologia segmental e suprasegmental do Nutajensu (Saráré) -  
Nambikwara do Sul / Marília Gomes Teixeira Marques. - Recife, 22.  
330 : il., tab.

Orientador(a): Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Cooorientador(a): Willem Leo Marie Wetzels

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 22.

1. Línguas indígenas brasileiras. 2. Família Nambikwara. 3. Nutajensu. 4.  
Saráré. 5. Análise Fonológica. I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo  
Pereira. (Orientação). II. Wetzels, Willem Leo Marie. (Cooorientação). III. Título.

410 CDD (22.ed.)

MARÍLIA GOMES TEIXEIRA MARQUES

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASEGMENTAL DO SARARÉ  
(NAMBIKWARA DO SUL)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 07/09/2022

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dra Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prf. Dr. Willem Leo Marie Wetzels (Co-orientador)  
Vrije Universiteit Amsterdam

---

Dr. Bernard Jacobus Hubertus Hermans (Examinador Externo)  
Vrije Universiteit Amsterdam

---

Dr. Matthew Coler (Examinador Externo)  
University of Groningen

---

Dra. Paula Mendes Costa (Examinadora Externa)  
Vrije Universiteit Amsterdam

---

Dr. Willem Frederik Hendrik Adelaar (Examinador Externo)  
Universiteit Van Amsterdam

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo e por tanto.

Aos meus pais, Suelly e Rodrigo, pelo amor incondicional, incentivo irrestrito e esforço imensurável para que minha base fosse forte o suficiente e, assim, alçasse os vãos que desejasse. Onde tudo começou e para onde sempre terei refúgio, segurança e paz.

Às minhas irmãs, Berta e Júlia, pela torcida silenciosa, “sem intromissões”, mas que se fizeram presentes e sempre ofereceram suporte independentemente de distância.

Ao meu marido, companheiro de jornada e incentivador diário. Obrigada por suas palavras tão precisas e acolhedoras, por seu bom-humor e otimismo quase inabaláveis e por me trazer de volta quando me senti perdida. Obrigada por estar comigo sempre e incondicionalmente, seja ‘comendo grama ou bebendo *champagne*’.

Às duas pessoinhas mais importantes da minha vida, as razões de me fazerem seguir em frente: Luísa e Mila. Duas personalidades opostas e encantadoras que me completam e me fazem enxergar a vida sob perspectivas inusitadas todos os dias. Amo vocês “ao infinito e além”.

À professora Stella, orientadora-mãe desde o ano de 2010 e a quem tenho uma admiração indescritível. Obrigada por seus ensinamentos - todos eles - que não se restringem aos acadêmicos. Obrigada pelo carinho, pela energia boa, pelo tratamento como se eu realmente fosse uma filha e por nossas conversas, umas sérias, outras despretensiosas, mas todas elas cheias de sabedoria e acolhimento.

Ao professor Leo agradeço imensamente pela acolhida, pelo tratamento sempre gentil, por sua (enorme) paciência e por compreender minhas limitações. Obrigada pelos textos, comentários, orientações e por compartilhar sua sabedoria. Minha admiração pelo senhor, que já era imensa desde o mestrado, tornou-se ainda maior.

Ao povo Nutajensu, por ter nos recebido em seu território e por me relembrar do que realmente importa em tão pouco tempo de convivência. Um agradecimento especial ao Alisson, pelas horas dedicadas a nos ajudar com as gravações e nos apresentar a aldeia e um pouco de sua cultura.

À professora Sara Barros, pela gentileza de nos hospedar em sua casa e ter se disponibilizado a nos ajudar com tudo o que precisamos.

Ao cacique Saulo, por ter aceito nossa presença na aldeia e ter compreendido a importância de nosso trabalho.

Aos meus pais de coração, D.Flávia e S.Jorge, pela ajuda diária, pelo carinho sempre dispensado e pela companhia leve e agradável. Me acalma o coração saber que posso contar com vocês.

Às amigas-irmãs Amália, Neri e Brendinha, pela companhia, pelos encontros que me eram/são um respiro, um deleite, uma pausa imprescindível. Obrigada pelo incentivo, pela escuta livre de julgamentos e por me entenderem e acolherem em minhas inquietações.

Aos amigos Sivaldo e Edney, Hugo e Luís pelas conversas agradáveis, pelas dicas e pela grande ajuda com as questões relacionadas ao operacional.

Às amigas Paulinha e Fernanda. Obrigada por terem me recebido com alegria e me ajudado imensamente com os trâmites acadêmicos e a me ambientar. Lembro com grande carinho de nossas pausas pro café, nossas conversas sobre as inquietações acadêmicas e nossos encontros-respiros.

Aos amigos Jade, Thales, Janis e Diego, pela amizade que se fez família por um período maravilhoso de dois anos; pela cumplicidade e ajuda mútua e pelos momentos inesquecíveis de descontração.

A FUNAI, por ter viabilizado nosso ingresso no território indígena e, em especial, à Adriani Vicentini, por ter nos ajudado com absolutamente tudo relacionado ao nosso ingresso e estada na aldeia. Obrigada pelas dicas valiosas, pela preocupação com nossa segurança e por viabilizar (e facilitar) a comunicação com as lideranças.

À Cristina Borella, pela gentileza na concessão dos áudios gravados no período de 2000 a 2003. Estes dados foram essenciais tanto para o desenvolvimento da pesquisa como para que eu fosse mais preparada para o campo.

À UFPE, que foi essencial no meu processo de formação e por tudo o que aprendi ao longo dos anos de curso, e ao PPGL, em especial Adriel, Claudyvanne, Jozaías e professora Evandra, pela atenção com todas as minhas intercorrências e demandas, pela celeridade nos trâmites e pelo tratamento impecável.

À V.U, agradeço ao corpo docente pela excelência e qualidade do ensino e pela estrutura disponibilizada para que tivesse acesso à bibliografia, aos cursos e congressos.

À Liesbeth. Thank you for all kindness and support with everything I needed!

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, meu muito obrigada.

## RESUMO

Neste estudo, apresentamos a descrição da fonologia segmental e suprasegmental do Nutajensu, também conhecido como Sararé, uma língua indígena do Brasil, que pertence ao ramo sul da família linguística Nambikwara. No Capítulo I, fornecemos informações etnográficas relevantes sobre o povo Nutajensu e a posição de sua língua dentro da família linguística Nambikwara. No Capítulo II, descrevemos a fonologia segmental da língua Nutajensu. É uma característica das línguas Nambikwara apresentar um número de contraste vocálico (bem) maior do que o das consoantes. Essa modelagem tipológica infrequente do sistema de sons também ocorre em Nutajensu, onde encontramos apenas 7 consoantes fonêmicas, /t, n, k, l, s, h, ʔ/, ao lado de 18 fonemas vocálicos, dos quais as 5 vogais orais /i, u, e, o, a/ contrastam para *creaky voice* assim como para nasalidade, com exceção de /o/, que nunca é nasalizado contrastivamente. As 4 vogais nasais também contrastam para *creaky voice*. Quanto aos glides /j, w/, optamos por derivar esses sons de vogais lexicais altas. Isso porque as sequências consistindo de uma vogal mais uma vogal alta sempre ocorrem na superfície como ditongos (com algumas exceções sistemáticas), pelo fato de a vogal alta não carregar o acento. Assim, consideramos os glides como os correspondentes fonéticos de vogais altas lexicais silabificadas na margem da sílaba. No capítulo III, fazemos um inventário dos processos fonológicos de Nutajensu. Identificamos uma série de processos que afetam consoantes e vogais em posições específicas dentro da estrutura silábica estabelecida no nível da palavra fonológica: vozeamento de oclusivas no onset silábico, assimilação de ponto de articulação e pré-oralização de consoantes nasais na coda silábica, fortalecimento do glide em posição inicial de sílaba, aspiração de consoantes, alongamento de vogal em sílabas abertas tônicas, além de outros processos desencadeados pelo contato segmental. No capítulo IV estudamos o papel do acento e do tom e concluímos que Nutajensu possui um sistema prosódico misto, no qual acento e tom são parcialmente independentes. Nesse aspecto, a língua se alinha com a maioria das outras línguas Nambikwara, como as línguas Nambikwara do Norte Latundê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2009) e Negarotê (BRAGA, 2017), e a língua do Sul Nambikwara do Campo (COSTA, 2020). A posição do acento é previsível para palavras de conteúdo lexical com base nos parâmetros do peso da sílaba, da categoria lexical e da posição da sílaba dentro da raiz lexical. Ao contrário disso, os morfemas gramaticais devem ser marcados lexicalmente por serem portadores de acento. O acento nos morfemas gramaticais sempre surge como secundário no nível da palavra fonológica. Identificamos dois tons básicos, Alto e Baixo, que podem ser combinados para criar tons de contorno, apenas em sílabas fechadas. Os tons de nível H e L, bem como os tons de contorno HL e LH, são contrastantes em raízes nominais e verbais. Nas raízes verbais, o tom também é usado para desambiguar a marcação de pessoa no passado

recente e no presente. No nível da frase, o tom é usado para distinguir frases positivas de negativas.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas brasileiras; Família Nambikwara; Nutajensu; Sararé; Análise Fonológica

## SUMMARY

In this study, we present a description of the segmental and suprasegmental phonology of Nutajensu, also known as Sararé, an indigenous language of Brazil, which belongs to the southern branch of the Nambikwara linguistic family. In Chapter I we provide some relevant ethnographic information regarding the Nutajensu people and position their language within the Nambikwara linguistic family. In Chapter II we describe the segmental phonology of the Nutajensu language. It is a characteristic of the Nambikwara languages to present a (much) greater number of vocalic contrasts than consonantal ones. This typologically infrequent modeling of the sound system also obtains in Nutajensu, where we find only 7 phonemic consonants, /t, n, k, l, s, h, ʔ/, next to 18 vowel phonemes, of which the 5 oral vowels /i, u, e, o, a/ contrast for creaky voice as well as for nasality, with the exception of /o/, which is never contrastively nasalized. The 4 nasal vowels moreover contrast for creaky voice. As for the glides /j, w/, we have chosen to derive these sounds from lexical high vowels. This is because sequences consisting of a vowel plus a high vowel always surface as diphthongs (with some systematic exceptions) on the condition that the high vowel does not carry stress. We thus consider glides as the phonetic correspondents of lexical high vowels syllabified in the syllable margin. In chapter III, we provide an inventory of the phonological processes of Nutajensu. We identify a number of processes affecting consonants and vowels in specific positions within the core syllable structure established at the level of the phonological word: voicing of stops in the syllable onset, assimilation of point of articulation and preoralization of nasal consonants in the syllable coda, syllable-initial glide strengthening, aspiration of consonants, vowel lengthening in stressed open syllables, as well as other processes triggered by segmental contact. In chapter IV we study the role of stress and tone and conclude that Nutajensu has a mixed prosodic system in which stress and tone are partially independent. In this respect, the language aligns with most of the other Nambikwara languages, such as the northern Nambikwara languages Latundê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2009), and Negarotê (BRAGA, 2017), and the southern language Nambikwara do Campo (COSTA, 2020). Stress position is found to be predictable for lexical content words on the basis of the parameters syllable weight, lexical category, and syllable position within the lexical root. Contrarywise, grammatical morphemes

must be lexically marked for being stress-bearing. Stress in grammatical morphemes always emerges as secondary at the phonological word level. We have identified two basic tones, High and Low, which can be combined to create contour tones in closed syllables only. The level tones H and L as well as the contour tones HL and LH are contrastive in nominal and verbal roots. In verbal roots, tone is moreover used to disambiguate person marking in the recent past and the present tenses. At the sentence level, tone is used to distinguish positive from negative sentences.

**Keywords:** Brazilian indigenous languages; Nambikwara family; Nutajensu; Sararé; Phonological Analysis

## SUMÁRIO

|              |                                                           |            |
|--------------|-----------------------------------------------------------|------------|
| <b>1.</b>    | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                    | <b>13</b>  |
| 1.1          | ETNOGRAFIA NUTAJENSU/SARARÉ.....                          | 16         |
| 1.2          | HISTÓRICO DE CONTATO.....                                 | 17         |
| 1.3          | LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....                               | 20         |
| 1.4          | SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DOS DIALETOS NAMBIKWARA.....         | 23         |
| 1.5          | O GRUPO NUTAJENSU/SARARÉ.....                             | 25         |
| <b>1.5.1</b> | <b>Sobre a Etnia.....</b>                                 | <b>25</b>  |
| <b>1.5.2</b> | <b>Histórico de contato com o homem branco.....</b>       | <b>27</b>  |
| <b>1.5.3</b> | <b>Localização geográfica.....</b>                        | <b>29</b>  |
| <b>1.5.4</b> | <b>Atual situação linguística.....</b>                    | <b>31</b>  |
| 1.6          | PERSPECTIVA TEÓRICA.....                                  | 33         |
| 1.7          | METODOLOGIA.....                                          | 40         |
| <b>1.7.1</b> | <b>Escuta e análise prévia dos dados disponíveis.....</b> | <b>40</b>  |
| <b>1.7.2</b> | <b>A pesquisa de campo – coleta dos dados.....</b>        | <b>42</b>  |
| <b>1.7.3</b> | <b>Análise dos dados coletados.....</b>                   | <b>44</b>  |
| <b>2.</b>    | <b>FONOLOGIA SEGMENTAL.....</b>                           | <b>46</b>  |
| 2.1          | INVENTÁRIO SEGMENTAL.....                                 | 46         |
| 2.2          | OS FONEMAS DO NUTAJENSU.....                              | 46         |
| <b>2.2.1</b> | <b>Inventário fonético.....</b>                           | <b>47</b>  |
| <b>2.2.2</b> | <b>Consoantes.....</b>                                    | <b>48</b>  |
| 2.2.2.1      | Oposições consonantais.....                               | 50         |
| 2.2.2.2      | Descrição dos fonemas consonantais.....                   | 51         |
| 2.2.2.2.1    | <i>Consoantes Oclusivas.....</i>                          | <i>51</i>  |
| 2.2.2.2.2    | <i>Consoantes Fricativas.....</i>                         | <i>70</i>  |
| 2.2.2.2.3    | <i>Consoante Nasal.....</i>                               | <i>80</i>  |
| 2.2.2.2.4    | <i>Consoante Lateral.....</i>                             | <i>90</i>  |
| <b>2.2.3</b> | <b>Vogais.....</b>                                        | <b>99</b>  |
| 2.2.3.1      | .Oposições vocálicas.....                                 | 100        |
| <b>2.2.4</b> | <b>Descrição das vogais.....</b>                          | <b>103</b> |
| 2.2.4.1      | Vogais orais e orais laringais.....                       | 103        |
| 2.2.4.2      | Vogais nasais e nasais-laringais.....                     | 114        |

|              |                                                                        |            |
|--------------|------------------------------------------------------------------------|------------|
| 2.2.4.3      | Glides x Vogais.....                                                   | 123        |
| 2.2.4.4      | Ditongos e Tritongos.....                                              | 126        |
| 2.2.4.4.1    | Ditongos.....                                                          | 131        |
| 2.2.4.4.2    | Tritongos.....                                                         | 132        |
| <b>3.</b>    | <b>A SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS DO NUTAJENSU.....</b>           | <b>134</b> |
| 3.1          | A SÍLABA.....                                                          | 134        |
| <b>3.1.2</b> | <b>O molde silábico.....</b>                                           | <b>138</b> |
| 3.1.2.1      | O Onset.....                                                           | 140        |
| 3.1.2.2      | O Núcleo.....                                                          | 140        |
| 3.1.2.3      | A Coda.....                                                            | 141        |
| <b>3.1.3</b> | <b>Tipos silábicos.....</b>                                            | <b>141</b> |
| 3.1.3.1      | Sílabas abertas.....                                                   | 141        |
| 3.1.3.2      | Sílabas fechadas.....                                                  | 142        |
| 3.2          | SILABIFICAÇÃO.....                                                     | 144        |
| 3.3          | PROCESSOS FONOLÓGICOS.....                                             | 155        |
| <b>3.3.1</b> | <b>Assimilação.....</b>                                                | <b>156</b> |
| 3.3.1.1      | Vozeamento das plosivas /t/ e /k/.....                                 | 156        |
| 3.3.1.2      | Assimilação do ponto de articulação das coronais na coda silábica..... | 159        |
| 3.3.1.3      | Laringalização das vogais ( <i>creaky voice</i> ).....                 | 161        |
| 3.3.1.4      | Nasalização regressiva das vogais átonas.....                          | 164        |
| 3.3.1.5      | Harmonia Vocálica.....                                                 | 166        |
| 3.4          | FORTALECIMENTO.....                                                    | 169        |
| <b>3.4.1</b> | <b>Fortalecimento do glide palatal [j].....</b>                        | <b>169</b> |
| <b>3.4.2</b> | <b>A nasalização e a oclusão do glide labial [w].....</b>              | <b>175</b> |
| 3.5          | PRÉ-ORALIZAÇÃO DAS NASAIS NA CODA .....                                | 177        |
| 3.6          | ROTACISMO.....                                                         | 179        |
| 3.7          | ALONGAMENTO.....                                                       | 183        |
| <b>3.7.1</b> | <b>Alongamento vocálico em sílabas acentuadas.....</b>                 | <b>183</b> |
| <b>3.7.2</b> | <b>Alongamento enfático.....</b>                                       | <b>186</b> |
| <b>3.7.3</b> | <b>Alongamento do segmento nasal na coda .....</b>                     | <b>190</b> |
| 3.8          | MONOTONGAÇÃO.....                                                      | 193        |
| 3.9          | DESNASALIZAÇÃO/ENSURDECIMENTO DA NASAL /N/ DIANTE<br>DO /S/.....       | 197        |
| 3.10         | SÂNDI VOCÁLICO – A DEGEMINAÇÃO.....                                    | 198        |

|               |                                                                                            |            |
|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.11          | COALESCÊNCIA.....                                                                          | 200        |
| 3.12          | ASPIRAÇÃO DE SEGMENTOS NO ONSET DA<br>SÍLABA ACENTUADA.....                                | 201        |
| <b>3.12.1</b> | <b>Aspiração na coda silábica.....</b>                                                     | <b>204</b> |
| 3.13          | REDUPLICAÇÃO.....                                                                          | 205        |
| <b>3.13.1</b> | <b>Raízes monossilábicas.....</b>                                                          | <b>206</b> |
| <b>3.13.2</b> | <b>Raízes dissilábicas.....</b>                                                            | <b>208</b> |
| <b>4</b>      | <b>FONOLOGIA SUPRASEGMENTAL: ACENTO E TOM.....</b>                                         | <b>211</b> |
| 4.1           | O ACENTO.....                                                                              | 211        |
| <b>4.1.1</b>  | <b>O acento nas línguas Nambikwara.....</b>                                                | <b>215</b> |
| 4.2           | O CORRELATO FONÉTICO DO ACENTO.....                                                        | 223        |
| 4.3           | O ACENTO NAS RAÍZES.....                                                                   | 227        |
| <b>4.3.1</b>  | <b>Raízes monossilábicas.....</b>                                                          | <b>228</b> |
| 4.3.1.2       | Raízes dissilábicas.....                                                                   | 229        |
| 4.3.1.3       | Raízes trissilábicas.....                                                                  | 229        |
| <b>4.3.2</b>  | <b>Raízes monossilábicas.....</b>                                                          | <b>230</b> |
| <b>4.3.3</b>  | <b>Raízes dissilábicas.....</b>                                                            | <b>231</b> |
| 4.3.3.1       | Raízes com sílaba mais pesada à esquerda.....                                              | 232        |
| 4.3.3.1.2     | <i>Raízes com sílaba mais pesada à direita<br/>(última sílaba com raiz acentuada).....</i> | <i>232</i> |
| 4.3.3.1.3     | <i>Raízes com duas sílabas leves.....</i>                                                  | <i>233</i> |
| <b>4.3.4</b>  | <b>Raízes trissilábicas e polissilábicas.....</b>                                          | <b>234</b> |
| 4.3.4.1       | Raízes trissilábicas com todas as sílabas leves.....                                       | 235        |
| 4.3.4.2       | Raízes trissilábicas com uma sílaba pesada.....                                            | 236        |
| 4.3.4.3       | Raízes com mais de três sílabas.....                                                       | 236        |
| 4.4           | RAÍZES FORMADAS A PARTIR DA REDUPLICAÇÃO.....                                              | 237        |
| 4.5           | OS CASOS DE EXTRAMETRICIDADE.....                                                          | 238        |
| <b>4.5.1</b>  | <b>Raízes dissilábicas com última sílaba átona.....</b>                                    | <b>240</b> |
| <b>4.5.2</b>  | <b>Raízes trissilábicas com última sílaba átona.....</b>                                   | <b>240</b> |
| 4.6           | O ACENTO NOS MORFEMAS GRAMÁTICAIS.....                                                     | 243        |
| <b>4.6.1</b>  | <b>O acento em morfemas dissilábicos.....</b>                                              | <b>255</b> |
| 4.7           | EXCURSO SOBRE A DIFERENÇA ENTRE OS<br>SUFIXOS -SU, -SA E -A.....                           | 259        |

|               |                                                                                              |            |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.8           | O ACENTO NA PALAVRA FONOLÓGICA SOB A<br>PERSPECTIVA DA HIERARQUIA PROSÓDICA.....             | 267        |
| <b>4.8.1</b>  | <b>O acento nas palavras compostas.....</b>                                                  | <b>272</b> |
| 4.8.1.1       | Composições com duas raízes (N+N).....                                                       | 274        |
| 4.8.1.2       | Composições com duas raízes (N+N/Vadjetival).....                                            | 276        |
| <b>4.8.2</b>  | <b>Composições que expressam relações genitivas.....</b>                                     | <b>276</b> |
| 4.9           | TOM.....                                                                                     | 279        |
| <b>4.9.1</b>  | <b>O tom nas línguas Nambikwara.....</b>                                                     | <b>281</b> |
| 4.9.1.2       | O tom na língua Nutajensu.....                                                               | 286        |
| <b>4.9.2</b>  | <b>Sílaba tônica leve portadora de tom alto (H).....</b>                                     | <b>297</b> |
| 4.9.2.1       | Sílaba tônica leve portadora de tom baixo (L).....                                           | 298        |
| <b>4.9.3</b>  | <b>Sílaba tônica pesada portadora de tons de nível e de contorno<br/>(L, H, LH, HL).....</b> | <b>299</b> |
| <b>4.9.4</b>  | <b>Tom baixo em sílabas átonas leves na raiz.....</b>                                        | <b>300</b> |
| 4.9.4.1       | Nos classificadores átono [ki] eônico ['ta].....                                             | 301        |
| 4.10          | Vogal com <i>creaky voice</i> contrastivo portadora de tom baixo (L).....                    | 302        |
| <b>4.10.1</b> | <b>Vogal nasal laringal com <i>creaky voice</i> portadora de tom alto (H).....</b>           | <b>303</b> |
| <b>4.10.2</b> | <b>Vogal nasal laringal portadora de tom baixo (L).....</b>                                  | <b>303</b> |
| <b>4.10.3</b> | <b>Ditongo nasal portador de tom de contorno descendente (HL).....</b>                       | <b>304</b> |
| <b>4.10.4</b> | <b>Ditongo nasal portador de tom baixo (L).....</b>                                          | <b>305</b> |
| 4.11          | O TOM NOS VERBOS.....                                                                        | 309        |
| 4.12          | INTERAÇÃO ENTRE TOM NOS AFIXOS GRAMATICAIIS E O AFIJO<br>NEGATIVO.....                       | 316        |
| <b>5.</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                             | <b>321</b> |
|               | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                       | <b>323</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil se destaca por apresentar uma grande variedade de etnias e línguas indígenas, que estão concentradas nos estados das regiões Norte e Centro-Oeste (Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás). De acordo com dados mais recentes do IBGE (2010), são 274 as línguas e dialetos falados pelos povos ameríndios brasileiros, distribuídas entre as mais de 300 etnias. As línguas se agrupam em famílias, isto é, “em um conjunto de línguas que tem uma origem ancestral comum e que partilham características fonéticas, gramaticais e lexicais” (MORI, 2010, p.1), e algumas delas chegam a fazer parte de grupos ainda maiores, os chamados troncos linguísticos.

Em que pese essa variedade de línguas, é importante ressaltar que muitas delas não foram registradas, seja pelo desaparecimento dos falantes, seu extermínio por epidemias, escravização, redução de seus territórios e tantos outros fatores. Também é possível que elas fiquem “perdidas” e não sejam documentadas por dificuldades relacionadas ao acesso às regiões indígenas e aos conflitos entre os povos e com os não índios, por exemplo. É fato que houve um grande engajamento dos pesquisadores pelo estudo e registro das línguas indígenas a partir da década de 1980, como aponta Seki (2000), porém, algumas delas já se encontram extintas e outras não possuem o sistema de escrita, o que compromete a transferência e o aprendizado da língua para as futuras gerações, devido ao contato crescente dos indígenas com a língua portuguesa.

Tal fato acarreta uma grande perda para a ciência linguística, haja vista que a maioria das línguas ameríndias brasileiras se encontra em situação vulnerável, de acordo com Mori (2010), em referência ao Atlas Interativo elaborado pela UNESCO (2009). Isto é, praticamente todas elas correm risco de extinção. Diante do exposto, é notável a importância do estudo científico das línguas indígenas, pois elas se relacionam intrinsecamente com a diversidade linguística e cultural do nosso país. Ademais, a falta de documentação destas línguas implica uma perda histórica e científica e, conforme afirma Mori (2010)

sem a diversidade linguística seria impossível chegar a um desenvolvimento teórico realístico da competência linguística do ser humano. Daí fica evidente que, para poder entender adequadamente a natureza da linguagem humana, os estudos no campo da linguística não podem ficar atrelados às propriedades de uma única língua ou a um número ínfimo de línguas. Nesse sentido, quanto mais línguas se conheçam maior será nosso conhecimento da linguagem humana. (p.8)

No intuito de preservar as línguas indígenas, pesquisas e estudos sistemáticos sobre o funcionamento das mesmas são de fundamental importância para a ciência linguística. O estudo fonético-fonológico, assim como o estudo dos demais níveis estruturais de uma língua, integram as tarefas de descrição e documentação, as quais tem papel destacado no que tange à não extinção de uma língua.

A língua Nutajensu, da família Nambikwara, faz parte do universo das línguas indígenas que possuem estudos escassos e que se encontram em situação vulnerável, motivo pelo qual foi selecionada para objeto de nossa pesquisa. Esta família indígena se divide em Nambikwara do Sul, (que se subdivide em “do Vale” e “do Cerrado”, como os indígenas costumam se autodenominarem e fazerem referência a outros grupos), Nambikwara do Norte, os quais podem ser localizados, de acordo com Miller (2007), em três áreas geográficas: a Chapada dos Parecis (parte oriental, no Mato Grosso), a região do Vale do Guaporé (parte oeste, em Rondônia) e uma região ao longo dos rios Roosevelt e Ji-Paraná (parte norte, em Rondônia), e Sabanê.

De acordo com Price (1972), no início do século XX eram 5000 a população de Nambikwara e, 30 anos após a passagem de Lévi-Strauss pelo território desta família, o número de indivíduos caiu drasticamente para 550. Houve um crescimento populacional nos últimos vinte anos e segundo o último censo realizado pelo FUNAI, em 2002, os Nambikwara somaram 1331 indivíduos (MILLER, 2007). Muito embora tenha havido esse pequeno aumento populacional, muitos grupos foram dizimados ou reduzidos a poucos indivíduos.

Telles (2002) e mais tarde David Eberhard (2009), dividiram a família Nambikwara em três regiões dialetais (Nambikwara do Norte, Nambikwara do Sul e Sabanê). Tais grupos podem ser identificados por traços linguísticos específicos em sua morfologia, fonologia e sintaxe e, apesar de fazerem parte da mesma família linguística, possuem seus próprios dialetos e uma grande dificuldade de se entenderem<sup>1</sup>. O ponto de “discórdia” entre os estudiosos diz respeito às variantes linguísticas deste grupo, pois Telles e Wetzels (2002) registram 12 variantes em 4 agrupamentos, enquanto Price fala de 18 variantes distribuídas em 3 grupos (Rio Juruena – 9 variantes; Rio Galera/Guaporé – 8 variantes e Nutajensu: 1 variante) e Lowe (1999), classifica 12 variantes sem agrupamentos menores.

---

<sup>1</sup> De acordo com nossos informantes, existe compreensão entre os falantes dos dialetos do ramo Sul (Wasusu, Alâtesu, Waikisu, Hahãintesu) e do Cerrado (Halotesu, Wakalitesu, Kitãulhu, Sawentesu), mas não com os Nambikwara do Norte (Latundê, Lakondê, Negarotê, Mamaindê) e com o Sabanê. Fora a distância geográfica entre as famílias do Norte e do Sul, o que dificulta o contato entre os povos, os dialetos do ramo Norte ainda dispõem de um inventário fonético e fonológico mais amplo com relação aos outros dois (apresentando, portanto, sons peculiares) e tornando as línguas ininteligíveis entre si.

No tocante às línguas da família Nambikwara, sabe-se que elas apresentam complexidade fonológica e gramatical, como será melhor explanado posteriormente, sobretudo no que concerne à estreita relação entre a fonologia e a morfologia e aos aspectos prosódicos – características estas que são relevantes para os estudos fonológicos e que nos motivaram a desenvolver esta pesquisa.

Linguisticamente falando, este estudo se justifica pela necessidade de uma análise sistemática da fonologia da língua Nutajensu. Pretendemos, com os resultados das análises aqui apresentados, contribuir com informações que busquem representar algumas estruturas relacionadas à linguagem humana. Pelo fato de as línguas indígenas apresentarem características peculiares e até mesmo complexas de serem analisadas, são de extrema riqueza para a ciência linguística no cenário mundial. O objetivo, portanto, é o de que nossos dados possam de alguma forma contribuir para o arcabouço linguístico indígena, cuja representatividade e importância tem ganho cada vez mais notoriedade.

Em termos sociais, a descrição e registro das línguas indígenas contribuem não apenas para sua valorização, mas igualmente para a manutenção das etnias e sua cultura. Estas línguas fazem parte do patrimônio linguístico brasileiro, pelo que merecem a devida atenção e destaque, haja vista a situação de vulnerabilidade em que se encontram. Ademais, para além do conhecimento sobre a estrutura destas línguas, há que se mencionar questões culturais e históricas que elas trazem consigo, por exemplo. Sendo assim, a extinção de uma língua significa a perda de todos os elementos a ela intrínsecos. Em virtude das razões acima expostas, reforçamos a relevância de pesquisas voltadas para as línguas indígenas, tanto pelo viés investigativo quanto pela necessidade de preservação e manutenção da cultura deste povo.

O objetivo geral é apresentar uma descrição fonológica detalhada e investigar o sistema prosódico da língua Nutajensu, intentando contribuir para sua documentação, preservação e também para um maior conhecimento das línguas do grupo Nambikwara do Sul. No decorrer deste trabalho, pretendemos:

- 1) Identificar e descrever os aspectos fonológicos segmentais e suprasegmentais da língua Nutajensu;
- 2) Analisar os fenômenos segmentais e suprasegmentais relevantes nos níveis da hierarquia;
- 3) Mapear as restrições e os domínios prosódicos no Nutajensu;
- 4) Identificar as fronteiras dos níveis prosódicos;

- 5) Descrever a interação da fonologia com a morfologia;
- 6) Contribuir com fundamentos que possam auxiliar estudos posteriores e ampliar o conhecimento da língua;
- 7) Apresentar e registrar os dados tipológicos da língua no intuito de contribuir para sua preservação;

Por fim, este estudo se insere na linha de pesquisa do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI) da Universidade Federal de Pernambuco, que visa a divulgar e ampliar o conhecimento sobre as línguas indígenas brasileiras, sobretudo aquelas pertencentes à família Nambikwara.

Esta tese encontra-se dividida em 4 capítulos, mais a introdução - que objetiva apresentar os elementos que fundamentaram nossa pesquisa - e a metodologia. Esta última merecerá um destaque especial, pois nela descrevemos todo o processo da coleta dos dados: desde a oitiva prévia dos áudios concedidos por Borella (2000 a 2003), nossa ida à aldeia, os procedimentos adotados para entrevistas com os informantes e, por fim, o procedimento de análise dos dados. O primeiro capítulo será destinado a apresentação da Etnografia do grupo Nutajensu, situando o leitor sobre a história do povo, sua localização geográfica, situação linguística e alguns aspectos relacionados à cultura. O segundo capítulo tratará da descrição e distribuição dos segmentos e da apresentação do inventário fonético e fonológico da língua em questão. O terceiro capítulo destinar-se-á à descrição dos processos fonológicos, iniciando-se pela sílaba, primeiro domínio da hierarquia prosódica. O quarto e último capítulo será dedicado à Fonologia Prosódica, em que buscaremos apresentar nossas análises com foco nos aspectos acentuais e tonais do Nutajensu. Ao final, apresentaremos nossas considerações acerca do trabalho desenvolvido, evidenciando nossas descobertas e indicando os pontos que precisam ser melhorados e explorados com maior acurácia.

## 1.1 ETNOGRAFIA NUTAJENSU/SARARÉ

Neste capítulo faremos uma breve apresentação da etnografia Nutajensu, que faz parte da família Nambikwara do ramo Sul. Durante nossa pesquisa encontramos registros bastante escassos que se reportassem exclusivamente aos Nutajensu, sendo eles a pesquisa antropológica realizada por Ariovaldo dos Santos no ano 2000, com orientação de David Price; os áudios cedidos pela pesquisadora Cristina Borella e alguns dos artigos por ela desenvolvidos, tratando especificamente da morfologia da língua Nutajensu. Apesar de serem poucos, tais registros

foram de extrema relevância para a compor nossa pesquisa. Além deles, utilizamos ainda bibliografias e estudos relacionados à família Nambikwara, bem como os relatos dos nossos informantes para retratarmos a etnografia Nutajensu.

Desta forma, iniciaremos apresentando a família Nambikwara, na qual o grupo Nutajensu faz parte e, em seguida, faremos uma abordagem acerca do histórico de contato entre os indígenas e os brancos, sua localização, organização social, situação linguística e outras informações que julgamos relevantes de serem relatadas.

## 1.2 HISTÓRICO DE CONTATO

A família indígena Nambikwara compreende várias comunidades falantes da mesma língua, que possui variações dialetais entre si. Os grupos habitam áreas do cerrado e de floresta na parte oeste do Mato Grosso e ao sul de Rondônia, cujos territórios são perpassados pelos afluentes dos rios Juruena e Galera/Guaporé, seguindo até as cabeceiras do rios Roosevelt e Ji-Paraná. De acordo com Santos (2000), o etnólogo alemão Kurt Nimuendaju (1943) “situou geograficamente os Nambikwara entre os povos que falavam línguas diferentes da sua como os Aruak (*Saraveka, Paresi*) e os Tupi (*Cinta Larga, Mequens, Guarayo*)” (p.9).

A denominação *Nambikwara*, que significa “orelha furada”, advém do Tupi e foi criada pelos colonizadores *katjantisu*<sup>2</sup>. Uma das hipótese é a de que tal nomenclatura, equivocada, referia-se aos grupos Tapaiuna e Rikbatsa como se fossem uma só etnia, bem como o nome “Cabixi” também fora utilizado em referência aos Nambikwara do vale do Guaporé e Sararé de maneira errônea. Sobre a (conturbada) trajetória acerca do estabelecimento do nome Nambikwara, Levi-Strauss (1948) sugere que:

---

<sup>2</sup> “*katchantsu*” é a pronúncia e a grafia mais aproximadas para a língua portuguesa e que faz referência a todo e qualquer indivíduo não-índio, brancos ou negros. Em conversa com alguns membros da comunidade, o termo significa, literalmente, “comedor de feijão”. Da mesma forma, o vocábulo utilizado para designar indivíduos puramente indígenas é “*anĩsu*”.

The Nambicuara (Nambikuara. Mambyuara, Mahibarez) have been identified, only recently. Nambicuara, meaning 'long eared', was originally a Tupi nickname used since the 18th century for the little known tribes of the western and northern parts of the Serra dos Parecis. These tribes had large ear and lip plugs, like those of the *Suya* and *Botocudo*, and were called *Beijos de Pau*, 'Wooden Mouths', by the rubber collectors and gold miners. About 1830, they began to make hostile sorties from the region of the upper Sangue River. When, in 1907, General Candido Mariano da Silva Rondon discovered important tribes in the Sertão do Norte, he identified them with the Nambicuara of the old literature. Thus, Nambicuara designates a tribe other than the 'Long Ears', or 'Wooden Mouths', to whom it was originally applied. (p.361)

A interpretação do antropólogo E. Reesink (2003) para que se estabelecesse o etnônimo Nambikwara é a de que

Rondon, talvez apoiado em um uso local mas não difundido, renomeou os Cabixi para Nambikwara porque o nome Cabixi se associava a índios já mais conhecidos (como os Paresi há muito tempo em contato) ou a índios arredios, mas com longa história de luta contra a presença de garimpeiros, enquanto o nome de Nambikwara implicava uma conotação de um povo arredio e sem contatos históricos de maior duração. Ou seja, o nome de um povo o mais desconhecido possível (p.1)

De acordo com Price (1983), a denominação “Nambikwara” existe anteriormente às expedições de Rondon. O termo fora citado pela primeira vez em 1671, em um relatório elaborado pelo Padre Gonçalo de Veras, que afirmava se tratar de um grupo que habitava as margens do Rio Tocantins e provavelmente pertencia a um dos grupos falantes da língua Jê, “[groups] whose men made holes in their earlobes and enlarged them until they could carry wooden disks several centimeters in diameter” (PRICE, 1983, p.141). Não há uma correspondência, porém, entre esta descrição de grupo com a etnia (que ficou conhecida posteriormente por) Nambikwara. E menos ainda existe uma relação entre eles com a língua Jê e sua localização geográfica descritas pelo padre no relatório. Price (1983) refere-se também a um documento oficial, datado de 1843, que se reporta ao povo ‘Nhambiquara’ como habitantes da região às margens do Rio Apiacá. Outra evidência de que realmente se tratava do grupo Nambikwara, ainda de acordo com o antropólogo, diz respeito à presença de indígenas falantes

de uma língua aparentemente sem filiação, situados ao norte dos Pareci - aos quais Rondon, equivocadamente, pensou haver uma relação entre os grupos. Por fim, o termo Nambikwara (na época escrito “Nambikuara”) em referência à etnia tal como ela se configura atualmente, foi citada por Antonio Pires Campos no início do século XVIII, os classificando como “moradores nos vales dos rios que correm para o Rio Guaporé”, como atesta Levi-Strauss (1946).

Houve também investidas dos portugueses às terras Nambikwara desde a época colonial a partir da descoberta de ouro ao sul do território indígena tradicional e com a criação de um arraial de lavra garimpeira São Francisco Xavier, precursor da fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1731 (Santos, pg.11). Contudo, já é consenso entre os estudiosos de que, historicamente, o que se considera o início do contato permanente entre os Nambikwara e os não-índios são as expedições do marechal Cândido Rondon, em 1907. Tal empreendimento caracterizou-se pela abertura de uma linha telegráfica partindo do Rio de Janeiro e se estendendo até Cuiabá, e no que se refere aos contatos com os Nutajensu (chamados pelos brancos de “Saráré”), estes ocorreram em 1936, durante o funcionamento da estação telegráfica no município de Pontes e Lacerda (Santos, 2000, pg. 11).

Ressalte-se que as linhas telegráficas possibilitaram a entrada de missionários nos territórios Nambikwara. De acordo com Price (1972), no ano de 1927 um casal de americanos se estabeleceu próximo ao assentamento telegráfico de Juruena sendo que, pouco antes de sua chegada, seis funcionários do empreendimento foram assassinados em vingança à morte de um índio. E o casal, por sua vez, sofreu um ataque dos Wakalitesu dois anos depois, havendo apenas a mulher sobrevivido. Estes foram apenas dois episódios dentre os vários que marcaram a longa jornada de resistência indígena contra os invasores brancos. O Vale do Guaporé contava com a presença de missionários no ano de 1950 e o Vale do Sararé começou a receber os contatos de uma missão religiosa, a New Tribes Mission, em 1960. As investidas, contudo, resultaram em fracasso. David Price (1972), ao mencionar as inúmeras tentativas das de inserção das missões, afirma que “apesar da pesada evangelização, nunca conheci um Nambikwara cristão” (PRICE, 1972, p.36).

Enfim, a intenção inicial dos colonizadores e missionários para com os indígenas não era hostil, havendo apenas uma tentativa de pacificá-los para que não impedissem os avanços do empreendimento. De acordo com Levi-Strauss (1996), porém, estas relações tornaram-se tensas e se agravaram: os trabalhadores tentaram investir na escravização e aculturação dos indígenas, o que resultou em conflitos intensos e constantes. No que diz respeito à

evangelização, de acordo com Price (1972), os religiosos buscavam incentivar os indígenas a comparecerem à escola, mantida pela missão, para serem alfabetizados em português e fazerem cursos para se tornarem pastores e realizarem cultos nas aldeias. O que os indígenas propagavam, no entanto, é que estavam aprendendo sobre a cultura branca, não chegando sequer a mencionar a Bíblia e menos ainda a realizar cultos.

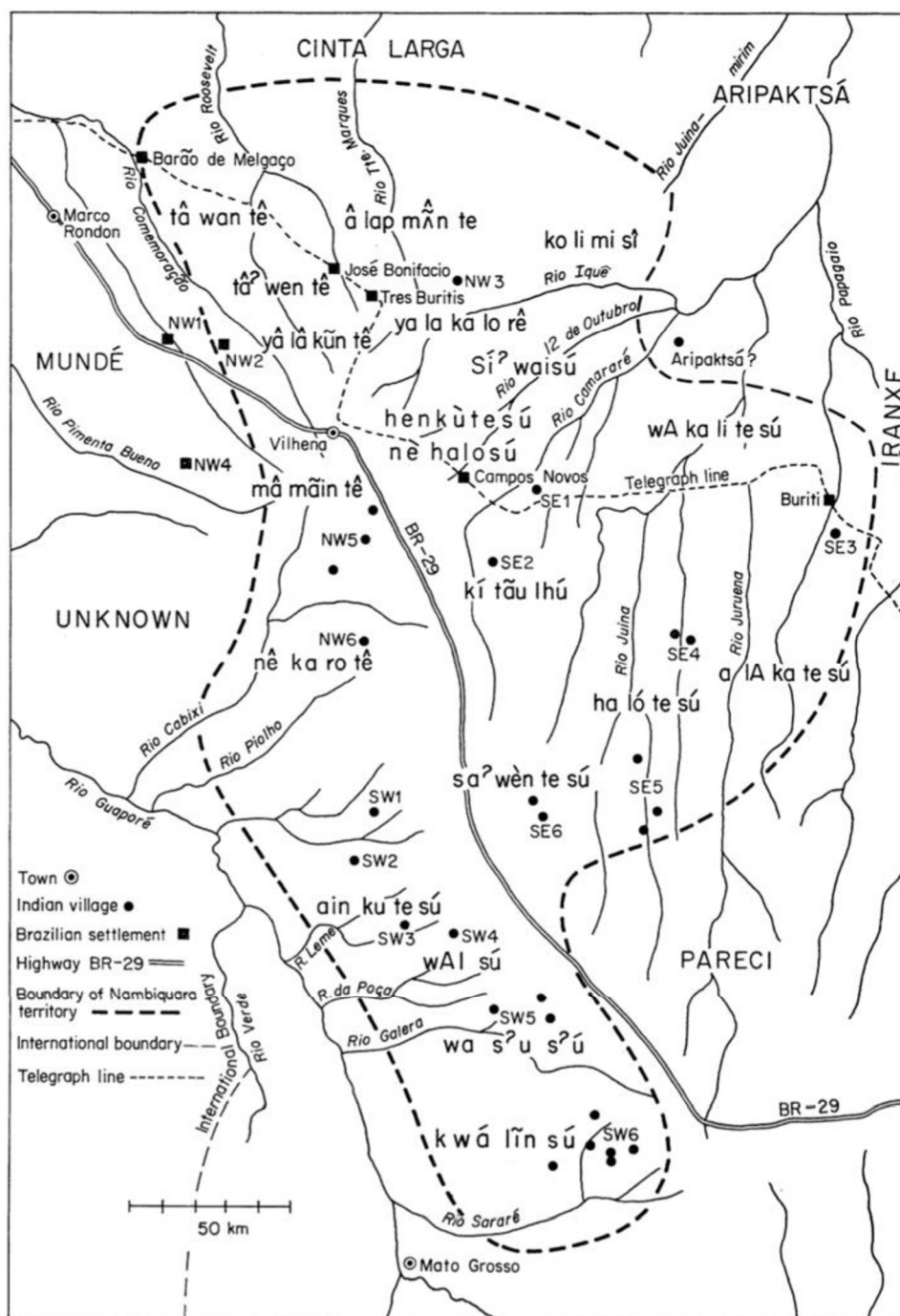
Desta forma, a contínua e persistente invasão branca - de empreendedores, colonizadores, missionários, garimpeiros, seringueiros e madeireiros - aos territórios Nambikwara culminou na extinção de alguns grupos e, conseqüentemente, de seus respectivos dialetos. E aqueles que resistiram ao massacre foram obrigados a aprender o português para se comunicar com o invasor e forçados a conviver com os remanescentes de grupos rivais no processo de realdeamento.

### 1.3 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

David Price (1972) foi o primeiro estudioso a fazer uma pesquisa de cunho antropológico mais abrangente sobre a família Nambikwara, localizando-a em seu território tradicional e subdividindo-a conforme os grupos aos quais pertence cada etnia. Antes dele, as pesquisas etnográficas se voltavam para os grupos localizados próximos às linhas telegráficas, no trecho entre os rios Juruena (MT) e Pimenta Bueno (RO). Até os estudos mais detalhados de Price, portanto, o que se conhecia sobre os Nambikwara não incluía referências sobre os grupos do Vale do Guaporé e do Nutajensu/Sararé. A classificação de Price (1972) para os grupos indígenas Nambikwara abrange as três áreas geoculturais:

- a) Nambikwaras do Norte: Sabanê, Mamaindê, Negarotê, Tawandê, Latundê e Manduca
- b) Nambikwaras do Vale do Guaporé: Manairissu, Alantesu, Waikisu, Wasusu e Sararé
- c) Nambikwaras do Campo (Cerrado): Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu e Kitãulhu.

Segundo dados mais recentes da FUNASA, no ano de 2010 o contingente populacional Nambikwara girava em torno de 2.000 indígenas concentrados na região a sudoeste do Mato Grosso e em Rondônia, sobretudo nos municípios de Comodoro (MT) e Vilhena (RO). São 6 os Territórios Indígenas (TIs) demarcados oficialmente pelo Governo Federal, nos quais estão alocados diferentes grupos étnicos. O mapa ilustrado abaixo mostra a localização do território Nambikwara como um todo e das TIs aqui mencionadas:



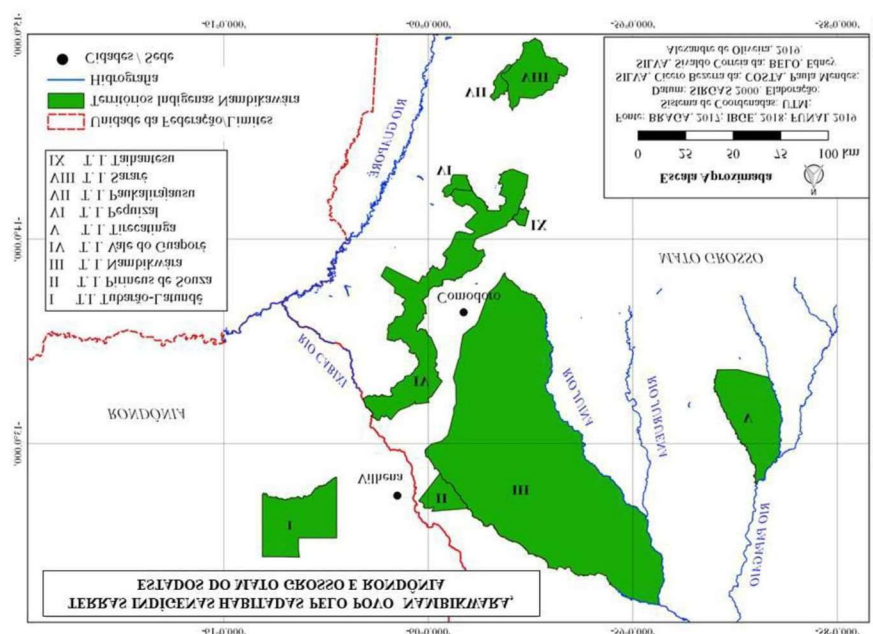
1.1.1 Figura 1. Localização das Terras Indígenas habitadas por grupos Nambikwara.

Com base em nossas conversas pessoais com a chefe da FUNAI, Adriani Vicentini, a população Nambikwara tem aumentado razoavelmente. A assistência médica destinada aos indígenas contribuiu sobremaneira para que tivessem acesso a vacinas, medicamentos específicos e tratamentos profiláticos que lhes proporcionam melhor qualidade de vida e longevidade. Ademais, a taxa de mortalidade infantil diminuiu drasticamente devido aos

cuidados com as futuras mães: do pré-natal até os primeiros anos de vida das crianças existe acompanhamento para o binômio mãe-criança.

Tal realidade, contudo, é bastante recente. Há não muito tempo, os contatos dos indígenas com os brancos acarretaram mudanças drásticas para a sociedade Nambikwara, em especial para as comunidades do ramo do Sul, que foram constantes alvos de ocupações. Com as frentes de colonização, os invasores trouxeram doenças fatais para os povos indígenas, cujo número populacional chegou a reduzir drasticamente, beirando à dizimação do povo. Durante os momentos em que conversamos com alguns membros da comunidade, foi reforçada a informação de que o Nutajensu chegaram a ser reduzidos a meros 14 indivíduos durante a invasão de garimpeiros e um posterior massacre por parte destes exploradores.

Em conversa informal com as coordenadoras da lotação da FUNAI em Comodoro, Adriani e Yana, tomamos conhecimento da situação atual acerca da distribuição da família Nambikwara no território nacional. As Terras Indígenas (TIs), que se encontram localizadas a oeste do Mato Grosso e ao sul de Rondônia, são as seguintes: T.I. Tubarão-Latundê, T.I. Pirineus de Souza, T.I. Nambikwara, T.I. Vale do Guaporé, T.I. Tirecatinga, T.I. Pequizal, T.I. Paukalirajausu, T.I. Sararé e T.I. Taihantesu. O mapa recentemente elaborado apresenta a localização aproximada das TIs mencionadas no território brasileiro:



**Figura 2. Mapa com a localização das Terras Indígenas Nambikwara extraído de Costa (2020).**

#### 1.4 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DOS DIALETOS NAMBIKWARA

A língua Nambikwara é considerada alófila, ou seja, isolada, sem filiação linguística. No que concerne à distribuição linguística dos dialetos, existem divergências entre os estudiosos quanto a sua classificação. Pesquisas estão atualmente em curso no intuito de melhor definir esse campo, mas apresentaremos dados de Levi-Strauss (1948) sobre tal divisão, que se baseia na proximidade linguística, e não geográfica, ao contrário da proposta de Price (1972).

| Grupo <i>a</i>                           |                                 | Grupo <i>b</i>                    |                                                                          | Grupo <i>c</i> |
|------------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Subgrupo <i>a1</i>                       | Subgrupo <i>a2</i>              | Subgrupo <i>b1</i>                | Subgrupo <i>b2</i>                                                       |                |
| Oakléto<br>Halótesu<br>Kiaáru<br>Kuritsu | Soálesu<br>Kodáteli<br>Munúkoti | Nikedétosu<br>Tarúnde<br>Maimãnde | Toãnde<br>Iólola<br>Nasélate<br>Lakõnde<br>Sováinte<br>Naváite<br>Taiate | Sabáne         |

**Tabela 1. Classificação dos dialetos Nambikwara de acordo com Levi-Strauss (1948).**

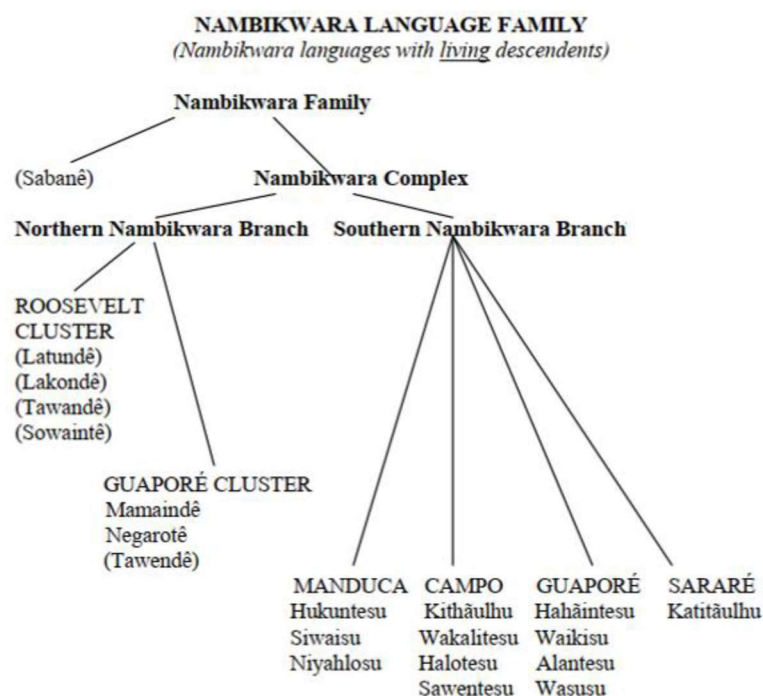
A tabela acima retrata “grosso modo” o seguinte, de acordo com Levi-Strauss (1948): todos os grupos apresentam relação de parentesco no que concerne à morfologia e à semântica. E os dialetos que pertencem a um mesmo subgrupo se assemelham mais entre si do que os que pertencem a subgrupos distintos.

Price & Cook (1969) propuseram uma nova classificação, segmentando os grupos em Nambikwara e Sabanê. O primeiro se subdividiria em Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul, as quais ainda sofreram segmentação em quatro grupos dialetais (noroeste, centro-oeste, sudeste e sudoeste). O Sabanê, por sua vez, consiste num grupo à parte por ser uma língua mais distante das demais, linguisticamente falando. Ou seja, apesar de integrar a família Nambikwara, é uma língua muito distinta, não havendo entendimento entre seus falantes e os dos demais grupos. Saliente-se apenas que a classificação dos autores baseia-se nas questões de ordem linguística e geográfica. A classificação mais recente e aceita atualmente pelo universo linguístico indigenista é a de Telles (2002), que propôs em sua tese de doutorado a seguinte divisão:

a) Nambikwara do Norte (composto por 5 grupos dialetais): Latundê, Lakondê, Mamaindê, Negarotê e Tawandê (extinta);

b) Nambikwara do Sul (composto por 10 grupos dialetais): Halotesu, Kitãulhu, Sawentesu, Wakalitesu, Alakatesu, Wasusu, Nutajensu (Sararé), Alãntesu, Waikisu e Hahãntesu.

Extraímos uma figura de Eberhard (2009, p.30), que ilustra de modo mais elucidativo a visualização dos grupos da família Nambikwara. Vê-se que nela ainda constam alguns grupos adicionais (Sowaintê e Tawendê no ramo Norte) e uma secção do grupo Manduca (Siwaisu, Niyahlosu, Hukuntesu) e Sararé (Katitãulhu) na ramificação Sul. As línguas dos grupos assinalados entre parênteses são as que se encontram em maior situação de vulnerabilidade ou já estão extintas:



**1.1.2 Figura 3. Ilustração extraída de Eberhard (2009, p.30)**

Por fim, é válido ressaltar que ainda são escassos os estudos e registros com relação às línguas da família Nambikwara, em especial as línguas do Sul. O Kitãulhu dispõe de estudos anteriores realizados por Lowe (1999) e Kroeker (2001), e o Nutajensu, conforme já mencionamos, dispõe da pesquisa antropológica de Santos (2000) e registros em áudio de Cristina Borella (2000 a 2003), mas nada que remeta à situação linguística do grupo em

específico. Pesquisas encontram-se em andamento para melhor definir a classificação e apurar os sistemas linguísticos de cada grupo. Com relação às línguas do ramo do Norte, temos estudos no Latundê e Lakondê, desenvolvidos por Telles (2002), a pesquisa de Eberhard (2009) sobre os Mamaindê e, mais recentemente, os estudos desenvolvidos por Braga (2017) sobre o grupo Negarotê e Sousa (2018) sobre os Nambikwara do Campo (Kitãulhu, Wakalitesu, Halotesú e Sawentesú).

## 1.5 O GRUPO NUTAJENSU

### 1.5.1 Sobre a etnia

O grupo Nutajensu faz parte da ramificação sul da família Nambikwara, sendo designado como os “índios Sararé” (ou simplesmente “Saráré”), sendo também possível referir-se a eles como “Katitãulhu”. Sobre as três nomenclaturas em questão (Nutajensu, Sararé e Katitãulhu) explicaremos o que nos foi relatado durante nossa presença no campo, em conversas informais com alguns membros da comunidade.

Quando questionamos os indígenas do grupo sobre sua identidade (como gostariam de ser chamados pelos brancos e por outros grupos indígenas), foi unânime a preferência pela denominação “Nutajensu”. Afirmaram que a designação “Saráré” fora imposta pelo branco tendo em vista o contexto histórico - a região ser entrecortada pelo rio de mesmo nome. Esta identificação, todavia, nunca foi reconhecida pelos indígenas, que apenas aceitaram, “acostumaram-se” e “resignaram-se” ao termo por assim constar nos registros oficiais da FUNAI. O termo Katitãulhu, também registrado oficialmente com grafia equivocada “Katitauru” e não condizente com a real pronúncia, conforme os indígenas, é utilizado apenas como sobrenome. Isto é, todos os habitantes, homens e mulheres, recebem o sobrenome Katitãulhu quando de seu nascimento, após seu primeiro nome. A explicação que obtivemos de nossos informantes sobre a origem do nome remete à referência antepassada de liderança, o “capitão Moisés”. Pela ausência de consoantes bilabiais, houve uma adaptação fonológica de “capitão”, culminando em “Katitãulhu”.

A complexidade inerente à nomeação dos grupos indígenas é tão controversa quanto antiga. De acordo com o antropólogo E. Reesink (2003) “a distinção nominal abarca um conglomerado diferenciado de dialetos, línguas e variações culturais cujas dimensões

invariáveis e diferenciadoras ainda não são devidamente investigadas” (p.3). Claramente temos uma situação em que esta assertiva se aplica, pelo menos no que concerne ao âmbito linguístico. Ainda que existam grandes semelhanças entre os dialetos Nambikwara, os indígenas não aceitam que a sociedade envolvente generalize e, menos ainda, unifique os grupos. A distinção entre as etnias é uma questão de importância fundamental para estes indivíduos, pois envolve a legitimação da língua, dos costumes, das crenças, enfim, da questão identitária como um todo. Após várias tentativas de esclarecer as histórias por trás das nomenclaturas dadas ao povo e inúmeras indagações sobre como deveríamos nos reportar a eles, a preferência unânime dos indígenas foi por “Nutajensu”. Tendo em vista o exposto, optamos por respeitar esta problemática e a eles nos reportaremos da forma como se reconhecem: povo/grupo/etnia “Nutajensu”.

Em que pesem as (justas) razões antropológicas inerentes à causa identitária do povo, compreendemos a importância histórica da nomenclatura oficial e catalogada na FUNAI – “Saráré”. Devemos também ponderar que a reivindicação dos indígenas é aparentemente atual. Muito embora a pesquisa conduzida por Cristina Borella entre os anos de 2000 e 2003 junto ao grupo não faça qualquer menção a este fato, o estudo antropológico de Santos (2000) faz referência ao termo, que será explicado abaixo. De qualquer forma, trata-se de uma conjuntura que requer maiores investigações. Consideramos também que, em caso de leituras posteriores, este trabalho talvez venha a contribuir para as pesquisas futuras que se interessem pelo tópico e o abordem novamente. Por estes motivos o nome “Saráré”, apesar de ser refutado pelo grupo, é o oficial e mais conhecido e, portanto, também será mencionado algumas vezes ao longo do trabalho (além de constar entre parênteses no título da tese). Para finalizar, é de extrema valia apresentar o registro de Santos (2000) sobre as denominações dadas aos descendentes dos seguintes grupos que compunham os Nambikwara do Sararé:

“a) Waihatesu: povo da cachoeira do córrego Banhado;

1.5.1.1 Kwalitsu: povo da região entre Pontes e Lacerda e Vila Bela;

1.5.1.2 Yanaliritesu: povo vizinho entre as cabeceiras do Sararé e Galera;

1.5.1.3 Nutajensu: povo do alto Sararé ao córrego dos Bugres” (p.19).

No demais, ao serem questionados sobre a maneira pela qual se referiam à outras etnias, nossos informantes se reportaram aos demais indígenas como Halotesu (“do cerrado”) e pelos nomes registrados pela FUNAI (Hahãintesu, Manairissu, Wasusu, etc), não fazendo

qualquer menção às designações supracitadas. Acreditamos, portanto, que exista claramente uma razão histórica e, possivelmente, também de cunho territorial para que haja preferência pelo nome Nutajensu.

### **1.5.2 Histórico de contato com o homem branco**

Conforme já mencionado, as invasões e atividades exploratórias no território indígena Sararé remontam do século XVIII, sobretudo para a extração de ouro, e se estenderam até o período republicano com a exploração de recursos naturais diversos. Mais tarde, no ano de 1936, o funcionamento da estação telegráfica rondoniana propiciou os primeiros contatos dos brancos com os Nutajensu. De acordo com relatos de Frederico Rondon “poaieiros mato-grossenses contam que viram, no rio Galera, uma aldeia de Nhambiquaras, cerca de seis léguas acima do porto do Espírito Santo [...]. Na estrada, entre o Guaporé e Vila Bela, tem sido maior a frequência de índios” (1969, p.397 apud SANTOS, p.45). Estando ciente da presença indígena naquelas terras, Rondon fez uso de suas estratégias de contato com os nativos sem deixar de lado seu objetivo político. O trato pacífico do explorador intentava amansar os indígenas para que não intervissem no avanço do empreendimento, o que culminou em um crescimento descontrolado da exploração no território Sararé. Os Nutajensu acreditavam ter ganho aliados, haja vista uma convivência até então amistosa com os exploradores, mas acabaram por perder grandes extensões de seu território. O cenário encontrado, de acordo com Santos (2000), foi devastador para os indígenas, pois

agropecuárias foram se instalando e alterando a paisagem. Extensas áreas cobertas por floresta foram transformadas em pastagem. Lugares e trilhas de uso indígena foram delimitados por cercas de arame e no seu interior colocados novos e estranhos animais [...] Os desmates com desfolhantes químicos e mudanças de ocupação ambiental desequilibraram rapidamente áreas potenciais de caça, coleta e pesca. A ocupação dos não-índios desalojou os habitantes nativos e tentou afastá-los das áreas de interesse para ocupação e exploração econômica. O desequilíbrio socioeconômico veio junto com as epidemias: estas causaram uma devastação populacional em proporções dizimadoras para muitos grupos de Nambikwara do Vale do Guaporé, principalmente para os Sararé (p.46).

Após longos anos de permanência de brancos em território indígena, as aldeias do Sararé, na tentativa de não serem dizimadas, acabaram por se concentrar próximo à Missão

Cristã Brasileira e ao Posto da Funai. Os grupos do Sararé, sobretudo Nutajensu, Hahãintesu e Waikisu, sobreviventes das epidemias e da grande baixa populacional, se reuniram e formaram alianças no intuito de garantir o não desaparecimento de suas etnias e culturas. No início dos anos 70, uma área de quase 300.000 hectares foi destinada para o alojamento dos grupos do Sararé e para os Hahãintesu e Waikisu, do Vale do Guaporé. Estes grupos, porém, não concordaram em permanecer no novo território, alegando que não pertenciam àquele espaço e menos ainda gostariam de conviver com grupos rivais.

Anos mais tarde, em 1975, David Price foi convidado pela FUNAI para planejar um programa de atendimento aos Nambikwara, chamado “Projeto Nambiquara”<sup>3</sup>, que visou a auxiliar os indígenas em seus locais de moradia. Assim, a organização foi feita a partir da divisão dos grupos em três regiões geoculturais:

- 1) Nambikwara do Campo: habitantes do Planalto dos Parecis, à oeste do Mato Grosso e composto pelas etnias Halotesu, Wakalitesu, Kitãulhu e Manduca;
- 2) Nambikwara do Norte: ocupantes sobretudo das cabeceiras dos rios Pimenta Bueno, (RO), Cabixi e Piolho (RO/MT), na fronteira entre Rondônia e Mato Grosso, compreende os grupos Sabanê, Tawandê, Latundê, Mamaindê e Negarotê;
- 3) Nambikwara do Sul (Vale do Guaporé): habitam as florestas e tem suas terras entrecortadas pelos rios Sararé e Galera (MT). Abrange as etnias Nutajensu, Hahãintesu, Alantesu, Waikisu e Wasusu. (SANTOS, 2000, pg.48).

Após vários anos de luta pelo reconhecimento de seu território, os Nutajensu tiveram seu território demarcado pela FUNAI e pela Força Nacional na década de 80, mais precisamente, no ano de 1984. A terra indígena Sararé (TI Sararé) compreendia uma área de 67.420 hectares que infelizmente continuou a sofrer invasões, sobretudo de madeireiros, poucos anos após a delimitação territorial.

É válido ressaltar que nestas levadas invasoras, não raro havia indígenas que assumiram papel de facilitadores de entrada dos madeireiros e garimpeiros no territórios, pelo que recebiam recompensas, materiais em troca. Obviamente, os ânimos ficavam tensos e em uma das vezes foi armada uma tocaia como forma de represália a duas lideranças: sr. Américo e sr.

---

3 De acordo com Santos (2000), o projeto contou com os respectivos apoios: para o Vale do Guaporé, de Silbene de Almeida e da agente de saúde Maria Aurora da Silva; para os Nambikwara do Campo, de Ariovaldo José dos Santos e para os Nambikwara do Norte, de Marcelo dos Santos e da agente de saúde Joelina Ribeiro Jorge.

Mateus. Ambos foram espancados até perderem a consciência e lhes foram tomados todos os bens adquiridos pelos “favores” que fizeram aos brancos<sup>4</sup>. Após este episódio, os Nutajensu desfizeram a imagem de aliados que tinham dos exploradores e os expulsaram em definitivo de suas terras.

### **1.5.3 Localização geográfica**

No que tange a sua localização geográfica, os Nutajensu são habitantes tradicionais do vale do Rio Sararé. A região fica localizada na Terra Indígena Sararé, no município de Pontes e Lacerda, muito embora a cidade mais próxima desta TI seja a de recente fundação, Conquista D'Oeste, localizada a 70km da aldeia Central.

Existe um reconhecimento dentro do grupo de que, na realidade, estão ocupando apenas uma parte do que é considerado território tradicional, que se estendia desde as margens do rio Guaporé até as margens do rio Galera. A TI Sararé, onde reside o povo Nutajensu, fica no município de Pontes e Lacerda, no Mato Grosso, junto à T.I Paukalijausu, no extremo Sul no estado. O mapa abaixo, extraído de Costa (2008), mostra a localização da referida Terra Indígena, que se estende pelos mais de 67.000 hectares, como já mencionado:

---

4 Episódio narrado pela professora Sara e por um de nossos informantes em conversas espontâneas sobre as histórias do povo.



exatamente essa: boa parte das famílias era constituída por jovens adultos (entre 15 e 25 anos), a maioria com no mínimo 3 filhos pequenos.

Atualmente os Nutajensu contabilizam 174 pessoas, haja vista que a aliança por casamentos aproximou bastante os grupos remanescentes (Kwalitsu, Waihatesu, Yanaliritesu e Nutajensu) durante o processo de realdeamento, após a década de 1960. Porém, nem sempre prevaleceu a amistosidade: alguns casamentos iniciaram-se por meio de furtos de mulheres de etnia distinta, não havendo reciprocidade quando da concessão de uma mulher “da etnia que furtou”. Durante nossa presença na comunidade, foi-nos relatado que a situação se estabilizou, havendo raros casos de estranhamentos e brigas com relação a este tipo de procedimento (o último aconteceu “há muitos anos”, conforme esclarecimentos de nossos informantes).

#### **1.5.4 Atual situação linguística**

Uma questão de extrema relevância para os indígenas, obviamente, diz respeito à sua identidade linguística e o grupo Nutajensu não foge à regra. Em nossos momentos de conversas espontâneas com os nativos, todos demonstraram orgulho de sua língua e ressaltaram as diferenças com relação aos demais grupos. Alguns, inclusive, revelaram ter uma consciência linguística apurada ao mencionarem os sons laringais e glotalizados, o que os diferenciava, sobremaneira, de outras línguas indígenas. A língua Nutajensu é falada pelo número total de habitantes atualmente, sendo que muitos temem sua extinção devido ao contato intenso dos nativos com a língua portuguesa.

Pela ausência de uma literatura mais robusta acerca da situação linguística do povo Nutajensu, faremos uma breve abordagem da realidade de acordo com nossa vivência e percepção. Os mais idosos (chamados pela comunidade de “velhos”) são os únicos monolíngues. Chegam a compreender bem quando a eles nos reportamos em português, mas expressam pouquíssimas palavras em nossa língua. São os que revelam características de uma língua mais antiga e se mostram pouco flexíveis quando da pronúncia “equivocada”, sobretudo com relação à presença ou ausência do traço laringal em determinados vocábulos. As mulheres com quem tivemos contato são bilíngues e, em sua maioria, comunicam-se em português apenas com os brancos, preferindo (até mesmo fazendo questão de) se comunicar e ensinar às crianças a língua nativa. O público infantil, por sua vez, demonstrou bastante curiosidade e interesse com nossa presença. As crianças pequenas (entre 3 e 5 anos) arriscaram a comunicação conosco em português, ainda que não se fizessem muito inteligíveis, revelando

claramente uma interlíngua<sup>5</sup>, certamente devido a sua imaturidade linguística. As mais velhas, de 5 anos em diante, mostraram ter uma maior propriedade da língua portuguesa, inclusive comunicando-se conosco perfeitamente, compreendendo e se fazendo entender. Os homens certamente são os que mais apresentam domínio da língua portuguesa. São eles quem tomam a frente nas conversas e negociações com os brancos, além de serem os únicos que podem recepcionar estranhos em suas aldeias. Fica claro, portanto, que se trata de uma dinâmica social. Em que pese terem excelente conhecimento da estrutura do idioma português, comunicam-se entre si na língua materna, inclusive na frente dos não-índios. Apenas utilizam o português para estabelecer comunicação com estes últimos.

Ainda que o intenso contato com o português tenha trazido algumas interferências (que serão abordadas em capítulos posteriores) na língua indígena Nutajensu, o fato de existir a preferência pela língua mãe revela uma valorização cultural, sendo o idioma um dos responsáveis pela construção da identidade do grupo.

Há duas escolas na TI Sararé, uma localizada na aldeia Central, e outra na Serra da Borda. Na primeira, há três professoras não-indígenas, Luzia, Jéssica e Vânia, que ministram aulas - ensino de português - para os adolescentes. O professor da comunidade, Reginaldo Katitauru, se encarrega do ensino da língua Nutajensu, também para o mesmo público. Na aldeia Serra da Borda, onde pudemos vivenciar o dia a dia da comunidade, a professora Sara, não-indígena, é responsável pela alfabetização do público infantil em Nutajensu. Muito embora não exista um plano sistemático de ensino (ao menos na aldeia em que permanecemos), é notável o esforço dos docentes em tentar valorizar a cultura através da contação de histórias, lendas e tradições do povo.

Ressalte-se que não existe uma obrigatoriedade de presença nas aulas, como relataram nossos informantes. Dentre eles, todos são escolarizados, mas em diferentes níveis, ficando bastante clara tal discrepância quando lhes solicitávamos a leitura de textos no quadro ou na cartilha de alfabetização. De acordo com a professora Sara, a taxa de analfabetismo tem diminuído, haja vista a campanha e o engajamento dos docentes em conscientizar a comunidade sobre a importância do letramento e, mais ainda, sobre a preservação da língua.

---

5 Schutz (2003), define interlíngua como “a linguagem produzida a partir do início do aprendizado, caracterizada pela interferência da língua mãe, até o aprendiz ter alcançado seu teto na segunda língua” (disponível em [www.geocities.ws/leiturainstrumental/interferencia\\_em\\_lingua.doc](http://www.geocities.ws/leiturainstrumental/interferencia_em_lingua.doc). Acesso em setembro de 2017).

## 1.6 PERSPECTIVA TEÓRICA

A família Nambikwara, isolada no que concerne à sua classificação linguística, constitui-se de dezesseis dialetos, sendo onze pertencentes ao ramo do Sul, dentre as quais encontra-se a língua Nutajensu, objeto de nosso estudo. De acordo com Telles (2013), as línguas Nambikwara apresentam uma grande complexidade no tocante à sua gramática e fonologia e, no que tange à sua tipologia, exibem prosódia mista com acentos e tons lexicais. Como um exemplo de sua complexa estrutura, a autora cita o fato de a língua possuir um número maior de vogais fonológicas do que de consoantes, além de um sistema prosódico característico.

Com relação à fonologia da língua Nutajensu, apenas de oitiva percebemos que ela apresenta tons e acentos variados, corroborando a premissa de sua complexidade fonológica. Seu inventário fonológico compõe-se de apenas sete consoantes e dezoito vogais, mas apesar de se valer de um número reduzido de consoantes, estas apresentam uma grande variedade de alofonias.

Para além de uma breve análise do inventário vocálico e consonantal do Nutajensu, percebemos a ocorrência de alguns fenômenos a partir da escuta prévia dos áudios de Borella (2000 a 2003) que confirmamos, posteriormente, com a audição de nossos, coletados em 2017. A glotalização e a aspiração são traços recorrentes no Nutajensu, mas o mais notável é a grande ocorrência dos traços nasal e laringal (*creaky voice*), que podem se apresentar isoladamente ou combinados. As vogais que possuem o traço laringal variam indiferentemente com as que não apresentam tal traço. Numa comparação entre nossos dados com os de Borella, podemos inferir que tanto homens quanto mulheres realizam indiferentemente o traço laringal. Salvaguardando os casos em que as falas dos informantes foram explicitamente elicitadas (por exemplo: quando os informantes repetiam pausadamente para que pudéssemos compreendê-los, havendo, assim, o apagamento do traço laringal), é interessante pontuar que as línguas do Norte não apresentam constância na realização deste fenômeno. Isso provavelmente se deve, de acordo com Telles (2002) em seu estudo com a língua Latundê, ao contato intenso dos indígenas com a língua portuguesa. O mesmo fenômeno se aplica aos grupos Mamaindê (Eberhard, 2009) e Negarotê (Braga, 2016): percebe-se o apagamento do traço laringal sobretudo no público jovem. Já os falantes mais idosos, de acordo com Eberhard (2009), mostram-se menos flexíveis quanto à presença ou ausência deste traço em um dado vocábulo. Vivenciamos esta última situação no Nutajensu de maneira bem similar. Em que pese não termos entrevistado formalmente o público idoso, em conversas informais com Sr. Domingos e Sr. Mateus, foi-nos perceptível a

“intolerância” destes quando de nossa pronúncia equivocada de alguns vocábulos. Em muitas das vezes tratava-se claramente da ausência do traço laringal.

No intuito de abarcar as características fonológicas e prosódicas do Nutajensu, basearemos nossa pesquisa nos princípios teóricos da Fonologia Moderna, encontrada em autores como Selkirk (1984), Nespor e Vogel (1986), Goldsmith (1990), Hayes (1995), Hyman (2006), citando apenas alguns. Os estudos desses autores nos fornecem subsídios teóricos para a análise fonológica, especialmente aqueles relacionados aos aspectos segmentais e prosódicos baseados nos modelos não-lineares.

À época do Círculo Linguístico de Praga, as concepções saussureanas sobre a língua já circulavam. Uma delas, a famigerada dicotomia entre *langue* X *parole* e a maneira pela qual se estruturou o sistema linguístico, ganharam relevo. No momento em que o foco dos estudos linguísticos voltou-se para a estrutura sonora da língua a devida importância lhe foi atribuída. No início do século XX, portanto, iniciaram-se as pesquisas voltadas para a Fonologia. Surgiram diferentes teorias que objetivaram estabelecer uma relação entre os níveis fonéticos e fonológicos, com o intuito de analisar e descrever a maneira pela qual as línguas naturais estruturam os sistemas de sons da fala.

No Círculo Linguístico de Praga destacaram-se as obras estruturalistas de Trubetzkoy, o “*Principles of Phonology*” (1939) e dos americanos Edward Sapir, com “*Language, an introduction to the study of speech*” (1921) e Leonard Bloomfield, com “*Language*” (1933). Estes dois últimos autores, aliás, teceram a fonologia americana, à qual se referem por “fonêmica”. Com estas obras, portanto, inicia-se e solidifica-se a fonologia, “cuja história vem percorrendo sucessivos caminhos que se alimentam reciprocamente na busca de novos horizontes, como acontece em toda e qualquer ciência: Fonologia Estrutural, Fonologia Gerativa, Fonologia Métrica, Fonologia Autossegmental, Fonologia Lexical e Teoria da Otimalidade” (BISOL, 2007, p.138).

Sobre o modelo estruturalista, este caracterizou-se, em linhas gerais, pelo estudo detalhado do fonema e concebê-lo como um conjunto de traços, esmerando-se também na distribuição dos alofones e na descrição de fenômenos tais como a neutralização, assimilação e debordamento, por exemplo. Inclusive é a partir daí, de acordo com Bisol (2007) que surgem pela primeira vez descrições e análises minuciosas sobre os sistemas fonológicos indígenas.

A partir da década de 1960, com os estudos de Chomsky, a ênfase passa a ser na hipótese inatista. A publicação de “*The Sound Pattern of English*” (1968), traz uma nova concepção de língua que fundamentalmente se volta para as propriedades essenciais de

quaisquer línguas humanas. Tais propriedades, chamadas “universais linguísticos”, dizem respeito às características possíveis de línguas naturais, bem como às suas gramáticas potenciais. As maiores contribuições de Chomsky e Halle para a Fonologia, constam nos capítulos 7 e 8 da obra supracitada: *The Phonetic Framework* e *Principles of Phonology*, em que apresentam conceitos como o correlato articulatório dos traços distintivos, de extrema relevância para o entendimento da estrutura interna dos segmentos.

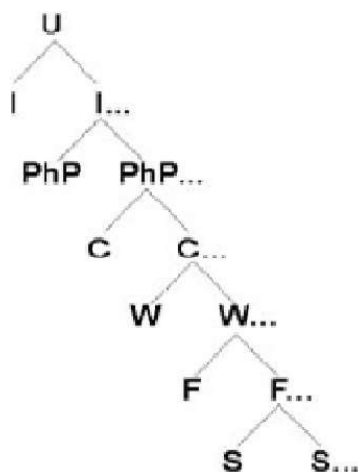
No que concerne à Fonologia Prosódica, teoria na qual fundamentaremos grande parte de nossa pesquisa, existem dois modelos de análise principais: o modelo *end-based* teorizado por Elizabeth Selkirk (1984), e o modelo *relation-based*, de Nespor & Vogel (1986). O primeiro assume a fronteira sintática como a responsável pela informação a partir da qual se definirão os constituintes prosódicos; o último, por sua vez, entende que as relações sintáticas constituem informações relevantes para a definição destes constituintes. A diferença sobre o protagonismo das relações sintáticas enquanto informações relevantes resulta nas diferentes maneiras de organização dos constituintes prosódicos. O modelo *end-based* constitui-se de cinco domínios (sílaba, pé métrico, palavra prosódica, sintagma fonológico e sintagma entoacional). Já o modelo *relation-based*, além de dispor os constituintes de maneira distinta, acrescenta ainda os domínios do grupo clítico e do enunciado. De acordo com Tenani (2017), pesquisadores da área tem se empenhado em reunir argumentos e fatos linguísticos que justifiquem um maior e um menor número de constituintes ou, ao menos, que expliquem a presença de certos domínios em determinadas línguas e sua ausência em outras.

Abordaremos a fonologia prosódica basicamente sob a perspectiva teórica preconizada por Nespor & Vogel (1986), pelo fato de ter mais abrangência de constituintes prosódicos, sobretudo por estarmos tratando de uma língua tão complexa gramaticalmente e rica em unidades morfossintáticas e segmentos fonológicos. O modelo destas autoras, de acordo com Tenani (2017), se caracteriza “como uma teoria formal sobre estruturas prosódicas, as quais são definidas a partir da identificação de informações de natureza sintática ou morfológica relevantes para caracterizar domínios de aplicação de regras fonológicas” (p.109). A premissa é a de que os processos fonológicos não se caracterizam apenas devido aos fatores segmentais como sugere a teoria gerativa, mas também pelo domínio prosódico.

Juntamente com a Fonologia Autossegmental e Métrica, a Fonologia Prosódica compõe as teorias fonológicas de natureza gerativista, designadas de “não-lineares”, conforme mencionado anteriormente. Tais modelos entendem as relações entre os segmentos fonológicos como um conjunto de subsistemas em interação e que, por isso, salientam a relevância da

análise dos aspectos suprasegmentais, como acento, duração e tom, por exemplo. Compartilham a ideia de conceber a fonologia como um componente da gramática, organizado em constituintes hierárquicos. Tais constituintes, segundo Tenani (2007) se sujeitam “a relações de dependência regidas por princípios universais comuns às gramáticas das línguas do mundo” (p.109).

Nespor & Vogel (1986) alertam para o fato de que o termo “prosódia” muito comumente se refere ao ritmo e à entonação, mas devem-se incluir os fenômenos que podem ser aplicados entre as palavras. De acordo com as autoras, domínios prosódicos se organizam em sete níveis, de modo que um constituinte num nível mais elevado possui domínio apenas sobre os constituintes imediatamente abaixo de si na hierarquia, como se pode ver na ilustração abaixo:



**Figura 5. Representação da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1995)**

A ilustração acima retrata a proposta geral das autoras, porém, é importante ressaltar que vários aspectos de sua aplicação são definidos por cada língua em específico. O menor constituinte da hierarquia é a sílaba (S), categoria base da hierarquia prosódica. A combinação de duas ou mais sílabas forma o pé métrico (F), em que há uma relação de dominância de uma sílaba forte em relação às demais, que são fracas. O nível acima diz respeito à palavra fonológica (W), muitas vezes, mas nem sempre, idêntica com a palavra lexical. A palavra fonológica agrupa um pé ou uma sequência de pés. O domínio acima da palavra é o grupo clítico (C) e o constituinte que fica acima deste é a frase fonológica (PhP), que agrega um ou mais grupos clíticos. A frase entoacional (I), a unidade seguinte na hierarquia prosódica, agrupa um ou mais sintagmas fonológicos com base em informações sintáticas e semânticas. Por fim,

temos o enunciado (U), último e maior constituinte da hierarquia prosódica, que consiste em um ou mais frases entoacionais agrupados.

De acordo com Nespor e Vogel (1986) são quatro os princípios que regem a hierarquia prosódica:

- “1) uma unidade não terminal da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- 2) uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contido na unidade imediatamente superior da qual ela faz parte;
- 3) as estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica são n-árias;
- 4) a relação de proeminência relativa definida entre nós-irmãos é tal que a um nó só é atribuído um valor forte (s) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco” (Nespor e Vogel, 1986, p.7)

Podemos, então, sintetizar a proposta da fonologia prosódica da seguinte forma: primeiro, existe uma organização prosódica que rege processos segmentais, rítmicos e entoacionais das línguas e; segundo, tal organização constitui-se a partir de informações dos demais componentes da gramática. A partir de nossos dados foi-nos possível descrever a prosódia da língua Nutajensu até o domínio da palavra fonológica na hierarquia.

No tocante aos aspectos da fonologia no nível do segmento, tomaremos por base os modelos teóricos supracitados: os modelos lineares e não-lineares. Os modelos lineares (ou segmentais), de acordo com Bisol (1999) “analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos sintáticos” (p.13).

Muito embora utilizemos como aporte teórico o modelo não-linear para nossa análise e descrição dos dados, é importante ressaltar que os modelos lineares contribuíram significativamente para a evolução da fonologia com a percepção dos traços distintivos, classes naturais e regras fonológicas. Apresentam limitações, porém, no que tange aos fenômenos fonológicos suprasegmentais e prosódicos - acento, duração e tom.

O grande feito dos modelos não-lineares - o que os torna viáveis em serem utilizados em nossas análises - diz respeito à incorporação da sílaba à sua teoria. Na fonologia gerativa, a sílaba não era reconhecida como uma estrutura primitiva da teoria fonológica. Nos modelos não-lineares, portanto, a sílaba adquiriu um status fonológico: os segmentos que a compõem formam um conjunto com uma estrutura interna organizada hierarquicamente, conforme menção anterior. Ademais, atribuem aos segmentos fonológicos uma estrutura hierárquica,

igual aos constituintes da morfologia e da sintaxe, como uma característica global da estrutura das línguas humanas.

Para a análise e apreensão dos fonemas do Nutajensu, faremos uso de noções teóricas já reconhecidas pela fonologia estruturalista (por mínimo, distribuição complementar e variação livre), e das premissas da fonologia autosegmental. Esta última concebe a fonologia de um sistema linguístico como uma organização em que os traços distintivos podem caracterizar mais de um segmento (como no caso de traços adquiridos em processos de assimilação) ou só uma parte de um segmento (como na representação de segmentos de contorno).

A apreensão dos fonemas da língua, as alofonias e suas distribuições, as regularidades estruturais produtivas e improdutivas, foi o processo que mais nos demandou tempo e dedicação, exigindo constante e repetida revisão dos dados. Durante tais procedimentos, foi-nos possível encontrar um número razoável de pares mínimos, os quais nos permitiram distinguir pertinentemente entre fonemas e variantes. Tal fato não nos isentou, porém, de recorrer em alguns casos aos pares análogos para determinar se os segmentos eram fonemas ou variantes (e caso fossem estes últimos, quais ambientes condicionavam tal variação).

Tendo em vista que uma das características predominantes das línguas da família Nambikwara já descritas é a abundância de alofonias e variações, era previsível a ocorrência destes fenômenos no Nutajensu.

A variação livre é o processo no qual a alofonia não é condicionada pelo contexto. Para Hyman (1975), a variação livre não afeta os contrastes entre os fonemas estabelecidos. Portanto, o mesmo falante pode fazer, no mesmo contexto, uso de uma variante de um fonema em um determinado momento e de outra em um momento distinto, fato que pudemos constatar entre nossos informantes. Para os teóricos da sociolinguística, contudo, as variações livres são de extrema relevância, pois são significativas do ponto de vista sociológico e, devido à frequência em que ocorrem, devem ser sempre contabilizadas (haja vista que o falante pode fazer uso de uma mesma variante sempre no mesmo contexto).

Não trataremos como enfoque principal para nossa pesquisa a perspectiva sociolinguística; contudo, recorreremos a ela pontualmente, sempre que cabível, como nos casos em que ocorrerem alofonias nas falas espontâneas dos informantes. O objetivo primeiro de nossa pesquisa, portanto, é o da identificação do sistema segmental do Nutajensu, bem como estabelecer uma relação entre ele e a parte prosódica da língua.

Ainda sob a perspectiva da análise segmental, também nos fundamentamos nos pressupostos teóricos da fonologia pós-gerativa, mais especificamente no modelo da geometria dos traços, preconizado por Clements & Hume (1995). Trata-se de um esquema arbóreo no qual os traços distintivos de um segmento são organizados em grupos que funcionam nas regras fonológicas naturais, como se vê no esquema abaixo:

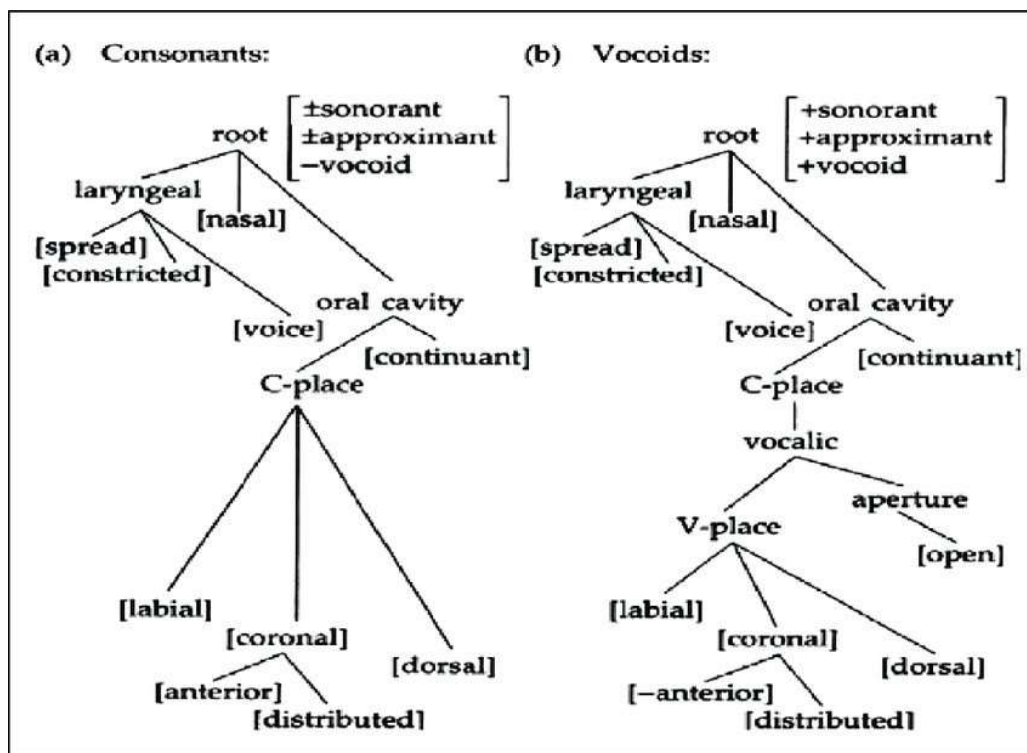


Figura 6. Esquema representativo da organização interna das consonantes e vogais por Clements & Hume (1995)

Nesta ramificação, os elementos terminais constituem-se de traços fonológicos ligados e nós de classe que, por seu turno, ligam-se, direta ou indiretamente, a um nó de raiz. O nó de raiz, por fim, é dominado por uma unidade de tempo abstrata. Processos fonológicos manipulam traços terminais ou nos estruturais exclusivamente. Assim, a teoria expressa um hipótese muito forte sobre o conceito de “regra fonológica natural”. Ambos os segmentos consonantais e vocálicos apresentam traços que podem ser binários, indicando presença (+) ou ausência (-), ou monovalentes, cujas representações só podem ser feitas em termos de presença. Pela geometria dos traços, portanto, sempre haverá de se respeitar o princípio de que os processos fonológicos constituem uma operação, seja ela de desligamento de linhas de associação ou de espraio de traços.

## 1.7 METODOLOGIA

### 1.2

1.3 Esta seção destina-se a explicar sobre a metodologia utilizada para a realização de nossa pesquisa. Com o intuito de tornar tal processo elucidativo para o leitor, o dividimos em três partes: I) **escuta e análise prévia dos dados disponíveis**, momento inicial da pesquisa; II) **a pesquisa de campo - coleta dos dados**, fase na qual tivemos contato com a comunidade indígena Nutajensu (Saráré) e coletamos mais dados para análise do nosso *corpus* e III) **análise dos dados coletados**, momento posterior à ida ao campo, em que agregamos as análises prévias àquelas coletadas por nós no ano de 2017. Desta forma, pudemos comparar e contrastar os dados linguísticos anteriores aos recentes, sempre objetivando tornar a descrição da língua Sararé mais rica em informações.

### 1.4

#### 1.7.1 Escuta e análise prévia dos dados disponíveis

Os dados de que dispomos para a análise prévia do Sararé nos foram gentilmente cedidos pela professora e pesquisadora Cristina Borella, da Universidade do Amazonas (UFAM). Autora de artigos como “*Aspectos da morfologia verbal da língua Sararé*” (2001) e “*O sistema de classificação nominal em Sararé (Katitaulhu)*” (2004) ambos abordando a estrutura morfológica da língua, Borella esteve na comunidade indígena entre os anos de 2000 e 2003. Ela foi recebida em duas aldeias distintas: Serra da Borda e PIV, tendo coletado pouco mais de 40h de gravação com os nativos.

A abordagem utilizada por Borella em suas entrevistas foi a de questionar/elicitar itens lexicais, frases nominais e verbais e textos curtos, obtendo uma boa variedade de estruturas linguísticas orais. Tomando por base a obra “*Aspectos da Língua Nambikuara*” de Barbara Kroeker (2003), a pesquisadora inicialmente solicitou que os nativos falassem sobre os itens lexicais nela contidos: palavras “aleatórias”, comuns às línguas do mundo, como objetos, partes do corpo e nomes de animais e plantas conhecidos. A pesquisadora, de forma bastante pertinente, complementou seus dados ao explorar o conhecimento geral dos falantes, questionando acerca da fauna e da flora da região, assim como de questões culturais do grupo Nutajensu.

Conforme os informantes e a pesquisadora ficavam mais à vontade uns com os outros e familiarizados com a dinâmica das entrevistas, foi perceptível o avanço na elicitación das estruturas desejadas. Os informantes traduziram frases nominais, verbais e estruturas mais complexas, como orações coordenadas e subordinadas. Ademais, também se sentiram à vontade para contar histórias e “ensinar” músicas de sua cultura, enriquecendo os registros com falas espontâneas.

Os informantes que se disponibilizaram a gravar mostraram ter um bom domínio de ambas as línguas, Sararé e Português, e apenas em momentos pontuais não souberam responder às perguntas da entrevistadora. Quinze informantes, sendo 10 homens (Rodrigo, Ricardo, Jackson, Reginaldo, Domingos, Tito, Samuel, Paulinho, André e Marino) e 5 mulheres (Rosana, Aritana, Lenita, Kimã e Tainá), contribuíram para que se realizasse a coleta dos dados. Dentre eles, destaca-se a participação de Rodrigo Katitauru, que tornou-se o informante principal da pesquisadora. Rapaz jovem, bastante fluente em português e com notável conhecimento da língua indígena, demonstrou ser o que possui maior domínio vocabular e estrutural de seu idioma nativo. E dentre os que mostraram menos segurança durante as elicitaciones, temos Aritana, mulher jovem que revelou fluência mediana na língua portuguesa. Apresentou boa desenvoltura quanto às perguntas relacionadas ao vocabulário; no entanto, quando questionada pela pesquisadora no nível frasal e do enunciado, mostrou-se um pouco vacilante, sem demonstrar certeza em suas respostas.

Partindo das informações trazidas apenas dos áudios, não nos foi possível sanar algumas dúvidas que surgiram durante nossa escuta relacionadas à pronúncia. Por outro lado, foram perceptíveis algumas questões com essa oitiva preliminar: nota-se, pelo tom da voz, que grande parte dos informantes é de jovens adultos, com faixa etária entre 20 e 40 anos. Há participação de apenas um idoso, Sr. Domingos, que não é falante da língua portuguesa. A gravação com este informante é pontual, com contação de algumas histórias e o registro de uma música, e mediada por um informante bilíngue que se propunha a traduzi-lo. No que tange à participação das mulheres, todas apresentaram um bom domínio e conhecimento de ambas as línguas, com uma pequena ressalva sobre uma informante, como já mencionado. Um fato curioso sobre as gravações com o público feminino diz respeito à constante presença de um homem durante as entrevistas, muito provavelmente por uma questão social hierárquica, como pudemos perceber durante nossa estada na comunidade.

A oitiva prévia destes áudios nos propiciou certa familiaridade com a língua Sararé, o que nos ajudou numa elaboração mais direcionada das listas de elicitaciones para nossas

entrevistas futuras. Todavia, como já citado, emergiram questionamentos e incertezas quanto à pronúncia dos falantes. Desta forma, fez-se mister nossa presença na comunidade para complementar, confirmar ou mesmo refutar nossa impressão inicial.

### 1.7.2 A pesquisa de campo – coleta de dados

Após a fase de análise inicial, nosso objetivo foi o de capturar dados complementares com os falantes nativos da língua Sararé em sua própria comunidade. Assim sendo, nossa coleta foi realizada no segundo semestre do ano de 2017, durante o período de 30 dias, a partir de entrevistas com os informantes na aldeia Serra da Borda.

Demos continuidade à estratégia utilizada por Borella, iniciando os questionamentos com itens lexicais até chegar nas estruturas linguísticas mais complexas. Para tanto respaldamo-nos inicialmente no questionário do SIL, que traz uma sequência bem elaborada de questionamentos e orações prontas. E a título de complementação, tomamos por base o questionário de Thomas Payne, “*A field manual for descriptive Linguistics*” (1997), cujas instruções foram essenciais para a elaboração lógica e o mais completa possível de nossas listas de eliciações.

No que tange à captura dos áudios, ao contrário de Borella, que fez uso de minidisks (MDs) analógicos, utilizamos um aparelho digital. Ainda que o formato analógico não tenha comprometido as gravações, algumas ressalvas devem ser feitas, como a impossibilidade, em determinados momentos, de eliminar ruídos do ambiente e aumentar ou diminuir o volume, por exemplo. Sendo assim, lançamos mão de um aparelho digital, o Tascam, cujo áudio encontra-se em formato (.wav), nos garantindo uma boa qualidade das gravações, o que é de extrema importância para a acurácia da análise dos dados fonéticos.

Durante nossa estada na aldeia, contamos com a colaboração de quatro informantes. Neste ponto, é importante destacar que o número de participantes e o tempo de duração das entrevistas foram estabelecidos e acordados com a comunidade, respeitando-se os seguintes critérios: proficiência na língua materna e na língua portuguesa (esta última no intuito de estabelecer comunicação com a pesquisadora) e disponibilidade dos envolvidos. Desta forma, os sujeitos que se enquadravam nesses requisitos e participaram das entrevistas foram todos

homens jovens: Alisson (20 anos), Atos (36 anos), Marino (36 anos) e Reginaldo<sup>6</sup>, com idade próxima aos 30 anos.

Todos os informantes são falantes bilíngues de nutajensu-português, tem o idioma indígena como língua materna e são reconhecidos pela comunidade como bons falantes do português. Dentre nossos informantes, dois tiveram experiência como professores: Marino, que segundo o próprio, há alguns anos não leciona; e Reginaldo, que se encontra no quinto período do curso de pedagogia de uma universidade em Pontes e Lacerda, e ministra aulas para adolescentes na escola da Aldeia Central.

Era esperado que encontrássemos diferentes níveis de proficiência, haja vista a diferença de idade e o grau de escolaridade dos informantes. Ressalte-se também que todos eles tem experiências de contato frequente com não-índios e, consequentemente, com a língua portuguesa. Alisson, apesar de ser o mais novo, acabou por tornar-se nosso informante principal por alguns motivos: teve acesso aos estudos desde criança, tendo frequentado a escola desde os 6 anos e mostrando um bom conhecimento não apenas da estrutura e funcionamento da língua nativa, como também de histórias, lendas e músicas da cultura Nutajensu. Demonstrou também ter uma intuição linguística bastante apurada, revelando interesse pela docência no futuro. E desde o início foi o que se mostrou mais receptivo e disposto a colaborar com nossa pesquisa, não se ausentando em momento algum dos nossos encontros. Reginaldo, o professor, contribuiu bastante com seu conhecimento e intuição linguísticas, especialmente quando lhe foram elicitados textos. Contudo, por morar numa aldeia mais afastada da Serra da Borda, estar engajado na docência da Aldeia Central e prestar faculdade, entrevistas diárias com ele foram inviáveis. Os outros dois informantes, Atos e Marino, apesar de mais velhos e, portanto, com uma experiência maior frente à língua portuguesa, aparentaram realizar uma versão mais “pura” da língua Nutajensu. Suas construções pareciam seguir menos a lógica estrutural do português quando comparados ao Alisson, por exemplo. É difícil inferir se tal fenômeno advém da maior escolaridade do Alisson ou de fatores relativos a uma maior exposição à língua indígena por parte dos dois informantes mais velhos. Fato é que, claramente, algumas características como sobreposição de ideias (beirando à redundância), construções frasais mais simples, com a justificativa deles de que “é assim que se fala” e traduções menos condizentes com o que tentamos elicitar, foram mais recorrentes com estes informantes.

---

6 Informante não se sentiu à vontade para revelar sua idade. Recorremos à professora Sara, que nos deu a estimativa etária dele partindo do período de convivência com o informante e o momento em que iniciou seu trabalho como docente na aldeia.

Não nos foi possível gravar com mulheres (nenhuma se mostrou disposta a nos conceder entrevistas) e idosos; estes últimos por falarem muito escassamente ou não falarem o português. Assim como Borella, entrevistamos Sr. Domingos pontualmente, com mediação/interpretação de Marino, na tentativa de capturar algum traço da língua indígena em sua fala que seja característico da idade.

As entrevistas com os quatro informantes resultaram cerca de 50h de gravação que, juntamente com as 40h coletadas por Borella, totalizam pouco mais de 90h. Acreditamos ter obtido sucesso na coleta dos dados, haja vista a compreensão dos informantes acerca do objetivo do nosso trabalho - o funcionamento, a descrição e preservação da língua - bem como o conhecimento e a intuição linguística de cada um deles.

Por fim, destacamos que todo material coletado ficará sob responsabilidade e guardado unicamente com a pesquisadora e, ao término da pesquisa, será arquivado no Banco de Dados do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI), da Universidade Federal de Pernambuco e no repositório da Vrije Universiteit Amsterdam – VU.

### 1.7.3 Análise dos dados coletados

Após a fase da coleta dos dados na aldeia Serra da Borda, passamos à transcrição dos novos dados a partir da escuta do áudio. Para a transcrição e construção dos quadros fonéticos, utilizamos a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Tendo em vista a complexidade da língua e as inúmeras variações que ela apresenta, foram recorrentes a revisão e oitivas dos áudios. Para tanto, lançamos mão de programas de análise acústica que nos auxiliaram na identificação dos sons, acarretando incontáveis revisões das transcrições.

Os dados coletados foram, então, submetidos ao PRAAT, programa de análise acústica que nos auxiliou na identificação dos fonemas, permitindo verificar as regularidades fonológicas e identificar os correlatos fonéticos do tom e do acento.

A esta altura, tendo estabelecido e esquematizado os dados, partimos para as análises à luz das teorias fonológicas modernas, já anteriormente explicitadas. Tomamos por base as orientações de Cagliari (2008) em sua obra *“Análise Fonológica”*. Nela, o autor dedica-se a ensinar todo o processo metodológico de análise dos fonemas/fones de uma língua, perpassando por noções metodológica para descrição de uma língua tais como as oposições, pares mínimos e análogos, distribuição complementar, variação livre, entre outros.

Iniciamos a análise dos dados fornecidos por Borella partindo da descrição da língua. Trata-se de uma fase de pormenorização e detalhamento, cujo objetivo primeiro é a identificação dos fonemas vocálicos e consonantais e seus respectivos alofones. Em seguida, procuramos estabelecer quais os sons foneticamente semelhantes (SFS), os pares mínimos e as oposições, conforme orientação na obra de Cagliari. Após esta etapa, buscamos estabelecer o molde silábico do Nutajensu: as ocorrências e restrições dos segmentos em cada ambiente e os processos fonológicos a ele relacionados.

O sistema prosódico do Nutajensu, próximo ponto analisado, foi estabelecido a partir dos modelos teóricos não-lineares, que tem por principais teóricos Clements (1995), Goldsmith (1995), Hayes (1995), entre outros. Tais modelos preconizam a organização fonológica das línguas a partir de hierarquias, e não como uma combinação linear, unidimensional e ordenada dos segmentos. O grande feito da fonologia não-linear foi incorporar a sílaba ao modelo teórico e, sobretudo, promover destaque à prosódia da língua, isto é, ao acento, duração e tom. E no que diz respeito ao sistema prosódico do Nutajensu, nosso objetivo foi o de identificar e descrever como operam o tom e o acento na língua.

Por fim, com base nas teorias fonológicas modernas anteriormente citadas e a partir de nossas leituras, iniciamos a interpretação dos dados com o objetivo de apresentar os aspectos fonológicos da língua Nutajensu/Sararé da maneira mais completa possível, incluindo-se suas características prosódicas e suprasegmentais, conforme já mencionado acima. Nossa análise se apoiou, sempre que se fez necessário, na verificação dos fatos fonéticos analisados acusticamente através do PRAAT.

## 2. FONOLOGIA SEGMENTAL

### 2.1 INVENTÁRIO SEGMENTAL

O presente capítulo objetiva explicar o sistema fonológico do Nutajensu em nível segmental. Inicialmente, apresentaremos a descrição dos fonemas da língua, buscando evidenciar os processos que ocorrem no nível do segmento. Em seguida, partiremos para a descrição da sílaba, o padrão silábico da língua e os todos processos que conseguimos identificar e que se relacionam diretamente a ela.

### 2.2. OS FONEMAS DO NUTAJENSU

#### 1.4.1

O inventário consonantal do Nutajensu apresenta sete consoantes fonológicas, as quais serão apresentadas mais adiante. Menno Kroeker (2001) chegou a contabilizar vinte e nove consoantes para outras línguas do ramo Sul, sendo que algumas consoantes consideradas pelo autor ocorrem como alofones em Nutajensu enquanto outros não fazem parte de seu inventário.

Ivan Lowe (1999) em sua pesquisa sobre o Kitãulhu, língua que também faz parte do ramo Sul, apresenta um inventário de quinze sons consonantais, sendo que as oclusivas /p/, /t/ e /k/ possuem variantes que flutuam do surdo para o sonoro em todos os ambientes: [p] ~ [b]; [t] ~ [d]; [k] ~ [g], fenômeno semelhante ao Nutajensu, sendo que [p] e [b] não variam entre si, mas com outros sons, fato que será exposto mais adiante. Também é mencionada uma variação entre a líquida [l] e o *tap* [ɾ], que também foi atestada com bastante frequência em nossa língua de análise. Fenômenos recorrentes no Kitãulhu se aplicam ou, no mínimo, em muito se assemelham ao Nutajensu, como é o caso das realizações de consoantes nasais pré-oralizadas, [ᵐm], [ᵐd] e [ᵐŋ]. Estas configuram características marcantes e recorrentes nas línguas Nambikwara e foram bastante perceptíveis e abundantes em nossa língua de análise.

No que tange às vogais, Lowe (1999) não se estende em maiores explicações, mas deixa claro para a língua Kitãulhu como se configura a disposição dos segmentos vocálicos: são 5 vogais orais, /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, com suas respectivas nasais, excetuando-se o /o/. A nasalização em Kitãulhu, de acordo com o autor, pode ser contrastiva, o que também foi

constatado no Nutajensu, bem como a laringação, que também revela valor contrastivo quando ocorre em vogais orais e nasais e “not merely conditioned by the presence of a glottal stop” como bem pontua Lowe (1999, p.271).

No decorrer da análise dos nossos dados, remeteremos às noções e aos apontamentos de Lowe (1999), de Kroeker (2001) e de outros autores cujas línguas de análise são da família Nambikwara do Norte e do Sul no intuito de estabelecer diferenças entre os sistemas fonológicos das línguas em questão. Apresentaremos a seguir o inventário fonético e fonológico do Nutajensu.

### 2.2.1 Inventário Fonético

Nos quadros a seguir, expusemos os fonemas consonantais e vocálicos do Nutajensu e seus mais importantes alofones:

| FONES CONSONANTAIS         |                |              |                |              |          |                |        |
|----------------------------|----------------|--------------|----------------|--------------|----------|----------------|--------|
|                            | Labial         | Lábio-dental | Alveolar       | Alveopalatal | Palatal  | Velar          | Glotal |
| <b>Oclusiva</b>            | p    b         | f            | t    d         |              |          | k    g         | ʔ      |
| <b>Oclusivas aspiradas</b> |                |              | t <sup>h</sup> |              |          | k <sup>h</sup> |        |
| <b>Nasais</b>              | m              |              | n              |              | ɲ        |                |        |
| <b>Nasal pré-oralizada</b> | <sup>b</sup> m |              | <sup>d</sup> n |              |          | <sup>g</sup> ŋ |        |
| <b>Fricativas</b>          |                |              | s              | ʃ    ʒ       |          |                | h      |
| <b>Implosiva</b>           |                |              | ɖ              |              |          |                |        |
| <b>Lateral</b>             |                |              | l              |              | ɭ        |                |        |
| <b>Tap</b>                 |                |              | ɾ              |              |          |                |        |
| <b>Africada</b>            |                |              | ts             |              | tʃ    dʒ |                |        |
| <b>Glides</b>              | w              |              |                |              | j        |                |        |

**Tabela 2 – Fones consonantais da língua Nujatensu**

| FONES VOCÁLICOS      |                       |         |           |                                     |         |           |
|----------------------|-----------------------|---------|-----------|-------------------------------------|---------|-----------|
|                      | Vogais orais e nasais |         |           | Vogais laringais e nasais laringais |         |           |
|                      | Anterior              | Central | Posterior | Anterior                            | Central | Posterior |
| <b>Altas</b>         | i, i:                 |         | u, u:     | ɪ, ɪ:                               |         | ʊ, ʊ:     |
| <b>Altas Nasais</b>  | ĩ, ĩ:                 |         | ũ, ũ:     | ĩ, ĩ:                               |         | ũ, ũ:     |
| <b>Médias</b>        | e, e:                 |         | o, o:     | ɛ                                   |         | ɔ, ɔ:     |
| <b>Médias nasais</b> | ẽ, ẽ:                 |         | õ, õ:     | ẽ, ẽ:                               |         | ɔ         |
| <b>Baixas</b>        |                       | a, a:   |           |                                     | ɶ, ɶ:   |           |
| <b>Baixas nasais</b> |                       | ã, ã:   |           |                                     | ã, ã:   |           |

**Tabela 3 – Fones vocálicos da língua Nutajensu**

### 2.2.2 Consoantes

Identificamos sete fonemas consonantais no Nutajensu, os quais se dispõem no quadro abaixo<sup>7</sup> em termos tradicionais. Em seguida, serão apresentadas as oposições consonantais e descreveremos cada um dos fonemas, apresentando também seus respectivos alofones.

|                   | Alveolar | Velar | Glotal |
|-------------------|----------|-------|--------|
| <b>Oclusivas</b>  | t        | k     | ʔ      |
| <b>Nasais</b>     | n        |       |        |
| <b>Lateral</b>    | l        |       |        |
| <b>Fricativas</b> | s        |       | h      |

**Tabela 4 – Fonemas consonantais da língua Nutajensu**

<sup>7</sup> Kroeker (2001) menciona em sua gramática sobre as línguas Namikwara uma série de consoantes ejetivas. De acordo com o autor, a oclusão realiza-se após os segmentos oclusivos e fricativos e antes das laterais e os glides, conforme se vê nos exemplos fornecidos pelo próprio autor:

“px [pʔ] [ya<sup>3</sup>pʔã<sup>1</sup>su<sup>2</sup>] ‘taioba’

tx [tʔ] [ʔtã<sup>2</sup>na<sup>3</sup>la<sup>2</sup>] ‘apertado’

kx [kʔ] [ ʔne<sup>3</sup>kʔan<sup>2</sup>ta<sup>2</sup>] 'voltar ao assunto'  
 kwx [kwʔ] [ ʔkwʔã<sup>3</sup>ki<sup>3</sup>su<sup>2</sup>] 'ventilador'  
 sx [sʔ] [ sʔe<sup>3</sup>sʔe<sup>3</sup>ki<sup>3</sup>su<sup>2</sup>] 'lacrau'  
 hx [hʔ] [ ʔhʔadn<sup>3</sup>na<sup>3</sup>la<sup>2</sup>] 'acabado'  
 lx [ʔl] [ ʔwã<sup>3</sup>ha<sup>3</sup>ʔli<sup>3</sup>su<sup>2</sup>] 'crianças'  
 nx [ʔn] [ a<sup>2</sup>ʔnu<sup>3</sup>ki<sup>3</sup>su<sup>2</sup>] 'face, bochecha'  
 wx [ʔw] [ ʔã<sup>3</sup>ʔwe<sup>3</sup>te<sup>3</sup>la<sup>1</sup>wa<sup>2</sup>] 'Quero me sentar.'  
 yx [ʔy] [ a<sup>2</sup>ʔyo<sup>2</sup>su<sup>2</sup>] 'boca'" (p.109)

Apesar de a consoante oclusiva glotal /ʔ/ fazer parte do inventário fonológico do Nutajensu, não verificamos a ocorrência de ejetivas em nossos dados. Não pudemos fazer inferências sobre a ausência destes segmentos na língua, mas especulamos que tenha relação com processos diacrônicos de neutralização ou mesmo a perda de realizações desta natureza com o passar dos anos. Quando abordamos nossos informantes possuidores de uma consciência fonológica mais apurada (especificamente os professores Marino e Reginaldo e nosso colaborador mais atuante, Alisson), eles não apenas reconheceram a 'existência' de tais segmentos, como asseveraram o não pertencimento deles em seu dialeto. Afirmaram, ainda, que "certamente eram segmentos constantes das línguas do Cerrado e do Campo". Acreditando que na fala de nativos idosos pudéssemos encontrar alguma realização de ejetivas, recorremos à oitiva das gravações que dispomos do idoso Sr.Domingos. Nelas também não observamos a ocorrência de consoantes glotalizadas e foi-nos possível, inclusive, corroborar que a distribuição da glotal é bastante restrita: na coda silábica, mais frequentemente diante de segmentos oclusivos.

Dispomos os fonemas consonantais do Nutajensu de acordo com a classificação de Clements & Hume (1995), cujos termos também utilizaremos ao longo deste trabalho:

| CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS CONSONANTAIS NOS TERMOS DE CLEMENTS e HUME (1995) |         |           |        |          |        |          |        |
|-----------------------------------------------------------------------------|---------|-----------|--------|----------|--------|----------|--------|
| [-silábico]                                                                 |         | [coronal] |        | [dorsal] |        | [glotal] |        |
|                                                                             |         | [-voz]    | [+voz] | [-voz]   | [+voz] | [-voz]   | [+voz] |
| [-soante]                                                                   | [-cont] | t         |        | k        |        | ʔ        |        |
|                                                                             | [+cont] | s         |        |          |        | h        |        |
| [+soante]                                                                   | Nasal   | n         |        |          |        |          |        |
|                                                                             | Líquida | l         |        |          |        |          |        |

**Tabela 5 – Fonemas consonantais do Nutajensu de acordo com a classificação de Clements & Hume (1995)**

#### 2.2.2.1 Oposições consonantais

##### 1. /t/ : /k/

/t̚aliʔt-su/                      [t̚aliʔtsu]                      “trovão”

/t̚aliʔ-ki-su/                      [t̚aliʔksu]                      “pedra”

##### 2. /t/ : /n/

/hane-su/                      [ha'nesu]                      “fogo”

/hati-su/                      [hatsu]                      “balaio”

##### 3. /t/ : /ʔ/

/it-su/                      [i'tsu]                      “raiva”

/iʔt-su/                      [i'ʔtsu]                      “vento”

/t̚alit-su/                      [t̚ali'tʃu]                      “fezes”

/t̚aliʔt-su/                      [t̚aliʔtsu]                      “trovão”

## 4. /t/ : /l/

|                          |                                                      |                  |
|--------------------------|------------------------------------------------------|------------------|
| /kala-na-la/             | [ka <sup>l</sup> ta <sup>l</sup> ma <sup>l</sup> la] | “ser duro”       |
| /kala-na-la/             | [ka <sup>l</sup> la <sup>l</sup> ma <sup>l</sup> la] | “ser muito”      |
| /hatu-na-la/             | [ha <sup>l</sup> tu <sup>l</sup> ma <sup>l</sup> la] | “ser limpo”      |
| /halu-na-la/             | [ha <sup>l</sup> lu <sup>l</sup> ma <sup>l</sup> la] | “ser alto”       |
| /a-tai-su/               | [a <sup>l</sup> ta <sup>l</sup> j-su]                | “víscera”        |
| /ala <sup>l</sup> i -su/ | [a <sup>l</sup> la <sup>l</sup> j-su]                | “bicho-preguiça” |

## 5. /l/ : /n/

|          |                                     |            |
|----------|-------------------------------------|------------|
| /alũ-su/ | [a <sup>l</sup> lũsu]               | “anta”     |
| /anũ-su/ | [a <sup>l</sup> nũsu]               | “índio”    |
| /uinala/ | [ <sup>l</sup> wĩnala] <sup>8</sup> | “é bonito” |
| /uinana/ | [ <sup>l</sup> wĩnãna]              | “é bonito” |

## 2.2.2.2 Descrição dos fonemas consonantais

2.2.2.2.1 *Consoantes oclusivas*

O Nutajensu conta com três consoantes oclusivas: a coronal /t/, a dorsal /k/ e o glotal /ʔ/, todos surdos. Um dado curioso sobre a língua diz respeito à escassez da oclusiva labial /p/.

Na verdade, a ocorrência limitada - quando não da ausência – deste fonema e também da sonora correspondente /b/ é uma característica de algumas das línguas Nambikwara, especialmente da sonora /b/<sup>9</sup>.

---

8 A diferença entre as palavras [<sup>l</sup>wĩnala] e [<sup>l</sup>wĩnana] reside apenas ao gênero do ouvinte a quem o interlocutor se refere, ou seja: se o ouvinte for do sexo masculino, o locutor enunciará /la/; se do sexo feminina, /na/.

9 Ambas as oclusivas bilabiais se realizam no âmbito fonético como variantes do glibe labial [w].

O dicionário etimológico-ameríndio de Greenberg & Ruhlen (2007) traz uma série de glossas das línguas indígenas da América do Sul, sobretudo das raízes nominais dos vocábulos. Entre elas encontram-se formas mais remotas da língua Nambikwara, denominadas pelos autores de “Proto-Nambikwara”. Ao analisarmos estas formas, percebemos uma ocorrência razoável de raízes contendo o fonema oclusivo /p/. Diacronicamente falando, percebe-se que esta consoante se manteve no inventário fonológico das línguas da ramificação Norte, mas o mesmo não se aplica às línguas do Sul, o que nos leva a crer que, provavelmente, a língua tenha sofrido reestruturações em sua organização fonológica nos dialetos desta região.

No dicionário *Nambikuara-Português, Português-Nambikuara* desenvolvido por Kroeker (2001), verificamos a presença de apenas 14 vocábulos com o fonema /p/, o qual ocorre, em todos os casos, em início de palavra. Durante nossas entrevistas com os informantes percebemos exatamente o que fora atestado por Kroeker: são escassos os vocábulos com a presença do /p/. O único exemplo que conseguimos registrar foi o nome da aldeia próxima à Serra da Borda, chamada *Paukalirajausu*, também conhecida por *Paukalira* ou “as piscinas”. Enquanto fone, porém, houve um número maior de ocorrências, mas ainda pode-se considerar sua realização relativamente escassa, restrita a dois dos nossos informantes.

Para as línguas do Nambikwara do Norte, Telles (2002) constata a ocorrência do /p/ no Latundê e no Lakondê, e Kingston (1970) e Eberhard (2009) também o atestam no Mamaindê. Uma pesquisa recentemente sobre as línguas Halotesu, Wakalitesu e Sawetensu (doravante Nambikwaras do Campo) conduzida por Souza (2018) também apresenta registros do referido segmento. Para as línguas do grupo do sul, Lowe (1961) percebe que a ocorrência do /p/ é parca no Kitãulhlu, assim como o é no Nutajensu.

Os fonemas oclusivos verificados na língua Nutajensu, portanto, realizam-se foneticamente com os seguintes alofones: [t], [t<sup>h</sup>], [d] e [d̥] para o /t/; e [k], [k<sup>h</sup>] e [ʔ] para respectivamente /k/ e /ʔ/. Segue a descrição detalhada de cada uma das consoantes:

a) /t/ - oclusiva coronal surda, ocorre diante de quaisquer vogais e dos ditongos /ai/, /au/, /ãũ/ e /ei/. Sua distribuição é bastante ampla, ocorrendo sobremaneira em sílabas átonas e, quando realizado em sílaba tônica, geralmente se dá em ambiente intervocálico. Tem por alofones a coronal surda [t], a oclusiva aspirada [t<sup>h</sup>], a africada [tʃ], sua contraparte sonora, [d] e a implosiva sonora [d̥]. Ressalte-se que as realizações de tais alofones se dão apenas no onset silábico, sendo permitida exclusivamente a ocorrência do alofone [t] na coda.

Abaixo seguem alguns dos registros que exemplificam nossa interpretação. De (01) a (10) estão compilados exemplos gerais sobre a distribuição do /t/ nos vocábulos, incluindo as

ocorrências com os ditongos supracitados; de (11) a (16), apresentamos registros de variação livre entre as coronais surda e sonora [t] e [d]; nos registros de (17) a (22), encontram-se exemplos de variação entre a oclusiva surda [t] com a implosiva [ɖ]. Por fim, encontram-se registros da oclusiva aspirada [tʰ], cuja ocorrência foi pontual e percebida especialmente na fala dos informantes mais idosos.

(01) [ta'hãki,nũsu] = “mãe”

/ta.hã.ki.nũ.su/

/a -hãki -nũ -su/

CL.fem-mãe-pessoa-S.NOM

(02) [tu'tũmtsu] = “mel preto”

/tu.tũnt.su/

/tu -tũnt -su/

mel-cor.preta-S.NOM

(03) [tiʔkalisu] = “tamanduá bandeira”

/tiʔ.ka.li.su/

/tiʔ -kali -su/

tamanduá.bandeira-CL.liso-S.NOM

(04) [wajra: # 'iti,ta:su] = “cachorro grande”

/wajʔ.ra i.ti.ta.su/

/wajʔli -a iti -ta -su/

cachorro-S.ESP homem-CL.grande-S.NOM

(05) [a'taj su] = “tripa”

/a.taj.su/

/a -taj -su/

INAL-tripa-S.NOM

- (06) [ana'tawsu] = “chifre”

/a.na.taw.su/

/a -natau -su/

INAL-chifre-S.NOM

- (07) [asa'te:jru] = “azul”

/a.sa.tejh.su/

/a -sateih -su/

INAL-cor.azul-S.NOM

- (08) [je'wi # 'tʃalosu] = “médico” ou “pajé”

/je.wi.tjah.lo.su/

/ieui te -iahlo -su/

pajé DEM-CL.masc-S.NOM

- (09) [a'lu,tʃeksu] = “sol”

/a.lu.je.ki.su/

/a -lu -ieki -su/

INAL-sol-RN-S.NOM

- (10) ['taw<sup>b</sup>mksu] = “jatobá”

/tawn.ki.su/

/taunki -su/

jatobá-S.NOM.

Em início de vocábulo, o /t/ pode realizar-se como /d/, ocorrendo, portanto, uma variação livre entre ambas as consoantes, posto que não há um ambiente específico que promova a sonorização e seja obrigatória a ocorrência do /t/ unicamente. Percebemos, no

entanto, que há uma clara preferência para a realização do [d] em sílaba acentuada como atestam os exemplos abaixo:

- (11) [ˈtãjna] ~ [ˈdãjna] = “eu”

/taj.na/

/taina/<sup>10</sup>

1SG

- (12) [ˈtuhsu] ~ [ˈduhsu] = “mulher”

/tuh.su/

/tuh-su/

mulher-S.NOM

- (13) [ˈtihsu] ~ [ˈdihsu] = “cobra” (gen.)

/tih.su/

/tih-su/

cobra-S.NOM

- (14) [taˈtuha:] ~ [taˈduha:] = “minha esposa”

/ta.tu.ha/

/ta -tuh -a/

1SG-mulher-S.ESP.

---

10 O pronome de primeira pessoa do singular /taina/ também foi realizado como [ˈtajra], [ˈtajni] e [ˈtajri]. O primeiro e o segundo realizaram-se na fala dos mais jovens e o último exclusivamente na gravação com Sr.Domingos, o membro mais idoso da comunidade. Ainda houve ocorrência da forma [tãini], mas essa restringiu-se a uma realização pontual de apenas um informante. Em sua gramática, Kroeker (2001) menciona um sufixo nominal demonstrativo /aili/ que se torna /aina/ quando a ele se acrescenta um especificador de substantivo. O teórico considera esta última como a forma não-final de /aili/. Greenberg (2007) atesta a forma para o referido pronome como /tʔail/. Há fortes indícios, portanto, de que a forma utilizada atualmente /taina/ remeta à forma não final de /aili/ citada por Kroeker (2001) e as derivações menos convencionais que ouvimos de nossos informantes - [ˈtajra], [ˈtajni] e [ˈtajri] - sejam resquícios de um estágio mais velho da língua.

- (15) [ˈwaɣ̃na # tiˈtinara] ~ [ˈwaɣ̃na # diˈtinara] = “você está sujo?”

/waj.na # ti.ti.na.la/

/uaina titi -na -la/ 2SG sujo-PRES-PERF.M

- (16) [ˈta: # meˈnẽ:tʃu] ~ [ˈda: # meˈnẽ:tʃu] = “meu nariz”

/ta.a.ne.nẽ.su/

/ta a -nenen -su/

1SG INAL-orelha-S.NOM

- (17) [ˈteana # aˈhiˌkatʃu] ~ [ˈdeana # aˈhiˌkatʃu] = “mão dele” (retirado de oração)

/te.a.na a.hi.ka.tsu/

/teʔana a -hi -kat -su/

3SG INAL-mão-CL.duro-S.NOM

A implosiva alveolar sonora [d], por sua vez, realiza-se exclusivamente na posição de onset da sílaba, mas não iniciando vocábulo. Muitas vezes a ocorrência deste segmento se deu após, respectivamente, vogal laringalizada e/ou oclusiva glotal. Fenômeno idêntico ocorre nas línguas Nambikwara do Campo.

- (18) [ḳaˈ tẽsu] ~ [ḳaˈ dẽsu] = “copo”

/ka.tẽn.su/

/kat -ẽn -su/

CL.duro-CL.côncavo-S.NOM

- (19) [ka'tʃaʔda# ka' lanala] ~ [ka'tʃaʔda# kala,nala] = “tem muitos brancos”

/ka.tjah.ta ka.la.na.la/

/ka -te -iah -iti -a kala -na -la/

?-DEM-CL.masc.-homem-S.ESP ser.muitos-PRES-PERF.M

- (20) [dʒetʃe'nãw̃,ajʔ tasa:] ~ [jetʃe'nõ,ajʔ dása:] = “ano passado”

/je.je.nãw̃.aj.ta.sa/

/ieienãũ -ait -sa/

ano passado-S.ADVS.NOM

- (21) [kaʔd̪ihsu] ~ [kaʔd̪i:ru] = “pulga”

/kaʔ.tih.su/

/kaʔt̪ih -su/

pulga-S.NOM

- (22) [ʼwaʔt̪etesu] ~ [ʼwa:d̪etesu] = “borboleta”

/waʔ.te.te.su/

/uaʔt̪ete -su/

REDUPL.borboleta-S.NOM

- (23) [kaʔ't̪e:ru] ~ [kaʔ'd̪e:ru] = “corozinho”

/kaʔ.teh.su/

/kaʔteh -su/ corozinho-S.NOM

Embora a realização da implosiva [d] seja mais expressiva num contexto específico – após vogal laringalizada e consoante oclusiva glotal – não se restringe a ele. Sua manifestação é possível diante de vogais orais, apesar de ser menos comum:

- (24) [ka'lutsu] ~ [ka'ludisu] ~ [ka'ludisu] = “morcego”  
 /ka.lu.ti.su/  
 /kalut -su/  
 morcego S.NOM
- (25) [a' tuʔkutasu] ~ [aʔtuʔkudasu] ~ [aʔtukudasu] = “cedo”  
 / a.tu.ku.ta.su/  
 /aʔtuʔkuta -su/  
 cedo S.NOM
- (26) [tata'me<sup>d</sup>nã: su] ~ [tada'mẽnã: su] ~ [tada'mẽnã:su] = “verrugas”  
 /ta.ta.ỹẽ.nãn.su/  
 /tata -ỹẽ -nãn -su/  
 verruga-CL.pequeno-PL.-S.NOM
- (27) [aka' latisu] ~ [aka' ladisu] ~ [aka' ladisu] = “umbigo”  
 /a.kã.la.ti.su/  
 /a -ka<sub>2</sub>lati -su/  
 INAL-umbigo-S.NOM
- A realização da oclusiva aspirada [t<sup>h</sup>] restringiu-se ao onset da última sílaba do vocábulo, variando estritamente com o [ts]. A interpretação sugerida para tal processo é o enfraquecimento da fricativa /s/, que se debucalisa e acarreta a substituição desta consoante por uma leve aspiração.
- (28) [ane'nẽ:tsu # ala't<sup>h</sup>u] ~ [a'nẽ:t<sup>h</sup>u # a'lat<sup>h</sup>u] = “orelha furada”  
 /a.ne.nẽ.su a.lat.su/  
 /a -nenen -su alat -su/  
 INAL-orelha-S.NOM dentro -S.NOM

- (29) [a' lət su] ~ [a' lət<sup>h</sup>u] = “dentro” (retirado de oração)

/a.lat.su/

/alat -su/

dentro S.NOM

- (30) [a.jukwə' sitsu] ~ [a.jukwə' sit<sup>h</sup>u] = “saliva”

/a.ju.kwa.sit.su/

/a -iuk<sup>u</sup>asit -su/

INAL saliva S.NOM

- (31) [anũ'e:tsu] ~ [anũ'e:t<sup>h</sup>u] = “aldeia do índio”

/a.nũ.ejt.su/

/anũ -eit -su/

índio-aldeia -S.NOM

Muito comumente a coronal /t/ pode realizar-se no final de morfema, implicando na realização do seguinte processo: quando seguida da fricativa /s/, a sequência oclusiva /t/ + fricativa /s/ promove a realização de uma consoante africada, o [ts]. Como foi observado acima, a sequência /ts/ pode se realizar como [t<sup>h</sup>]. Outras realizações também são possíveis. A sequência [ts] ainda pode propiciar a realização da palatal [tʃ]. Um forte indício para a ocorrência dessa variante é a realização da vogal labial posterior /u/ seguindo [ts]. Por ser foneticamente posterior, o /u/ possibilita que a africada coronal [+anterior] [ts] se posterioriza, virando palatal (coronal [-anterior]) [tʃ]. A fusão do /t+s/ em [ts] ou [tʃ], que passam então a se comportar como onset complexo, é oriunda de uma ressilabação do [t] com o [s].

- (32) ['hi,kɑ:tsu] ~ ['hi,kɑ:tʃu] = “árvore”

/hi.kat.su/

/hi -kat -su/

árvore-CL.duro-S.NOM

- (33) [tʰu:tsu] ~ [tʰu:tʃu] = “sapo”

/tut.su/

/tut -su/

sapo-S.NOM

- (34) [ja'latsu] ~ [ja'latʃu] = “tucano”

/ja.lat.su/

/ialat -su/ tucano-S.NOM

- (35) [wa.si:ejtsu] ~ [wa.sih'ejtʃu] = “nossa aldeia”

/wa.si.ejt.su/

/ua -sih -eit -su/

1PL-casa-aldeia-S.NOM

- (36) [wa'litsu] ~ [wa'ritʃu] = “cajuru”

/wa.lit.su/

/ualit -su/

cajuru-S.NOM

b) O apagamento do /t/ em final de morfema também pode acontecer e, nesses casos, ocorre ao nível da palavra silabada um alongamento vocálico<sup>11</sup> opcional da sílaba acentuada (acento primário ou secundário) que sofre o processo, como se vê nos exemplos (037) a (039).

- (37) [hʲi,ka:su] = “árvore” (gen.), “pau”

/hi.kat.su/

/hi -kat -su/

árvore-CL.duro-S.NOM

- (38) [wita<sup>1</sup>la<sub>1</sub>ka:su] = “muro,cerca”  
 /wi.ta.la.kat.su/  
 /uitala -kat -su/  
 muro,cerca-CL.duro-S.NOM

- (39) [ʼei:nã: su] = “muitas aldeias”  
 /ejt.nãn.su/  
 /eit -nãn -su/  
 aldeia-PL-S.NOM

c) por fim, quando o /t/ final de morfema se encontra perante uma vogal inicial de sufixo, ele é silabado como onset:

- (40) [ʼhikata] = “árvore”  
 /hi.ka.ta/  
 /hi -kat -a/  
 árvore-CL.duro-S.NOM

- (41) [ʼtuta] = “sapo”  
 /tu.ta/  
 /tut -a/  
 sapo-S.NOM

Em alguns casos, também é comum a sequência [tsV] sofrer epêntese da vogal [i] (ts > tisV). Tal realização ocorre especialmente quando os informantes incorrem em fala mais lenta

---

11 Quando ocorre o apagamento de um segmento na superfície, a tendência da língua é a de preservar o peso através do alongamento vocálico da sílaba que sofreu tal fenômeno. O alongamento da vogal nuclear incide categoricamente em sílaba tônica (primária ou secundária).

e explicada e, sobretudo, na silabação do vocábulo. É por meio deste processo, inclusive, que (parte) das variações entre a oclusiva [t], sua contraparte [d] e a implosiva [ɖ] se configuram. Seguem abaixo exemplos de epêntese do /i/ entre a oclusiva alveolar /t/ e a fricativa palatal /s/:

- (42) [e'ritisu] ~ [e'ritsu] ~ [e'litʃu] = “piado”

/e.li.tsu/

/elit -su/

piado-S.NOM

- (43) [ʰsiha # aʰlatisu] ~ [ʰsiha # aʰlatsu] = “dentro de casa” (retirado de oração)

/si.ha a.la.tsu/

/sih -a -alat -su/

casa-S.ESP-dentro-S.NOM

- (44) [ʰiʔtisu] ~ [ʰiʔtsu] = “vento”

/iʔ.ti.su/

/iʔt -su/

vento-S.NOM

- (45) [uʰnatisu] ~ [uʰnatsu] = “latido”

/u.na.ti.su/

/unat -su/

latido-S.NOM

Importa mencionar um último contexto que diz respeito à ocorrência do [tʃ]. Trata-se da realização subjacente do morfema demonstrativo *-te*<sup>12</sup> juntamente com o classificador *-iahlo*. O que ocorre é que a vogal /e/ do morfema demonstrativo é apagado antes do /i/ do classificador *-iahlo*, resultando em /ti/. Esta sequência resulta na africada [tʃ]:

- (46) [tʰahla] = “senhor”

/tjah.la/

/te                    -iahlo    -a/

DEM-CL.masc-S.NOM

Observamos, durante nossas eliciações com os informantes, que a forma superficializada [tʰa(h)la] fossilizou-se no léxico, como forma fusionada da sequência /te-iahlo-a/, posto que foi a realização unânime (e exclusiva) entre os indígenas para o vocábulo em questão. Vejamos outros exemplos envolvendo esta forma:

- (47) [kaʰtʃa # iʰtisu] = “homem [branco]” (não-indígena)

/ka.tja i.ti.su/

/ka -te                    -iahlo    -a                    iti                    -su/

?- DEM-CL.masc-S.ESP                    homem-S.NOM

- (48) [kaʰtʃa # ʰukisu] = “revólver”, “espingarda” (lit. “*arma do homem [branco]*”)

/ka.tja hu.ki.su/

/ka -te                    -iahlo    -a                    huki                    -su/

? -DEM-CL.masc-S.ESP                    revólver-S.NOM

---

12 -te é um morfema demonstrativo que ocorre juntamente com o sufixo classificador -iahlo, denotador de “masculino”. Assim, a forma subjacente /te-iahlo-a/ superficializa-se na língua como [tʰahla], formando o pronome “ele”, numa referência aos seres masculinos (homens e machos do reino animal). As maiores ocorrências deste pronome no Nutajensu, porém, foram nos seguintes contextos: o primeiro, enquanto raiz lexical, em que [tʰahla] significa “idoso, homem velho”; e o segundo, onde o referido pronome vem seguindo o nome próprio do sujeito (mais velho) a quem o locutor se refere, funcionando como um pronome de tratamento (por exemplo: Domingos tʰahla = “o senhor Domingos”).

- (49) [ < 'Jorge > 'tʃahla # 'wə:ʒri,nũnala] = “Jorge parece cachorro”  
 / < Jorge > tʃah.la wə:ʒli.nũ.na.la/  
 / < Jorge > te -iahlo -a -uəiʔli -nũ -na -la/  
 <Jorge> DEM-CL.masc-S.ESP cachorro-pessoa-PRES-PERF.M

A africada alveopalatal [tʃ]<sup>14</sup> pode ainda variar com sua contraparte sonora [dʒ] em posição intervocálica:

- (50) [aʔkwi,tʃawsu] ~ [aʔkwi,dʒawsu] = “sobrancelha”  
 /a.kwi.tʃau.su/  
 /a -kuitiau -su/ INAL-sobrancelha-S.NOM
- (51) ['kaja,tʃawsu] ~ ['kaja,dʒawsu] = “chicha de milho”  
 /ka.ja.jaw.su/  
 /kai -a -iaɥ -su/ milho-S.ESP-CL.líquido-S.NOM
- (52) [a.lu'tʃe:ksu] ~ [a.lu'dʒekisu] = “sol”  
 /a.lu.je.ki.su/  
 /a -lu -ieki -su/  
 INAL-sol-RN-S.NOM

b) /k/: oclusivo dorsal surdo, trata-se de um segmento com distribuição ampla no Nutajensu. No que tange aos ditongos, sua ocorrência restringe-se perante o /ai/, /ãĩ/ e /ãũ/. Este segmento pode aparecer em início, meio e final de palavra, apenas em posição de onset e sendo mais recorrente em sílabas átonas. Pode ainda ser sucedido pelo glide [w], formando a sequência [kw], seguida das vogais /a/ ou /i/ e do ditongo /ai/, em início e meio de vocábulo.

---

<sup>14</sup>A africada alveopalatal realiza-se, ainda, como resultado do processo de fortalecimento do glide palatal fonético [j], cuja abordagem se encontra no capítulo destinado aos processos fonológicos, na seção “o fortalecimento do glide palatal [j]”

Ademais, tem por alofones a dorsal surda [k], sua contraparte sonora [g], e a aspirada [k<sup>h</sup>]. Ressalte-se que esta última varia livremente com o [k] em sílaba tônica. Abaixo apresentamos registros de ocorrências generalizadas do segmento em questão.

- (53) [ʼka,j̥awsu] = “chicha de milho”

/kai.j̥aw.su/

/kai -j̥au -su/

milho-CL.líquido-S.NOM

- (54) [aʼhikisu] = “mão”

/a.hi.ki.su/

/a -hiki -su/

INAL-mão-S.NOM

- (55) [kuʼkũmʔksu] = “limão” (tipo de)

/ku.kũnʔ.ki.su/

/kukũnʔ -ki -su/

limão -CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (56) [ʼkaj̥su] = “quati”

/k̥aj̥.su/

/k̥aj̥ -su/

quati-S.NOM

- (57) [kwiʼkwiʔksu] = “laranja”

/kwi.kwiʔ.ki.su/

/kuiʼkuiʔ -ki -su/

laranja -CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (58) [ʰhowta # ʰkõ:ɬu] = “macaco preto”

/how.ta kãw.li.su/

/hout -a kãũ -li -su/

macaco-S.ESP preto -? -S.NOM

- (59) [ʰkwajsu] = “beija-flor”

/kwaj. su/

/kɯaj -su/

beija-flor-S.NOM

- (60) [kãj:ʰwãwʔtʃu] = “que calor!” (lit. “muito quente!”)

/kajn. wãw.su/

/kain -ũãũ -su/

CL.intensidade -quente-S.NOM

A variação entre o /k/ e sua contraparte sonora /g/ tanto não foi abundante, quanto restringiu-se à realização de /k/ na posição intervocálica como onset de sílaba átona e seguido por /i/.

- (61) [ʰjalikia # ʰĩnala] ~ [ʰjaligia # ʰĩnala] = “eu vi saguim”

/ja.li.ki.su/

/ialiki -a ã -na -la/

saguim-S.ESP ver-PRC-PERF.M

- (62) [tʃatʰajksu] ~ [tʃaʰtʃajgisu] = “chocalho”

/ja.jaj.ki.su/

/iaiai -ki -su/

REDUPL.chocalho-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (63) [ˈwaksu] ~ [ˈwagisu] = “jacaré”

/wa.ki.su/

/uaki -su/

jacaré-S.NOM

- (64) [aˈjekisu] ~ [aˈjegisu] = “comida”

/a.je.ki.su/

/a- ieki -su/

INAL-RN-S.NOM

A dorsal /k/ pode ainda realizar-se foneticamente na coda quando há a queda de vogal alta [i] perante o sufixo *-su*. Tal fenômeno ocorre em fala rápida e espontânea, acarretando uma leve aspiração da consoante (ex. 65 a 68). E as únicas ocorrências de aspiração da oclusiva na sequência [kw] se deram nos seguintes contextos: a primeira realizou-se na sílaba acentuada e perante a vogal alta /i/; a segunda, por sua vez, ocorreu em sílabas duplicadas e também antecedendo a vogal alta /i/ (ex. 69). Saliente-se apenas que se trata de uma manifestação opcional na língua. A aspiração também pode ser vista como um ensurdecimento da vogal /i/ no contexto [t\_s]. Ao silabarem os vocábulos, os informantes evidenciaram a presença da vogal /i/ seguindo a oclusiva /k/.

- (65) [ˈhukisu] ~ [ˈhuk<sup>h</sup>su] = “arco”

/hu.ki.su/

/hu -ki -su/

arco-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (66) [ˈtakisu] ~ [ˈtak<sup>h</sup>su] = “grilo”

/ta.ki.su/

/taki -su/

grilo-S.NOM

- (67) [ta<sup>l</sup>walikisu] ~ [ta<sup>l</sup>walik<sup>h</sup>su] = “inhame”  
 /ta.wa.li.ki.su/  
 /tauli -ki -su/  
 inhame-CL.redondo,oblongo-S.NOM
- (68) [ʼkw<sup>h</sup>iʔtsu] ~ [ʼkw<sup>h</sup>i:tsu] ~ [ʼkw<sup>h</sup>itsu] = “veado” (espécie de)  
 /kwiʔt.su/  
 /kuiʔt -su/  
 veado-S.NOM
- (69) [kwi<sup>l</sup>kwiʔksu] ~ [kw<sup>h</sup>i<sup>l</sup>kw<sup>h</sup>iksu] = “laranja”  
 /kwi.kwi.ki.su/  
 /kuikuiʔ -ki -su/  
 REDUPL.laranja-CL.redondo,oblongo-S.NOM

c) /ʔ/: oclusiva glotal surda, ocorre em meio de palavra, apenas em posição de coda silábica e tem por único alofone o [ʔ]. Apesar de ser realizada em um ambiente específico, pode seguir qualquer vogal ou ditongo, sendo mais recorrente após as vogais /a/, /i/ e /u/, respectivamente. Sua realização se dá em limite de sílaba, antecedendo predominantemente as consoantes oclusivas, sobretudo a coronal /t/ e a dorsal /k/. Outra ocorrência possível é o seu apagamento na superfície, propiciando um alongamento vocálico.

- (70) [ʼajʔkisu] ~ [ʼa:ʔksu] = “pássaro mutum”  
 /ajʔ.ki.su/  
 /aiʔki -su/  
 pássaro.mutum-S.NOM

- (71) [ʼiʔtsu] ~ [ʼi:tsu] = “vento”

/iʔt.su/

/iʔt -su/

vento-S.NOM

- (72) [ʼajʔka.ta:su] ~ [ʼa:jʔka.ta.su] ~ [ajʔka.ta:su] = “gavião”

/ajʔ.ka.ta.su/

/aiʔki -a -ta -su/

pássaro-S.ESP-CL.grande-S.NOM

- (73) [ʼkwiʔtsu] ~ [ʼkwi:tsu] = “veado” (espécie de)

/kwiʔ.tsu/

/kuiʔt -su/

veado-S.NOM

- (74) [ʼtəʔliʔtsu] ~ [ʼtəʔli:tsu] = “trovão”

/təʔliʔ.ti.su/

/təʔliʔt -su/

trovão-S.NOM

- (75) [ʼnãwʔksu] ~ [ʼnõ:ksu] = “mosquito”

/nãwʔ.ki.su/

/nãũʔ -ki -su/

mosquito-CL.redondo,oblongo-S.NOM

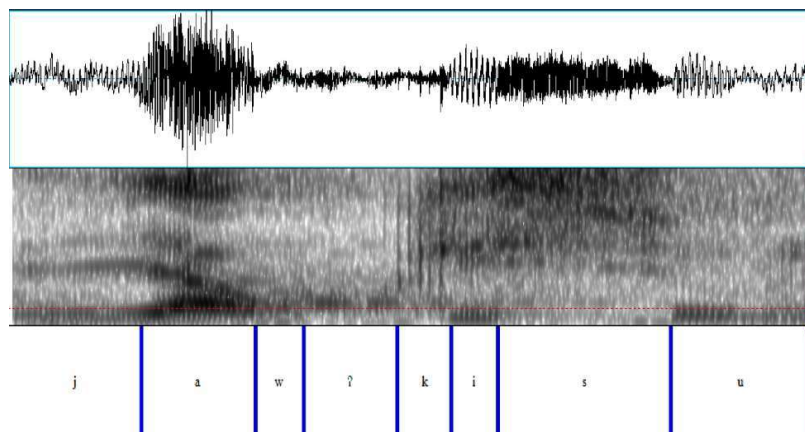
- (76) [ʼtəʔ.katʃu] = “minha coluna”

/təʔ.kat.su/

/ta -a -kat -su/

1SG-INAL-CL.duro-S.NOM

Apenas a título de ilustração, plotamos dois espectrogramas que apresentam a realização da oclusiva glotal antecedendo a oclusiva dorsal [k]:



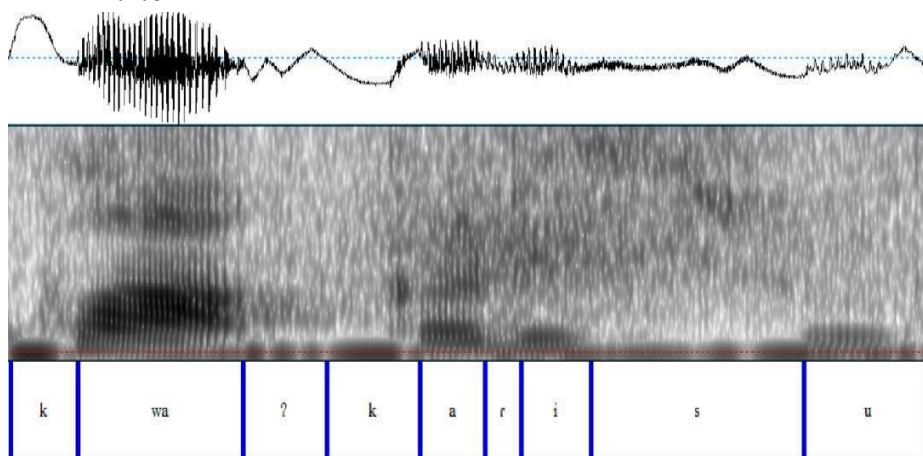
**1.4.2** Figura 7. Espectrograma com realização da oclusiva glotal perante a oclusiva dorsal /k/

**1.4.3** no vocábulo [jawʔkisu] = “faca”

**1.4.4**

**1.4.5**

**1.4.6**



**Figura 8.** Espectrograma com realização da oclusiva glotal no vocábulo [kwaʔkarisu] = “veado adulto” perante a oclusiva dorsal /k/.

#### 2.2.2.2.2 *Consantes Fricativas*

Os segmentos fricativos são o coronal surdo /s/ e o glotal /h/. Assim como há a ausência de dois segmentos oclusivos, /p/ e /b/, também não registramos a ocorrência das fricativas labiais surda e sonora, respectivamente, /f/<sup>15</sup> e /v/. Ambas as fricativas registradas, /s/ e /h/, realizam-se no onset, sendo que a glotal realiza-se também na coda silábica, enquanto a coronal

manifesta-se apenas na representação fonética como consequência do apagamento da vogal /i/. Importa ressaltar o comportamento distinto quanto a tais segmentos nas demais línguas Nambikwara: na ramificação norte, a fonologia do Latundê e do Lakondê de acordo com Telles (2002), permite que a coda seja ocupada apenas pela fricativa glotal /h/. No Mamaindê, Eberhard (2009) atesta que ambos os segmentos fricativos /s, h/ podem ocupar a coda, mas o fazem apenas diante de um segmento [-contínuo]. No caso do Negarotê, Braga (2017) afirma que as fricativas podem ocorrer em início, meio e final de vocábulo, bem como ocupar o onset e a coda silábicos. Para as línguas do Sul e do Campo, estudos recentes, e em ainda curso, apontam para a realização do /s/ apenas no onset, ao passo que o /h/ pode ocupar ambas as posições de onset e coda. O Nutajensu nos indica o seguinte comportamento sobre as fricativas:

/s/: a fricativa coronal surda /s/ ocorre abundantemente no Nutajensu, pois é o segmento que constitui o onset do sufixo nominal da língua, cujas formas são *-su* e *-sa*. Além de tais ocorrências, o /s/ tem realização majoritária na posição de onset silábico, em início, meio e final de vocábulo, realizando-se perante quaisquer vogais e dos ditongos /ai/, /ei/, /ou/ e /ãũ/.

(77) [sasa'nũkalesu] = “lagartixa”

/sa.sa.nũ.ka.li.su/

/sasanũ                      -kali                      -su/

lagartixa-CL.liso-S.NOM

(78) [se'seksu] = “escorpião”

/se.se.ki.su/

/seseki                      -su/

escorpião-S.NOM

---

15 Registramos apenas dois casos de variação do [f] com o [w]: [walietasu] ~ [falietasu] e [walejsu] ~ [falejsu]. De acordo com os próprios informantes, estas são as únicas palavras em que há a ocorrência do /f/. Não souberam explicar, porém, o porquê de ser este fonema em vez de ser o /m/, que é o segmento que mais varia com o /w/.

- (79) [ˈsĩsu] = “nuvem”

/sĩ. su/

/sĩ -su/

nuvem-S.NOM

- (80) [ˈtaːˈsukaˌlosu] = “cunhada”

/ta.su.ka.lo.su/

/ta -suki -a -lau -su/

CL.FEM-cunhada-S.ESP-velha-S.NOM

- (81) [kaˈsãw̃ːksu] = “gafanhoto”

/ka.sãw̃.ki.su/

/kasãũki -su/

gafanhoto-S.NOM

- (82) [aˈsiˌmẽːru] = “rabo” (de qualquer animal)

/a.si.ũẽh.su/

/a -si -ũẽh -su/

INAL.-rabo-CL.reto,alinhado-S.NOM

Verificamos uma variação entre [s] e a africada [tʃ] no onset do sufixo *-sa* enquanto tema verbal indicador de agente humano, variação que não existe quando *-sa* funciona como sufixo nominal referencial. Não temos uma explicação para a natureza restrita dessa variação, que talvez se encontre na história da língua.

- (83) [ˈkisanali] ~ [ˈkitʃanali] = “coçando [a perna]” (retirado de oração)

/ki.sa.na.li/

/ki sa -na -li/

coçar -O.1SG-PRES- PERF.M.

- (84) [wa'kõ: # sanãni:] ~ [wa'kõ # tʃanãni:] = “estou indo trabalhar”  
 /wa.kõ.sa.na.ni/  
 /uakon            sa        -na        -ni/  
 trabalho O.1SG-PRES-PERF.F.
- (85) ['te:na # ʔsã.nala:] ~ ['de:na # ʔtʃã.nala:] = “tá cego” (lit. “ele não enxerga”)  
 /teʔ.a.na ʔ.sa.na.la/  
 /teʔana        ʔ        -sa        -ʔ        -na        -la/  
 3SG    ver-O.1SG-NEG-PRES-PERF.M
- (86) ['dajra # ʔlika # 'kwa:ʃsãnali] ~ ['tajna # ʔlika # kw'ajtʃanali] = “quero comer pequi”  
 /taj.na ʔ.li.ka kwaj.sa.na.li/  
 /taina        ʔli                    -ki                    -a                kuai        -sa        -na        -li/  
 1SG    pequi-CL.redondo,oblongo-S.ESP        querer -O.1SG.-PRES.-PERF.M
- (87) ['daɰna # 'juʔ # 'kwajsãnala] ~ ['daɰna # 'juʔ # 'kwajtʃãnala] = “quero a faca [agora]”  
 /taj.na iuʔ.kwaj.sa.na.la/  
 /taina        iuʔ        kuai        -sa                -na -la/  
 1SG        faca querer-O.1SG-PRES-PER

Em fala espontânea, o [s] pode ocorrer na coda silábica. Trata-se, contudo, de uma realização puramente fonética, haja vista a recorrência do apagamento da vogal alta anterior /i/ no Nutajensu. Percebemos também, nestes mesmos casos, a ocorrência da fricativa coronal [-anterior] surda [ʃ] variando com a coronal [+anterior] [s].

- (88) ['tisiksu] ~ ['tiskisu] ~ ['tiʃkisu] = “abóbora”  
 /ti.si.ki.su//tisi -ki        -su/  
 abóbora-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (89) [hi'si<sub>l</sub>ka:su] ~ [hi's<sub>l</sub>ka:su] ~ [hi'f<sub>l</sub>ka:su] = “árvore (qualquer)”

/hi.si.ka.su/

/hisi -kat -su/

árvore-CL.duro-S.NOM

- (90) [hi'sikasa<sub>l</sub>ẽ:su] ~ [hi'ska:s<sub>l</sub>a<sub>l</sub>ẽ:su] ~ [hi'f<sub>l</sub>ka:s<sub>l</sub>a<sub>l</sub>ẽ:su] = “raiz de árvore”

/hi.si.ka.sa.ẽ.su/

/hisi -kat -sa -ẽn -su/

árvore-CL.duro-S.NOM-CL.côncavo-S.NOM

- (91) [asi'taksu] ~ [as'taksu] ~ [a'f<sub>l</sub>taksu] = “barriga”

/a.si.ta.ki.su/

/a -sita -ki -su/

INAL-barriga-CL.redondo,oblongo-S.NOM

O /s/ pode ainda sofrer rotacismo e realizar-se na superfície como tap, [ɾ]. Trata-se de um processo engatilhado pela presença da fricativa glotal /h/ na coda da sílaba precedente: perante o apagamento do /h/ há um alongamento da vogal nuclear e a realização em [ɾ], embora tal configuração não seja obrigatória. Na maioria dos exemplos do nosso corpus, /h/ se encontra seguindo os vocoides altos /i, j, u/. O rotacismo foi observado unicamente no caso do sufixo -su.

- (92) [asa'tejhsu] ~ [asa'tej:ru] = “cor azul”

/a.sa.tejh.su/

/a- -sateih -su/

INAL-cor.azul-S.NOM

- (93) [aju'hejsu] ~ [aju'hej:ru] = “língua”

/a.jo.hejh.su/

/a- -io -heih -su/  
 INAL-boca-língua-S.NOM

- (94) [ˈeihsu] ~ [ˈej̥i:ru] = “caju”

/ej̥h.su/

/ej̥h -su/

caju-S.NOM

- (95) [aluˈkwi:hsu] ~ [aluˈkwi:ru] = “flecha” (tipo de).

/a.lu.kwih.su/

/alukuih-su/

flecha-S.NOM

- (96) [waˈluhsu] ~ [waˈlu:ru] = “tatu”

/wa.luh.su/

/ualuh -su/

tatu-S.NOM

- (97) [baˈhihsu] ~ [waˈhi:ru] = “ariranha”

/wḁ.hih.su/

/u̥ḁhih -su/

ariranha-S.NOM

- (98) [ˈwihsu] ~ [ˈwihru] ~ [ˈwi:ru] = “bagre”

/wi̥h.su/

/ui̥h -su/

bagre-S.NOM

- (99) [ˈtẽ:hsu] ~ [ˈtẽhru] ~ [ˈtẽ:ru] = “mosca”

/tẽh.su/

/tẽh -su/

mosca-S.NOM

/h/: segmento fricativo glotal que não tem restrição quanto a sua distribuição, podendo ocorrer nas posições de onset e coda silábicas, antecedendo quaisquer vogais. No onset, realiza-se perante qualquer vogal e dos ditongos /ai/, /au/, /ei/ e /ou/.

(100) [ʰha.jawsu] ~ [ʰha.jawsu] = “água”

/ha.jaw.su/

/ha -iaũ -su/

água-CL.líquido-S.NOM

(101) [ʰhajsa] = “a roça”

/haj.sa/

/hai -sa/ roça-S.NOM

(102) [ʰhotasa] = “o macaco”

/ho.ta.sa/

/hot -a -sa/

macaco-S.ESP.-S.NOM

(103) [ʰhukisu] = “arco”

/hu.ki.su/

/hu -ki -su/

arco-CL.redondo,oblongo-S.NOM

(104) [ʰhi.kata # hã'nũnala:] = “a árvore rachou”

/hi.ka.ta ha.nũ.na.la/

/hi -kat -a hanũ -na -la/

árvore-CL.duro-S.ESP

rachar-PRC-PERF.M

- (105) [ha<sup>h</sup>ne<sub>1</sub>nõ:tʃu] = “cinza” (de fogueira)

/ha.ne.nõ.tsu/

/hane                      -nãũ                      -su/

cinza-CL.pó,terra-S.NOM

Houve registros de ocorrência de preaspiração perante o glide labial [w]. Esta realização ocorre em fala rápida e espontânea:

- (106) [ʰwẽ: ha<sub>1</sub>jawsu] = “chuveiro”

/wẽ.ha.jaw.su/

/ũẽ                      -ha                      -iaũ                      -su/

CL.pequeno,filhote-água-CL.líquido-S.NOM

- (107) [ˈdaĩna # <sup>h</sup>waĩra # ˈkoʔsa<sup>h</sup>na:] = “[tô com] saudade da minha filha”

/taj.na                      waĩ.la                      koʔ.sa.na/

/taina                      uai<sub>1</sub>la koʔ                      -sa                      -na/

1SG                      menina saudade-PRES-PF.FEM

- (108) [ʰwã<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>nãw<sup>h</sup>tasu] ~ [ʰwã<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>nõ:tasu] = “lacreia”

/wã.wã.wã.nãw.ta.su/

/ũãũ.ũãũ                      -nãũ                      -ta                      -su/

REDUPL.lacreia-CL.pó,terra-CL.grande-S.NOM

A glotal /h/ é apagada diante do /s/, mais especificamente, perante o sufixo nominal -su. Antes de sufixo que começa com vogal, /h/ se junta a vogal como onset.

- (109) [ˈtu:su]

/tuh.su/

[ˈtuha] = “mulher”

/tu.ha/



- (114) [ʰhehsa,sãnari:] ~ [ʰhe:sa,sãnali:] = “estou com fome [agora]”

/heh.sa.sa.na.li/

/heh                    -sa        -san    -a        -li/

fome-S.NOM-1SG-PRES-PERF.M

- (115) [ʰkwe:ᵃsu] ~ [ʰkwe:su] = “linha [de fazer colar]”

/kweh.su/

/kueh                    -su/

linha-S.NOM

- (116) [naʰtu:ᵃna] ~ [naʰtu:na] = “é doce [o mel]”

/na.tuh.na/

/natuh                    -na/

ser doce-PRES

A segunda ocorrência de uma aspiração pós-vocálica se dá ao final do vocábulo, mais precisamente após o sufixo nominal *-su*. Não houve uma sistematicidade na ocorrência da aspiração, pois o sufixo nominal nunca compõe a sílaba acentuada, motivo pelo qual inferimos que se trata de uma marcação opcional na língua. Eis alguns dos dados compilados que apresentaram a aspiração ao final do vocábulo:

- (117) [anaʰnejsu] ~ [anaʰnejsuᵃ] = “[cor] verde”

/a.na.nej.su/

/ananei                    -su/

cor.verde-S.NOM

- (118) [ʰiti # ʰwaj,nã: su] ~ [ʰiti # ʰwaje,nãsuᵃ] = “cachorros do homem”

/i.ti. waj.nã.n.su/

/iti                      -uái ?   -nãñ   -su/  
 homem-cachorro-PL-S.NOM

(119) [ˈjosu] ~ [ˈjosu<sup>h</sup>] = “pegar”<sup>16</sup>

/jo.su/

/io                      -su/

pegar-S.NOM

(120) [taˈhẽsu] ~ [taˈhẽsu<sup>h</sup>] = “[a cesta] é nova”

/ta.hẽ.su/

/tah                      -ẽñ                      -su/

novo-CL.côncavo-S.NOM

#### 2.2.2.2.3 Consoante nasal /n/:

O único segmento nasal fonológico do Nutajensu é o /n/. No que tange às realizações na superfície, porém, as possibilidades de ocorrência são as variadas: [n], [m], [ɲ], [d̪n], [b̪m] e [ɲ̪]. Assim como o Nutajensu, as línguas irmãs Nambikwara também apresentam esta mesma característica, denominada por Kenstowicz (1994) de “coronal syndrome”. Diz respeito a uma maior suscetibilidade destes segmentos em sofrer variações que, de acordo com o autor, é um fenômeno comum a várias línguas do mundo pelo fato de que as coronais “(a) are the most frequent on a number of counts, (b) are the outcome of neutralizations; [...] (d) combine more freely and (e) are more susceptible to place assimilation than non-coronals” (p.517). Ao menos na língua à qual nos propusemos analisar, o número de variações sofridas pelo /n/ implicou em certa dificuldade tanto na delimitação de suas realizações fonéticas, quanto na identificação de sua presença em ambiente pós-vocálico na subjacência.

Sobre a existência da nasal labial [m], os resultados dos estudos recentemente apresentados sobre as línguas Nambikwara do Campo, realizados por Sousa (2018) e Costa (2020), atestam sua ausência nos inventários fonológicos das línguas do ramo sul. Na gramática de Kroeker (2001), o registro das nasais também não inclui o referido segmento, a não ser como

ocorrência fonética, como resultado de assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte. De acordo com o autor, a nasal bilabial ocorre “somente em palavras emprestadas” (p.108). Curiosamente, esta foi uma das questões contestadas na cartilha de alfabetização do Nutajensu/Sararé pelos docentes e pelos próprios indígenas sob diferentes perspectivas. Os nativos contestaram veementemente a presença da nasal labial enquanto fonema, alegando que “não existem palavras na língua com essa letra”. Os docentes, por outro lado, afirmaram que os indígenas “produzem esse som em várias palavras sem perceber”. Trata-se claramente de um embate fonológico x fonético entre os falantes nativos e os professores da língua.

Diante do exposto, ver-se-á mais à frente que nossas análises sugerem que, assim como as demais línguas da ramificação Sul, o Nutajensu não dispõe da nasal labial [m] em seu inventário fonológico. Este segmento realiza-se em sua forma plena na coda silábica, como uma das variantes do glide labial fonético [w] no onset e, um pouco menos frequente, num ambiente específico, como segmento nasal pré-oralizado [<sup>b</sup>m].

As línguas do Norte, por sua vez, apresentam ambos os segmentos nasais, /m/ e /n/, em seus inventários fonológicos. No Latundê e no Lakondê (Telles, 2002), bem como no Mamaindê (Eberhard, 2009) e no Negarotê (Braga, 2016), as nasais se comportam da seguinte forma: a labial apresenta distribuição restrita, ocorrendo apenas no onset silábico, e a nasal coronal, por seu turno, ocupa ambos os ambientes de onset e coda, sendo que nesta última sua realização é mais recorrente. Nota-se, portanto, que a complexidade envolvendo os segmentos nasais é uma característica marcante nas línguas Nambikwara, especialmente a coronal /n/ em posição de coda silábica. O Nutajensu não foge à regra e revela o seguinte comportamento sobre este segmento: /n/: segmento nasal coronal, o /n/ apresenta distribuição bastante ampla no Nutajensu, podendo ocupar as posições de onset e coda silábicos. No onset, posição cuja ocorrência é bastante frequente, o /n/ pode realizar-se perante quaisquer vogais, com exceção do /o/, e os ditongos /ai/, /au/, /ãũ/ e /ei/. Tem por alofones os consoantes [n], [m], [ɲ], [<sup>d</sup>n], [<sup>b</sup>m] e [<sup>ɛ</sup>ɲ] sendo que a nasal labial [m] e as pré-oralizadas [<sup>d</sup>n], [<sup>b</sup>m] e [<sup>ɛ</sup>ɲ] apresentaram-se de maneira mais restrita. Com exceção da consoante dorsal pré-nasalizada [<sup>ɛ</sup>ɲ], as demais ocorrências são mais frequentes do que as labiais. Os registros abaixo, de (121) a (128) indicam a realização geral do [n] no onset silábico.

---

16 verbo elicitado sem contextualização, fora de oração.



- (127) [ni<sup>l</sup>te<sub>1</sub>sawa] = “[fazer] desse jeito”

/ni.te.sa.ua/

/nite 0 -sa -ua/

desse.jeito-3SG-PRES-IMPERF.M.

- (128) [ni<sup>n</sup>nisa<sub>1</sub>sãnari:] = “[é só] um mosquito”

/ni.ni.sa.sa.na.li/

/nini -sa -sa -na -li/

REDUPL.mosquito-S.NOM-O.1SG-PRES-PERF.M

No onset, e apenas nele, a coronal [+anterior] /n/ ainda pode se manifestar como coronal [-anterior] [ɲ]. Tais ocorrências, porém, foram bem pontuais: em posição intervocálica e sucedendo a vogal alta /i/, mais especificamente na raiz -uinu<sup>17</sup>, conforme se atesta nos seguintes dados compilados:

- (129) [l<sup>h</sup>ka: # mĩ<sup>l</sup>ɲu<sub>1</sub>tasu] = “quati macho”

/ka.a.ũ<sub>1</sub>nu.ta.su/

/ka -a -ũ<sub>1</sub>nu -ta -su/

quati-S.NOM.-CL.macho-CL.grande-S.NOM

- (130) [l<sup>h</sup>how:sa # mĩ<sup>l</sup>ɲu<sub>1</sub>tasu] = “macaco macho”

/how -sa -ũ<sub>1</sub>nu -ta -su/

macaco-S.NOM CL.macho-CL.grande-S.NOM

A realização da nasal coronal na coda silábica é bastante comum no Nutajensu havendo também uma grande recorrência de variação deste consoante com seus alofones, [n], [m], [ɲ], [d<sup>n</sup>] e [ɛ<sup>n</sup>]. Não obstante os poucos registros da nasal labial [m], percebemos que sua realização é condicionada por contextos bem específicos: sempre em sílaba tônica, sucedendo a vogal alta

posterior nasal /ũ/ e antecedendo as consoantes oclusivas alveolar /t/ e glotal /ʔ/. Inferimos que a ocorrência da nasal [m] neste contexto é condicionada pela vogal labial alta posterior /u/.

- (131) [a<sup>l</sup>tũmtsu] = “preto”

/a.tũnt.su/

/atũnt -su/

ser preto-S.NOM

- (132) [ʔtũmsu] ~ [ʔtũmʔsu] = “bizorro”

/tũn.su/

/tũn -su/

bizorro-S.NOM

- (133) [ʔnũ:mtsu] = “cheiro”

/nũnt.su/

/nũn -su/

cheiro-S.NOM

- (134) [ka<sup>l</sup>lũmtsu] = “fedor”

/ka.lũnt.su/

/kalũnt -su/

fedor-S.NOM

- (135) [a<sub>j</sub>uka<sup>l</sup>tũmsu] = “queixo”

/a.ju.ka.tũn.su/

/a -io -kat -ũn -su/

INAL-boca-CL.duro-queixo-S.NOM

---

17 A raiz /uinu/, refere-se a “macho” do Proto-Namikwara (GREENBERG & RUHLEN, 2007).

- (136) [a<sub>1</sub>juka'tũmsu] = “queixo”

/a.ju.ka.tũn.su/

/a -io -kat -ũn -su/

INAL-boca-CL.duro-queixo-S.NOM

- (137) [kaka'tũmtsu] = “áspero”

/ka.ka.tũnt.su/

/kakatũnt -su/

áspero -S.NOM

Em que pese a nasal [n] ter maior ocorrência ao suceder vogais orais, verifica-se também sua realização após vogais nasais. Nesse caso, ela geralmente sofre apagamento na superfície, acarretando um alongamento da vogal na sílaba acentuada.

- (138) [ta'hã:ka] = “minha mãe” (retirado de oração)

/ta.hãn.ki.a/

/ta- hãnki -a/ 1SG-mãe-S.ESP

- (139) [lũ:sãnala] = “[o cachorro] me mordeu”

/lũ.sa.na.la/

/lũ sa -na -la/ morder O.1SG-PRC-PERF.M

- (140) [lũ:su] = “capivara”

/lũn.su/

/lũn -su/

capivara-S.NOM

- (141) [akate'tã:su] = “joelho”

/a.ka.te.tãn su/

/a -kat -tãn -su/

INAL.-CL.duro-joelho-S.NOM

- (142) [ita'sĩ:su] = “coxa do homem”

/i.ta.sin.su/

/iti -a sin -su/

homem-S.ESP-coxa-S.NOM

- (143) [ma'lã:su] = “mel” (tipo de)

/wa.lã.su/

/ualan -su/

mel-S.NOM

Uma das ocorrências também frequentes do /n/ na coda silábica diz respeito ao classificador *-ẽn*, que denota concavidade. Assim como ocorre com os demais segmentos que se realizam na coda, o *-ẽn* realiza-se na subjacência. Quando realizada na superfície perante o sufixo nominal *-su*, a nasal pode aparecer como a oclusiva surda /t/. Nossa interpretação é de que tal fenômeno se dá em decorrência da oralização do /n/ no classificador *-ẽn* antes do /s/ no sufixo nominal *-su*, isto é: ns > ts. Os registros nos quais identificamos a sequência [ts] foram:

- (144) [ka'tẽ:su] ~ [ka'tẽtsu] ~ [ka'tẽtʃu] = “copo”

/ka.tẽ.su/

/kat -ẽn -su/

CL.duro-CL.côncavo-S.NOM

- (145) [ta'je,kẽ:su] ~ [ta'je,kẽtsu] ~ [ta'je,kẽtʃu] = “essa [rede] é minha”

/ta.je.ki.ẽn.su/

/ta -ieki -ẽn -su/

1SG-RN-CL.côncavo-S.NOM

- (146) [anẽ'nẽ:tsu] ~ [anẽ'nẽtʃu] = “orelha”

/a.ne.nẽ.su/

/a -nenen -su/

INAL-orelha-S.NOM

- (147) [ʃa,lẽnsu] ~ [ʃa,lẽtsu] ~ [ʃa,lẽtʃu] = “flauta”

/ʃa.lẽn.su/

/iali -ẽn -su/

flauta-CL.côncavo-S.NOM

- (148) [a'ẽsu] ~ [a'ẽtsu] ~ [a'ẽtʃu] = “buraco”

/a.ẽ.su/

/a -ẽn -su/

INAL.-CL.côncavo-S.NOM

Outra ocorrência envolvendo o *-ẽn*, embora não tão frequente, diz respeito à elisão da vogal deste afixo quando antecedendo pelo /i/, havendo a preservação da nasalidade do /e/, ou seja: i - ẽ > ã:

- (149) [ha'tĩ:tʃu] = “cesta”

/ha.tĩn.su/

/hati -ẽn -su/

cesta-CL.côncavo-S.NOM

- (150) [a'hiki,kĩ:tʃu] = “asa do papagaio”

/a.hi.ki.kĩn.su/

/a -hiki -ki -ẽn -su/

INAL-asa-redondo,oblongo-CL.côncavo-S.NOM

Alternativamente, a vogal nasal do sufixo *-ẽn* é preservada e o /i/ precedente é apagado, como nos exemplos seguintes:

- (151) [sa'we,lẽ:su] ~ [sa'we,rẽtʃu] = “rede”

/sa.we.lẽn.su/

/sauei -ẽn -su/

rede-CL.côncavo-S.NOM

(152) [kṵẽ¹kṵẽ,kẽ:su] = “abanador”

/kṵẽ.kṵẽ.kẽn.su/

/kũẽkũẽ

-ki

-ẽn

-su/

REDUPL.abanador-CL.redondo,oblongo-CL.côncavo-S.NOM

As formas pré-oralizadas da consoante nasal /n/, [ᵈn], [ᵇm] e [ᵑŋ] se estruturam quando /n/ encontra-se na posição de coda silábica seguindo vogal ou ditongo oral em contextos de nasalidade contrastiva, i.e. em sílaba acentuada. Tais realizações, de acordo com Wetzels (2008), são bastante comuns em várias línguas do mundo, incluindo as indígenas da América do Sul, sobretudo nas línguas que não tem, no sistema de consoantes fonológicas, uma oposição entre consoantes nasais e consoantes vozeadas não-soantes (m/b, n/d, por exemplo). Sobre a estruturação destes segmentos de contorno, o autor teoriza que pode ter várias origens, dependendo da natureza das oposições consonânticas que o sistema fonológico da língua estabelece. Se numa língua que não possui a oposição fonológica /b,m/ o sistema fonológico contrasta plosivas surdas com plosivas sonoras /p,b/ etc, as plosivas sonoras podem emergir na superfície como consoantes pré-nasalizadas. Ao contrário, numa língua que contraste as surdas com as consoantes nasais, as consoantes nasais podem se pré- ou pós-oralizar. Assim, na língua Nutajensu, uma língua sem consoantes não-soantes sonoras, mas que mantém um contraste entre surdas e nasais na classe das coronais, a nasal /n/ (e seus variantes) pode se manifestar como contorno, fato que verificamos.

Nas línguas Nambikwara, a realização das consoantes nasais pré-oralizadas foi atestada por Telles (2002) no Latundê e no Lakondê, Eberhard (2009) no Mamaindê, Braga (2017) no Negarotê e, mais recentemente, atestadas nos dialetos dos Nambikwara do Campo (COSTA, 2020). A nasal pré-oralizada [ᵈn] realizou-se preferencialmente e opcionalmente após vogais e ditongos e quando a consoante adjacente à nasal na representação lexical apresenta o ponto de articulação alveolar.

(153) [waka¹lonaheli:] ~ [waka¹loᵈnnaheli:] = “trabalhou [na roça]”

/wa.ka.lo.na.he.li/

/uakalon -nahe

-li/

trabalhar -PAS-PERF.M

(154) [ka'le<sup>d</sup>nnsu] = “rã”

/ka.len.su/

/kalen -su/ rã-S.NOM

(155) [waka'lo<sup>d</sup>nna<sup>h</sup>u:a] = “estou trabalhando”

/wa.ka.lon.na.ua/

/wakalon -na -ua/

trabalho-PRES-IMPERF.M.

(156) ['kaj<sup>d</sup>nnala] = “ser pequeno” (extraído de oração)

/kajn.na.la/

/kain -na -la/ CL.intens-PRES.-PERF.M.

A situação em que o Nutajensu parece se enquadrar quanto à pré-oralização da consoante nasal na coda silábica é a denominada por Wetzels & Nevins (2018) de *shielding*, fenômeno no qual ocorre um abaixamento atrasado do véu palatino com fins de prevenir que a vogal oral seja contaminada pela nasalidade da consoante adjacente (p.838). Um dos fatores inerentes ao *shielding* que reforça nossa suposição é o fato já mencionado acima de que “languages possessing contour stops [...] often lack a triple contrast between /p/, /b/ and /m/, where /b/ represents the class of non-sonorant voiced obstruents and /m/ the class of sonorant nasal consonants” (WETZELS, 2008, p.259). Como pode ser visto no inventário fonológico da língua, as consoantes sonoras não-soantes /p, d, g/ não existem como fonemas.

Apesar de não ser uma ocorrência rara no Nutajensu, também não se pode inferir que o *shielding* seja abundante. Percebemos que ele manifestou-se unicamente nas sílabas acentuadas, sendo ainda opcional a sua realização. É ainda interessante observar, como previsto por Wetzels e Nevins (2008), que a pré-oralização de consoantes nasais somente acontece em sílabas acentuadas, nas quais a nasalidade vocálica é contrastiva, ao contrário das sílabas não acentuadas, que somente manifestam nasalidade alofônica.

Eis a conjuntura mais recorrente na qual a forma de superfície [b<sup>m</sup>] manifestou-se na língua Nutajensu: na coda de uma sílaba acentuada, majoritariamente após o ditongo oral /au/.

- (157) [ʼtau<sup>b</sup>mksu] = “jatobá”

/tawn.ki.su/

/taunki -su/ jatobá-S.NOM

- (158) [ʼdih # ʼnaw:<sup>b</sup>mksu] = “veneno de cobra”

/tih. nawn.ki.su/

/tih - naunki -su/

cobra veneno-S.NOM

- (159) [ʼaw<sup>b</sup>m # ʼka,nesa<sup>h</sup> nala:] = “fatiar carne”

/awn ka.ne.sa.na.la/

/aun kane -sa -na -la/ fatiar carne-O.1SG-PRES-PERF.M

De ocorrência bem escassa temos o [ʼŋ], cuja realização se dá perante a vogal alta /i/ seguido de oclusiva velar. A consoante nasal assimila o ponto de articulação da oclusiva glotal /k/ e se realiza na superfície como consoante nasal pré-oralizada.

- (160) [kwaʼsĩkisa] ~ [kwaʼsi<sup>g</sup>ŋgisa] = “artesanato”

/kwa.ĩ.ki.sa/

/kuasinki -sa/ artesanato-S.NOM

- (161) [hĩʼnikitisatẽwã:] ~ [hiʼni<sup>g</sup>ŋgitisatẽwã:] = “[é a] Serra da Borda”

/hi.ni.ki.ti.si.a.te.wa/

/hinikitisi -a -te -ua/

Serra da Borda-S.ESP-LOC-IMPERF.M

#### 2.2.2.2.4 Consoante lateral /l/

/l/: a lateral coronal sonora /l/ pode ocorrer apenas no onset silábico, em meio de

vocábulo apenas. Não há registro de vocábulos que se iniciam com /l/ e são pontuais aqueles em que ele ocupa a coda silábica. A lateral /l/ antecede quaisquer vogais – sendo mais recorrente perante a alta anterior /i/ e a central /a/ - e os ditongos /ei/ e /ou/. Não ocorre como parte de grupos consonantais (na subjacência) e tem por alofones as consoantes [l], [ɾ] e [ʎ].

(162) [ha'losu] = “campo”

/ha.lo.su/

/halo -su/

campo-S.NOM

(163) [a'lūsū] = “anta”

/a.lũ.su/

/alũ -su/

anta-S.NOM

(164) ['kaja # 'tiʔka,lẽ:su] = “casca do milho”

/ka.ja tiʔ.ka.lẽn.su/

/kai -a tiʔ -kali -ẽn -su/

milho-S.ESP casca-CL.liso-CL.côncavo-S.NOM

(165) [a'nũ # 'si:sa # 'sãnari:] = “a casa é deles”

/a.nũ sih.sa sa.na.li/

/anũ -sih -sa -sa -na -li/

índio-casa-S.NOM-O.1SG-PRES-PERF.M.

(166) [alo'loksu] = “pulmão”

/a.lo.lo.ki.su/

/a -lolo -ki -su/

INAL.-REDUPL.pulmão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

(167) [da'lõna:] = “[a mulher] velha”

/ta.law.na/

/ta                      -lau   -na/ CL.fem-velha-S.ESP.

A lateral [l] varia livremente (e em maior frequência) com o *tap* [ɾ]. Durante nossas eliciações com textos, percebemos que na modalidade escrita a grafia de alguns vocábulos, especificamente em morfemas verbais terminados em /i/ e /a/, era com /l/, sendo que os informantes liam alternadamente, pronunciando ora [l], ora [ɾ]. Inicialmente, acreditamos que se tratava de uma diferença nas falas masculina e feminina, cujas pronúncias seriam do [ɾ] para os homens e [l] para as mulheres. Após questionarmos os informantes (que unanimemente confirmaram a ausência do *tap* em seu inventário fonológico) e cercarmos os registros para analisar o fenômeno, concluímos que trata-se de um caso de flutuação entre ambos os segmentos, não havendo uma preferência por uma ou outra forma. Nos casos abaixo, o contexto que favorece a realização do *tap* [ɾ] é o ambiente intervocálico. Abaixo listamos registros de verbos e frases que incorrem na referida variação:

- (168) [ʼwajʔrataa # ʔ:sa.na.la:] = “estou vendo o lobo”

/wajʔ.la.ta.a ʔ.sa.na.la/

/uajʔli                      -a                      -ta                      -a                      ʔ                      -sa                      -na                      -la/

cachorro-S.ESP-CL.grande-S.ESP.    ver-O.1SG-PRC-PERF.M.

- (169) [waʼkõ<sup>d</sup>nahe.ra:] = “eu trabalhei”

/wa.kon.na.he.la/

/uakon                      -nahe                      -la/ trabalhar-PAS-PERF.M.

- (170) [he:ʼsahe.ri:] = “estava com fome”

/heh.sa.he.li/

/heh                      -sa                      -he                      -li/ fome-O.1SG-PAS-PERF.M.

- (171) [ʼkwajhnara] = “eu grito [com a criança]”

/kwajh.na.la/

/kuaih -na                      -la/ gritar-PRES-PERF.M.

- (172) [a<sup>4</sup>nnũ<sup>1</sup>hera:] = “matei [jacaré]”

/an.nũ.he.la/

/an- -nuhe -la/

matar -PAS.3SG -PERF.M.

O contexto que motiva a variação livre entre as consoantes [l] e [r] é o ambiente intervocálico, também quando este contexto for criado pelo apagamento do /h/.

- (173) [ai<sup>1</sup>lahela] ~ [ai<sup>1</sup>rahera] = “eu andei”

/aj.la.he.la/

/ail -a -he -la/

andar-1SG-PAS-PERF.M

- (174) [ʼja<sub>1</sub>rẽtsu] ~ [ʼpã<sub>1</sub>lẽ:tʃu] = “flauta”

/ja.lẽn.su/

/iali -ẽn -su/

flauta-CL.côncavo-S.NOM

- (175) [ʼwǎlisu] ~ [ʼwarisu] = “mandioca”

/wǎ.li.su/

/wǎli -su/

mandioca-S.NOM

- (176) [ʼkwaʔkwarisu] ~ [ʼkwakwalisu] = “veado adulto”

/kwaʔ.kwa.li.su/

/kuaʔkua -li -su/

REDUPL.veado-?-S.NOM

- (177) [ʼhẽhli] ~ [ʼhẽ:ri] = “[são] dois”

/hẽh.li

/hɛh                      -li/ dois-PERF.M

- (178)              [ˈwɔ̃ːjliːsu] ~ [ˈwɔ̃ːjʔrisu] = “cachorro”

/wɔ̃ːjʔliːsu/

/uɔ̃ːjʔli                      -su/

cachorro-S.NOM

- (179)              [faliˈeʔtaːsu] ~ [wariˈeʔtaːsu] = “pica-pau”

/wa.li.eʔ.ta.su/

/ualieʔ                      ta                      -su/

pica-pau-CL.grande-S.NOM

- (180)              [hatiˈlẽna] ~ [hatiˈrẽːna] = “ser liso”

/ha.ti.li.a.na/

/hatili                      -a                      -na/

ser.liso-S.NOM-PERF.F

- (181)              [ˈɔ̃ːlikːsu] ~ [ˈɔ̃ːriʔksu] = “pequi”

/ɔ̃ː.li.ki.su/

/ɔ̃ːli                      -ki                      -su/

pequi-CL.redondo,oblongo-S.NOM.

Quando o /l/ se realiza na sílaba antecedendo a vogal alta coronal /i/ e sendo logo seguido pelo sufixo nominal *-su*, i.e. [-li-su], ocorre categoricamente o apagamento da vogal /i/. A lateral /l/ funde com /i/ para tornar-se uma soante lateral palatal [ʎ]. No encontro com /s/ do sufixo *-su*, a fricativa alveolar se perde<sup>18</sup>:

- (182)              [ˈhawhʎu] ~ [ˈhawːʎu] = “leão”

/hawh.li.su/

/hawh-li                      -su/

leão -?-S.NOM

(183) [ʰtuhʌu] ~ [ʰdu:ʌu] = “cotia”

/tuh.li.su/

/tuh -li -su/

cotia-?-S.NOM

(184) [ʰju:hʌu] = “facão”

/juh.li.su/

/iuh -li -su/

facão-?-S.NOM

(185) [ka'lũa # kwa'kw̥a: hʌu] = “xexéu preto”

/ka.lũ.a kwa.kw̥ajh.li.su/

/kalũ -a kuai'kw̥aj h -li -su/

preto-S.NOM xexéu-REDUPL.IDEOF.-?-S.NOM

Estabelecer o /l/ e /r/ enquanto consoantes subjacentes ou alofones gera certa hesitação por parte dos teóricos, haja vista a recorrência com que ambos se manifestam na superfície e o fato de o *tap* ser frequentemente resultante de processos fonológicos nas línguas Nambikwara. Extraímos a tabela abaixo de Costa (2020)<sup>19</sup>, que agrupou e sintetizou os variados contextos nos quais o rótico [r] se realiza nas referidas línguas, que pode representar, dependendo da língua, um alofone das consoantes alveolares /t, l, s, r,/. Na sequência, apresentamos nossas inferências sobre a variação livre entre a lateral /l/ e o *tap* [r] na língua Nutajensu no mesmo formato da tabela proposta:

---

18 Enquanto para o Nutajensu observamos a realização da palatal [ʌ], para as línguas Nambikwara do Campo, Costa (2020) verifica a ocorrência da lateral surda [l] que: /lisu/ > [lsu] > [l̥u]. como resultado da coalescência entre [l] e [s] em [-lisu]

<sup>19</sup> A tabela sofreu algumas adaptações pontuais, apenas a título de melhor adequação ao nosso texto e exposição dos exemplos.

| Grupos | Línguas Nambikwara                             | Interpretação do [r]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------|------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| NORTE  | <b>Latundê</b><br>(TELLES, 2002)               | $/t/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>No onset em ambiente intervocálico, restrito à sílaba tônica;</li> <li>Após o /h/ na coda anterior, restrito à sílaba tônica.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                      |
|        | <b>Lakondê</b><br>(TELLES, 2002 e BRAGA 2002)  | $/t/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>No onset em ambiente intervocálico, restrito à sílaba tônica;</li> <li>Após o /h/ na coda anterior, restrito à sílaba tônica.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                      |
|        | <b>Mamaindê</b><br>(EBERHARD, 2009)            | $/t/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Em onset ou em ambiente intervocálico, restrito à sílaba átona, (enfraquecimento coronal)</li> <li>Quando precedido por /h/, o /t/ realiza-se como <math>[r]</math>. Há, primeiro, o enfraquecimento coronal (<math>/t/ \rightarrow [r]</math>) e, depois, o desvozeamento do <i>onset</i> e a coalescência de dois segmentos (<math>[hr] \rightarrow [r]</math>).</li> </ul> |
|        | <b>Negarotê</b><br>(BRAGA, 2017)               | $/t/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Em <i>onset</i> em fronteira de morfema.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| SABANÊ | <b>Sabanê</b><br>(ARAÚJO, 2004)                | $/l/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Variação livre diante de /i, u, a/;</li> <li>Normalmente na posição intervocálica.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|        | <b>Nambikwara do Sul</b><br>(KROEKER, M. 2001) | $/l/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Variação livre diante de /i, u, a/;</li> <li>Normalmente na posição intervocálica.</li> </ul> $/s/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Em <i>onset</i> após /h/ em coda</li> </ul>                                                                                                                                                                        |

|     |                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| SUL | Nambikwara do Campo<br>(SOUSA NETTO, 2018) | $/s/ \rightarrow [r]$ <ul style="list-style-type: none"> <li>Em <i>onset</i> após /h/ em coda</li> </ul> $/l/ \rightarrow [r]$ <p>Sempre no onset da sílaba final da palavra, em posição postônica;<br/>Geralmente engatilhado pelo /h/ na coda anterior.</p>                                                         |
|     | Nambikwara do Campo (COSTA, 2020)          | $/r/ \rightarrow [r]$ <p>Fonologizado diacronicamente a partir de /l/ histórico no caso do sufixo de aspecto/gênero {-ra};</p> $/l/ \rightarrow [r]$ <p>Rotacismo engatilhado por vogal coronal adjacente na sílaba anterior;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Ocorre em sílaba tônica ou átona;</li> </ul> |

**1.4.7 Tabela 6 - Síntese sobre a interpretação do [r] nas línguas Nambikwara extraída de Costa (2020)**

No caso da língua Nutajensu, os contextos que levam à variação entre [s]/[r] e [l]/[r] se assemelham aos do Nambikwara do Campo analisados por Sousa (2018) e Costa (2020), quais sejam:

$/s/ \rightarrow [r]$

1) Em onset após /h/ na coda silábica em decorrência do rotacismo, como se vê nestes registros:

1a) /ualuh-su/  $\rightarrow$  [wa<sup>h</sup>lu:ru] = “tatu”

1b) /uahih-su/  $\rightarrow$  [ma<sup>h</sup>hi:ru] = “aririnha”

1c) /heh-su/  $\rightarrow$  [he:ru] = “saia de dança”



### 2.2.3 Vogais

O sistema fonológico vocálico do Nutajensu é constituído por 18 vogais, dentre os quais dispõem-se as vogais orais, nasais e laringais. As vogais orais podem ocorrer seguindo qualquer consoante em onset silábico e perante qualquer consoante em coda. Em termos de ocorrência na língua, as orais são as mais abundantes, seguidas das nasais e então pelas laringais. Estas últimas, cuja característica principal é a de possuírem o traço laringal (*creaky voice*), são bastante recorrentes nas línguas da família Nambikwara.

Apresentamos abaixo as vogais da língua Nutajensu e, na sequência, mostramos respectivamente as oposições e a descrição de cada uma delas:

| CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS VOCÁLICOS NOS TERMOS DE<br>CLEMENTS & HUME (1995) |                |           |          |                   |
|-----------------------------------------------------------------------------|----------------|-----------|----------|-------------------|
| [+silábico] [+vocoide]                                                      |                | [coronal] | [dorsal] | [labial] [dorsal] |
| [-aberto1]<br>[-aberto2]                                                    | Oral           | i         |          | u                 |
|                                                                             | Nasal          | ĩ         |          | ũ                 |
|                                                                             | Laringal       | ᵢ         |          | ᵘ                 |
|                                                                             | nasal laringal | ᵢ̃        |          | ᵘ̃                |
| [-aberto 1]<br>[+aberto 2]                                                  | Oral           | e         |          | o                 |
|                                                                             | Nasal          | ẽ         |          |                   |
|                                                                             | Laringal       | ᵉ         |          | ᵒ                 |
|                                                                             | nasal laringal | ẽ̃        |          |                   |
| [+aberto1]<br>[+aberto2]                                                    | Oral           |           | a        |                   |
|                                                                             | Nasal          |           | ã        |                   |
|                                                                             | Laringal       |           | ᵃ        |                   |
|                                                                             | nasal laringal |           | ã̃       |                   |

**Tabela 7 – Fonemas vocálicos do Nutajensu de acordo com a classificação de Clements e Hume (1995)**

## 2.2.3.1 Oposições vocálicas

/a/ : /i/

/iti-su/ [i'tisu] “homem”

/a-ti-su/ [a'tisu] “sangue”

/kuiʔt-su/ [kwiʔtsu] “veado”

/kuaʔt-su/ [kwaʔtsu] “veado do campo”

/kuata-su/ [kwat asu] “coruja buraqueira”

/a/ : /ã/

/ala-su/ [a'lasu] “jacu”

/alã-su/ [a'lã:su] “arara”

/a/ : /ã/

/ualut-su/ [ma'lutisu] “sua cabaça”

/ũalu-ki-su/ [m̃a'lukisu] “mamão

/a/ : /e/

/sanaj -su/ [sã'ņajsu] “tatu peba”

/sanejh-su/ [sa'ne:jru] “pimenta”

/a/ : /u/

/alakuih-su/ [ala'kwi:ru] “taquara”

/a-lukuih-su/ [alu'kwi:ru] “flecha”

/i/ : /ĩ/

|             |            |          |
|-------------|------------|----------|
| /a-neki-su/ | [a'nekisu] | “cabeça” |
| /a-nekĩ-su/ | [a'nekĩsu] | “cabelo” |

/i/ : /u/

|           |           |            |
|-----------|-----------|------------|
| /nini-su/ | [ni'nisu] | “mosquito” |
| /nunu-su/ | [nu'nusu] | “cotia”    |

|          |                       |                |
|----------|-----------------------|----------------|
| /tih-su/ | [ <sup>l</sup> dihsu] | “cobra” (gen.) |
| /tuh-su/ | [ <sup>l</sup> duhsu] | “mulher”       |

/i/ : /ĩ/

|              |             |         |
|--------------|-------------|---------|
| /a-niki-su/  | [a'nikisu]  | “mão”   |
| /a-nũnki-su/ | [a'nũ:kisu] | “braço” |

/ĩ/ : /u/

|            |           |           |
|------------|-----------|-----------|
| /a-sin-su/ | [a'sĩ:su] | “costela” |
| /a-su-su/  | [a'susu]  | “osso”    |

/e/ : /i/

|              |             |                   |
|--------------|-------------|-------------------|
| /tete-na-la/ | [de'tenala] | “ser mole, podre” |
| /titi-na-la/ | [di'tinala] | “ser sujo, ruim”  |

/e/ : /o/

|           |          |           |
|-----------|----------|-----------|
| /a-ie-su/ | [a'jesu] | “pescoço” |
| /a-io-su/ | [a'josu] | “boca”    |

/o/ : /u/

/hoh-su/            [ˈho:su]            “macuco”

/huh-su/            [ˈhu:su]            “irara”

/u/ : /ũ/

/alu-su/            [aˈlusu]            “rato”

/alũ-su/            [aˈlũsu]            “anta”

/ialu sa-ni/        [jaˈlu sãni:]        “morrer”

/ialũ sa-ni/        [jaˈlũ sãni:]        “estar com sede”

/u/ : /ũ/ : /ũ/

/tu-su/            [ˈtusu]            “mel europa”

/tũ-su/            [ˈtũsu]            “urucum”

/tɥ-su/            [ˈtɥsu]            “poibi”

/i/ : /ĩ/ : /ĩ/

/sih-su/            [ˈsihsu]            “oca”

/sĩ-su/            [ˈsĩ:su]            “nuvem”

/s̃ĩsu/            [ˈs̃ĩ:su]            “capim”

## 2.2.4 Descrição das vogais

### 2.2.4.1 Vogais orais e orais laringais

Foram registradas ocorrências de 10 vogais orais fonológicas no Nutajensu, 5 das quais são contraparte das orais plenas por apresentarem o traço laringal (i.e, *creaky voice*), como indicador de contraste. São elas: /i/, /ĩ/, /e/, /ẽ/, /a/ /ã/ /o/, /õ/, /u/ e /ũ/. As vogais orais são as mais recorrentes e podem realizar-se sucedendo quaisquer consoantes no onset e antecedendo quaisquer consoantes na coda silábica. Compõem ainda uma variada gama de sequências vocálicas, ditongos e tritongos.

O traço laringal pode ocorrer indiferentemente quando da realização das vogais. Nas línguas Nambikwara do Norte há uma grande variação quanto a sua ocorrência: Telles (2002), atesta que no Latundê o *creaky voice* é bem perceptível na fala dos informantes mais velhos e monolíngues. Já na fala dos mais novos e bilíngues há o apagamento deste traço, sendo um dos fatores contribuintes o sucessivo contato dos indivíduos com falantes do português. No Mamaindê (EBERHARD, 2009) e no Negarotê (BRAGA, 2016) as situações se assemelham. Ambos os autores afirmam que os falantes idosos se mostraram mais inflexíveis quanto à não realização do traço laringal nos vocábulos, ao passo que os mais jovens incorriam em seu apagamento ou não, de modo quase aleatório.

Durante nossas eliciações com os informantes, foi-nos perceptível que em fala espontânea - rápida, sem interrupções e sem questionamentos de nossa parte - o traço laringal se fazia presente. Quando solicitávamos que repetissem o vocábulo ou o enunciado pausadamente, eles geralmente incorriam na “divisão silábica”. Sobre a ocorrência cada vez mais frequente deste fenômeno, Telles (2002) sugere que:

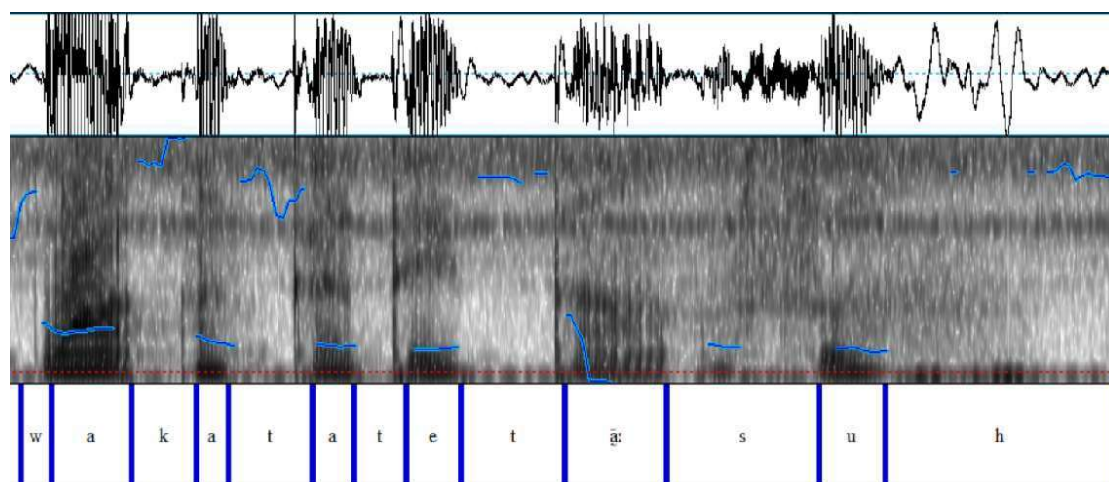
Sincronicamente, diferentes línguas da família têm demonstrado a perda crescente de alguns dos traços laringais, sendo esse processo bastante perceptível de uma geração para outra (Kroeker, 2001; Telles, 2002; Eberhard, 2009). Esse fenômeno pode favorecer a necessidade de um reajuste interno no sistema fonológico de cada língua, com vistas à manutenção dos contrastes no léxico, o qual é também motivado pelo contato linguístico. Os arranjos que vêm se dando nas línguas Nambikwára parecem promover mais rapidamente o distanciamento entre elas, de forma que várias correspondências históricas de traços laringais não são verificadas nos dados atuais.

No que diz respeito às línguas do Sul, o Kitãulhu, o Hahãintesu (Manairisu) e os dialetos dos Nambikwara do Campo também evidenciam a grande recorrência do traço laringal como

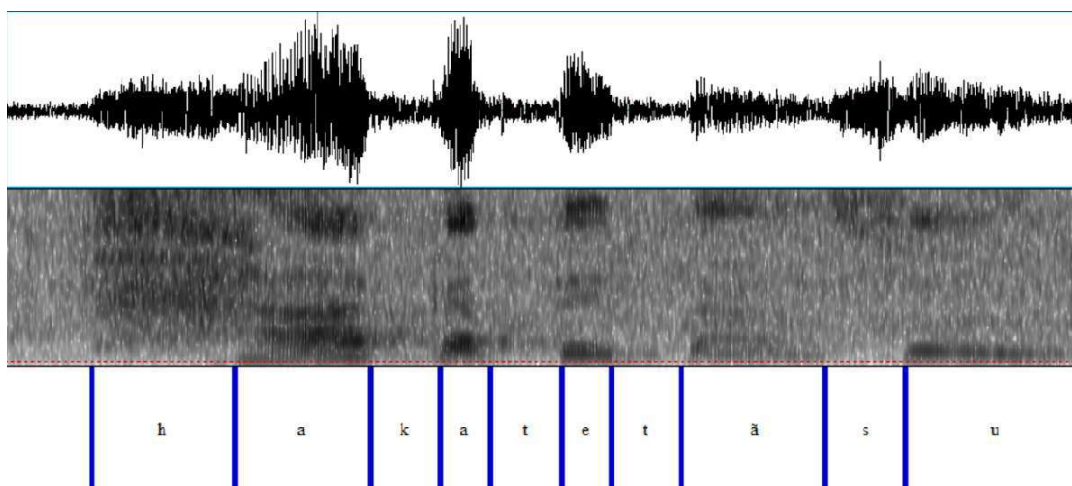
característica destas línguas. No caso do Nutajensu observamos que, de fato, assim como as línguas do Norte, os mais velhos, sobretudo idosos, se mostram mais rigorosos sobre sua realização. Mas ao contrário do Norte, o público jovem do Nutajensu realiza a laringação com certa frequência. É verdade que não o fazem na mesma proporção dos mais velhos, mas é leviano inferir que apagamento se sobressai demasiadamente à realização do traço.

É válido registrar que, no Nutajensu, a laringação foi mais recorrente entre as mulheres. Pesquisas fonoaudiológicas acerca de sua manifestação na fala de homens e mulheres apontam que este fenômeno é mais frequente entre o público feminino devido aos seus ciclos glóticos serem maiores. Diz respeito, “grosso modo”, a uma diferença nas fisiologias masculina e feminina, mas por se tratar de uma questão específica e cuja profundidade não diz respeito à nossa pesquisa, satisfaz a explanação de Henton e Bladon (1988) sobre a laringação. De acordo com os autores, as mulheres não precisam contrair as pregas vocais tanto quanto os homens para atingir esse nível de agrupamento/constricção, pois o menor comprimento de suas pregas vocais naturalmente propicia a reestruturação e espessura necessárias para a laringação.

Os espectrogramas abaixo ilustram a ocorrência do traço laringal em uma vogal nasal (primeiro quadro) e sua ausência (segundo quadro) nas falas dos informantes.



**Figura 9 – Espectrograma de informante do gênero feminino enunciando a palavra “joelho” (com laringação)**



**Figura 10 - Espectrograma de informante do gênero masculino enunciando a palavra “joelho” (sem laringação)**

Na fala feminina, percebe-se a ocorrência do chamado “*prototypical creaky voice*” por conter as seguintes propriedades características, de acordo com Keating et al (2015): a distorção e o enfraquecimento abrupto dos pulsos, o declínio da curva de intensidade, a diminuição do fluxo de ar e constricção da glote e uma fase “longa e fechada” de vibração das cordas vocais. Os autores apontam diferentes tipos de laringação, a maneira como eles se manifestam no vocábulo (início, meio ou fim) e fazem uma comparação entre estas realizações nas falas masculina e feminina. Por fugir ao escopo desta pesquisa, não nos ateremos a este tópico. Importa ressaltar, porém, a relevância de realizações distintas deste traço tão recorrente nas línguas indígenas e que se manifesta de formas diversas na fala humana.

Sobre a distribuição e o comportamento das vogais orais e orais-laringais na língua Nutajensu, fazemos a seguinte descrição:

**a) /i/ e /ĩ/**

As vogais alta coronal /i/ e sua contraparte laringal /ĩ/ possuem ampla distribuição no Nutajensu, podendo suceder quaisquer consoantes no onset, bem como preceder quaisquer consoantes na coda silábica. Ambas as vogais podem ocupar a posição no núcleo da sílaba. Juntamente com o /a/, a vogal alta /i/ é a que mais forma ditongos e tritongos com as demais vogais, além de sequências vocálicas<sup>20</sup>. Ademais, tem por alofones, respectivamente, os segmentos [i], [ĩ], [j], [j̥], [ɜ], [ɟ̥], [tʃ] e [ɲ]<sup>21</sup>. Abaixo apresentamos registros de ocorrências gerais destas vogais nos vocábulos, sendo de (187) a (191) para a vogal oral e de (192) a (196) para a vogal oral laringal.

(187) [ʔiʔta<sub>1</sub>ta:su] = “vento forte”

/iʔ.ta.ta.su/

/iʔt                    -a            -ta            -su/ vento-S.ESP-CL.grande-S.NOM

(188) [aʔhi<sub>1</sub>kaʔtiksu] = “pulso”

/a.hi.kaʔ.ti.ki.su/

/a-                    hiki    -a    -ti                    -ki            -su/

INAL-mão-S.ESP-pulso-CL.redondo.oblongo-S.NOM

(189) [titiaʔnari:ʔ] = “está sujo?”

/ti.ti.a.na.li/

/titi                                    a    -na            -li/

REDUPL.sujo-3SG-PRES-PERF.M.

(190) [aʔjerisu] = “fígado”

/a.je.li.su/

/a                    -ieli    -su/

INAL-fígado-S.NOM

(191) [ʔjo:su] = “pegar”

/joh.su/

/ioh                                    -su/

pegar,colher-S.NOM

---

20 As vogais altas /i/ e /u/ criam ditongos com vogais contíguas quando elas não são acentuadas e, quando acentuadas - previsível ou imprevisivelmente - as altas aparecem como núcleo silábico.

21 Os casos envolvendo todos os alofones do [i] serão apresentados no capítulo sobre os processos fonológicos, na seção “*fortalecimento dos glides*”.

- (192) [h<sub>i</sub>kataa # 'kãjn tũnala] = “[a próxima fase da lua será] a lua nova”

/h<sub>i</sub>.ka.ta.a kajn.tu.na.la/

/h<sub>i</sub> -ki -a -ta -a kain -tu -na -la/

lua-CL.redondo,oblongo-S.ESP-CL.grande-S.ESP CL.intens-FUT-3SG-PERF.M

- (193) [wĩ.nãw̃.ta.su] = “batata doce”

/wĩ.nãw̃.ta.su/

/wĩ -nãũ -ta -su/

batata.doce-CL.pó,terra-CL.grande-S.NOM

- (194) [ha'lu.jẽna # ko'koãnala] = “briga na aldeia é ruim”

/ha.lu.jẽ.na ko.ko.a.na.la/

/halu -jẽn -a koko -a -na -la/

briga-aldeia-S.ESP. REDUPL.ruim-3SG-PRES-PERF.M.

- (195) [ana'sĩsu] = “bochecha”

/a.na.sĩ.su/

/a -nasĩ -su/

INAL.-bochecha-S.NOM

b) /e/ e /ẽ/

As vogais médias anteriores oral /e/ e laringal /ẽ/ tem por alofones, respectivamente, [e] e [ẽ]. Estas vogais apresentam distribuição razoável na língua, podendo anteceder e suceder quaisquer consoantes, com exceção da obstruinte /k/. No que tange ao seu comportamento perante outras vogais, contudo, ambos revelam distribuição mais restrita: o /e/ antecede apenas o /i/ e sucede ambas a vogal alta anterior /i/, sendo o ditongo decrescente /ei/ razoavelmente recorrente. Não foram registrados casos em que a vogal média antecedesse a alta posterior compondo o ditongo /eu/. Também foi verificada a ocorrência de ditongos envolvendo a vogal laringal /ẽ/, mas de realização bem menos recorrente do que sua contraparte oral. Os registros

de (196) a (199) exemplificam ocorrências variadas destas vogais médias nos vocábulos, e de (200) a (203) encontram-se exemplos dos ditongos e sequências vocálicas mencionadas.

(196) [eʔ<sup>l</sup>ratsu] = “urina”

/eʔ<sup>l</sup>.lat.su/

/eʔ<sup>l</sup>lat -su/

urina-S.NOM

(197) [ane<sup>l</sup>nẽ: tʃu] = “orelha”

/a.ne.nẽ.su/

/a -nenen -su/

INAL.orelha-S.NOM

(198) [he<sup>l</sup>henãna:] = “é vermelha”

/he.he.na.na/

/hehe 0 -na -na/

REDUPL.vermelho-3SG-PRES-PERF.F

(199) [jɛ<sup>l</sup>daõ: # <sup>l</sup>ka<sub>l</sub>lẽ:su] = “casca do jabuti”

/jɛ<sub>l</sub>.tãw ka.lẽ.su/

/jɛ<sub>l</sub>tãũ -kali -ẽn -su/

jabuti-CL.liso-CL.côncavo-S.NOM

(200) [ʰsĩh a: # sa<sup>l</sup>te:jru] = “céu azul”

/sĩ<sub>l</sub>.ha sa.tejh.su/

/sĩh -a asateih -su/

céu-S.NOM-cor.azul-S.NOM

(201) [t̥e:sa'we,rẽ:t̥fu] = “rede dele [do Jamil]”

/te.ɛʔ.sa.we.lẽn.su/

/teʔe                      saueli      -ẽn                      -su/

FL.3SG                      rede-CL.côncavo-S.NOM

(202) ['waʔte,t̥e-su] = “borboleta”

/waʔ.te.t̥e.su/

/uaʔt̥et̥e-                      su/

borboleta-S.NOM

(203) [ka't̥eʔksu] = “borrachudo” (tipo de inseto)

/ka.t̥eʔ.ksu/

/kat̥eʔ                                      -ki                                      -su/

borrachudo-CL.redondo,oblongo-S.NOM

c) /a/ e /ã/

A vogal central baixa /a/ é a mais recorrente dentre as vogais do Nutajensu e, da mesma forma, sua correspondente /ã/<sup>22</sup> é a de maior ocorrência dentre as vogais laringais. Sua abundância também se justifica pelo fato de também ser, morfologicamente, o prefixo possessivo de inalienabilidade. Isto significa que a ausência do -a em nomes que indicam posse inalienável é agramatical e o mesmo raciocínio se aplica nos casos em que os nomes indicam posse alienável. Tais vogais apresentam por alofone as correspondentes [a] e [ã], respectivamente. Sua distribuição, tendo em vista a frequência com que se apresenta na língua, é bastante ampla: /a/ e /ã/ podem anteceder e suceder quaisquer vogais, consoantes e ambos os glides. Por ser a vogal mais abundante na língua, naturalmente é o segmento que mais compõe ditongos, tritongos e sequências vocálicas.

- (204) [mãʔ 'lukisu] = “mamão”

/wãʔ.lu.ki.su/

/uãʔ lu -ki -su/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- (205) [wãl ã'na: # wã' la,sãnala:] = “nós existimos”<sup>23</sup> (lit. “nós somos nós”)

/wã.la.na wã.la.sa.na.la/

/uãlana uãl a -sa -na -la/

1PL FL.1PL-O.1SG-PRES-PERF.M.

- (206) [ŋã'na:la # ka'kõ:ɬu] = “pantera” (lit. “onça preta”)

/ja.na.li.a ka.kãwli.su/

/iana-li -a kakãũ -li -su/ onça-?-S.ESP preto -?-S.NOM

- (207) [wã' laʔtasu] = “tatu grande”

/wã.li.aʔ.ta.su/

/uãli -a -ta -su/

tatu-S.ESP-CL.grande-S.NOM

- (208) [a'lãt asu] = “arara grandona”

/a.lã.ta.su/

/alã -ta -su/

arara-CL.grande-S.NOM

22 É bastante comum a realização da vogal laringalizada mesmo quando da ausência do traço na subyacência.

23 As palavras Nutajensu correspondentes aos verbos abstratos do tipo *pensar*, *sonhar*, *existir*, *imaginar*, *acreditar* foram os mais difíceis de elicitar. No caso do verbo *existir*, o sentido correspondente com *eu existo* que o falante propôs foi “eu sou eu”. A mesma interpretação foi feita para *nós existimos* (“nós somos nós”)

- (209) ['dajra: # 'kaja,tʃawa # naʔ 'təj<sup>d</sup>nnala:] = “eu nunca experimentei chicha de milho”  
 /taj.na ka.ja.jaw.a naʔ.təjn. na.la/  
 /taina kai -a -iaʊ -naʔ -təjn -na -la/  
 1SG milho-S.ESP-CL.líquido-NEG-experimentar-PRES-PF.MASC

d) /o/ e /o/

As vogais médias posteriores oral /o/ e oral laringal /o/ são as de menor ocorrência no Nutajensu e suas distribuições são relativamente restritas. Estas vogais sucedem e antecedem apenas um grupo seletivo de consoantes, a saber: a fricativa /h/, a lateral /l/ e as oclusivas /k/ e /t/, sendo as duas plosivas as mais frequentes com as quais o /o/ se combina. Com relação às demais vogais, seu comportamento é também específico, formando apenas um ditongo decrescente com a vogal alta labial /u/ ([ow]), e compondo juntamente com a vogal alta coronal um único ditongo crescente ([jo]).

Ressalte-se também a ausência desta vogal na modalidade nasal e nasal-laringal, que ocorrem apenas na superfície, em flutuação com o ditongo [aw], que às vezes se realiza como a vogal oral /o:/<sup>24</sup>.

- (210) ['oka,losu] = “céu”  
 /o.ka.lo.su/  
 /o -kalo -su/  
 céu-CL.comprido-S.NOM

- (211) ['how:su] = “macaco prego”  
 /how.tsu/  
 /hout -su/  
 macaco.prego-S.NOM

- (212) ['duha # ko'koanãni:] = “a moça é feia”  
 /tu.ha ko.ko.a.na.ni/

/tuh                      -a                koko                -a                -na                -ni/  
mulher-S.ESP                      REDUPL.feio-S.ESP-PRES-PERF.F

(213) [ʔjaʔka<sub>l</sub>loksu] = “sapato”  
/jaʔ.ka.lo.ki.su/  
/iaʔ                      -kalo                      -ki                      -su/  
sapato-CL.comprido-CL.redondo,oblongo-S.NOM

(214) [jo<sup>1</sup>lakisu] = “despedaçar,esquartejar”  
/jo.la.ki.su/  
/iolaki                                              -su/  
despedaçar,esquartejar-S.NOM

(215) [jeto<sup>1</sup>toʔtasu] = “pato”  
/je.to.toʔ.ta.su/  
/ietotoʔ                                              -ta                      -su/  
REDUPL.pato-CL.grande-S.NOM

(216) [ho<sup>1</sup>hoksu] = “coruja”  
/ho.ho.ki.su/  
/hoho                                              -ki                      -su/  
REDUPL.coruja-CL.redondo,oblongo-S.NOM.

(217) [a<sup>1</sup>loʔ<sub>l</sub>tasu] = “bicho-preguiça”  
/a.loʔ.ta.su/  
/aloʔ                                              -ta                      -su/  
bicho-preguiça-CL.grande-S.NOM

---

24 Embora seja o mais comum na língua haver o alongamento vocálico nesses casos, verificamos também a não realização do alongamento, especialmente no morfema /lau/ → [lo:] ~ [lo].

e)                    /u/ e /u/

Estas vogais apresentam ampla distribuição, podendo ocorrer em início, fronteira de palavra e no final dela, bem como ocupar o núcleo silábico isoladamente. Pode também ser antecedido por quase todas as consoantes do inventário fonológico da língua. Chame-se a atenção para a consoante glotal /ʔ/ sucedendo o /u/, bastante frequente no nível frasal. Acerca de sua distribuição com as vogais, /u/ e /u/ compõem boa parte dos ditongos e tritongos fonológicos da língua juntamente com o /i/ e o /a/. Com relação ao traço laringal, percebemos que ele ocorre no início e meio de vocábulo. As alofonias desta vogal alta são variadas: além de suas contrapartes [u] e [u̥], registramos também variação com [w], [m], [p] e [b], para as quais destinaremos uma seção exclusiva<sup>25</sup> haja vista sua complexidade e extensão.

Os registros compilados abaixo mostram a realização da vogal /u/ nos diversos ambientes do vocábulo, incluindo as ocorrências em que o segmento apresenta o traço laringal, em que se realiza formando ditongos e sequências vocálicas.

(218) [wa<sup>1</sup>tuʔksu] = “relâmpago”

/wa.tuʔ.ki.su/

/uatʉki -su/ relâmpago-S.NOM

(219) [<sup>1</sup>hũ:ɜawsu] = ‘tinta’

/hũn.jəw.su/

/hũn                      -iau                      -su/

tinta-CL.líquido-S.NOM

(220) [l<sup>h</sup>uakisu] = “cobra cascavel”

/hu.a.ki.su/

/ʰuaki -su/

cobra.coral-S.NOM

25 Vide Capítulo III, *Processos fonológicos*, na seção “oclusão do glide labial”

(221) [<sup>1</sup>ŋĩ<sub>1</sub>nĩ<sub>2</sub>:su] = “minhoca”

/ɿũ.nãw̃.su/

|     |      |      |
|-----|------|------|
| /ĩũ | -nãũ | -su/ |
|-----|------|------|

minhoca-CL.pó,terra-S.NOM

(222) [sa'weʔtsu] = “floresta”

/sa.weʔ.tsu/

/saueʔt -su/

floresta-S.NOM

(223) [h<sup>h</sup>wã<sup>h</sup>wã<sub>η</sub>õ:tasu] = “lacraria”

/w̃ã.w̃ãw̃.nãw̃.ta.su/

/ũã.ũãũ                      -nãũ                      -ta                      -su/

REDUPL.lacraia-CL.pó,terra-CL.grande-S.NOM

(224) [l'wajʔka<sub>1</sub>losu] = “flecha”

/wajʔ.ka.lo.su/

/uai? -kalo -su/

flecha-CL.comprido,unidimensional-S.NOM

#### 2.2.4.2. Vogais nasais e nasais laringais

As vogais nasais e nasais-laringais que compõem a língua Nutajensu são 8: /ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, â, ã, õ, ũ, ỹ/. Excetuam-se as vogais médias posteriores [õ] e [õ̃], que não se apresentam fonologicamente nas referidas modalidades. Estas vogais manifestam-se apenas enquanto realizações de superfície, portanto, apresentando-se como variantes do ditongo fonológico /ãũ/.

As vogais nasais são frequentes no Nutajensu, apresentando apenas menor ocorrência do que as vogais orais. Seguindo a mesma lógica, as vogais nasais-laringais são menos recorrentes que as nasais, configuração esta que também se aplica às demais línguas do grupo Nambikwara.

As vogais nasais podem ocorrer sozinhas no núcleo (embora não seja muito comum) ou formando ditongos e, neste caso, as duas vogais envolvidas apresentam o traço nasal, que se espalha da vogal nuclear para o glide adjacente. O mesmo processo se aplica ao traço laringal.

As vogais nasais da língua Nutajensu podem estar condicionadas ou não à consoante nasal tautossilábica, fato que também se configura nas demais línguas da família Nambikwara, sobretudo às do Norte. Por exemplo, no Latundê e Lakondê, Telles (2002) admite que a ocorrência das vogais nasais relaciona-se diretamente com a tonicidade e, no Mamaindê, Eberhard (2009) atesta que elas podem realizar-se em sílabas acentuadas ou não acentuadas, na presença ou ausência de consoante nasal tautossilábica.

Observamos em nossos dados que as vogais médias nasais tem realização menor do que as baixas nasais. Além de haver ocorrências mais restritas do /ẽ/ e da nasal laringal /ẽ̃/, as médias /õ/ e /õ̃/ inexistem no inventário fonológico da língua. A ausência destas duas últimas, aliás, é uma característica das línguas Nambikwara, constando apenas a média nasal /õ/ no Mamaindê. Eberhard (2009), inclusive, alega que as vogais altas e baixas são as mais propensas a apresentarem uma contraparte nasal, ao contrário das vogais médias. Para as línguas do Sul, o raciocínio é o mesmo: na obra de Kroeker (2001) constatamos a ausência das vogais médias nasal e nasal-laringal [õ] e [õ̃], respectivamente, assim como Costa (2020) também assinala sua inexistência na fonologia das línguas Nambikwara do Campo.

Há ainda que se mencionar os casos de nasalização das vogais orais, oriundas da assimilação da nasalidade da consoante nasal adjacente heterossilábica, configurando casos de nasalização regressiva, cuja explanação encontra-se no capítulo destinado aos processos fonológicos, no tópico *nasalização regressiva*. Os casos de nasalização progressiva foram pontuais, motivo pelo qual não nos estenderemos em sua análise.

Em síntese, admitimos para a língua Nutajensu que as vogais nasais lexicais ocorrem somente em sílaba tônica, único ambiente em que a nasalização é contrastiva. Aliás, a nasalidade é contrastiva em sílaba aberta e em sílaba fechada por /n/, onde ocorrem também as vogais orais. A título de exemplificação do comportamento da nasalização do Nutajensu, apresentamos os exemplos seguintes de nasalização contrastiva e alofônica:

Contrastiva em sílaba tônica aberta:

Ex:

|                                |                                |
|--------------------------------|--------------------------------|
| [a <sup>l</sup> lusu] = “rato” | [a <sup>l</sup> lũsu] = “anta” |
| /a.lu.su/                      | /a.lũ.su/                      |
| /alu -su/                      | /alũ -su/                      |
| rato-S.NOM                     | anta-S.NOM                     |

Ex:

|                                    |                                    |
|------------------------------------|------------------------------------|
| [a <sup>l</sup> nekisu] = “cabeça” | [ane <sup>l</sup> kĩsu] = “cabelo” |
| /a.ne.ki.su/                       | /a.ne.kĩ.su/                       |
| /a -neki -su/                      | /a -nekĩ -su/                      |
| INAL-cabeça-S.NOM                  | INAL-cabelo-S.NOM                  |

Contrastiva em sílaba tônica fechada por /n/:

Ex:

|                                    |                                  |
|------------------------------------|----------------------------------|
| [a <sup>l</sup> hankisu] = “claro” | [a <sup>l</sup> hã:kisu] = “rim” |
| /a.han.ki.su/                      | /a.hãn.ki.su/                    |
| /ahanki -su/                       | /a -hãn -ki -su/                 |
| claro-S.NOM                        | INAL-rim-CL.redondo,oblongo      |

Previsível e opcional em sílaba átona, devido à presença de consoante nasal adjacente:

Ex:

|                                        |
|----------------------------------------|
| [anã <sup>l</sup> nejsu] = “cor verde” |
| /ananei -su/                           |
| cor.verde-S.NOM                        |

Ex:

|                                             |
|---------------------------------------------|
| [ <sup>l</sup> hĩnã] <sup>26</sup> = “hoje” |
| /hĩn -a/                                    |
| ADV.hoje-S.ESP                              |

---

26 Este é um dos pouquíssimos casos de nasalização progressiva na língua. Além de não ser recorrente, percebemos que se restringiu às informantes do sexo feminino.

Na sequência, descrevemos o comportamento e distribuição das vogais nasais e nasais-laringais da língua Nutajensu<sup>27</sup>:

a) /ĩ/ e /ĩ̃/

As vogais altas coronais nasal /ĩ/ e nasal-laringal /ĩ̃/ ocorrem em início e meio de vocábulo, sendo que apenas a nasal não-laringalizada realiza-se ao final da palavra. Sua distribuição se dá perante e após as consoantes oclusiva /t/, glotal /ʔ/, nasal /n/ e as fricativas glotal e coronal, respectivamente /h/ e /s/. Ressalte-se que, embora estas vogais se apresentem com frequência na língua, a ocorrência da nasal-laringal /ĩ̃/

foi substancialmente menor que a nasal /ĩ/. Este último, aliás, é produzido pelas mulheres na categoria lexical dos verbos (e apenas neles), no intuito de promover uma distinção com a fala masculina que, nos verbos, realizam a vogal oral não-marcada /i/.

#### 1.4.7.1 Exemplos com nasalização fonológica

(225) [sĩ:a'hãtasu] = “céu branco”

/sĩ̃ a.hã.ta.su/

/sĩ̃      -ahã      -ta      -su/

céu-cor branca-CL.grande-S.NOM

(226) [ʔĩ:ʔtũna:] = “sai daí”

/ĩ̃ tu.na/

/ĩ̃ -tu      -na/

sair-FUT-PERF.M.

---

27 Os registros utilizados para exemplificar a nasalização das vogais foram compilados e explicitados neste tópico independentemente do tipo de nasalização (contrastiva ou fonética). O intuito foi apenas o de elucidar a ocorrência da nasalização vocálica da língua

(227) [a<sub>1</sub>ĩĩ anẽ<sup>1</sup>nẽsu] = “batata vermelha”

/a.ĩĩ a.nẽ.nẽ.su/

/a            -ĩĩ                            -a                            nene                            -su/

INAL-batata doce-S.NOM                            cor vermelha-S.NOM

(228) [a<sub>1</sub>ĩĩ anẽ<sup>1</sup>nẽsu] = “batata vermelha”

/a.ĩĩ a.nẽ.nẽ.su/

/a            -ĩĩ                            -a                            nene                            -su/

INAL-batata doce-S.NOM                            cor vermelha-S.NOM

#### 1.4.7.2 *Exemplos com nasalização fonética em sílaba átona:*

(229) [hi<sup>1</sup>katinãĩ:] = “está doendo [a cabeça]”

/hi.ka.ti.na.ni/

/hikati                            -na                            -ni/

dor-1SG.PRES-PERF.FEM

(230) [tãĩn a # ahĩ<sup>1</sup>nĩ: # wa<sup>1</sup>kõna<sub>1</sub>tu:a] = “vou trabalhar hoje”

/taj.na a.hi.nĩn wa.kon.na.tu.wa/

/taina                            ahinĩn                            uakon                            -a                            -ua/

1SG                            ADV.hoje,agora                            trabalhar-PRES-IMPERF.M

## b) /ẽ/ e /ẽ̃/

As vogais médias coronais nasal /ẽ/ e nasal-laringal /ẽ̃/ apresentam-se majoritariamente em início de vocábulo, realizando-se apenas em sílaba acentuada. Podem suceder a maioria das consoantes, sendo a composição mais comum e recorrente com a consoante nasal /n/. Ambas formam sequências vocálicas, sendo a mais recorrente o ditongo crescente /ũẽ/, denotador de diminutivo na língua. O contrário porém (isto é, formação de ditongos decrescente com a vogal alta posterior /u/) não foi verificada na língua. Foram poucos os registros da vogal média nasal /ẽ/ e mais raros ainda de sua contraparte laringal /ẽ̃/.

1.4.7.3 *Exemplos com nasalização fonológica:*

(231) [a'wẽ̃risu] = “bebê”

/a.wẽ̃.li.su/

/a                      -ũẽ                      -li      -su/

INAL-CL.pequeno,filhote-?-S.NOM

(232) [tẽ̃hsu] = “mosca”

/tẽ̃h.su/

/tẽ̃h      -su/

mosca-S.NOM

(233) [aka'nẽ̃:su] = “banha [de animal]”

/a.ka.nẽ̃n.su/

/a-                      -kane                      -ẽ̃n                      -su/

INAL-carne-CL.côncavo-S.NOM

1.4.7.4 *Exemplos com nasalização fonética em sílaba pretônica:*

(234) [asĩ'nẽsu] = “ânus”

/a.si.nẽ.su/

/asinẽ                      -su/

ânus-S.NOM

(235) [nã'na:ɫu] = “lagarto”

/ja.nah.li.su/

/ianah-li-su/

lagarto- ?-S.NOM

c)                      /ã/ e /ã̃/

As vogais central baixa nasal /ã/ e central baixa nasal-laringal /a/ são as mais recorrentes dentre todas as nasais e nasais-laringais do Nutajensu. No que diz respeito à sua distribuição, estas vogais ocorrem seguindo quaisquer consoantes no onset silábico e antecedendo quaisquer consoantes na coda. Apresentam-se também, na grande maioria das vezes, em sílaba tônica no início, meio e final de vocábulo. Também não foram raros registros em que se realizam antecedendo a consoante nasal /n/, embora não seja o ambiente preferido de sua manifestação. Estas vogais são as mais recorrentes na formação dos ditongos e tritongos da língua, sobre os quais falaremos mas adiante. Exemplos com nasalização fonológica:

236)                      [ˈã̃:ːmala] = “estar muito bravo”

/ã̃.na.la/

/ã̃                      0                      -na                      -la/

ser bravo-3SG-PRES-PERF.M

237)                      [aˈlãsu] = “arara”

/a.lã.su/

/alã                      -su/

arara-S.NOM

238) ['w̥arika:l̥ãt̥ʃu] = pólvora

/w̥a. li.ka.a.l̥ã.n.su/

/u̥ali -ki -a -a -l̥ã -su/

pólvora-CL.redondo-S.NOM-INAL-?-S.NOM

#### 1.4.7.5 *Exemplos com nasalização fonética*

238) [hã'nesa] = “esse fogo”

/ha.ne.sa/

/hane -sa/

fogo-S.NOM

239) [mãne'kasitesu] = “[é] meio-dia”

/wa.ne.ka.si.te.su/

/uanekasi -te -su/

meio-dia-DEM-S.NOM

240) [sã'nej: ra] = “a pimenta”

/sa.nejh.sa/

/sanejh -sa/

pimenta-S.ESP

d) /ũ/ e /ũ̃/

A vogal alta posterior nasal /ũ/ apresenta recorrência e distribuição razoáveis na língua Nutajensu, ao contrário de sua contraparte nasal-laringal /ũ̃/. A primeira manifesta-se preferencialmente em início e meio de vocábulo, pode ocupar o núcleo sendo o único componente silábico e não se realiza no final da palavra. O mesmo comportamento não se aplica à sua contraparte nasal-laringal, que só realizou-se em início e meio de vocábulo, sendo esta última recorrência bem mais modesta na língua.

No que concerne a sua distribuição com relação às consoantes, as vogais em questão podem ser antecedidas pelas oclusivas /k/ e /t/, as fricativas /h/ e /s/, a glotal /ʔ/, a nasal /n/ e a lateral /l/ e igualmente sucedidas por todas elas. Por fim, apenas /ũ/ foi constatado na posição de núcleo em sílabas com ditongo.

#### 1.4.7.6 *Exemplos com nasalização fonológica:*

##### 1.4.7.7

(241) [tũm:su] = “bizorro”

/tũn.su/

/tũn -su/

bizorro-S.NOM

(242) [kũm:su] = “cipó” (tipo de)

/kũn.su/

/kũn -su/

cipó-S.NOM

(243) [ka'lũa # kwa|kwaj:ɭu] = “xexéu preto”

/ka.lũa.a kwa.kuwaɣijh.li.su/

/kalũa -a kuakuɣajh -li -su/

ser.escuro-S.NOM REDUPL.xexéu-?-S.NOM

#### 1.4.7.8 *Exemplos com nasalização fonética:*

(244) [nũ'nukĩnãna] = “é estreita [essa estrada]”

/ɲũ.nu.kĩ.nã.na/

iunuki 0 -na -na

ser.estreito-3SG-PRES-PERF.F

(245) [kã'nũsãnala:] = “está escuro”

/kã.nũ.sã.na.la/

/kanũ                    -sa       -na       -la/

escuro-O.1SG-PRES-PERF.M

#### 2.2.4.3 Glides x vogais

Antes de prosseguirmos para a explanação da sílaba do Nutajensu, julgamos necessário fundamentar nossa escolha em considerar os glides da língua como realizações fonéticas em vez de fonemas. Tratam-se de segmentos cuja natureza é problemática e controversa, motivo pelo qual intentamos justificar nosso embasamento teórico e a maneira pela qual os percebemos e interpretamos no sistema linguístico do Nutajensu.

Os glides identificados foram o labiovelar [w] e o palatal [j], que ocorreram com bastante frequência na língua enquanto realizações de superfície, conforme menção supracitada. A dificuldade apresentada pelos glides recai em seu status no componente silábico: são tradicionalmente designados como semiconsoantes e semivogais ou, ainda, tidos por alguns estudiosos como sons apenas consonânticos e, por outros, apenas vocálicos. De acordo com Dubois et al (1993), os linguistas modernos tem convergido em classificar os glides (e as nasais, líquidas e vibrantes) como soantes; ou seja, tipos de consoantes que “apresentam o grau de obstáculo mais fraco [...] e se aproximam das vogais, por oposição às fricativas e às oclusivas chamadas assoantes, que se realizam acusticamente como ruídos” (p.561).

Quanto à questão da afiliação das vogais altas na estrutura silábica como parte do núcleo ou como coda, interpretamos o fato que os glides do Nutajensu se combinam com quase qualquer vogal da língua (as exceções sendo do tipo sistemática, como veremos abaixo) em qualquer ordem, como prova que representam segmentos independentes que se ligam às margens da sílaba, diferentemente de ditongos ‘verdadeiros’ como existem em outras línguas, que fazem parte de um núcleo complexo, as partes dos quais muitas vezes não são claramente isoláveis, ou se combinam de maneira assistemática ou restritiva.

Se considerados segmentos consonantais, os glides são acrescentados ao inventário fonológico das consoantes da língua, sendo palatal e labial, respectivamente, /j/ e /w/. Enquanto elemento consonântico, a implicação é o travamento da sílaba como em /haj-su/ (*‘roça’*) e o molde silábico será portanto (CVC). Se os glides são tratados como manifestações de vogais altas lexicais, não precisam ter lugar no sistema das consoantes contrastivas da língua. O caráter de serem aproximantes (glides) será uma questão de interpretação fonética de uma vogal alta

silabada como onset ou coda silábica. É essa a posição de Mattoso Camara (1977) discutindo o status dos glides no português brasileiro quando diz que: “em fonética, teríamos de pôr a solução em termos de diferença de som entre esses assilábicos e os silábicos correspondentes. Em fonêmica, ao contrário, os assilábicos podem ser os mesmos fonemas que as vogais silábicas respectivas, embora acusticamente muito diversos, porque variantes posicionais em distribuição complementar” (p.56)

Sob a perspectiva de Lopez (1979), vogais e glides são soantes não-consonantais, sendo a silabificação o fator determinante para seu comportamento e valor dentro da sílaba. Isso significa que as vogais [-altas] sempre constituirão núcleo silábico e as vogais [+altas] tornam-se glides ou semivogais quando são silabadas nas posições marginais da sílaba.

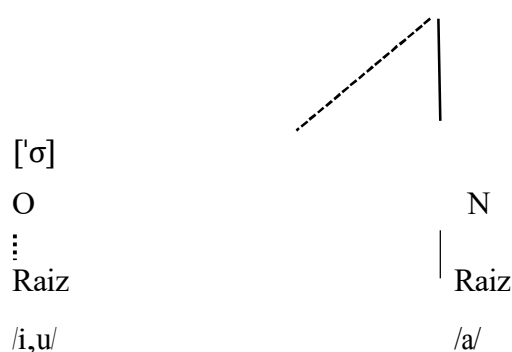
Uma das interpretações utilizadas como argumento para identificar o status dos glides diz respeito a uma questão tipológica: grande parte dos sistemas linguísticos do mundo tem por glides as vogais altas de seu inventário fonológico. Isso se deve à escala de sonoridade, na qual as vogais altas se apresentam, dentro da classe das vogais, como as menos sonoras, o que as torna elegíveis na ocupação das margens silábicas. Outro motivo para tratar os glides como derivados de vogais altas tem a ver com a falta de contraste entre sequências de vogal com glide (GV/VG) e sequências de vogais altas e não-altas ( $V_{\text{alta}}V/VV_{\text{alta}}$ ). Por exemplo, a língua Nutajensu não possui um contraste entre, por exemplo /ia/-/ja/ ou /ai/-/aj/ (onde /a/ representa qualquer uma das vogais da língua) quando a vogal alta não é acentuada. É possível prever o caráter nuclear ou não-nuclear do glide por regras de silabificação, como mostraremos adiante. Numa escala de sonoridade que vai da vogal mais baixa às plosivas surdas, as línguas decidem a partir de qual grau um som pode ser marginal. Isto é, quando uma vogal se comporta como consoante por poder aparecer na margem silábica, isto não quer dizer que ela corresponde, de fato, a um segmento lexicalmente marcado como consoante. Por outro lado, uma vez colocado no onset da sílaba, o glide pode se fortalecer, ou seja, adquirir traços verdadeiramente consonantais. As vogais altas sendo as menos sonoras dentre as demais, serão mais facilmente eleitas a ocuparem as margens da sílaba. E, ao mesmo tempo, são suficientemente sonoras para também poderem funcionar como núcleo.

Para o Português Brasileiro, Bisol (1989) e Silva (1992), proponham que, na sequência VG (vogal + glide), os glides ocupam a segunda posição num núcleo ramificado; ao passo que para Câmara Jr (1969), Wetzels (1997) e Bisol (1999), estes segmentos ocupam a coda silábica. Lopez (1979) e Bisol (1999), Collichonn e Wetzels (2016) sugerem que os glides são derivados de vogais subjacentes, inseridos na estrutura silábica durante a silabificação.

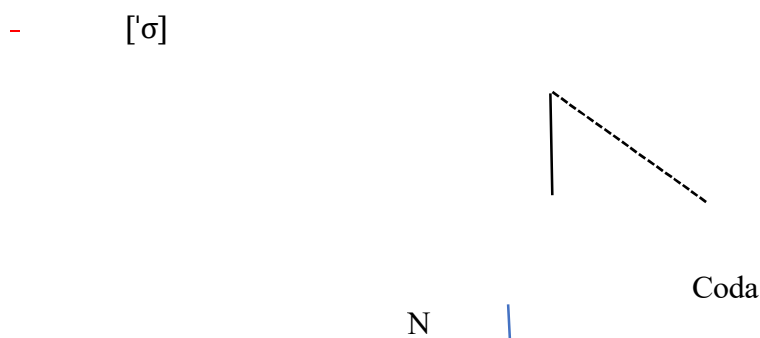
Da mesma maneira consideramos os glides da língua Nujajensu como sendo fonéticos, isto é, [j] e [w], e apresentam-se como alofones, respectivamente, das vogais altas /i/ e /u/. Sendo assim, há uma boa variedade de ditongos, tritongos e sequências vocálicas na fonologia da língua. Além dos próprios glides, ambas as vogais altas ainda tem por alofones as seguintes consoantes: para o /i/ a nasal palatal [ɲ], fricativa palatal [ç], africada alveolar [dʒ] e africada alveolar [tʃ] quando nas sequências /ia/, /ie/ e /iu/; e para o /u/, a nasal labial [m] e as oclusivas labiais surda [p] e sonora [b]. As ocorrências e distribuições de cada um deles serão detalhadas na sessão sobre os processos fonológicos.

Por fim, apresentamos abaixo um esquema sobre o comportamento do glide e da vogal na sílaba utilizando as sequências supramencionadas [ja,wa] e [aj,aw] para elucidar nossa interpretação teórica.

Vogal alta silabada como onset silábico no início da palavra ou em posição intervocálica  
 $V i V \rightarrow V j V$  e  $\# i V \rightarrow \# j V$ .



Vogal alta silabada como coda em final de palavra ou quando seguido por consoante ( $V i C \rightarrow V j C$  e  $V i \# \rightarrow V j \#$ )



|      |       |
|------|-------|
|      | Raiz  |
| Raiz | /i,u/ |
|      | ⋮     |
| /a/  |       |

Como observado no capítulo sobre a sílaba, a vogal /u/ pode formar onset com a plosiva dorsal /k/: KuV → [kwa]

#### 2.2.4.4 Ditongos e tritongos

Verificamos a ocorrência de ditongos e tritongos derivados na língua Nutajensu, nasais, orais e laringais. As representações prosódicas envolvendo os ditongos são diversas nas línguas Nambikwara. Para o Latundê e o Lakondê, Telles (2002), considera as sequências de vogais e glides (GV), (VG) e (GVG), havendo portanto ditongos crescentes e decrescentes. Para o Mamaindê e Negarotê, Eberhard (2009) e Braga (2016) assumem os ditongos como sendo uma sequência de duas vogais que ocupam o núcleo silábico, isto é, o núcleo é ramificado. Para as línguas do Sul, Kroeker (2001) assume que são dois os ditongos: /au/ e /ai/. Ao observarmos os exemplos dado pelo autor ao longo de sua obra, verificamos que estes ditongos também se apresentam nas modalidades nasal e laringal, perfazendo um total de seis ditongos, portanto: /au, ãũ, au, ai, ãĩ, ai/. Afora estes seis, Kroeker (2001) não registra a ocorrência de outros ditongos, tampouco realizações com a vogal nasal laringal /ã̃/.

Para as línguas Nambikwara do Campo, as que mais se assemelham ao Nutajensu, Costa (2020) interpreta os ditongos como realizações apenas fonéticas derivadas de sequências de vogais na representação lexical. Conforme explanação acima acerca dos glides e das vogais, assumimos este mesmo viés para o Nutajensu, pois levamos em consideração o comportamento dos glides e das vogais altas na sílaba, nas posição de núcleo, onset e coda, bem como os processos fonológicos que ocorrem nestes ambientes. Sendo assim, na superfície o ditongo apresenta-se como uma sequência vocálica em que um glide derivado de uma vogal alta átona lexical adjacente a outra vogal, que pode ou não ser tônica. O núcleo da sílaba será ocupado por apenas uma vogal. A vogal alta átona, por sua vez, realizar-se-á como glide, pois ocupará as margens silábicas: na posição de onset, formará um ditongo crescente e na posição de coda, um ditongo decrescente.

Isso posto, contabilizamos 23 ditongos e 9 tritongos fonéticos envolvendo vogais orais, nasais, laringais e nasais-laringais. A composição dos tritongos da língua segue o mesmo raciocínio dos ditongos: compõem-se três segmentos, sendo uma vogal nuclear e dois glides periféricos. Nos quadros abaixo visualizam-se os ditongos e tritongos verificados no Nutajensu:

| DITONGOS   |                                                                            |                                                         |
|------------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| Vogal alta | Crescentes                                                                 | Decrescentes                                            |
| /iV/       | *[ji] [ju] , [jũ]<br>[je], [jẽ] [jo]<br>[ja]                               | -                                                       |
| /Vi/       | -                                                                          | *[ij], *[oj], *[uj]<br>[ej], [ej̃]<br>[aj] [aj] , [ãj̃] |
| /uV/       | *[wu], *[wo] [wi], [wĩ], [wĩ̃] ,<br>[we], [wẽ], [wẽ̃]<br>[wa], [wã], [wã̃] |                                                         |
| /Vu/       |                                                                            | *uw], *[ew] [iw]<br>[ow]<br>[aw] [ãw̃]                  |

1.4.8 Tabela 8 - Quadro resumo dos ditongos do Nutajensu.

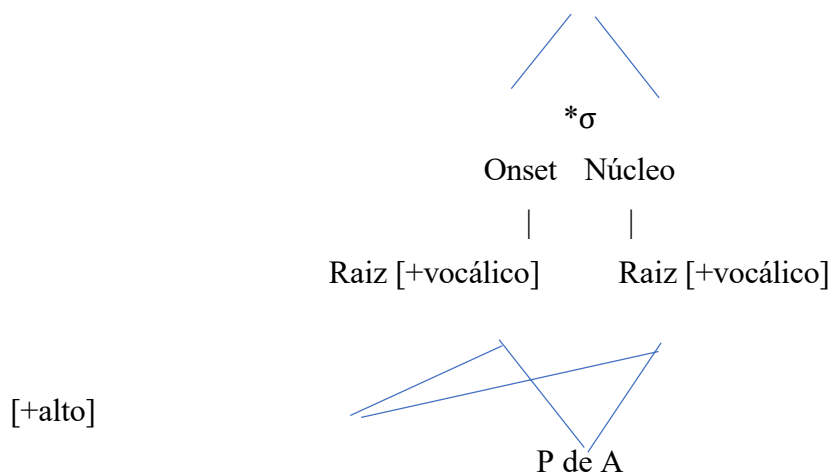
#### 1.4.9

| VOGAIS ALTAS | TRITONGOS                |
|--------------|--------------------------|
| /iVi/        | [jaj]                    |
| /iVu/        | [jaw], [j a w̃] , [jãw̃] |
| /uVi/        | [waj], [w a j̃], [wãj̃]  |
| /uVu/        | [waw], [wãw̃]            |

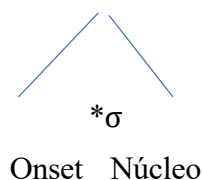
Tabela 9 - Quadro resumo dos tritongos do Nutajensu.

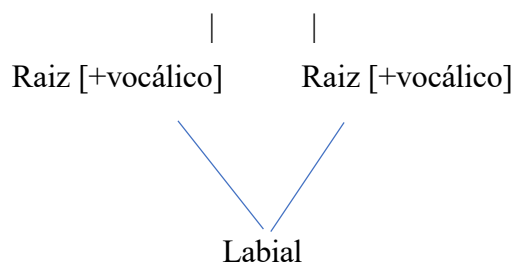
As tabelas contendo os ditongos e tritongos da língua mostram várias restrições. Uma restrição envolve a qualidade da vogal nuclear. Vejamos que nem todas as vogais nasais e nasais laringais da língua ocorrem como núcleo de ditongo (/i, a, u, ũ/) e de tritongo (/i, ã, ɨ, ɜ, e, ẽ, ɐ, e, a, o, u, ã, ɨ, ɜ/). Este fato, juntamente com as restrições do corpus limitado com que trabalhamos, pode explicar a ausência deste tipo de ditongo. Também existe uma série de restrições sistemáticas, que formalizamos abaixo:

1. \* [ji], [\*wu] Os segmentos constituintes de ditongos crescentes não devem compartilhar o Ponto de Articulação (PdA), se são altas:



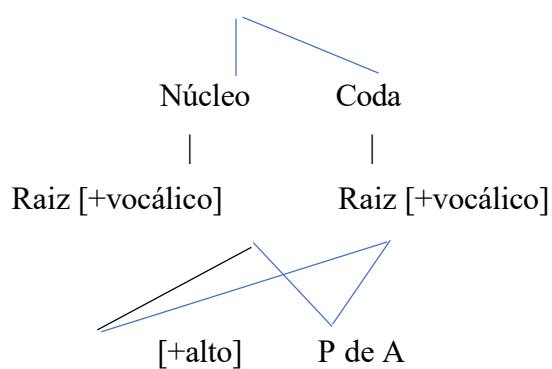
2. \* [wu], [\*wo] Os segmentos constituintes de ditongos crescentes não devem compartilhar o traço [labial],





3. \*[ij], \*[uw] Os segmentos constituintes de ditongos decrescentes não podem compartilhar o PdA se são altas:

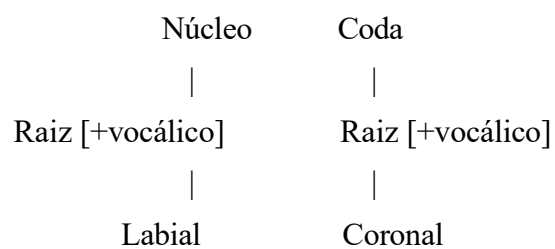
\*σ



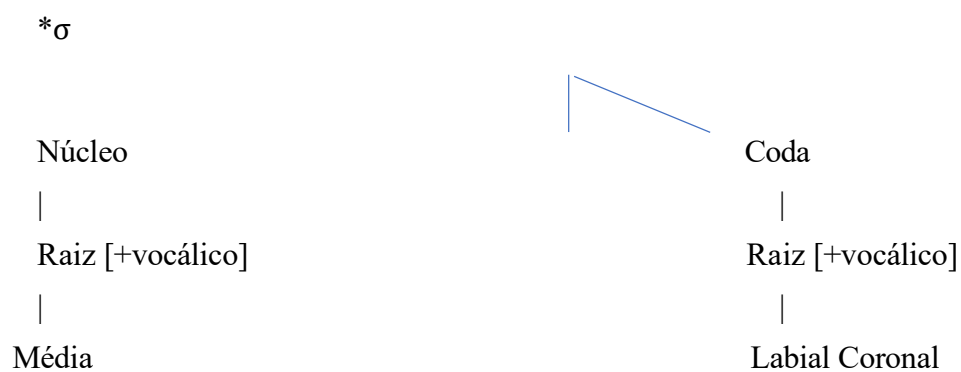
4. \*[uj], [\*oj] O núcleo silábico [labial], não deve ser seguido por um glide coronal tautossilábico:

\*σ



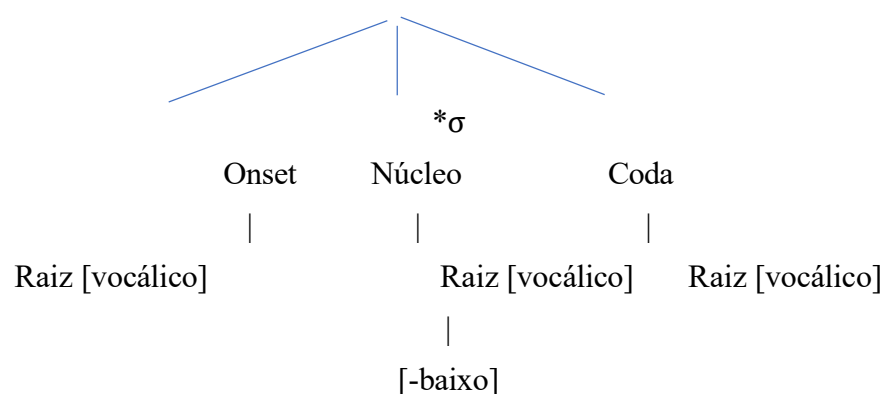


\*[oj], \*[ew] Uma vogal média no núcleo silábico deve compartilhar o PdA com glide tautossilábico:



Como sugerimos, as restrições expressas acima, que às vezes se sobrepõem parcialmente, não são acidentais, mas sistemáticas, pelo fato de envolverem proibições contra a co-ocorrência de segmentos compartilhando certos traços fonológicos, muitas vezes penalizando a contiguidade imediata de traços idênticos (1-3)<sup>28</sup>, ou ao contrário, opostos (4-5). Quanto aos tritongos, observamos que somente a vogal baixa pode funcionar como núcleo silábico, fato expresso na figura abaixo:

\* Glide [V -baixa] Glide Um tritongo deve ter um núcleo silábico [+baixo]:



Ressaltemos, ainda, que nos ditongos formados por vogais nasais e laringais, assumimos que os traços nasal e laringal pertencem foneticamente a todos os segmentos. Ainda que saibamos que os respectivos traços possam ser atribuídos fonologicamente a apenas um dos segmentos constituindo o ditongo ou tritongo, é impraticável delimitar em qual deles a nasalização e/ou laringação recai. Vê-se a seguir os registros compilados para exemplificar os ditongos e tritongos na língua:

#### 2.2.4.4.1 Ditongos

|       |      |                |                                         |                          |
|-------|------|----------------|-----------------------------------------|--------------------------|
| (246) | /ai/ | /aiʔ.ki.su/    | [ajʔk <sup>h</sup> su]                  | “pássaro mutum”          |
| (247) | /aĩ/ | /aĩ.sa/        | [ʔajsa]                                 | “caçar” (ret. de oração) |
| (248) | /ãĩ/ | /ta.hãĩ.nũ.su/ | [ta <sup>h</sup> hãĩ <sub>l</sub> nũsu] | “avó”                    |

---

28 Que são instâncias do princípio “Obligatory Contour Principle”, que proíbe sequências de segmentos (parcialmente) idênticos (Leben, 1973)

|       |      |                   |                                                     |                     |
|-------|------|-------------------|-----------------------------------------------------|---------------------|
| (249) | /au/ | /hau.kat.su/      | [ <sup>h</sup> haw <sub>1</sub> ka:su]              | “coqueiro”          |
| (250) | /ãũ/ | /ka.sãũ.ki.su/    | [ka <sup>h</sup> sãw̃:ksu]                          | “gafanhoto”         |
| (251) | /ei/ | /kua.leih.su/     | [kwa <sup>h</sup> re:jsu]                           | “sapo cururu”       |
| (252) | /eĩ/ | /eĩh.su/          | [ <sup>h</sup> e:hru]                               | “caju”              |
| (253) | /iu/ | /iu.su/           | [ <sup>h</sup> jusu]                                | “abelha sem ferrão” |
| (254) | /ĩũ/ | /ĩũ.nãũ.su/       | [ <sup>h</sup> nũnõ:su]                             | “minhoca”           |
| (255) | /ou/ | /hou.su/          | [ <sup>h</sup> ho:wsu]                              | “macoco”            |
| (256) |      | /ui/              | [ <sup>h</sup> wi <sub>1</sub> tʃa:losu]            | “homem bonito”      |
|       |      | /ui.te.iah.lo.su/ |                                                     |                     |
| (257) | /uĩ/ | /a.uĩ.su/         | [a <sup>h</sup> wĩsu]                               | “dente”             |
| (258) | /ũĩ/ | /ũĩ.su/           | [ <sup>h</sup> wĩsu]                                | “batata doce”       |
| (259) | /ue/ | /sauet.su/        | [sa <sup>h</sup> wetsu]                             | “mata”              |
| (260) |      | /ũẽ/              | [k <sup>w</sup> ẽ <sup>h</sup> k <sup>w</sup> ẽka:] | “o abanador”        |
|       |      | /kũẽ.kũẽ.ki.a/    |                                                     |                     |
| (261) | /ũẽ/ | /a.ũẽ.li.su/      | [a <sup>h</sup> wẽ <sup>h</sup> risu]               | “criança”           |
| (262) | /ua/ | /uaʔ.kali.su/     | [ <sup>h</sup> waʔkalisu]                           | “jacaré”            |
| (263) | /ũa/ | /sa.ũa.su/        | [sa <sup>h</sup> wã:su]                             | “formiga”           |
| (264) | /uã/ | /uã.li.su/        | [ <sup>h</sup> wãlisu]                              | “mandioca”          |

#### 2.2.4.4.1 Tritongos

|       |       |              |                           |                        |
|-------|-------|--------------|---------------------------|------------------------|
| (265) | /iau/ | /tu.iau.su/  | [ <sup>h</sup> tu.jawsu]  | “ituí” (tipo de peixe) |
| (266) | /iaũ/ | /iaũʔ.ki.su/ | [ <sup>h</sup> jãw̃ʔksu]  | “faca”                 |
| (267) | /ĩãũ/ | /ua.ĩãũ.su/  | [wa <sup>h</sup> nãw̃:su] | “pássaro biscateiro”   |

|       |        |                   |                |                          |
|-------|--------|-------------------|----------------|--------------------------|
| (268) | /iai/  | /iai.hi.nĩ.te.la/ | [ˈjajhĩnĩtela] | “vai comer [arroz] hoje” |
| (269) | /uai/  | /uaih.na.su/      | [ˈwajːnasu]    | “palha”                  |
| (270) | /ũãĩ/  | /ũãĩ.ki.su/       | [ˈwãĩksu]      | “manga” (tipo de)        |
| (271) | /u̥ai/ | /u̥ai.ka.lo.su/   | [ˈwajkałosu]   | “ponta de flecha”        |
|       |        |                   |                |                          |
| (272) | /uau/  | /waw.ki.su/       | [ˈwawksu]      | “tilápia”                |
| (273) | /ũãũ/  | /ũãũ.su/          | [ˈwãũːtsu]     | “mariposa”               |

### 3. SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS DO NUTAJENSU

#### 3.1 A SÍLABA

Nesta seção nos dedicaremos à descrição da sílaba e dos processos fonológicos do Nutajensu. Apresentaremos inicialmente a sílaba, cada um de seus constituintes, seu funcionamento, as maneiras pelas quais se combinam na estrutura e, na sequência, o molde silábico máximo da língua. Em seguida, será feita uma abordagem sobre os tipos silábicos observados na língua, para os quais apresentaremos registros que os exemplificam. Por fim, faremos uma abordagem sobre como se configura o processo de silabificação da língua.

Em que pese ser antiga e controversa a discussão sobre a estrutura interna da sílaba, os teóricos concordam que ela é de extrema relevância para a definição das restrições fonotáticas da língua. Os principais argumentos elencados por Kenstowicz (1994) em favor da sílaba enquanto constituinte fonológico indispensável são:

- a. It is a natural domain for the statement of phonotactic constraints;
- b. Phonological rules are often more simply and insightfully expressed if they explicitly refer to the syllable;
- c. Several phonological processes are best interpreted as methods to ensure that the string of phonological segments is parsable into syllables

O estudo de Blevins (1995) faz um resumo dos argumentos presentes na literatura em favor da importância da sílaba nos processos fonológicos. Ela evidencia quatro motivos pelos quais a sílaba deve ser considerada um constituinte fonológico, parcialmente idênticos aos do Kenstowicz, mencionados acima. O primeiro diz respeito ao fato de que “there are phonological processes and/or constraints which take the syllable as their domain of application. Such rules and constraints are sensitive to a domain that is larger than the segment, smaller than the word and contains exactly one sonority peak” (p.76). Outro ponto relevante elencado pela autora tem relação com o acento e o tom, propriedades fonológicas cujo domínio é a sílaba. No nível fonológico, ainda de acordo com a autora, os princípios de atribuição do acento

“support the existence of syllables in that the candidates for stress assignment that are skipped over are always complete syllables. Furthermore, stress and tone languages fall into two general classes with respect to general assignments algorithms: those in which mappings of stress and tone differ for heavy and light syllables, and those in which such weight is irrelevant. In the first case, the mora, or weight unit might be viewed as the stress/tone-bearing unit. However, even in languages which show weight-sensitivity to stress assignment, recognition of syllables is necessary” (1995:77)

O terceiro argumento em favor deste constituinte diz respeito a regras fonológicas que se aplicam às bordas silábicas (*syllable edges*). Em todas as línguas tais bordas tem relação com os limites da sílaba ao nível da palavra e da enunciação, locais bastante propensos à ocorrências de regras fonológicas e alvos prosódicos em processos prosodo-morfológicos, como a formação de hipocorísticos, reduplicações, etc. Blevins também ressalta a importância da percepção dos falantes sobre a sílaba em sua língua nativa. Ela defende esta concepção alegando que “if phonology is in part the study of the mental representations of sound structure, then such intuitions support the view of the syllable as a plausible phonological constituent” (1995, p.79). Isto é, pelo fato de a sílaba ser uma construção perceptual, ou como diria também Mattoso Câmara (1976), uma divisão espontânea em pequenos segmentos fônicos, o falante a concebe natural e intuitivamente. Também em razão de boa parte das línguas naturais ter a sílaba como referência enquanto constituinte, Blevins atribui a ela uma posição fixa na hierarquia prosódica universal.

O último argumento da autora em prol da sílaba relaciona-se à sua organização melódica em torno da sonoridade, em que os segmentos nucleares equivalem aos picos sonoros dentro da estrutura. Sob esse ponto de vista, cabe a perspectiva de que as línguas tendem a apresentar um comportamento acústico no qual “the sonority of a syllable increases from the beginning of the syllable onwards, and decreases from the beginning of the peak onwards”. (GUSSENHOVEN e JACOBS, 2017, p.128). Partindo desta tendência, Clements (1990) propõe que há, dentro de uma sílaba, uma organização entre os segmentos a partir de uma escala de sonoridade, uma organização à qual denomina de *Sonority Sequencing Principle*. De acordo com o autor, por este princípio:

[...] segments can be ranked along a “sonority scale” in such a way that segments ranking higher in sonority stand closer to the center of the syllable and segments ranking lower in sonority stand closer to the margin. While this principle has exceptions and raises questions of interpretation, it expresses a strong crosslinguistic tendency, and represents one of the highest-order explanatory principles of modern phonological theory. (CLEMENTS, 1990, p.284)

Isso posto, de acordo com Clements (1990, p.292), a escala de sonoridade é definida a partir do grau de soância de quatro classes de segmentos não-silábicos, que cresce da esquerda para a direita:  $O < N < L < G$ <sup>29</sup>. O autor propõe ainda uma escala universal de sonoridade envolvendo todos segmentos, incluindo os silábicos e não-silábicos<sup>30</sup>, para as línguas do mundo:  $O < N < L < G < V$ . Ver-se-á mais adiante, na seção sobre a silabificação no Nutajensu, que a língua está em consonância com a referida escala.

Ainda de acordo com Blevins (1995), há duas características inerentes à composição silábica de quaisquer línguas: 1) todas as línguas apresentam a sequência CV e 2) todas as línguas apresentam a seguinte propriedade: se os grupos consonantais de  $n$  Cs são possíveis no início da sílaba, então grupos de  $n-1$  Cs também são possíveis no mesmo ambiente. Da mesma forma, se grupos de  $n$  Cs são possíveis no final da sílaba, então grupos de  $n-1$  também são possíveis nesse mesmo ambiente. Ademais, se uma língua não permitir sílabas consistindo unicamente de V, então não permitirá sílabas (por exemplo VC), que se iniciem por V. Apesar desta estruturação, a autora deixa claro que existem variações e cada língua apresenta suas peculiaridades. O denominador comum recai no importante papel da sonoridade, portanto.

Além de retratar a estrutura interna da língua, a autora busca evidenciar a importância do peso silábico. As línguas podem apresentar sílabas leves e pesadas, sendo as últimas “those which attract stress or allow two (as opposed to one) tones” (p.83). A autora segue uma proposta de Clements e Kaiser (1983) no sentido de que segmentos fonológicos contêm um tempo fonológico abstrato expresso pelos X na estrutura silábica exposta. Estes tempos fonológicos estão representados a um nível independente da estrutura silábica onde neles se ancora a sequência de segmentos. Esta estrutura prevê que segmentos podem ser apagados independentemente do seu tempo, o último podendo se realizar em outros segmentos adjacentes. Por exemplo, uma consoante na coda pode ser apagada enquanto seu tempo se realiza na vogal nuclear tautossilábica que vira longa, processo chamado de alongamento

---

29 Em que O = Obstruinte, N = Nasal, L = Líquidas e G = Glides. Considerando-se ainda nesta mesma escala os segmentos silábicos, temos:  $O < N < L < V$  (em que V = Vogal).

30 Os segmentos “silábicos” de acordo com Clements (1990) são aqueles que possuem propriedades de núcleo da sílaba. Os não-silábicos, portanto, são os que não apresentam tais propriedades.

compensatório. Em geral, este tipo de processo está restrito ao domínio da rima, razão porque Hayes (1989) propõe reservar os tempos fonológicos (os quais denomina de “moras”) aos segmentos que aparecem na rima (núcleo e coda) da sílaba. É por essa razão que nos fundamentaremos na teoria moraica de Hayes.

A teoria da mora propõe uma maneira de formalizar a proeminência relativa das sílabas com relação à estrutura da sua rima, que pode ser leve ou pesada. Uma rima leve está formada por uma rima mínima, que contém somente uma vogal breve, enquanto a rima pesada contém pelo menos uma vogal longa, uma vogal breve seguida por uma consoante tautossilábica, ou uma vogal breve seguida pela primeira parte de uma geminada. Numa língua que usa a diferença entre sílaba leve e pesada na sua gramática fonológica, a vogal breve (uma mora) e a primeira parte de uma consoante geminada (uma mora) e uma vogal longa (duas moras) tem peso intrínseco enquanto que uma consoante tautossilábica pode juntar uma unidade moraica à rima “por posição”.

A maneira de implementar a diferença entre rimas leves monomoraicas e rimas pesadas bimoraicas varia entre as línguas. Há línguas, por exemplo, em que somente rimas com vogais longas são tratadas como pesadas e as demais rimas como leves. Nessas línguas as consoantes tautossilábicas não recebem peso por posição. Em línguas que atribuem peso por posição, vogais longas e sílabas fechadas são consideradas pesadas. Ainda há línguas como o Nutajensu que não contam com vogais longas fonológicas. Porém não são raros os alongamentos vocálicos na superfície, resultando de processos fonológicos obrigatórios ou opcionais, como o processo de alongamento de vogais acentuadas em sílabas abertas, ou o processo de fusão de vogais, que criam vogais longas por um princípio de preservação de mora, como mostraremos mais tarde no capítulo dos processos fonológicos. Este tipo de processo mostra que a diferença entre sílabas leves e pesadas é relevante na gramática fonológica dessa língua.

Sobre os constituintes da sílaba, temos o núcleo como elemento obrigatório na estrutura. O núcleo constitui o pico de sonoridade e está, no Nutajensu, exclusivamente realizada por uma vogal. A rima é o subconstituente da sílaba que tem domínio sobre o núcleo e a coda, a última sendo ocupada por consoantes. Sua estrutura organizacional - número de elementos permitidos e a maneira como eles se dispõem - dependerá da especificidade e restrições fonotáticas de cada língua. Conforme exposto acima, a rima está relacionada ao peso silábico, isto é, no caso do Nutajensu, uma sílaba pode ser leve ou pesada. Como a língua não possui vogais ou consoantes fonológicas longas, o peso está atribuído às consoantes na coda, pelo princípio do “peso por posição”.

No que tange à estrutura silábica do Nutajensu comparada às demais línguas Nambikwara, percebemos que existe semelhança entre elas: apresenta dois moldes de sílabas abertas, ao passo que quatro perfazem os moldes de sílabas fechadas. A combinação CV, não por acaso, foi a mais abundante. Conforme literaturas linguísticas antigas e hodiernas, este é o padrão silábico mais elementar e comum entre as línguas do mundo devido não somente à estrutura singular de sistema linguístico, como também a fatores intuitivos e psicológicos, de acordo com Newman (1972). Como se verá adiante, apresentaremos os padrões silábicos constatados no Nutajensu e como o peso das sílabas exerce influência sobre as regras acentuais.

### 3.1.2 O molde silábico

Clements & Keiser (1983) admitem que as línguas apresentam um inventário silábico principal, estando cada uma suscetível a restrições devido às peculiaridades de seus sistemas:

|          |                |           |         |
|----------|----------------|-----------|---------|
| Type I:  | CV             |           |         |
| Type II: | CV, V          | Type III: | CV, CVC |
| Type IV: | CV, V, CVC, VC |           |         |

**Figura 11. Tipos silábicos por Clements & Keiser (1983)**

O Tipo I é universal e os demais tipos são cada vez mais complicados. Assim, o Tipo II pode ser visto como envolvendo a regra de “deleção de C inicial de sílaba”; o Tipo III envolve a regra de “inserção de C em final de sílaba” e o Tipo IV abrange ambas as regras.

A estrutura máxima da sílaba do Nutajensu é (C) V (C) (C), sendo (C) para as consoantes e glides e (V) para as vogais. A distribuição das consoantes ao nível fonológico se apresenta da seguinte maneira: somente uma consoante ou glide no onset, a sequência /kw/ pode figurar como onset complexo, somente uma vogal nuclear e até duas consoantes/vogais altas na coda:



Voltaremos a esta questão depois de ter tratados os processos fonológicos no capítulo III. Aqui continuaremos a discussão com foco na estrutura interna da sílaba do Nutajensu.

### 3.1.2.1 O onset

O onset do Nutajensu compõe-se de apenas uma posição, que pode ser ocupada exclusivamente por consoantes (à exceção da oclusiva glotal /ʔ/) e as vogais altas /i,u/. O onset ramificado, formado por dois segmentos consonantais, ocorre apenas na superfície, quando resultado de processo fonológico, sendo a primeira posição ocupada pela consoante oclusiva [k] a segunda somente pelo glide labial [w].

Muito embora a presença do onset não seja obrigatória, sua ocorrência na sílaba é maciça, pois boa parte dos vocábulos do Nutajensu inicia-se por uma consoante ou um glide. É verdade que também não são raros os vocábulos iniciados por vogais (especialmente a central /a/) mas de todo o léxico compilado, visivelmente sobressaem-se as palavras iniciadas por sílaba CV(C).

Numa comparação com as demais línguas Nambikwara, todas apresentam onset ramificado: o Latundê (Telles, 2002), o Mamaindê (Eberhard, 2009) e o Negarotê (Braga, 2016). Braga (2016), num comparativo entre o Negarotê e o Mamaindê, aponta que em ambas as línguas é bastante frequente os vocábulos se iniciarem com onset. Aliás, o próprio Eberhard (2009) menciona que no Mamaindê as sílabas são preferivelmente compostas por onset, sendo ainda mais recorrentes aquelas compostas por apenas uma consoante. No caso do Nutajensu, os processos fonológicos podem interferir na estrutura silábica, criando na superfície onsets conforme menção acima. Não obstante esta ressalva, parece ser consenso entre os sistemas linguísticos Nambikwara que a sílaba preponderante seja a composta por onset simples seguido de vogal, CV.

### 3.1.2.2 O núcleo

Único elemento obrigatório na sílaba do Nutajensu, o núcleo compõe-se de apenas um segmento, ocupado exclusivamente por vogais. Quaisquer vogais podem ocupar a posição nuclear, incluindo as nasais e as laringais, embora estas últimas sejam menos frequentes.

No que tange aos ditongos e tritongos, consideramos que estes são realizações estritamente fonéticas, resultantes de processos fonológicos. Portanto, não compõem núcleo

ramificado, mas sequências formados por uma vogal e um ou dois glides: [GV], [VG] e [GVG]. Assim sendo, a vogal é nuclear e o(s) glide(s) compõem o onset e/ou a coda silábica.

### 3.1.2.3 A coda

Na estrutura silábica do Nutajensu, o ambiente da coda pode comportar até dois segmentos, sendo o padrão mais recorrente o /CVC/ onde C representa consoante ou glide {C, G}. As sílabas fechadas, aliás, são as mais abundantes, havendo quatro tipos de estruturações possíveis: /VC/, /VCC/, /CVC/ e /CVCC/.

Apesar disso, a coda do Nutajensu compõe-se de um número restrito de segmentos: /t/, /h/, /n/ e /ʔ/ e as vogais altas /i, u/. A nasal coronal /n/, a fricativa glotal /h/, e os glides são as que mais se realizam neste ambiente. No que tange ao acento, o Nutajensu é sensível ao peso silábico, o que significa que sílabas constituídas por coda serão alvos do acento primário. Isso implica também no fato de ser o local de maior ocorrência dos processos fonológicos, haja vista, por exemplo, os inúmeros casos de diferentes realizações fonéticas do /n/ e apagamentos do /h/ e da glotal /ʔ/. Trata-se de uma tendência da língua em alcançar o padrão silábico ótimo, [CV], ainda que esta ocorrência se restrinja à superfície.

### 3.1.3 Tipos silábicos

Considerando a estrutura silábica subjacente (C) V (C) (C), as combinações possíveis de tipos de sílaba são /V/, /VC/, /VCC/, /CV/, /CVC/ e /CVCC/, sendo dois tipos de sílabas abertas e quatro do tipo fechada. Mais adiante trazemos registros que exemplificam cada um deles.

#### 3.1.3.1 Sílabas abertas

Dentre todos os tipos de sílaba aberta, as mais abundantes são a do padrão /CV/ com onset simples seguido do núcleo. Conforme reitera Newman (1972) “a syllable consisting of a consonant plus a vowel is the most primitive and without doubt historically the oldest, of all syllable types, the only one which is general in all languages” (p. 301). O padrão /V/ não é a ocorrência preferida no Nutajensu, mas acaba por tornar-se frequente devido ao predomínio da

vogal baixa central /a/ enquanto prefixo indicador de inalienabilidade<sup>31</sup>, por exemplo, presente em diversos vocábulos. As sílabas do tipo /V/ ocorreram em todos os ambientes (tônicos, pré-tônicos e pós-tônicos), mas elas geralmente são átonas. Chamemos a atenção ainda para a ocorrência de sílabas abertas oriundas de processos tais como apagamento de coda ou ressilabificação de coda para onset nos níveis prosódicos acima da palavra fonológica. Abaixo trazemos exemplos de sílabas abertas fonológicas:

#### /V/

|                   |                                       |          |
|-------------------|---------------------------------------|----------|
| 274) /a.su.su/    | [a <sup>1</sup> susu]                 | “osso”   |
| 275) /o.ka.lo.su/ | [ <sup>1</sup> oka <sub>1</sub> losu] | “céu”    |
| 276) /u.lat.su/   | [u <sup>1</sup> ratsu]                | “latido” |
| 277) /ĩ.na.la/    | [ĩ <sup>1</sup> na <sub>1</sub> la]   | “ver”    |

#### /CV/

|                      |                                          |                |
|----------------------|------------------------------------------|----------------|
| 278) /hu.ki.su/      | [ <sup>1</sup> huk <sup>h</sup> su]      | “arco”         |
| 279) /ka.su/         | [ <sup>1</sup> kasu]                     | “gato”         |
| 280) /te.a.uet.su/   | [te a <sup>1</sup> wetʃu]                | “pelo dele”    |
| 281) /he.he.na.na/   | [he <sup>1</sup> he nãna:]               | “ser vermelho” |
| 282) /ta.sih.eit.su/ | [ta <sup>1</sup> si <sub>1</sub> he:jsu] | “minha aldeia” |

#### 3.1.3.2 Sílabas fechadas

Conforme já exposto anterioreente, são quatro os tipos de sílabas fechadas do Nutajensu: /VC/, /VCC/, /CVC/ e /CVCC/. A coda silábica dos tipos /VC/ e /CVC/ é ocupada pelos segmentos /t, n, l, h, ʔ/ e os tipos /VCC/ e /CVCC/, além dos segmentos já mencionados para a primeira posição, licenciam quatro deles na segunda posição: /t, h, n, ʔ/. Estas consoantes

---

31 Verificar sessão sobre os morfemas gramaticais.

sucedem apenas alguns segmentos, formando um grupo restrito de coda ramificada: /nt/, /nʔ/, /hʔ/, /ʔt/. Quando as vogais altas /i, u/ ocupam a primeira posição da coda ramificada, superficializam-se como glides [j,w], formando então a estrutura [GC]. Sendo assim, as possibilidades de coda complexa são: [jt, jn, jh, jʔ, wt, wn, wh, wʔ].

Dentre as sílabas fechadas, o tipo mais comum é o padrão /CVC/ e os menos recorrentes são os de coda ramificada /VCC/ e /CVCC/. Na sequência, apresentamos registros dos tipos silábicos aqui sinalizados:

### /VC/

|                    |                          |                            |
|--------------------|--------------------------|----------------------------|
| 283) /ul.sa.na/    | [ <sup>l</sup> u::sãna]  | “estar com muita preguiça” |
| 284) /en.su/       | [ <sup>l</sup> ẽ:su]     | “trator”                   |
| 285) /a.ẽn.su/     | [a <sup>l</sup> ẽsu]     | “buraco”                   |
| 286) /ãʔ.ta.na.la/ | [ãʔ <sup>l</sup> tãnala] | “ser bravo”                |
| 287) /iʔ.su/       | [ <sup>l</sup> iʔsu]     | “arraia”                   |

### /VCC/

|                     |                            |                                 |
|---------------------|----------------------------|---------------------------------|
| 288) /iʔt.su/       | [ <sup>l</sup> iʔtʃu]      | “vento”                         |
| 289) /ihʔ.ta.na.la/ | [ <sup>l</sup> ihʔtãnala:] | “eu corro” (retirado de oração) |

### /CVC/

|                     |                                       |          |
|---------------------|---------------------------------------|----------|
| 290) /tuh.su/       | [ <sup>l</sup> du:su]                 | “mulher” |
| 291) /hi.kat.su/    | [ <sup>l</sup> hi <sub>l</sub> ka:su] | “árvore” |
| 292) /kah.li.ti.su/ | [ <sup>l</sup> ka:ritʃu]              | “nojo”   |
| 293) /hoh.su/       | [ <sup>l</sup> ho:su]                 | “macuco” |
| 294) /tih.su/ .     | [ <sup>l</sup> di:su]                 | “cobra”  |
| 295) /teʔ.a.na/ .   | [ <sup>l</sup> teʔãna]                | “ele”    |

296) /kaʔ.taʔ.na.la/ [kaʔ'taʔnala] “ter ciúme” (retirado de oração)

/CVCC/

297) /a.ka.lanʔ.ki.su/ [aka'lãʔksu] “umbigo”

298) /kahʔ.te.nũ.he.la/ ['kahʔtenũhera] “é azedo”

### 3.2 SILABIFICAÇÃO

A silabificação, ou silabação, é o processo pelo qual a sílaba se constitui. É através dela que se busca estabelecer como a estrutura silábica é derivada das representações subjacentes de uma língua. O domínio prosódico que concerne ao estudo da estrutura silábica é o da palavra prosódica (P), pois é nele que a silabificação<sup>32</sup> serve como condição para a boa-formação destas representações, também chamadas “silabificação básica”, “primária” ou “de base”. Sobre os princípios que norteiam a boa formação silábica, Biondo (1993) explica que:

“a expectativa fundamental da fonologia auto-segmental em relação ao estudo da sílaba é estabelecer os princípios universais que funcionem como condições necessárias, no nível P, para a silabificação básica. Isso não significa, entretanto, que esses princípios possam prever todas as formas finais das sílabas de todas as línguas. Eles apenas se aplicam obrigatoriamente no nível P para que haja uma silabificação primária, sobre a qual, posteriormente, cada língua aplicará regras particulares até que a derivação atinja a forma de superfície esperada” (p.38).

A quantidade de segmentos que podem se associar a nós estruturais terminais O, N, C, da sílaba e a ordem na qual eles se dispõem devem-se, sobretudo, a restrições impostas pelo princípio de sonoridade, bem como às condições de licenciamento silábico inerentes a cada língua. Tomaremos por base as considerações de Biondo (1993) para tratar das regras de formação silábica. De acordo com o autor, três são os procedimentos necessários para a constituição de uma sílaba bem formada.

---

32 Bisol (1999) faz uma distinção entre estrutura silábica e silabificação, embora pareçam ter o mesmo conceito. A primeira, de acordo com a autora “é uma teoria sobre a sílaba, em forma de árvore, que diz respeito aos princípios gerais de composição da sílaba básica (PCSB)”; a segunda, por sua vez, “é o mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico, depreendido de PCSB, para fins de análise” (p.703).

A primeira etapa consiste na identificação dos elementos da sílaba no domínio onde acontece a primeira aplicação das regras de silabação, a palavra prosódica em Nutajensu. Identifica-se o núcleo, estabelecem-se a rima e o nó silábico para então serem adjungidos os demais segmentos, os quais deverão respeitar o padrão silábico da língua em análise. O procedimento seguinte, chamado de “exploração linear”, é o momento em que a sílaba será construída do modo mais econômico possível, sempre em consonância com as possibilidades e restrições silábicas da língua. Denominada de “ênfase de silabificação total”, a terceira e última etapa “impõe sobre a forma subjacente uma estrutura silábica básica, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, de modo a construir sílabas com posições vazias quando não houver material segmental disponível para uma posição obrigatória” (Biondo, 1993, p.44). Verificamos que a formação silábica do Nutajensu se dá a partir do seguinte ordenamento de regras:

- 1) Estabelece-se o núcleo, o qual se compõe exclusivamente de vogais;
- 2) Atribui-se uma consoante ou vogal alta à esquerda da vogal nuclear, perfazendo o onset silábico. A formação deste em detrimento da coda, deve-se ao *Maximal Onset Principle*. De acordo com Selkirk (1982), durante o processo de silabação de base, é possível que um segmento seja interpretável como onset ou coda e, em ambos os casos, a sílaba apresentaria boa formação. Para desfazer o ‘impasse’, instituiu-se que o onset deve prevalecer sobre a coda.

Utilizemos o tipo silábico /VCV/ para uma simples exemplificação. De acordo com a teoria a silabação de base deve ser /V.CV/ em vez de /VC.V/:

a) /asusu/ → /a.su.su/ \*/as.us.u/ “osso”

Em tese, a silabificação em [VC.V] marcada como agramatical no exemplo acima não implica a criação de sílabas mal formadas, mas a sequência VC.V pode criar uma palavra prosódica mal formada. Assim, em consonância com o referido Princípio de Onset Maximo, vê-se que silabificação de consoantes para o onset primeiramente é categórica na língua:

(299) [he'kitisu] = “cochilo”

/he.ki.ti.su/

/hekiti -su/  
cochilo-S.NOM

(300) [ki<sup>1</sup>katisu] = “coceira”

/ki.ka.ti.su/

/kikati -su/

coceira-S.NOM

(301) [a<sup>1</sup>hajtisu] = “corte,machucado”

/a.haj.ti.su/

/ahaiti -su/

corte,machucado-S.NOM

(302) [hati<sup>1</sup>talisu] = “sombra”

/ha.ti.ta.li.su/

/hatita -li -su/

sombra- ?-S.NOM

(303) [ta<sup>1</sup>huka] = “meu arco”

/ta.hu.ki.a/

/ta -hu -ki -a/ POSS.1SG-arco-CL.redondo,oblongo-S.ESP.

(304) [ha<sup>1</sup>kwata] = “amanhã”

/ha.kwa.ta/

/hakuata/

ADV.amanhã

3) Na terceira e última regra, segmentos são atribuídos à direita do núcleo, os quais comporão a coda silábica. Já verificamos que esta pode ser ocupada por até duas consoantes.

Elencamos alguns registros da língua para exemplificar a última etapa do ciclo de silabificação. A coda é adjungida à sílaba por último:

(305) ['jahksu] = “cateto”

/jah.ki.su/

/iahki -su/

cateto-S.NOM

(306) ['juʔkisu] = “medo”

/juʔ.ki.su/

/iuʔki -su/ medo-S.NOM

(307) ['tutsu] = “sapo” (tipo de)

/tut.su/

/tut -su/ sapo-S.NOM

Vejamos como se procede a silabificação em outros contextos. Em morfemas com mais de uma sílaba, em que a consoante é intervocálica, a silabificação também ocorrerá de modo a maximizar o onset, seguindo o princípio já aqui mencionado (MOP). Sendo assim, a silabação para a direita é automática:

(308) ['ali,awsu] ~ ['ari,ɜawsu] = “chicha de pequi”

/a.li.jaw.su/

/ali -iau -su/

pequi-CL.líquido-S.NOM

(309) ['wajra,tasu] = “lobo”

/wajli.ta.su/

/u̞aiʔli                      -a                      -ta                      -su/ cachorro-S.NOM.-CL.grande-S.NOM

(310)                      [ˈjukaˌlosu] = “sapato”

/ju.ka.lo.su/

/iu                                      -kalo                      -su/ pé-CL.comprido-S.NOM

(311)                      [kaˈjuhatasu] = “cavalo”

/ka.ju.ha.ta.su/

/kaiuh                      -a                      -ta                      -su/ animal-S.ESP-CL.grande-S.NOM

Verificamos que, em fronteira de morfemas de raízes vocabulares e o sufixo nominal, a consoante final da raiz funciona como onset da sílaba precedente. Observamos este fato, que mostra que a silabação básica acontece ao nível da palavra prosódica no Nutajensu, tanto em raízes nominais quanto em advérbios.

(312)                      [ahiˈnĩna] = “agora, hoje”

/a.hi.nĩ.na/

/ahinĩn                                      -a/

ADV.agora, hoje-S.NOM

(313)                      [taˈtuha] = “minha esposa”

/ta.tu.ha/

ta                                      -tuh                      -a POSS.1SG-mulher-S.ESP

(314)                      [ˈsiha] = “a casa”

/si.ha/

/sih                                      -a/ casa-S.ESP

(315)                      [ˈhowta] = “o macaco”

/how.ta/

/hout                      -a/ macaco-S.ESP

De maneira idêntica ao processo anterior, a consoante final da raiz do verbo passa a ser onset da sílaba seguinte, afiliando-se à vogal /-a/, que neste caso é um morfema pessoal.

(316)              ['wilahela] = “estava bom”

/wi.la.he.la/

/uil                      -a   -he   -la/

bom, bonito-3SG-PAS-PERF.M

(317)              ['ajrahu:a] = “vou andar”

/aj.la.hu.wa/

/ail                      -a   -hu   -ua/

andar-1SG-FUT-IMPERF.M

Embora tenhamos exposto prévia e brevemente alguns casos de silabificação, apresentaremos com mais detalhes a maneira pela qual os processos fonológicos podem interferir na sílaba, resultando em manifestações de estruturas silábicas superficiais que são diferentes das derivadas no primeiro ciclo de silabificação. Mas ainda que tais reestruturações ocorram, os princípios necessários para a boa formação da sílaba são respeitados, tais como o *Maximal Onset Principle* e a escala de sonoridade. Sendo assim, temos que na subjacência o molde silábico máximo do Nutajensu é (C) V (C) (C), no qual V é o único segmento de realização obrigatória na língua. Quando da realização de processos fonológicos, o molde silábico fonético passa a ser (C) (C) V (C) (C), em que V é a vogal e (C) uma consoante ou um glide. A rima pode constituir-se de até três segmentos - vogal nuclear e coda complexa. Já foi discutido que no primeiro ciclo, onsets e codas complexos se limitam a sequências envolvendo uma consoante mais uma vogal alta não-acentuada, que vira glide.

Em fala espontânea é comum que ocorram ressilabificações motivadas pela criação do padrão silábico ótimo por meio de processos fonológicos. O de maior produtividade no Nutajensu, embora não seja sistemático, se dá através da epêntese vocálica que, em sílaba acentuada, é idêntica à vogal nuclear da sílaba anterior. Assim sendo, ocorre, a ressilabificação de /CVC/ para [CV.CV]. Abaixo exemplificamos a epêntese em sílabas do tipo (C)Vh

acentuadas seguidas de consoante. Neste contexto a vogal epentética é igual à vogal da sílaba acentuada:

318) /tih.su/ → [ˈti.hi.su] = “cobra”

/ti.hi.su/

/tih -su/ cobra-S.NOM

319) /sih.su/ → [ˈsihisu] = “casa, oca”

/si.hi.su/

/sih -su/ casa,oca-S.NOM

320) /ka.iuh.su/ → [kaˈjuhusu] = “animal”

/ka.ju.hu.su/

/kaiuh -su/ animal-S.NOM

321) /iuh so.na.la/ → [ˈjuhu # ˈsõnala] = “deito sozinho”

/juh so.na.la/

/iuh so -na -la/ deitar sozinho-1SG.PRES-PERF.M

322) /iah.ki.su/ → [ˈjahakisu] = “cateto”

/jah.ki.su/

/iahki -su/ cateto-S.NOM

Outro caso restringe-se à epêntese da vogal média [e] entre as consoantes oclusivas idênticas /t/, que compõem a coda silábica de uma sílaba e o onset da sílaba seguinte. Nesse caso, observa-se de novo um processo a favor da formação da sílaba ótima CV como estratégia da língua para o desfazimento da sequência de consoantes iguais. Sendo assim, a vogal epentética passa a compor o núcleo de uma nova sílaba, cujo onset é a oclusiva que compunha a coda da sílaba anterior:

323) /a.kat.tãn.su/ → [a.ka.te.ˈtã: su] = “joelho”

/a.ka.te.tã̃n.su/

/a        -kat        -tã̃su/

INAL-CL.duro-joelho -S.NOM

Outro tipo de ressilabificação comum no Nutajensu ocorre quando do apagamento da vogal alta [i], em contexto de sílaba átona, antecedendo a vogal [a]. O apagamento do [i] propicia a formação do padrão silábico ótimo CV, pois a vogal [a] (que neste caso representa o sufixo nominal de especificidade) compõe o núcleo silábico isolado (sem onset e coda) na forma fonológica e junta-se à consoante que antes tinha o [i] por núcleo. Vejamos alguns exemplos que ilustram este processo:

324)            [ˈwaj̃ʔra] = “o cachorro”

/waj̃.li.a/

/ɥaj̃ʔli                                -a/

cachorro-S.ESP.

325)            [ˌtaˈhuka] = “meu arco”

/ta.hu.ki.a/

/ta                                -hu                                -ki                                -a/

1SG-arco-CL.redondo,oblongo-S.ESP.

326)            [aˌlũaːˈjuka] = “pata da anta”

/a.lũ.a.a.ju.ki.a/

/alũ                                -a                                a                                -iu                                -ki                                -a/

anta-S.ESP.                                INAL-pé-CL.redondo,oblongo-S.ESP.

327)            [ˌitaˈsĩːsu] = “coxa do homem”

/i.ta.sin.su/

/iti                                -a                                -sin                                -su/

homem-S.ESP-coxa-S.ESP.

Apesar de a língua tender a formar sílabas e desfazer encontros consonantais por meio de processos fonológicos, percebemos realizações esporádicas de mudanças opostas, quando sequências de consoantes heterossilábicas emergem como tautossilábicas em fala rápida e espontânea. Expusemos no capítulo sobre o inventário fonológico e fonético da língua o ambiente e o contexto nos quais onsets complexos [ts] e [ks] realizam-se por cima da fronteira de morfema antes do sufixo *-su*, como consequência do apagamento neste contexto da vogal alta /i/:

328) [ʰsah.tsu] = “moradia”

/sah.ti.su/

/sahti -su/

moradia-S.NOM

329) [ʰha.je.ksu] = “lambari” (tipo de peixe)

/ha.je.ki.su/

/ha -ieki -su/

água-RN-S.NOM

330) [kʷẽ.ra.ksu] = “poibi” (tipo de inseto)

/kʷẽ.la.ki.su/

/kũẽlaki -su/

poibi -S.NOM

331) [kwo.kwo.ʰlaj.tsu] = “galo”

/kwa.kwa.la.i.ti.su/

/kuaʰkuala -iti -su/

galinha- homem-S.NOM

Recordemos ainda que o [ts] pode ainda manifestar-se em um contexto peculiar, em que há desnasalização e dessonorização do /n/, de novo, perante o sufixo nominal *-su*<sup>34</sup>:

332) [t<sub>l</sub>te.ã.na # ka.ka.<sup>l</sup>rẽ:tsu] = “maritaca de Pedrinho”

/teʔ.a.na ka.ka.lẽn.su/

/teʔana kakaliẽn -su/

3SG marataca-S.NOM

333) [kwa.ta.<sub>l</sub>rẽ:tsu] = “caçarola”

/kwa.ta.lẽn.su/

/kuata -li -ẽn -su/

caçarola- ?-CL.côncavo-S.NOM

334) [a.<sup>l</sup>ju.ko.lo.<sub>l</sub>ẽ:tsu] = “queixo”

/a.jo.ka.lo.ẽ.su/

/a -io -kalo -ẽn -su/

INAL-boca-CL.comprido-CL.côncavo-S.NOM

Estas são as realizações de encontros consonantais preponderantes na língua, sendo as demais ocorrências de caráter contingencial. Apesar de escassas, tais ocorrências apresentam em comum o fato de serem sílabas abertas em posição átona que sofrem apagamento vocálico opcional seguido por ressilabificação. Por exemplo, a constituição [CVLV], em que C é uma oclusiva e L uma líquida [l, r], é ressilabificada para [CLV]. A vogal da primeira sílaba sofre apagamento, resultando o encontro consonantal. Os registros (335) e (336) exemplificam a ressilabificação no morfema adverbial indicador de ação iminente /-tel/ e de tempo verbal /-a/; /CVL-V/ → [CLV] (/tel-a/ → [tra]); (337) e (338) são exemplos de ressilabificação no morfema classificador /-kalo/:

---

33 A africada alveopalatal [tʃ] varia livremente com [ts] neste ambiente.

- 335) /ihʔ -tel -a -ua/ → [ʼihʔ.te.ra.wa] ~ [ʼihʔ.tra.wa] = “vai correr”  
 correr-IMIN-PRES-IMPERF.M /ihʔ.te.la.ua/
- 336) /aiʔ -tel -a -ua/ → [ʼajʔ.te.ra.wa] ~ [ʼajʔ.tra.wa] = “vai caçar”  
 caçar-IMIN-PRES-IMPERF.M /aiʔ.te.la.ua/
- 337) /uah -kalo -su/ → [ʼwah.klo.su] = “pano comprido”  
 pano, tecido-CL.longo, comprido-S.NOM /uah.ka.lo.su/
- 338) /tee ne -kalo -su/ → [ʼte: # ʼne.klo.su] = “boné dele” FL.3SG  
 cabeça-CL.comprido-S.NOM /te.e.ne.ka.lo.su/

As sequências aqui em análise de Oclusiva + Líquida + Vogal, apresentam o que Clements (1990) considera como o “perfil de sonoridade ótimo”, tomando por base o *Dispersion Principle*. Tal princípio analisa a sílaba em duas partes, denominadas demissílabas: a primeira abarca o material pré-vocálico e a vogal e a segunda, a vogal e o material pós-vocálico<sup>34</sup>. O teórico define uma demissílaba como “a maximal sequence of tautosyllabic segments of the form  $Cm... Cn.V$  or  $VCm... Cn'$  where  $n \geq m \geq 0$ ” (CLEMENTS, 1990, p.303). A ideia norteadora das demissílabas é a de que a primeira parte independe do perfil de sonoridade da segunda e, portanto, é mais apropriado falar-se em ciclos de sonoridade ou, ainda, no grau de distância da sílaba ótima. Para medir a dispersão de sonoridade, o autor estabelece uma equação em que  $D$  “characterizes demissyllables in terms of the extent to which the sonority distances between each pair of segments is maximized: the value of  $D$  is lower to the extent that sonority distances are maximal and evenly distributed, and higher to the extent that they are less maximal or less evenly distributed” (p.304).

Dada a escala de sonoridade  $O < N < L < G < V$  e o Princípio de Dispersão, podemos inferir que as sequências de onset complexo nas sílabas fonéticas do Nutajensu atendem os requisitos de ambas as propostas teóricas, haja vista a busca pela silabificação em OLV.

Por fim, verificamos que o Nutajensu apresenta casos de onset complexo semelhantes às línguas do Norte, Latundê (Telles, 2002) e Negarotê (Braga, 2017). No primeiro caso, os encontros consonantais registrados foram [tr, dr, kr, gr], que ocorrem devido a um processo de redução silábica nas sílabas pretônicas. No Negarotê, Braga (2017) assinala que o onset

34 As nomenclaturas *onset*, *núcleo* e *coda* não fazem jus do Princípio da Dispersão.

complexo formado por obstruintes + líquidas se dá pelo processo ressilabificação, em que a obstruinte realizada na coda da sílaba antecedente passa a ser onset da sílaba seguinte, unindo-se às líquidas [l] ou [r].

### 3.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Esta seção destinar-se-á à apresentação e descrição dos processos fonológicos segmentais da língua Nutajensu nos níveis da sílaba e da palavra fonológica, deixando a análise do acento e do tom para capítulos independentes. Processos fonológicos segmentais explicam as alterações sonoras e fonotáticas que afetam a estrutura fonológica dos morfemas e palavras ao se realizarem foneticamente.

A língua Nutajensu apresenta uma variada gama de processos fonológicos, muitos dos quais são motivados pela estrutura prosódica. Ademais, a maioria destes processos é opcional, haja vista a grande variabilidade sofrida por um mesmo processo em termos de frequência de ocorrência, bem como às diferentes possibilidades de sua realização na superfície. Neste capítulo, os processos fonológicos identificados e que aqui serão retratados são os seguintes:

- a. Assimilação:
  - 1. Vozeamento das plosivas /t/ e /k/
  - 2. Assimilação do ponto de articulação das coronais na coda silábica
  - 3. Laringalização das vogais
  - 4. Nasalização regressiva de vogais átonas
  - 5. Harmonia vocálica
- b. Fortalecimento:
  - 1. Consonantalização do glide palatal [j]
  - 2. Nasalização e oclusão do glide labial [w]
- c. Pré-oralização das consoantes nasais na coda silábica
- d. Rotacismo
- e. Alongamento
  - 1. Alongamento de vogal acentuada em sílaba aberta
  - 2. Alongamento enfático
  - 3. Alongamento do segmento nasal na coda silábica;

- f. Monotongação
  - 1. apagamento do glide /aj/ → [a:]; [ow] → [o:]
  - 2. fusão dos ditongos [aw] e [ãw]
- g. Desnasalização/ensurdecimento da nasal /n/ seguida de /s/
- h. Sândi vocálico – a degeminação
- i. Coalescência consonantal
- j. Aspiração
  - 1. Aspiração de onset
  - 2. Aspiração de coda
- k. Reduplicação.

Observamos que o Nutajensu manifesta os processos citados sobretudo no domínio da sílaba. Nespor e Vogel (1986) advogam em favor do componente silábico que apresente a estrutura sílaba(Onset-(rimaNúcleo-Coda)rima)sílaba, pois é comum que no Nutajensu, como em muitos sistemas linguísticos, os processos fonológicos afetam sobretudo a rima.

### 3.3.1 Assimilação

#### 3.3.1.1 Vozeamento das plosivas /t/ e /k/

O Nutajensu dispõe de poucos segmentos consonantais em seu inventário fonológico, quais sejam: /p, t, k, ʔ/. Pelo fato de as oclusivas sonoras /b, d e g/, respectivamente, não constarem na subjacência, o sistema das consoantes não contém um contraste de vozeamento. Em vários contextos, as plosivas surdas podem se manifestar como sonoras. No Nutajensu com a alveolar /t/ é opcionalmente realizada sonora no onset de sílaba acentuada. Tal comportamento revela certa similaridade com as línguas Nambikwara do Norte, que demonstram ter alta produtividade deste processo. No Mamaindê, por exemplo, Eberhard (2009) assinala vozeamento categórico das oclusivas /p/ e /t/ no onset silábico em sílaba acentuada. Aliás, tomamos a justificativa deste autor para explicar o vozeamento da oclusiva alveolar /t/ em onset acentuado no Nutajensu: “The motivation for this process can be clearly

attributed to the stressed environment, indicating that this is not a case of voicing assimilation” (p.225)

Em suma, a realização da oclusiva sonora [d] é exclusiva no onset silábico e de sílaba acentuada, sempre no início da palavra:

339) [ˈduhsu] = “mulher”

/tuh.su/

/tuh -su/

mulher-S.NOM

340) [ˈdaɲna] = “eu”

/taj.na/

/taina/

1SG

341) [ˈde:hru] = “rastro”

/tejh.su/

/teih -su/

rastro-S.NOM

342) [ˈdihsu] = “cobra”

/tih.su/

/tih -su/

cobra-S.NOM

343) [ˈdẽh:su] = ‘mosca’

/tẽh.su/

/tẽh -su/

mosca-S.NOM

Identificamos também a realização da implosiva alveolar sonora [ɖ], exclusiva do onset silábico, porém nunca iniciando vocábulo. Conforme mencionado no capítulo acerca da descrição pormenorizada das consoantes, a ocorrência desta implosiva se deu após vogal laringalizada e oclusiva glotal em sílaba não-acentuada.

344) [ka'tʃaɖɗa] = “o homem branco”

/ka.tjah.ta/

/ka-te                    -iahlo        -iti        -a/

?-DEM-CL.masc.-homem-S.ESP.

345) [ka'tʃadĩṇṇ:] ~ [ka'tʃadĩṇṇ:] = “muitos homens [brancos]”

/ka.tjah.ti.nṇ/

/ka -te                    -iahlo        -iti        -nṇ/

?-DEM-CL.masc-homem-PL.

346) [j̥a'lyɖa:] = “esse punhal ” (retirado de oração)

/j̥a.ly.ta/

/j̥aluti        -a/

punhal-S.ESP.

Os casos de vozeamento da velar /k/ são bem escassos e não sistemáticos. O contexto propício para o vozeamento desta oclusiva é a posição intervocálica, conferindo maior grau de sonoridade. Observe-se que o vozeamento acontece em onset de sílaba acentuada e não-acentuada.

347) [ha'gwati] = “amanhã”

/ha.kwa.ti/

/hakua                    -ti/

amanhã-ADV.

- 348) [kã'netaga<sub>1</sub>losu] = “caneta”  
 /ka.ne.ta.ka.lo.su/  
 /kaneta -kalo -su/  
 caneta-CL.comprido,plano-S.NOM
- 349) [kã'naga<sub>1</sub>nãnala] = “tem duas [pessoas]”  
 /ka.na.ka.na.na.la/  
 /kanakana -na -la/  
 REDUPL.ser.dois-PRES-PERF.M

### 3.3.1.2 Assimilação do ponto de articulação das coronais na coda silábica

Verificamos que foram duas as situações nas quais a nasal /n/ assimila o ponto de articulação do segmento adjacente no Nutajensu: (1) quando antecedida pela vogal nasal labial [ũ] /n/ vira [m] por assimilação progressiva e (2) quando o onset da sílaba seguinte é a obstruinte [k], /n/ vira [ŋ] por assimilação regressiva. A assimilação da labialidade da vogal [u] pela consoante nasal coronal /n/ opera apenas em sílaba acentuada, como nos exemplos seguintes:

- 350) [tu:.'tũm.tsu] = “mel preto”  
 /tuh.tũnt.su/  
 /tuh -tũnt -su/  
 mel-cor.preta-S.NOM
- 351) [ku.'kũm?.ksu] = “limão” (tipo de)  
 /ku.kũn?.ki.su/  
 /kukũn? -ki -su/  
 limão -CL.redondo,oblongo-S.NOM

- 352) ['tũm.su] = “bizorro”

/tũn.su/

/tũn                      -su/

bizorro-S.NOM

353)            [he.he.'nũm.su] = “raposa vermelha”

/he.he.nũn.su/

/hehe                              -nũn      -su/

REDUPL.vermelho-raposa-S.NOM

De acordo com Costa (2020), nas línguas Nambikwara do Campo, a labialização do /n/ também ocorre depois do ditongo nasal [ãũ]. Por outro lado, nessas línguas, quando o núcleo da sílaba for uma vogal simples labial, coronal ou dorsal, a consoante nasal vai se realizar como coronal ou labial a depender do ponto de articulação da consoante que ocorre em onset da sílaba seguinte. Na língua Nutajensu, o referido ditongo não engatilhou a labialização progressiva do /n/ na coda. O ditongo nasal sofre fusão vocálica, como veremos mais adiante. Na posição de coda, /n/ pode também assimilar o ponto de articulação da consoante no onset da sílaba seguinte. Isto acontece quando o ponto desta consoante é dorsal: /n.k/ → [ŋ.g].

A dorsalização do /n/ é relativamente rara e opcional. O processo afeta /n/ independentemente da qualidade da vogal nuclear como se observa no primeiro exemplo abaixo, onde /n/ → [k] depois de /u/. Concluimos que entre /u/ nuclear e onset dorsal, a língua dispõe de duas opções para assimilar o ponto de articulação do /n/ ao contexto sonoro: ou progressivamente (n → m/u\_) ou regressivamente (n → ŋ/\_k), com preferência para a primeira opção. Chamemos ainda a atenção para o fato de que a realização em [ŋg] distingue-se da pré-oralização [ᵑŋ] porque, como mostraremos, ocorre diante de vogal nasal, ao passo que a consoante nasal pré-oralizada é obrigatoriamente antecedida por vogais orais. Abaixo apresentamos os únicos registros de realizações em [ŋg]:

354)            [a'nũkisu] ~ [a'nũŋgisu] = “peito”

/a.nũn.ki.su/

/a-                              -nũn                      -ki                              -su/

INAL.-peito,seio-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- 355) [ũ:nãki,tu:a] ~ [ũ'nãŋgi,tu:a] = “vai enxugar [a roupa]” (retirado de oração)

/ũ.năn.ki.tu.wa/

|     |   |        |     |                                    |
|-----|---|--------|-----|------------------------------------|
| /ũh | 0 | -nãŋki | -tu | -ua/ INST-3SG-enxugar-FUT-IMPERF.M |
|-----|---|--------|-----|------------------------------------|

- 356) [ne<sup>h</sup>kĩkihãtesu] ~ [ne<sup>h</sup>kingihãtesu] = “cabelo branco [de Jorge]”

/ne.kĩ.ki.hã.te.su/

/nekĩn -ki -hã -te -su/

cabelo-CL.redondo,oblongo-branco-DEM-S.NOM

- 357) [l'kãŋgitʃu] = “escola”

/kājn.ki.ti.su/

/kainkiti -su/ escola-S.NOM

### 3.3.1.3 Laringalização das vogais (*creaky voice*)

A laringalização (também chamada de *creaky voice*<sup>35</sup>) é um fenômeno bastante característico das línguas Nambikwara e de grande recorrência no Nutajensu. Apesar dos termos “laringalização” e “*creaky voice*” serem tratados como sinônimos e utilizados indistintamente, Ladefoged e Maddieson (1996) apontam diferenças sutis entre ambos, fundamentalmente articulatórias. Por se tratar de um tópico muito específico e que não interfere na interpretação dos dados, também faremos uso das nomenclaturas em questão como sinônimas. Satisfaz, portanto, a definição simplificada do fenômeno dada pelos autores: “laryngealization typically consists of a very rapid change from normal voicing to a glottal stop, followed by a rapid change back to normal voicing again” (p.54).

Em várias línguas do mundo a laringalização é condicionada pela oclusiva glotal /ʔ/, que contamina a vogal pelo espriamento do traço [constricted glottis]. Este fato também é observado no Nutajensu. Com efeito, grande parte das realizações vocálicas com a laringalização incluíram a plosiva glotal adjacente à vogal.

A laringalização também está condicionada pela presença da plosiva /ʔ/ em ambiente heterossilábico sem necessariamente ela estar adjacente à vogal nuclear, embora este contexto

tenha sido bem escasso no Nutajensu. Os exemplos de laringalização com oclusiva glotal tautossilábica seguem nos registros de (358) a (361); e exemplos de laringação na ausência da plosiva constam de (362) a (365).

(358) [ˈj̥awʔksu] = “faca”

/j̥awʔ.ki.su/

/iaʊʔ                      -ki                      -su/

faca-CL.redondo,oblongo-S.NOM

(359) [ˈwajʔ # siha:] = “casa do cachorro”

/wajʔ.si.ha/

/uaiʔ                      sih                      -a/

cachorro casa-S.NOM

(360) [taˈt̪iʔksu] = “tuivara” (tipo de peixe)

/ta.t̪iʔ.ki.su/

/tat̪iʔki                      -su/

tuivara-S.NOM

35 Ladefoged e Maddieson (1996) definem *creaky voice* sob o ponto de vista fonético e o diferem da laringalização utilizando o mesmo viés. Utilizamos a definição de ‘laringalização’ dos autores por apresentar uma explicação satisfatória, apesar de simplificada. Sobre o *creaky voice*, trouxemos a definição fornecida pelos autores apenas no intuito de elucidar o leitor acerca da especificidade deste tema:

“Creaky voice is the term we will use for a mode of vibration of the vocal folds in which the arytenoid cartilages are much closer together than in modal voice. Creaky voice also involves a great deal of tension in the intrinsic laryngeal musculature, so that the vocal folds no longer vibrate as a whole. Sometimes the parts of the vocal folds close to the arytenoid are held too tightly together to be able to vibrate at all; on other occasions the ligamental and arytenoid parts vibrate separately, so that they are out of phase with one another. This can produce pulses with alternating high and low amplitudes” (p.54).

(361) [ʼajʔksu] = “airá” (tipo de peixe)

/ajʔ.ki.su/

/ajʔki -su/

airá-S.NOM

(362) [ʼmĩsu] = “batata doce”

/mĩ̃.su/

/mĩ̃ -su/

batata.doce-S.NOM

(363) [ʼhaʲjawãtasu:] = “rio”

/ha.ja.wa.ta.su/

/ha -iãu -a -ta -su/

água CL.líquido-S.ESP-CL.grande-S.NOM

(364) [alajsu] = “bicho-preguiça”

/a.laj.su/

/alaj -su/

bicho-preguiça-S.NOM

(365) [ʼhiki,mẽ̃su] = “lua pequena”

/hi.ki.mẽ̃.su/

/hi -ki -mẽ̃ -su/

lua-CL.redondo,oblongo-CL.ser pequeno-S.NOM.

Importa ressaltar que o traço laringal exerce papel contrastivo nas línguas da família Nambikwara (vide a seção 2.1 *Vogais Orais e Orais-Laringais, capítulo II*). Quando contrastiva, a laringalização é obrigatória, como se vê nos registros abaixo:

- |                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>(366) [ˈsĩsu] = “nuvem”</p> <p>/sĩ.su/</p> <p>/sĩ                    -su/</p> <p>nuvem-S.NOM</p>                                                      | <p>[ˈsĩ̃su] = “capim”</p> <p>/sĩ̃.su/</p> <p>/si                    -su/</p> <p>capim-S.NOM</p>                                                                               |
| <p>(367) [ˈwãĩ̃.ksu] = “manga”</p> <p>/wãĩ̃.ki.su/</p> <p>/ũãĩ̃                    -ki                    -su/</p> <p>manga-CL.redondo,oblongo-S.NOM</p> | <p>[ˈwaj̃.ksu] = “máscara” (tipo de)<sup>36</sup></p> <p>/waj̃.ki.su/</p> <p>/uaj̃                    -ki                    -su/</p> <p>máscara-CL.redondo,oblongo-S.NOM</p> |
| <p>(368) [ˈwẽ̃.su] = “pequeno,filhote”</p> <p>/wẽ̃.su/</p> <p>/ũẽ̃                    -su/</p> <p>CL.pequeno,filhote-S.NOM</p>                           | <p>[ˈwẽ̃.su] = “bacabá”</p> <p>/ũẽ̃.su/</p> <p>/ũẽ̃                    -su/</p> <p>CL.bacabá-S.NOM</p>                                                                        |

#### 3.3.1.4 Nasalização regressiva das vogais átonas

Tipo de assimilação bastante recorrente nas línguas Nambikwara, a nasalização regressiva manifesta-se tanto nos dialetos do Norte quanto nos da ramificação Sul. No Nutajensu, a nasalização contrastiva entre vogais orais e nasais ocorre apenas na sílaba acentuada. Isso significa que, no ambiente onde recai o acento primário, as vogais podem ser nasais na ausência de consoantes nasais adjacentes e podem ser orais em sílabas fechadas por consoante nasal. Temos então dois tipos de nasalização na língua Nutajensu: a contrastiva, na qual a oposição entre vogais orais e nasais gera vocábulos com significados distintos como nos pares /alusu/ x /alũsu/; /tusu/ x /tũsu/ e /alasu/ x /alãsu/, por exemplo; e a alofônica, em que a nasalização é opcional, podendo ou não ocorrer nas vogais orais em sílaba átona. Neste último caso, cujo processo é o da nasalização regressiva, o traço [+nasal] espalha da consoante do onset para a vogal antecedente, como se observa nos exemplos abaixo:

---

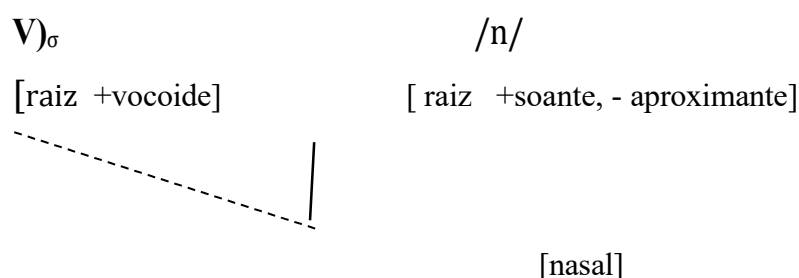
36 Informante limitou-se a dizer que se tratava de um tipo de máscara utilizada em um ritual masculino e não poderia nos fornecer mais detalhes a respeito do artefato.

- 369) [ni'nisu] ~ [nĩ'nisu] = “mosquito”  
 /ni.ni.su/  
 /nini -su/ mosquito-S.NOM
- 370) [kwana'na,kẽsu] ~ [kwanã'na,kẽsu] = “banana”  
 /kwa.na.na.kẽ.su/  
 /kuana'na -ki -ẽn -su/ banana-CL.redondo-CL.côncavo-S.NOM
- 371) ['titianana] ~ ['titiãnana] = “[água] está suja”  
 /ti.ti.a.na.na/  
 /titi -a -na -na/ sujo 3SG-PRES.PERF.F
- 372) ['teana # a'nũʔnara] ~ ['teãna # a'nũʔnara] = “ele não é [boa pessoa]”  
 /teʔ.a.na a.nũʔ.na.la/  
 /teʔana anũ -ʔ -na -la/ 3SG índio-NEG-PRES.PERF.M
- 373) [wa'klonatu:a] ~ [wa'klõnatu:a] = “vou trabalhar”  
 /wa.ka.lo.na.tu.wa/  
 /uakalon -a -tu -ua/ trabalho-1SG-FUT-IMPERF.M
- 374) [ka'tʃadĩṅ:] ~ [ka'tʃadĩṅ:] = “muitos [homens] brancos”  
 /ka.tjah.ti.naṅ/  
 /ka -te -iahlo -iti -nan/  
 ʔ-DEM-CL.masculino-homem-PL.

Verificamos se havia alguma tendência de maior ocorrência da nasalização por parte dos falantes (por exemplo, se mulheres nasalizam mais do que homens ou vice-versa), tal como ocorre com o traço laringal. Este fenômeno se mostrou indiferente ao gênero dos falantes, realizando-se espontânea e aleatoriamente nas falas dos indivíduos.

Por fim, a regra de assimilação do traço [+nasal] segue abaixo esquematizada, configurando a nasalização regressiva a partir de uma consoante nasal no onset silábico:

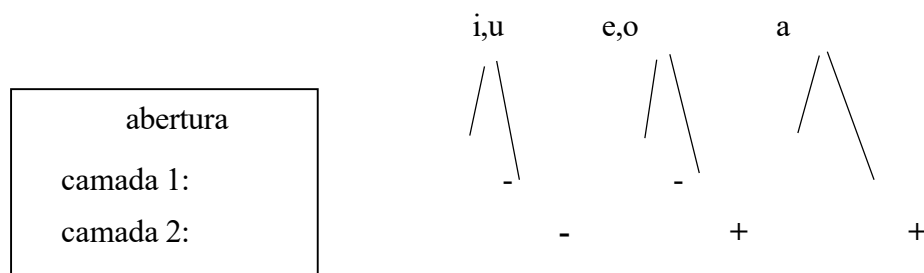
$V \rightarrow$  [nasal] / \_\_\_\_\_)σ [C nasal] (opcional, em que a vogal não carrega o acento primário).



### 3.3.1.5 Harmonia Vocálica

Característica gramatical de algumas línguas, a harmonia vocálica é um tipo de assimilação definido por Katamba (1989, p.211) como um processo “[...] whereby within a certain designated domain, usually the word, all vowels are required to share one or more phonological properties”. Quando o autor fala em “uma ou mais propriedades fonológicas”, entenda-se que a assimilação do(s) traço(s) de um segmento por outro pode ser parcial ou total. A língua Nutajensu mostra os dois tipos de assimilação, parcial e total. Vejamos primeiro o processo de assimilação que afeta o articulador ativo, além do grau de abertura em vogais. De acordo com a teoria de geometria dos traços (Clements & Hume (1995), a assimilação total consiste no espraçamento do nó de raiz, o que significa que o segmento alvo recebe todos os traços do segmento engatilhador do processo. Na referida teoria, o grau de constricção vocálica é representado pelo nó de abertura e o ponto de articulação da vogal representa-se pelo nó de lugar, que domina os traços [labial], [dorsal] e [coronal], representando os articuladores ativos.

No que tange à altura vocálica num sistema que distingue 3 graus de abertura, Clements (1991) propõe um sistema hierárquico envolvendo duas instâncias do traço binário [ $\pm$ aberto]:



1.4.10 i,u = -1,-2,

e,o = -1, +2

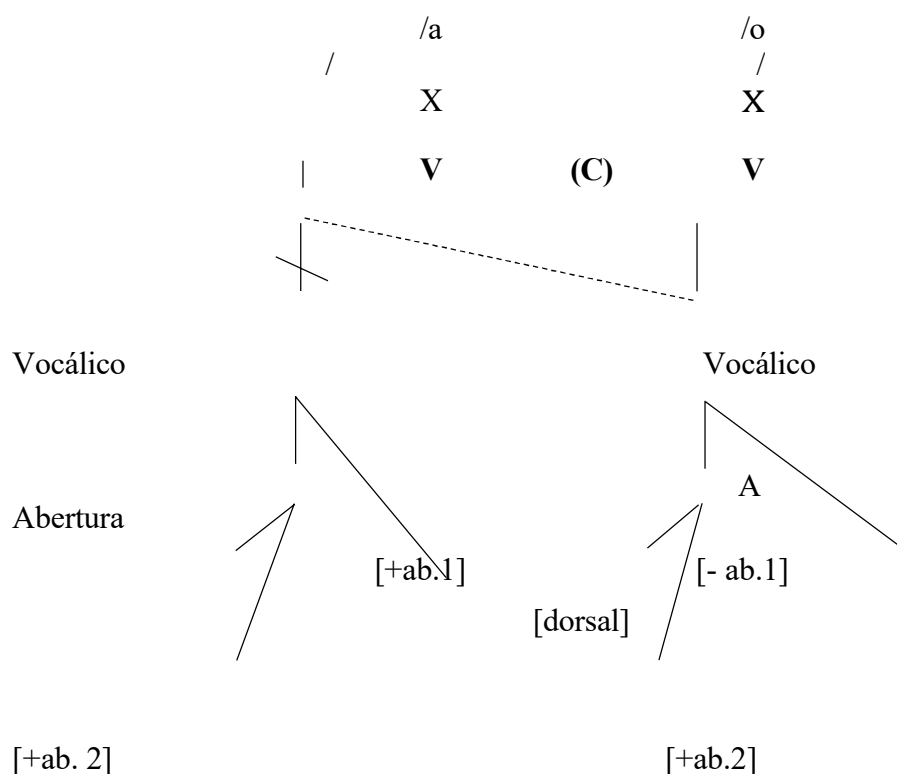
a = +1,+2

**Figura 13. *Hierarchy model of vowel height* extraída de Clements (1991)**

O esquema acima trata de um sistema linguístico composto por cinco vogais subjacentes e dispõe de três alturas - identicamente ao Nutajensu. A interpretação é feita da seguinte maneira, de acordo com Clements (1991):

“The feature  $[\pm\text{open}]$  arrayed on a tier with any rank  $i$  assigns a vowel to one of the two registers characterized at rank  $i$  of the hierarchy. Thus, the feature  $[+\text{open}]$  on tier 1 assigns a vowel to the lower of the two primary registers, while  $[-\text{open}]$  on this tier assigns it to the higher primary register. The same features on tier 2 assign vowels to the lower or higher of the secondary registers and so forth” (p.28)

No caso do Nutajensu, a assimilação total ocorreu sistematicamente em um só morfema, em que a vogal baixa /a/ assimila o nó vocálico da vogal média-alta /o/, adquirindo grau de abertura e articulador ativo idênticos a esta. Isto é, estamos lidando com um processo de assimilação total, que envolve, dentro da representação geométrica da vogal, o espriamento do nó estrutural que domina o nó de abertura e os traços de ponto de articulação, que é o nó [vocálico], como na figura abaixo (onde V, C, representam a raiz especificados pelos traços maiores correspondentes). Na figura X, a linha tracejada reassocia o nó vocálico do /o/ que agora está ligado a duas raízes vocálicas, cada uma dominadas por uma unidade temporal. Ao mesmo tempo, o nó vocalica do /a/ é desassociado. A configuração resultante representa uma vogal longa com as características do /o:/



**1.4.11 Figura 14. Representação do espraçamento do nó vocálico  $a \rightarrow o$  /\_\_(C)o.**

A harmonização total no Nutajensu realizou-se entre vogais em sílabas contíguas de uma forma muito pontual, limitando-se ao morfema classificador *-kalo* que varia com [kolo]. Trata-se de um processo opcional<sup>37</sup>:

375) [ja'lako<sub>i</sub>losu] = “anel”

/ja.li.ka.lo.su/

/iali                    -a                    -kalo                    -su/

anel-S.ESP-CL.comprido,plano-S.NOM

37 Embora tenhamos destacado estas ocorrências na sessão de processos fonológicos, consideramos que a língua não manifesta casos verdadeiros de harmonia vocálica, à exceção dos dois acima expostos. Sendo assim, preferimos tratá-los como casos em que a variação lexicalizou-se na língua.

376) [ˈsĩko,losu] = “[céu] nublado”

/sĩ.ka.lo.su/

/sĩ                                      -kalo                                      -su/

nuvem-CL.comprido,plano-S.NOM

377) [kwiˈkwikolo,tasu] = “laranjeira”

kwi.kwi.ka.lo.ta.su/

/kuikui                                      -kalo                                      -ta                                      -su/

REDUPL.limão-CL.comprido,plano-CL.grande-S.NOM

Além deste caso, mencione-se ainda uma assimilação parcial na palavra [kuakuala], em que /a/ assimila os traços [labial] e [-aberto1] do /u/.

378) [kwokwoˈlaːnãũsu] = “ovo de galinha”

/kwa.kwa.la.nãũ.su/

/kuakuala                                      -a                                      -nãũ                                      -su/ IDEOF.galinha-INAL-CL.ovo-S.NOM

379) [kwokwoˈla,ũẽsu] = “pintinho”

/kwa.kwa.la.ũẽ.su/

/kuakuala                                      -ũẽ                                      -su/

IDEOF.galinha-CL.pequeno,filhote-S.NOM

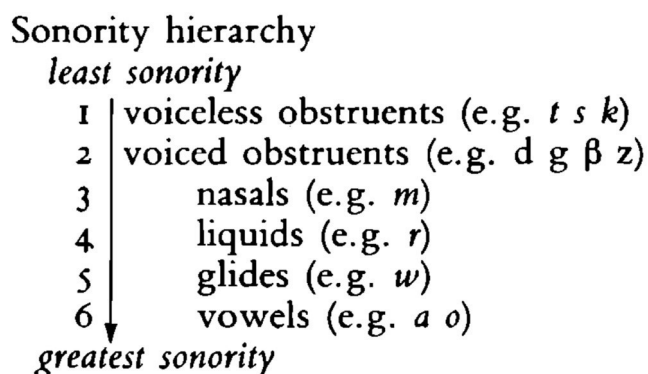
### 3.4 FORTALECIMENTO

#### 3.4.1 Fortalecimento do glide palatal [j]

Processos de fortalecimento relacionam-se à escala de sonoridade dos segmentos. Como discutido acima, neste estudo seguimos a explicação de Pike (1943) citado por Clements (1990) que “a syllabic glide is identical to a vowel, or put it in another way, a glide is simply a non-

syllabic vowel” (p.294). Por sua vez, as vogais altas, quando realizadas como glides no início da sílaba, tendem a se fortalecer adquirindo traços consonânticos, típicos de segmentos que ocupam o onset da sílaba.

Katamba (1989) aborda pertinentemente a questão envolvendo a relação entre o fortalecimento e a sonoridade. De acordo com o autor “sonority is related to voicing. The greater the propensity a sound has of spontaneous voicing, the more sonority it has” (p.104). Mas no que tange à força (ou *strength hierarchy*) esta e a sonoridade apresentam uma relação inversa, ou seja, o segmento se fortalece quão mais próximo estiver do menor grau de sonoridade.



**Figura 15. Hierarquia de sonoridade extraída de Katamba (1989, p.104)**

Isto é o que se observa, por exemplo, nas realizações possíveis da palavra /ianahlu/ ‘onça’, que, depois da silabação da vogal alta inicial como glide pode se pronunciar opcionalmente como [ɲã¹nahlu]. A realização de [j] no ataque como consoante palatal nasal é típica das palavras nas quais [j] adquire o traço [nasal] da vogal seguinte. Processos de fortalecimento são possíveis em sílabas orais também, como mostraremos abaixo.

Saliente-se que o fortalecimento é um processo opcional, podendo ocorrer em sílabas tônicas (nas quais apresenta maior recorrência na língua) e átonas. Observamos sua ocorrência tanto em raízes quanto em afixos e, em ambos os casos, manifestou-se especialmente em posição de onset silábico, que representa dentro da sílaba a posição forte com preferência pelo menor grau de sonoridade. Na posição de coda, por sua vez, os glides fonéticos permanecem com qualidade vocálica, pelo motivo inverso ao do onset: por estar na posição fraca preferem maior grau de sonoridade.

Por fim, observamos uma maior variedade de realizações oriundas do fortalecimento do glide palatal [j], quais sejam: a africada alveopalatal sonora [dʒ]; a africada alveopalatal surda [tʃ] e a nasal palatal [ɲ]. Seguem abaixo amostras de nossas compilações exemplificando o fenômeno em questão, apresentando alguns exemplos para cada um dos segmentos:

#### 1.4.12 [tʃ]

Observamos a ocorrência da africada [tʃ] em dois contextos distintos. O primeiro, em algumas raízes e morfemas e em sílaba acentuada, o glide consonantaliza-se espontaneamente realizando-se como africada [tʃ]:

380) [a<sup>l</sup>lu<sub>1</sub>tʃeksu] = “sol”

/a.lu.je.ki.su/

/a -lu -jeki -su/

INAL -sol -RN -S.NOM

381) [jetʃe<sup>nãw</sup>aj<sub>1</sub>tasu] = “ano passado” (retirado de oração)

/je.je.nãw.aj.ta.sa/

/ieienãũ -ait -a -sa/

ano.passado-TEMP-S.ESP-S.NOM

382) [tʃa<sup>t</sup>ʃalu # <sup>l</sup>ĩ # <sup>l</sup>wĩnala] = “vejo o arco-íris bonito”

/ja.ja.lu ĩ wi.na.la/

/iaialu ĩ -ui 0 -na -la/

arco-íris olhar,ver bonito-3SG-PRES-PERF.M

383) [tʃatʃa<sup>l</sup>lãtsu] = “papagaio”

/ja.ja.la.ẽn.su/

/iaiala- -ẽn -su/

papagaio-CL.côncavoS.NOM

Este processo não somente acontece dentro de raízes, como também por cima de fronteira de morfema, dentro do domínio da palavra fonológica, como se vê nos exemplos abaixo. O processo não é categórico, mas muito comumente há a palatalização do referido glide:

384) [e<sub>i</sub>t<sub>i</sub>ʃawsu] = “língua, idioma”

/ejt.jaw.su/

/eit -iau -su/

língua,idioma-CL.líquido-S.NOM

385) [a<sup>1</sup>jowe<sub>i</sub>t<sub>i</sub>ʃawsu] = “barba”

/a.jo.we.jaw.su/

/a -io -uet -iau -su/

INAL-boca-pelo-CL.líquido-S.NOM

386) [aju<sup>1</sup>kwi<sub>i</sub>t<sub>i</sub>ʃawsu] = “saliva”

/a.jo.kwi.jaw.su/

/a -io -kui -iau -su/

INAL-boca-saliva-CL.líquido-S.NOM

[dʒ]

Já estabelecemos que a língua não utiliza a diferença entre consoantes surdas e sonoras de maneira contrastiva. Compilamos os exemplos abaixo para exemplificar a sonorização do [tʃ], realizado, então, como [dʒ]. Afora o fato de realizar-se apenas em sílaba acentuada e apresentar-se num contexto de alta sonoridade, já que os segmentos adjacentes são vogais, não identificamos um contexto específico que justificasse a ocorrência da africada sonora.

Inferimos, portanto, que ocorre uma variação livre entre os alofones [tʃ] e [dʒ], não havendo prejuízo ou interferências no significado dos vocábulos quando da realização de um ou do outro:



392) [ʔi # ɲũʔna: # ʔnũsu] = “não vejo ninguém” (lit. “não tem pessoa”)

/ĩ. ỹũ.na. a.nũ.su/

/ĩ                      ỹũn      0    -ʔ    -a      -anũ    -su/ ver      ter,haver-3SG-NEG-PRES

índio-S.NOM

393) [nekaɲũʔnũlisu] = “cabelo cacheado”

/ne.ki.a.ỹũ.ỹũ .li.su/

/ne                      -ki              -a      -ỹũỹũli              -su/                      cabeça-

CL.redondo,oblongo-S.ESP-IDEOF.mola-S.NOM

394) [a.lũaʔnẽsu] = “hipopótamo”

/a.lũa.a.ỹẽn.su/

/alũa              -a    -ỹẽn -su/

anta-S.NOM-ʔ-S.NOM

### 3.4.2 A nasalização e a oclusão do glide labial [w]

Enquanto a nasalização do glide labial [w] ocorre com mesma frequência que a do glide [j], sua oclusão não é contumaz na língua. Surpreendentemente, para [w] realizar-se como [m], não é necessário que o núcleo da sílaba seja [nasal]. A variante [m] do [w] ocorre no onset de sílabas nasais e orais. Também, a consonantalização do [w] parece favoritar morfemas específicos, tais como o pronome possessivo de segunda pessoa do singular /ua/ ~ [ma]. Registramos também alguns substantivos em que [m] varia livremente com [w], tanto em sílaba acentuada quanto não acentuada. Entretanto, observamos que quando o núcleo silábico é composto pelas vogais média /e/ e alta /i/, a variante [m] também se faz presente.

A mesma preferência distribucional aplica-se à oclusiva labial [b], a qual encontramos somente seguida por núcleo com vogal média ou alta, embora sua ocorrência tenha sido consideravelmente menor. Além de sua ocorrência ter se restringido ao onset inicial de palavra (com uma exceção), não foram observadas manifestações deste segmento perante vogais nasais. Observemos, então, exemplos destas variações segmentados da seguinte maneira: de (395) a

(398) são os registros relacionados ao pronome /ua/; de (399) a (402), seguem ocorrências de variação do [w], com [m] e [b] em substantivos diversos; de (403) a (407) são as ocorrências do [m] diante de vogais média e alta:

395) [ma'neka<sub>1</sub>losu] ~ [wa'neka<sub>1</sub>losu] = “seu boné”

/wa.ne.ka.lo.su/

/ua                      -ne              -kalo              -su/

POSS.2SG-cabeça-CL.comprido,longo-S.NOM

396) [ma:'tisu] ~ [wa:'tisu] = “seu sangue”

/wa.a.ti.su/

/ua                      -a              -ti              -su/ POSS.2SG-INAL-sangue-S.NOM

397) [maĩna] ~ [waĩna] = “você”

/waj.na/

/uaina/

2SG

398) [masi'he:jtʃu] ~ [basi'he:jtʃu] ~ [wasi'he:jtʃu] = “seu território”

/wa.si.ejt.su/

/ua                      -sih              -eit              -su/

POSS.2SG-casa-aldeia-S.NOM

399) [ma:hɭu] ~ [wa:hɭu] = “roupa, tecido”

/wah.li.su/

/uah                      -li              -su/

roupa,tecido-?-S.NOM

400) [ma:'lukisu] ~ [wa:'luku] = “mamão”

/w̥a.lu.ki.su/

/u̯aʔlu                      -ki                      -su/ mamão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- 401) [ma'hi:ru] ~ [ba'hi:ru] ~ [wa'hi:ru] = “ariranha”

/wa.hih.su/

/uahih                      -su/

ariranha-S.NOM

- 402) [mari'susa] ~ [bari'susa] ~ [wari'susa] = “bolo de mandioca”

/w̥a.li.su.sa/

/u̯alisu                      -sa/

bolo de mandioca-S.NOM

- 403) [mẽ̃' ha.jawsu] ~ [wẽ̃' ha.jawsu] = “chuveiro” (lit. água pequena, pouca)

/wẽ̃.ha.jaw.su/

/ũẽ̃                      -ha                      -ia̯u                      -su/

CL.pequeno-água-CL.líquido-S.NOM

- 404) [a'si,mẽ̃:ru] ~ [asi'wẽ̃:ru] = “rabo, cauda”

/a.si.wẽ̃h.su/

/a                      -si                      -ũẽ̃h                      -su/

INAL-rabo-CL.reto-S.NOM

- 405) [mĩ:su] ~ [wĩ:su] = “batata doce”

/wĩ.su/

/ũĩ                      -su/

batata-doce-S.NOM

406) [sa'be<sub>r</sub>rētʃu] ~ [sa'we<sub>r</sub>rētʃu] = “rede”

/sa.we.lẽn.su/

/saueli -ẽn -su/

rede-CL.côncavo-S.NOM

407) [a'bitʃu] ~ [a'witʃu] = “dente”

/a.wĩ.su/

/a -ũĩ -su/ INAL-dente-S.NOM

### 3.5 PRÉ-ORALIZAÇÃO DA CONSOANTE NASAL NA CODA

A pré-oralização das consoantes nasais na coda silábica é fenômeno recorrente nas línguas indígenas brasileiras, de acordo com Wetzels (2008). Ainda conforme o autor, em seu artigo juntamente com Nevins (2018), os segmentos nasais de contorno advém de duas fontes principais: “One source, articulatorily driven, comes from underlying voiced stops, as nasal venting in order to sustain voicing. The other, perceptually driven, comes from underlying nasal consonants, as shielding next to contrastively oral vowels” (p.1)

Conforme discussão anterior, a língua Nutajensu não usa a diferença entre [+/-voz] de maneira contrastiva. Consequentemente, os segmentos bifásicos devem ser motivados por *shielding*, fenômeno que ocorre “in order to prevent the potential contamination of an oral vowel by an adjacent nasal consonant” (p.5). Wetzels & Nevins (2018) ainda consideram o fato de a pré-oralização poder realizar-se somente em um determinado contexto: “we further show that the availability of enhancement features (e.g. [±voice] among obstruents) may be evaluated not simply in terms of whether a contrast is globally absent in a language, but also in terms of whether it may be restricted to a given context C and used whenever the enhancing feature is not phonologically employed in C” (p.2).

Por já termos exposto e detalhado os processos envolvendo estes segmentos na seção sobre as nasais pré-oralizadas, traremos abaixo alguns exemplos de realização de cada um deles na superfície para rememorar o leitor. Iniciemos pela ocorrência do mais frequente (o que não significa abundante) na língua, o segmento [ᵈn]:

A consoante nasal /n/ se manifesta normalmente na coda da sílaba acentuada com ponto de articulação coronal, que consideremos o PdA especificado lexicalmente, que também se

manifesta na posição intervocálica. Quando precedida por uma vogal oral, ocorre a pré-oralização:

408) [ta:.'si<sup>d</sup>n.su] = “minha costela”

/ta.sin.su/

/ta -a -sin -su/

POSS.1SG-INAL-costela-S.NOM

409) [ju.'kwaj<sup>d</sup>n.na.la] = “amar”

/ju.kwajn.na.la/

/iukuain 0 -na -la/

amar -3SG -PRES.PERF.M

410) [waka.'lõnatua:] ~ [wakalo<sup>d</sup>nnatua:] = “vou trabalhar”

/wa.ka.lon.na.tu.wa/

/uakalon -na -tu -ua/

trabalho-1SG-FUT-PERF.M

Seguindo o [d<sup>n</sup>] no critério recorrência, temos o segmento nasal pré-oralizado [b<sup>m</sup>], cujo contexto favorável à sua manifestação ocorre após o ditongo oral [au] em sílaba acentuada.

411) ['wau<sup>b</sup>m.tsu] = “redemoinho”

/wawn.su/

/uaun -su/

redemoinho-S.NOM

412) [ha.'lo<sup>b</sup>m.na.su] = “sapo pipa”

/ha.la.un.na.su/

/halaunna -su/

sapo.pipa-S.NOM

De ocorrência bastante pontual, podendo até mesmo ser considerado como raro, temos o [ɣ̃ŋ], cuja realização se dá seguindo as vogais altas /i/ e /u/ seguido de oclusiva dorsal /k/, conforme menção no capítulo sobre as consoantes da língua. A consoante nasal assimila o ponto de articulação da oclusiva /k/ e se realiza na superfície como segmento nasal pré-oralizado.

- 413) [kwa.'sin.kisa] ~ [kwa.'si<sup>g</sup>ŋ.gisa] = “artesanato”

/kwa.sin.ki.sa/

/kuasinki -sa/

artesanato-S.NOM

- 414) [hĩ.'ni.ki.ti.sa.ṭɛ.wã:] ~ 'hi.'ni<sup>g</sup>ŋ.gi.ti.sa.ṭɛ.wã:] = “[Era a] Serra da Borda”

/hi.ni.ki.ti.sa.te.wa/

/hininkitisi -a -te -ua/

Serra da Borda-3SG-DEM-IMPERF.

- 415) [a'nũ:kisu] ~ [a'nũŋgisu] = “peito”

/a.nũ.ki.su/

/a- -nũn -ki -su/

INAL.-peito,seio-CL.redondo,oblongo-S.NOM

### 3.6 ROTACISMO

Fenômeno que se apresenta em diversas línguas do mundo, o rotacismo caracteriza-se pela mudança de uma consoante coronal em rótico em um ambiente específico. Trata-se de uma ocorrência bastante produtiva na língua Nutajensu, havendo uma abundante comutação entre a aproximante lateral /l/ e a fricativa palatal /s/ pela vibrante alveolar [ɾ] em contextos distintos. Todos eles apresentam em comum o ponto de articulação coronal, o que torna tais segmentos extremamente propensos a sofrerem variações devido à *coronal syndrome*, como já explanado.

Os registros compilados de nossos informantes não nos deixam margem para dúvidas acerca da clara variação entre /l/ e [r] em ambiente intervocálico, sobretudo nos verbos. Esta alternância é corroborada por Ladefoged & Maddieson (1996): “Some of the reports of alternations between r and l in a variety of languages may be attributable to different perceptions of what is in fact a consistent articulation, particularly when the conditioning environment is said to be vowel environment” (p.243).

Podemos dizer que na língua Nutajensu o rotacismo é um fenômeno opcional. Realizou-se em maior frequência nos verbos do que nos substantivos, porém, ambas as classes apresentaram em comum o ambiente intervocálico como preferido para ocorrência do fenômeno. Aliás, o /l/ foi alvo do rotacismo especialmente perante as vogais alta /i/ e baixa /a/, sendo que também não foram incomuns realizações perante a média-alta /e/. Para citar um exemplo de recorrência frequente, temos o caso dos verbos, onde há uma variação livre bastante contundente no sufixo verbal de aspecto - [la] e [ra]; [li] e [ri]. Consideramos [la] e [li] como as formas subjacentes por dois motivos: 1) por serem mais recorrente que [ra] e [ri] e 2) pelo fato de os falantes não reconhecerem o [r] como parte de seu sistema fonológico. Num comparativo com as línguas do Campo, o que ocorre é o oposto: a forma subjacente do morfema em questão é [ra], posto que os falantes não reconhecem o [la], e este não se realiza mesmo quando em ambiente favorável (COSTA, 2020).

Para elucidar o fenômeno, apresentamos registros de ocorrência do rotacismo da lateral nos verbos de (416) a (420) e, na sequência, dos nomes de (421) a (423).

416) [ˈdajna # soriˈajrala] = “eu ando sozinho”

/taj.na so.li aj.la.la/

/taina                      -soli      -ail      -a      -la/

1SG CL.sozinho-andar-PRES-PERF.M

417) [ˈtajna # aˈnũʔnara] = “não sou eu” (retirado de oração)

/taj.na a.nũʔ.na.la/

/taina                      anũ   -ʔ      -na      -la/

1SG                      índio-NEG-PRES-PERF.M

418) [ˈwaj̃na # saˈwẽna # ˈa:jtera] = “você anda na mata”

/waj.na sa.we.na aj.te.la/

/uaina saue -na -ai -te -la/

2SG -mata -LOC -andar-DEM-PERF.M

419) [wa'huka # ula'katĩnaturi] = “você vai perder seu arco”

/wa.hu.ka u.la.ka.ti.na.tu.li/

/ua -hu -ki -a ulakati na -tu -li/

2SG-arco-CL.redondo,oblongo-S.ESP perder-O.2SG-FUT-PERF.M

420) [teanuhĩ'nĩna # waka'lonahe] = “você trabalhou ontem”

/te.a.nu.hi.ni.na wa.ka.lo.na.he.la/

/teanuhini -na uakalon -a -he -la/

ontem -LOC trabalho-2SG-PAS-PERF.M

421) [sa'werẽsu] = “rede”

/sa.we.lẽn.su/

/sauei -ẽn -su/

rede-CL.côncavo-S.NOM

422) [w̥ari'susa] = “o bolo de mandioca”

/w̥a.li.su.sa/

/u̥ali -su -sa/ mandioca-bolo-S.NOM

423) [jara'tasu] = “maritaca”

/ja.la.ta.su/

/ialata -su/ marataca-S.NOM

Wiese (2011) prefere tratar o rotacismo não como uma mudança no grau de constrictão segmental, mas em termos de soância, assumindo um viés fonético. De acordo com o autor, a vibrante [r] possui valor de soância maior que a lateral [l], contribuindo para a ocorrência do rotacismo: “if rhotic and lateral liquids are different at all with respect to their sonority value taking the same position within the syllable, they occupy adjacent positions on this hierarchy, with laterals occupying the less sonorous position” (p.16).

Ainda dentro de nossas investigações acerca do rotacismo, verificamos um outro tipo de ocorrência – a que incide sobre a fricativa coronal /s/ no sufixo nominal -su. Nestes casos, observamos que os contextos engatilhadores do processo são dois: 1) a sílaba anterior é acentuada e 2) o segmento /s/ pode ou não ser antecedido pela glotal surda /h/.

424) [wa<sup>h</sup>lu:ru] = “tatu muito grande”

/wa.luh.su/

/ualuh -su/

tatu-S.NOM

425) [ma<sup>h</sup>hi:ru] = “ariranha”

/wa.hih.su/

/uahih -su/

ariranha-S.NOM

426) [he:ru] = “saia de dança”

/heh.su/

/heh -su/

saia de dança-S.NOM

427) [ala<sup>h</sup>kwi:ru] = “taquara”

/a.la.kwih.su/

/alakuih -su/

taquara-S.NOM

428) [ˈtẽ:ru] = “mosca”

/tẽh.su/

/tẽh -su/

mosca-S.NOM

429) [a<sub>1</sub>siˈmẽ:ru] = “rabo”

/a.si.ũẽh.su/

/a -si -ũẽh -su/

INAL-rabo-CL.reto,alinhado-S.NOM.

Acreditamos que o fato de o rotacismo do /s/ não ser tão frequente quanto a alternância entre a lateral /l/ e a vibrante [r] justifica a escassez de análises sobre sua realização. Numa investigação sobre o fenômeno, percebemos que ele é bastante recorrente em línguas indo-europeias. Nestes sistemas linguísticos, o rotacismo envolve os segmentos que aqui mencionamos, /l/ e /s/ com realização abundante na coda silábica e em ambiente intervocálico. Na língua Nutajensu, por outro lado, constatamos a variação entre /s/ e [r] apenas em contextos intervocálicos, nunca em início de palavra, o que não nos permite estabelecer um paralelo com as demais línguas. No entanto, em uma análise sobre o rotacismo no latim envolvendo a fricativa palatal /s/ precedida pela glotal surda /h/, Marotta (in VAN DER HULST, 1999) faz uma inferência que pode ser aplicada à língua indígena: “the articulation of /h/ was so weak that it did not block phonological processes such as rhotacism [...]” (p.293). Isto é, o fato de a glotal /h/ suceder a vogal que causa a mudança de /s/ para [r] não impede a realização do processo, uma vez que sua articulação não é forte o suficiente, como pode ser visto no exemplos acima.

### 3.7 ALONGAMENTO

#### 3.7.1 Alongamento vocálico em sílabas acentuadas

O alongamento na língua Nutajensu ocorre em sílabas acentuadas abertas. A abertura da sílaba pode ser subjacente ou criada pelo apagamento de segmentos codais. Em ambos os casos, o alongamento é facultativo, como se verá a seguir.

Nossa abordagem acerca do processo de alongamento fundamenta-se na teoria moraica. Segundo Hayes (1989) a mora tem dois papeis na referida teoria: “first, it represents the well-known contrast between light and heavy syllables: a light syllable has one mora, a heavy syllable two. Second, the mora counts as a phonological position: just as in earlier theories, a long segment is normally represented as being doubly linked” (p.254).

Como já constatado, o Nutajensu apresenta sílabas leves e pesadas, as quais contabilizam, respectivamente, uma e duas moras. Quando a sílaba é aberta, i.e. sem coda, o alongamento pode manifestar-se foneticamente como uma estratégia para enfatizar o acento principal na sílaba monomoraica:

430) [ˈsĩ:su] = “nuvem”

/sĩ. su/

/sĩ -su/

nuvem-S.NOM

431) [ˈĩũ:su] = “minhoca”

/ĩũ.su/

/ĩũ -su/

minhoca-S.NOM

432) [ˈwĩ:ka\_tasu] = “cará grande”

/wĩ.ka.ta.su/

/wĩ -ki -a -ta -su/

cará-CL.redondo,oblongo-S.ESP.-CL.grande-S.NOM

433) [aˈnũ:su] = “índio”

/a.nũ.su/

/anũ -su/

índio-S.NOM

434) [ˈka:su] = “gato”

/ka.su/

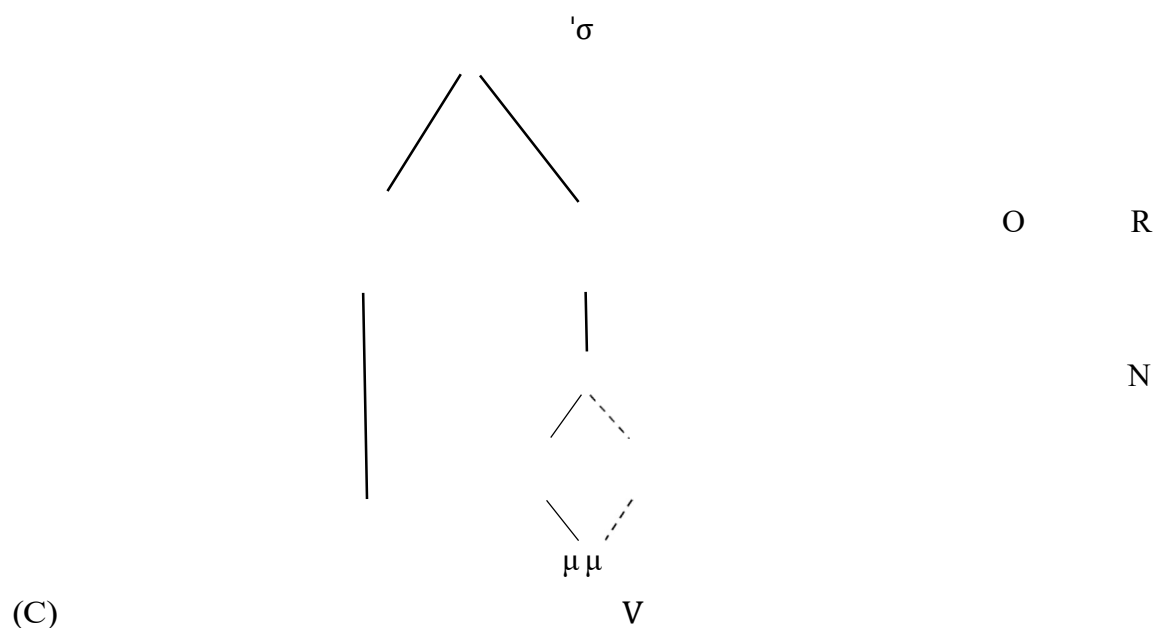
/ka -su/ gato-S.NOM

435) [aˈwɨ:su] = “dente”

/a.wɨ.su/

/a -ɨ -su/ INAL-dente-S.NOM

Note-se que neste caso o alongamento ocorre nas raízes vocabulares. Apesar de ser facultativo, este processo visa a providenciar um peso maior a sílabas acentuadas abertas pela inserção de uma mora. Abaixo vê-se o esquema que representa o alongamento vocálico em sílabas leves acentuadas:



#### 1.4.13 Figura 16. Representação do alongamento vocálico em sílabas monomoraicas de raiz vocabular.

Conforme já mencionado, o alongamento também ocorre opcionalmente em sílabas abertas criadas pela perda de uma consoante na coda. Os exemplos seguintes ilustram este caso:



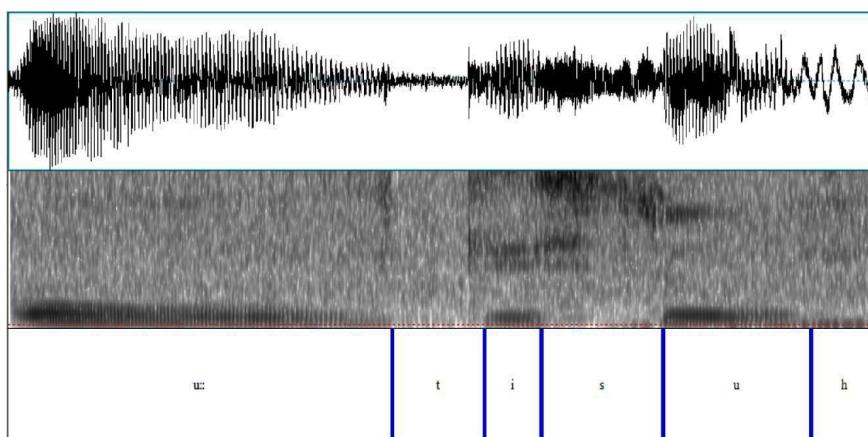
Kroeker (2001) atesta que o alongamento enfático (ao qual chama de *duração enfática*) ocorre em contexto específico: “quanto mais prolongada for a sílaba, maior a ênfase, ocorrendo principalmente em palavras descritivas, aumentativas e diminutivas” (p.8). A língua Nutajensu se enquadra neste contexto. Tomemos como exemplo o enunciado “muita preguiça”.

440) [ˈu:̃tisu] = “muita preguiça”

/ul.ti.su/

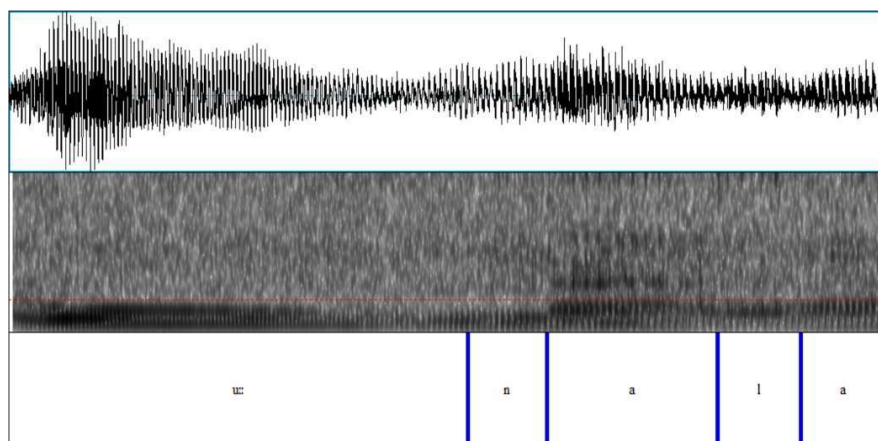
/ul -ti -su/

muita.preguiça-ADV-S.NOM

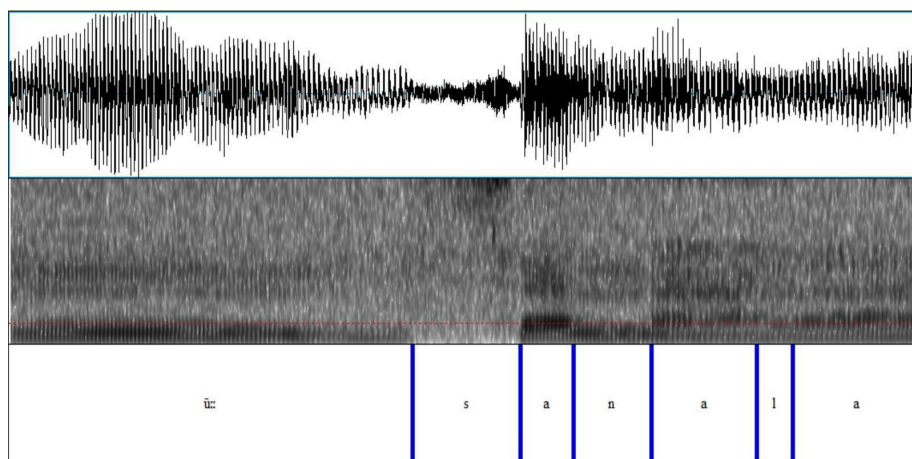


**1.4.15 Figura 17. Espectrograma da palavra /ultisu/ → [u:ɾisu<sup>b</sup>] = “muita preguiça”**

A duração da vogal da raiz é consideravelmente maior que a média neste contexto, que gira em torno de 0,1ms. Se compararmos com as demais ocorrências que apresentam alongamento enfático, é possível observar duração em m/s relativamente próximas. No espectrograma acima, a duração vocálica é de 0.62m/s e, abaixo, verificamos que as vogais tem duração 0.51m/s e 0.68m/s, respectivamente.



**1.4.16 Figura 18. Alongamento da vogal na palavra /ulnala/ → [ˈu::nala] = “é muito longe”**



**Figura 19. Espectrograma da palavra /ũsanala/ → [ˈũ::sanala] = “mordeu mesmo”**

Kroeker (2001, p.112) assinala um tipo de alongamento ainda maior. De acordo com o autor, basicamente o que ocorre é que “uma sílaba normalmente acentuada pode ser prolongada ainda mais para fins enfáticos”. Os exemplos dados pelo autor mostram a consoante nasal não-solta e a oclusiva glotal /ʔ/ sofrendo o alongamento<sup>38</sup>, sendo que este último não ocorre no Nutajensu. Porém, o autor frisa que o mesmo efeito enfático pode ser obtido através da extensão da vogal em vez das consoantes, pelo que pudemos atestar na língua nos seguintes atos de fala:

441) [ˈi::tsu] = “muita raiva”

/it.su/

/it -su/

raiva-S.NOM

- 442)            [ʼkã̃:: # ʼwã̃wtsu] = “muito calor mesmo”  
                  /kajn. wã̃w.tsu/  
                  /-kain                      ã̃ã̃            -su/  
                  CL.ENF. calor-S.NOM
- 443)            [ʼkã̃:: # ʼhatirisu] = “está muito frio”  
                  /kajn. ha.ti.li.su/  
                  /kain-                      hatili -su/  
                  CL.ENF- frio-S.NOM
- 444)            [kaʼla::nala] = “são muitos” (retirado de oração)  
                  /ka.la.na.la/  
                  /kala-                      0    -na            -la/  
                  ser.muito-3SG-PRES-PERF.M

Selecionamos dois registros que exemplificam o alongamento vocálico com fins enfáticos. Nas figuras 20 e 21 abaixo é possível verificar o prolongamento das vogais [ã̃::] e [ĩ::], respectivamente, nas raízes verbais de [aʼtanala] e [ʼitisu].

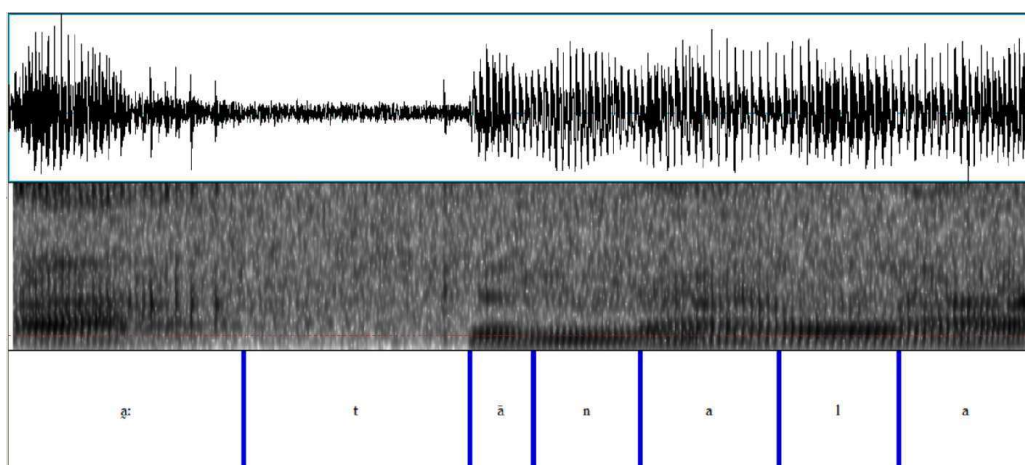
---

38 Segundo Kroeker (2001, p.112), o alongamento é dado às consoantes - em (402) e (403) - proporcionalmente à ênfase desejada pelo falante. O mesmo efeito se obtém a partir do alongamento vocálico, em (404):

(402) ʼKãin<sup>2</sup>-khaixx<sup>1</sup>-na<sup>3</sup>la<sup>2</sup>. grande-muito-é  
 'É muito grande.'

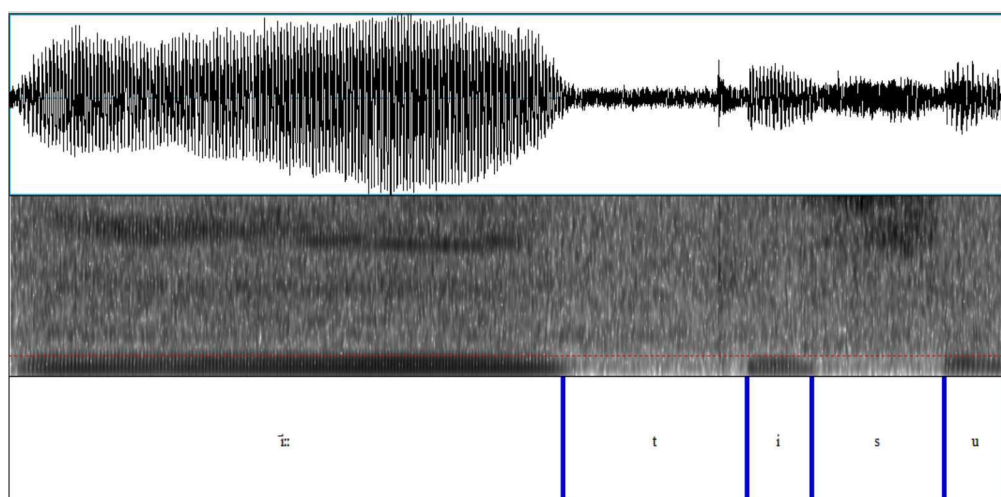
(403) ʼKãin<sup>2</sup>-khaixxxx<sup>1</sup>-na<sup>3</sup>la<sup>2</sup>. grande-muitíssimo-é  
 'É muitíssimo grande.'

(404) ʼKãin<sup>2</sup>-khaiiix<sup>1</sup>-na<sup>3</sup>la<sup>2</sup>. grande-muitíssimo-é  
 'É muitíssimo grande.'



1.4.17 **Figura 20. Espectrograma do alongamento enfático da vogal /a/**

1.4.18 na palavra/ãʔtanala/ → [a:ˈtanala] = “é muito bravo”



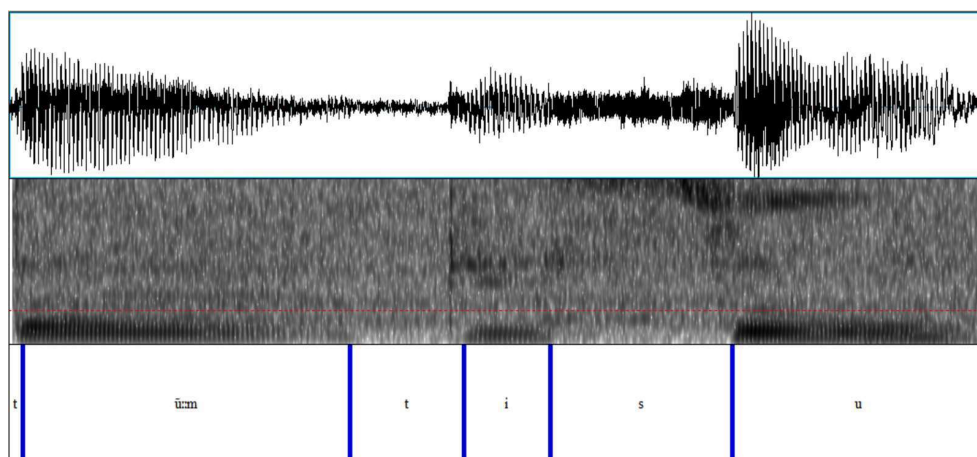
**Figura 21. Espectrograma do alongamento enfático da vogal [ĩ:] de  
“encarar,olhar fixamente”**

### 3.7.3 Alongamento do segmento nasal na coda

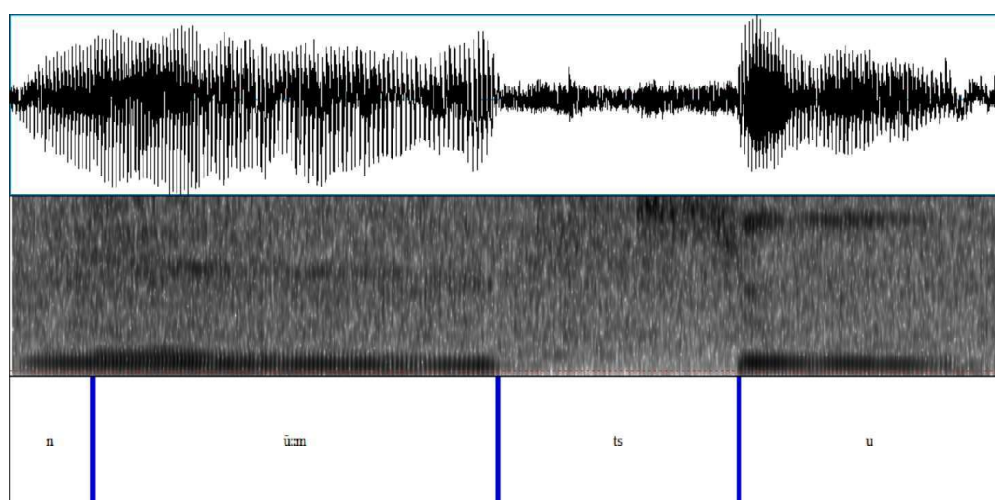
O alongamento do segmento nasal coronal na coda segue o mesmo princípio do tipo de alongamento que tratamos acima. Nos exemplos que compilamos, percebemos que a ocorrência deste fenômeno tem duas motivações: a primeira e mais evidente tem relação com a tonicidade da sílaba; a segunda diz respeito à ênfase que o interlocutor quer dar a alguma característica do objeto ao qual faz menção no discurso. Tal como Costa (2020) assinala para as

línguas Nambikwara do Campo sobre este mesmo processo “o segmento nasal em coda, devido à sua soância, pode ser alongado em sílaba acentuada para promover a ênfase do sentido atrelado à raiz (ênfase semântica), do segmento em si (ênfase do segmento) ou da tonicidade da sílaba (ênfase de acento)” (p.227).

Selecionamos dois espectrogramas que demonstram as referidas ocorrências.



**1.4.19 Figura 22. Alongamento da consoante nasal [m] em /tũntisu/ → [ˈtũm̃tsu] = “cheiro”**



**Figura 23. Alongamento da consoante nasal em /nũntisu/ → [ˈnũm̃tsu] = “lambida”**

Ambos os exemplos são nomes que possuem raiz monossilábica e que além de terem a vogal alongada na sílaba acentuada, apresentam a consoante nasal com duração maior quando comparada aos demais segmentos. Nestes casos a consoante nasal foi superficializada enquanto [m], pois a vogal alta /u/ engatilhou a labialização<sup>39</sup>.

39 Processo explicado na seção de *processos fonológicos*.

Na língua Nutajensu o segmento nasal é o único que sofre alongamento na coda silábica, os demais segmentos neste mesmo ambiente sofrem processos de apagamento ou mudanças fonéticas. Kroeker (2001) sinaliza o alongamento, chamando-o de extensão, afirmando que ela “é sempre previsível, com base na acentuação e composição das sílabas. A sílaba acentuada é sempre mais comprida. Sendo aberta a sílaba, a vogal é mais comprida. Sendo fechada a sílaba, a última consoante é mais comprida” (p.111).

A extensão da vogal nasal ou da consoante nasal na coda é opcional, mas tem realização justificada pelo fato de conferir proeminência à sílaba, o que contribui para sua tonicidade. Além dos dois casos acima demonstrados, verificamos tais ocorrências também nos seguintes registros:

- 445) [ˈkã̃:: # tena,hera] = “fui mesmo [pra escola]” (retirado de oração)

/kajn.te.na.he.la/

/kain -te -na -he -la/

CL.enf-DEM-1SG-PAS-PERF.M

- 446) [ˈtĩ::kina] = “termino logo”

/tĩn.ki.na.la/

/tĩn -ki -na -la/

terminar-INCL.1SG/PRES-PERF.M

- 447) [ˈita # kitaˈtã::su] = “homem muito baixo”

/i.ti.a.ki.ta.tãn.su/

/iti -a -kitatãn -su/

homem-S.ESP-baixo-S.NOM

- 448) [nuˈkũm::ksu] = “muito forte”

/nu.kũn.ki.su/

/nukũnki-su/

forte-S.NOM

### 3.8 MONOTONGAÇÃO

A monotongação é o processo a partir do qual ocorre a redução de um ditongo para uma vogal simples. O fenômeno é entendido pelos teóricos sob diferentes perspectivas, tais como uma variação fonética, resultado de um ‘relaxamento’ articulatorio, que pode virar uma característica dialetal, decorrente de questões sociolinguísticas.

O Nutajensu mostra dois processos de criação de monotongos a partir dos ditongos. O primeiro reduz os ditongos orais [ej] e [aj] decrescentes pelo apagamento do glide. O processo é opcional e menos produtivo como nas línguas irmãs do Norte, o Latundê (TELLES, 2002) e o Negarotê (BRAGA, 2016), por exemplo. Para as línguas Nambikwara do Campo (Sul), Costa (2020) assinala que a monotongação também não é recorrente e se processa em ambiente específico: nos ditongos nasais [ãw̃] e [ãj̃], que se realizam como [ã:] em sílaba tônica de raiz.

Na língua Nutajensu [ej] e [aj] se realizam, respectivamente, como [e:] e [a:] em sílaba tônica de raízes nominais e verbais. Vê-se que o glide palatal [j] ocupa a posição de coda da sílaba, contabilizando mora, tornando-a pesada e portadora do acento primário. O seu apagamento gera um alongamento da vogal remanescente de modo que o peso se mantenha naquela sílaba. Seguem exemplos de monotongação nos vocábulos abaixo. De (449) a (452) são registros com o ditongo [ej] e de (453) a (455) com o ditongo [aj]:

449) [ʰe:hru] = “caju”

/ejh.su/

/ejh -su/

caju-S.NOM

450) [asaʰte:hru] = “cor azul”

/a.sa.tejh.su/

/asateih -su/

cor.azul-S.NOM

451) [anũʰe:tsu] = “território do índio”

/a.nũ.ejt.su/

/anũ                    -eit            -su/

índio-território-S.NOM

452)                    [ana<sup>1</sup>ne:su] = “cor verde”

/a.na.nej.su/

/ananei                    -su/

cor.verde-S.NOM

453)                    [wəʔ<sup>1</sup>luka # <sup>1</sup>a:tũna] = “vai andar até o mamão ” (retirado de texto)

/wəʔ<sup>1</sup>.lu.ki.a aj.tu.na/

/uəʔ<sup>1</sup>lu                    -ki            -a            ai    -tu            -na/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.ESP andar-FUT-PERF.M

454)                    [<sup>1</sup>a:ka<sub>1</sub>katsu] = “bala”

/aj.ki.a.kat.su/

/ai                    -ki            -a            -kat            -su/

bala-CL.redondo,oblongo-S.NOM-CL.duro-S.NOM

455)                    [jã<sup>1</sup>na:ksu] = “onça d’água”

/ja.naj.ki.su/

/ianaiki                    -su/

onça.d’água-S.NOM

Observamos um caso pontual de monotongação do ditongo [ow] em [o:], cuja realização também se deu em sílaba tônica de raiz nominal.

456)                    [<sup>1</sup>ho:ta<sub>1</sub>w̥isu] = “dente do macaco”

/how.ta.w̥i.su/

/hout                    -a            a            -u̥i            -su/

macaco-S.ESP            INAL-dente-S.NOM



|                         |       |     |        |      |
|-------------------------|-------|-----|--------|------|
| /hout                   | -a    | kãũ | -li    | -su/ |
| macaco.nego.velho-S.ESP | preto | -?  | -S.NOM |      |

- 460) [<sup>1</sup>nãw̃ʔksu] ~ [<sup>1</sup>nõ:ʔksu] = “mosquito”

/nãwʔ.ki.su/

/nãũʔki -su/

mosquito-S.NOM

- 461) [l'kaja # mĩ'pu,losu] = “quati macho velho”

/ka.ja wi.nu.law.su/

/kai                      -a                      uinu                      -lau                      -su/

quati-S.ESP      CL.macho-velho-S.NOM

- 462) [ʰhowta # ʰduh,losu] = “macaco fêmea velha”<sup>40</sup>

/how.ta tuh.law.su/

/hout -a tuh -lau -su/

macaco-S.ESP mulher-velha-S.NOM.

40 Informante explica que as mulheres e as fêmeas dos animais não assumem papéis de liderança. Entretanto, a figura feminina mais velha (a matriarca) acaba por exercer forte influência sobre as demais mulheres/fêmeas do grupo. Acreditamos que por não haver um morfema classificador na língua indicador desta hierarquia feminina, os falantes utilizem o morfema{-lau} para fazê-lo, embora seja utilizado predominantemente para seres do sexo masculino.

### 3.9 DESNASALIZAÇÃO/ENSURDECIMENTO DA NASAL /N/ DIANTE DE /S/

O ensurdecimento da nasal /n/ diante do /s/ ocorre na sequência dos morfemas /ẽn+su/ → /ẽ:tsu/. Não se trata de um processo categórico, mas pode-se considerá-lo produtivo na língua. Deste apagamento pode ocorrer, opcionalmente, o alongamento da vogal nuclear remanescente. Saliente-se que, neste caso, não há variação com a realização de /n/ em coda (não havendo, portanto, consoante intrusiva):

- 463) [ka.ka.<sub>r</sub>ẽ:tsu] = “maritaca de Pedrinho”

/ka.ka.lẽn.su/

/kakali                      -ẽn              -su/

maritaca-CL.côncavo-S.NOM

- 464) [aẽ:su] ~ [aẽ:tsu] ~ [aẽtsu] = “buraco”

/a.ẽ.su/

/a                              -ẽn              -su/

INAL-CL.côncavo-S.NOM

- 465) [kwa.ta.<sub>r</sub>ẽ:tsu] ~ [kwatarẽ:su] = “caçarola”

/kwa.ta.lẽn.su/

/kuata                      -li              -ẽn              -su/

caçarola- ?-CL.côncavo-S.NOM

- 466) [sa<sup>1</sup>we<sub>r</sub>lẽ:su] ~ [sa<sup>1</sup>we<sub>r</sub>ẽtsu] = “rede”

/sa.we.lẽn.su/

/saueli                      -ẽn              -su/

INAL-CL.côncavo-S.NOM

### 3.10 SÂNDI VOCÁLICO – A DEGEMINAÇÃO VOCÁLICA

O sândi vocálico refere-se ao processo de desfazimento de hiatos, sejam eles entre vocábulos ou no interior deles, chamados respectivamente de sândi vocálico externo e interno. O sândi externo desfaz encontros vocálicos em fronteira de palavra, podendo engatilhar os seguintes processos fonológicos: a elisão, a degeminação e a ditongação. Faremos uma análise sobre a degeminação, processo recorrente na língua Nuatjensu e que afeta especialmente a vogal /a/.

A degeminação caracteriza-se pelo encontro de duas vogais idênticas, acarretando o fusionalismo de ambas desde que a segunda vogal não possua o acento primário. Não apenas as vogais são afetadas pelo processo, no entanto: as consoantes envolvidas sofrem ressilabificação numa tendência das línguas em reestruturarem a sílaba para o padrão universal CV.

A degeminação na língua Nutajensu, como já mencionado, realiza-se a partir do encontro entre duas vogais /a/ em fronteira de palavras, tratando-se de um caso de sândi vocálico. O fato deste processo manifestar-se razoavelmente na língua tem grande relação com o sufixo indicador de definitude e o prefixo flexional de posse indicador de inalienabilidade, ambos representados pela vogal -a<sup>41</sup>. Tomemos o exemplo a seguir para análise:

467) [duha'hikisu] = “mão da mulher”

/tuh                      -a   ##   a   -hi           -ki           -su/

mulher-S.ESP ## INAL-mão-CL.redondo-S.NOM.

A raiz nominal /tuh/ é flexionada pelo sufixo de especificidade/definição -a; a raiz /hiki/ sofre prefixação obrigatória a- por se tratar de um nome inalienável e o encontro destes dois afixos acarreta na degeminação dos segmentos. Chame-se a atenção para o fato de que também é possível haver o alongamento da vogal [a]; isto é, em vez de ambas as vogais se fundirem, há a queda de uma delas e o consequente alongamento da vogal remanescente. Apesar de ambas as realizações variarem quase que indiferentemente, notamos uma maior recorrência da degeminação:

---

41 A análise do -a enquanto prefixo e sufixo bem como a dos nomes alienáveis e inalienáveis encontra-se na seção “Excurso sobre o -su, -sa e -a”

468) [a'nũa: # 'kũmksu] = “coração do índio”

/a.nũ.a.kũn.ki.su/

/anũ                    -a    ##   -a   -kũn                    -ki                    -su/

índio-S.ESP ## INAL-coração-CL.redondo,oblongo-S.NOM

469) ['wa:ti.a # he'henãna:] = “nosso sangue é vermelho”

/wa.ti.a he.he.na.na/

/ua                    ##   -a            -ti            -a                    hehe                    -na    -na/

POSS.1PL ## INAL-sangue-S.NOM        REDUPL.vermelho-PRESERF.

470) ['ita # 'sĩsu] ~ [i:ta: # 'sĩsu] = “costela do homem”

/i.ta.sĩ.su/

/iti                    -a    ##   -a            -sin            -su/

homem-S.ESP ## INAL-costela-S.NOM

471) [a'lũa # 'jukisu] ~ [a,lũa:'jukisu] = “pegada da anta”

/a.lũ.a.ju.ki.su/

/alũ                    -a    ##   a            -iu                    -ki                    -su/

anta-S.ESP ## INAL-pé-CL.redondo, oblongo-S.NOM

Em menor escala, verificou-se a degeminação da vogal alta /i/. Em fala espontânea são três as possibilidades de processos envolvendo a sequência /ii/ : 1) há uma fusão das vogais, que passam a realizar-se como um segmento apenas; 2) há a geminação das vogais e 3) não há apagamento das vogais, mas um fortalecimento do glide palatal [j] no classificador -iau, cuja realização mostrou-se pontual.

Por fim, apenas quando solicitamos a silabação foi perceptível a realização de ambas as vogais /i/ em cada uma das sílabas. Eis os únicos registros coletados com tais realizações:

472) [a'kiosu] ~ [a'ki:osu] = “vagina”

/a.ki.jo.su/

/a -ki -io -su/

INAL-CL.redondo,oblongo-boca-S.NOM.

- 473) [ˈwari,awsu] ~ [ˈwari:awsu] ~ [ˈwari,ɔ̃awsu] = “chicha de mandioca”

/w̥a.li.j̥a.w.su/

/uali                      -iau                -su/

mandioca-CL.líquido-S.NOM.

- 474) [ari,awsu] ~ [ari,awsu] ~ [ari,ɜawsu] = “chicha de pequi”

/a.li.jaw.su/

/ali                      -iau                      -su/

pequi-CL.líquido-S.NOM.

- 475) [kwi'kwi<sub>1</sub>awsu] ~ [kwi'kwi<sub>2</sub>awsu] ~ [kwi'kwi<sub>3</sub>awsu] = “suco de laranja”

/kwi.kwi.jaw.su/

/kuikui? -iau -su/

REDUPL.laranja-CL.líquido-S.NOM

### 3.11 COALESCÊNCIA

O processo de coalescência indica a aglutinação de fonemas. A coalescência dos segmentos pode ser intrassilábica e interssilábica: a primeira diz respeito à fusão de dois fonemas fazendo parte da mesma sílaba, como discutimos acima com relação aos ditongos. Já o caso de coalescência interssilábica na língua Nutajensu envolve a sequência dos morfemas /li/ e /su/, cujo processo se dá da seguinte maneira: há o apagamento da vogal alta /i/ na primeira sílaba, que deixa um traço da sua existência subjacente no /l/, que palataliza e vira [ʎ]. Na segunda sílaba, observamos o apagamento da fricativa coronal inicial do sufixo /su/: [ʎs] → [ʎ], que se junta como onset à vogal /u/ para formar a sílaba [ʎu]:

- 476) [l<sup>h</sup>aw:ɫu] = “leão”

/hawh.li.su/

/hauh -li -su/

- leão                      ? -S.NOM
- 477)                      [ʒa'tahʎu] ~ [ja'ta:ʎu] = “veado” (tipo de)
- /ja.tah.li.su/
- /iatah -li                      -su/
- veado-?-S.NOM
- 
- 478)                      [ka'kãw̃:ʎu] = “preto, de cor escura”
- /ka.kãw̃.li.su/
- /kakãũ-li-su/
- preto -?-S.NOM
- 
- 479)                      [ha'law:ʎu] = “sapo cururu”
- /ha.lawh.li.su/
- /halauh                      -li                      -su/
- sapo.cururu-?-S.NOM

### 3.12 ASPIRAÇÃO DE SEGMENTOS NO ONSET DE SÍLABA ACENTUADA

O fenômeno da aspiração no Nutajensu envolve a oclusiva velar /k/ e o glide labial [w]. Trata-se de uma ocorrência comum na língua, sendo sua realização mais frequente em início de vocábulo e estritamente em sílaba acentuada. Com relação à plosiva, Gussenhoven (2011) descreve a aspiração em termos articulatórios: “in many languages, the vocal folds may begin to vibrate immediately after the release of the closure made for the plosive for a following voiced segment, as in [pa]; but in other languages the vocal folds may remain open for a while. In the latter case, the plosives are said to be **aspirated**” (p.18). Denominada ainda pelo autor de “weak turbulence”, por Lass (1984) como um “premature release”, e por Ladefoged e Maddieson (1996) como “[...] a period of voicelessness after the release of an articulation, and before the vocal folds start vibrating”, a aspiração é representada pelo [h] e não altera o valor de vozeamento das oclusivas.

Em que pese ser comum as línguas manifestarem a aspiração nos segmentos oclusivos surdos /p,t,k/, o Nutajensu apenas o fez – e opcionalmente - diante da velar /k/<sup>42</sup>.

480) [k<sup>h</sup>asu] = “gato”

/ka.su/

/ka -su/

gato-S.NOM

481) [k<sup>h</sup>witsu] = “veado do campo”

/kwiʔt.su/

/kuiʔt -su/

veado-S.NOM

482) [k<sup>h</sup>wajsu] = “beija-flor”

/kwaj.su/

/kuai -su/

beija-flor-S.NOM

483) [a<sup>h</sup>kũmksu] = “coração”

/a.kũn.ki.su/

/a -kũn -ki -su/

INAL-coração-CL.redondo,oblongo-S.NOM

A aspiração perante o glide labial [w] realiza-se antecedendo o segmento, denominada então “pré-aspiração”. Não foi observada a realização deste processo (especificamente com o glide labial em questão) nas demais línguas Nambikwara; porém, Aikhenvald e Dixon (1999) atestam sua ocorrência nas línguas indígenas Arawak. Nelas, a pré-aspiração do [w] diz respeito a uma variação livre entre o referido segmento e a oclusiva labial [p]. Sendo assim, por não representar contraste subjacente e se tratar basicamente de uma manifestação de superfície, as

---

42 Observamos dois casos pontuais de aspiração em consoantes plosivas que não envolvem a velar /k/: um na labial /p/ e outro na alveolar /t/ respectivamente, [p<sup>h</sup>itsu] ‘abóbora’ e [nekit<sup>h</sup>u] ‘cabeça’. Ambos foram enunciados por um informante idoso, sinalizando a possibilidade de serem formas remotas da língua, que se modificaram (ou se perderam) diacronicamente.

inferências que podemos fazer com base nos dados da língua Nutajensu é que a pré-aspiração afeta exclusivamente o glide labial [w] sem valor contrastivo. A razão pela qual o processo se limita ao glide labial fica por ora inexplicado.

484) [ʰwẽ̃z̥awsu] = “chuva fraquinha, chuvisco”

/wẽ̃.jaw.su/

/ũẽ                      -iaũ              -su/

chuva-CL.líquido-S.NOM

485) [ʰwẽ̃sa] = “a criança” (retirado de oração)

/wẽ̃.sa/

/ũẽ                                      -sa/

CL.pequeno,filhote-S.NOM

486) [ʰwã̃wã̃w̃nã̃w̃tasu] = “lacreia”<sup>43</sup>

/wã̃.wã̃w̃.nã̃w̃.ta.su/

/ũã̃.ũã̃ũ                              -nãũ              -ta              -su/

REDUPL.lacreia-CL.terra-CL.grande-S.NOM

487) [ʰwã̃wtsu] = “calor”

/wã̃w̃.su/

/ũãũ                      -su/

calor-S.NOM

---

43 Este foi o único registro em que houve aspiração em duas sílabas no mesmo vocábulo.

### 3.12.1 Aspiração na coda silábica

A aspiração na coda silábica manifestou-se unicamente nas vogais e antecedendo a fricativa palatal /s/. Todos os segmentos vocálicos incorreram na aspiração, mas observamos que o processo foi mais recorrente na vogal baixa central /a/. Ao contrário do que se possa inferir, a aspiração na coda não tem relação com a qualidade da vogal envolvida no processo, mas sim com o segmento adjacente. Isto é, a consoante do onset da sílaba seguinte, a fricativa /s/, é a responsável por engatilhar o processo.

Como mencionado no tópico anterior, o traço [ $\pm$ spread glottis] do segmento fricativo da sílaba adjacente à vogal é espraído regressivamente. De acordo com Vaux (1998), as fricativas-surdas e sonoras - caracterizam-se pela necessidade de certa aspiração da glote a fim de produzir fluxo de ar suficiente que garanta a fricção. Com isso, o autor quer dizer que o traço [ $\pm$ spread glottis] deve ser definido “in terms of a line drawn somewhere in the range of possible degrees of spreading of vocal folds, rather than in all-or-nothing terms of spreading versus no spreading” (p.509).

Apesar de o autor considerar que a teoria proposta para os segmentos fricativos tem viés fonológico (e não somente fonético), ele salienta que “the important point to bear in mind here is that a phonological specification [-X], where X is any feature, does not entail that the component of the vocal tract activated by [X] is completely inert at the phonetic level” (1998, p.509). Isso posto, temos que no Nutajensu o espraçamento da aspiração para a coda da sílaba precedente deve-se ao traço [+spread glottis], presente nas consoantes fricativas surdas, que ocorrem no onset da sílaba subsequente. A aspiração, portanto, é expressa pelo [h] não como um segmento pleno, mas sim como um traço espraído a partir da consoante da sílaba subsequente, o [s]. Em nossos dados, percebemos que a pré-aspiração [<sup>h</sup>] tem duração menor (de 0.07m/s) que a fricativa [h] em sua forma plena na posição de coda silábica (de 0.13m/s). Para além de uma análise fonética, o /h/ encontra-se em sílaba acentuada, conferindo-lhe peso. É verdade que a fricativa glotal pode ser apagada na superfície, mas isso gera um alongamento da vogal nuclear remanescente, reiterando a existência de um segmento em sua forma plena. A aspiração não gera alongamento e revela ocorrência inconstante pelo fato de o processo não ser categórico.

Por fim, reiteramos que o processo de aspiração não é muito produtivo na língua mas, quando ocorre, manifesta-se em sílaba acentuada ou não, em posições inicial e medial de vocábulo, bem como em fronteira de morfema.

- 488) [a<sup>l</sup> wĩẽ<sup>h</sup> sãna] = “estou grávida” (lit. “tenho uma criança comigo”)

/a.ũẽ.a.sa.na/

/a -ũẽ -a -san -a/

INAL.-CL.pequeno,filhote-S.NOM.-1SG-PRES

- 489) [ta<sup>l</sup>wai<sup>h</sup> su,sãñãna:] = “é meu cachorro”

/ta.wajʔ.su.na.na/

|     |       |     |     |     |      |
|-----|-------|-----|-----|-----|------|
| /ta | -uai? | -su | -sa | -na | -na/ |
|-----|-------|-----|-----|-----|------|

POSS.1SG-cachorro-S.NOM-1SG-PRES-PERF.F

- 490) [lũh<sub>1</sub>sala] = “me dá!”

/ũh.sa.la/

/ũh -sa -la/

INSTR-1SG-PERF.M

- 491) [ha<sup>l</sup>talí<sup>h</sup> sãnalá:] = “[a casca] é lisa” (retirado de oração)

/ha.ta.li.a sa.na.la/

/hatali                      -a                      -san                      -a                      -la/

ser liso-S.ESP-3SG-PRES-PERF.M

### 3.13 REDUPLICAÇÃO

A duplicação silábica envolve a interface entre a fonologia e a morfologia, como pontua Spencer (1996, p.68) “[...] it is a process which involves a phonological modification of the morphemes it affects and such can be seen as lying on the boundary between phonology and morphology”. Diz respeito, portanto, à cópia do material da base, geralmente uma raiz. No Nutajensu, este processo caracteriza-se por uma repetição total ou parcial da raiz vocabular, sendo bastante produtivo na língua.

A reduplicação no Nutajensu tem por função enfatizar algo ou se assemelhar aos sons onomatopaicos dos animais, criando ideofones. Na grande maioria dos casos, a reduplicação afeta a raiz inteira, ao contrário do que ocorre com outras línguas Nambikwara (Mamaindê e

Nambikwara do Campo, por exemplo), nas quais a reduplicação é geralmente de unidades prosódicas (palavras, sílabas e moras). Em alguns casos, a reduplicação somente afeta a primeira sílaba da raiz. Isto acontece em raízes polissilábicas das quais a estrutura fonotática sugere uma estrutura morfológica antiga, virada opaca na língua moderna. Também alguns exemplos raros são encontrados com a última sílaba da raiz reduplicada.

Apresentamos abaixo os tipos de ocorrência de reduplicação na língua Nutajensu:

### 3.13.1 Raízes monossilábicas

Os exemplos seguintes mostram a reduplicação de raízes monossilábicas. Não é claro, entretanto, se temos um processo morfológico produtivo na língua. Isto porque que a maioria das raízes compostas de sílabas idênticas nem sempre existem sem iteração das sílabas idênticas. Pode ser que tenham sido formadas historicamente por reduplicação e, em seguida, lexicalizadas como tal. Mesmo assim, discutiremos brevemente a estrutura destas formas.

492) [he.'hẽ.na.la] = “é vermelho”

/he.he 0 -na -la/

REDUPL.vermelho-3SG-PRES.PERF.M

493) ['ha.ja.wa # 'ti.tĩ.na.la] = “a água está suja”

/ha -iaũ -a titi 0 -na -la/

água.CL.líquido-S.NOM REDUPL.suja-3SG-PRES-PERF.M

494) [wã.'lu.ki.a # ko.'ko.na.la] = “o mamão está podre”

/wã lu -ki -a ko.ko 0 -na -la/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.NOM REDUPL.podre-3SG-PRES.PERF.M

495) ['ne.ki.a # hã.'hã.na.la] = “o cabelo é branco”

/ne -ki -a hã.hã 0 -na -la/

cabeça-CL.redondo,oblongo-S.NOM REDUPL.branco-3SG-PRES.PERF.M

496) [tʃa.ˈtʃa.lu # ˈĩːnã: .wã] = “estou vendo o arco-íris”

/ia.ia                      -lu              ã              -na -ua/

REDUPL.arco-íris-sol RV.ver-O.1SG-IMPERF.M

497) [wã.wã.ˈnãw.ˌta.su] = “lacreia”

/ũã.ũãũ                                      -nãũ              -ta              -su/

REDUPL.lacreia-CL.terra,pó-CL.grande-S.NOM.

498) [kwi.ˈkwi.ki.ˌta.su] = “laranja”

/kui.kui                                      -ki                                      -ta              -su/

REDUPL.laranja-CL.redondo,oblongo-CL.grande-S.NOM

499) [kwẽ.ˈkwẽ.ka.ˌlo.su] = “abanador”

/kuẽ.kuẽ                                      -kalo                                      -su/

REDUPL.abanador-CL.comprido,longo-S.NOM

Os ideofones, raízes nominais de natureza onomatopaica cuja função é a de representar uma semelhança do som emitido pelo referente numa ação repetitiva, seguem o mesmo padrão:

500) [ho.ˈho.ki.su] = “coruja”

/ho.ho                                      -ki                                      -su/

REDUPL.coruja-CL.redondo,oblongo-S.NOM

501) [ni.ˈni.su] = “mosquito”

/ni.ni                                      -su/

REDUPL.mosquito-S.NOM

502) [tʃa.ˈtʃa.ri.su] = “cobra cascavel”

/ia.ia                      -li      -su/

REDUPL.cascavel-?-S.NOM

503) [se.<sup>1</sup>se.ksu] = “escorpião”

/se.se -ki -su/

REDUPL.escorpião-CL.redondo,oblongo-S.NOM

### 3.13.2 Raíces dissilábicas

Menos frequentes são as reduplicações que envolvem raízes dissilábicas:

504) [ha.te.ha.<sup>1</sup>te.tsu] = “azul oscuro”

/hate.hate            -ti            -su/

REDUPL.azul.escuro-ADV-S.NOM

505) [daĩ. na # hĩ.na.hĩ.'na.te.a:] = “eu acredito mesmo”

|        |           |     |     |
|--------|-----------|-----|-----|
| /taina | hina-hina | -te | -a/ |
|--------|-----------|-----|-----|

1SG REDUPL acreditar-DEM-S.ESP.

506) [ja.li.<sup>1</sup>ja.li.nã.nã:] = “[o galho] é preto”<sup>45</sup>

|            |   |     |     |
|------------|---|-----|-----|
| /iali.iali | 0 | -na | -na |
|------------|---|-----|-----|

REDUPL.preto-3SG-PRES-PERF.FEM

507) [sa.te.sa.<sup>l</sup>tej:ru] ~ [sa.te.sa.<sup>l</sup>te:<sup>h</sup>ru] = “cor amarela”

/sate.sateih -su/ REDUPL.amarelo-S.NOM

No exemplo seguinte, o glide na coda da raiz não se manifesta no prefixo, provavelmente pela redução das ditongos decrescentes, /aj/ e /aw/, que se explica por um processo produtivo na língua:

- 508) [ka.<sup>1</sup>lũ.a # kwa.<sup>1</sup>kwaj.ɬu] = “o xexéu preto”

/kalũ                    -a                    -kua.kuai                    -li                    -su/

xexéu.S.ESPEC REDUPL.ideof- ?-S.NOM

Em algumas formas reduplicadas verifica-se que somente a primeira sílaba está copiada. Entretanto, a fonotática das palavras sugere uma estrutura morfológica interna que não é mais transparente na língua moderna. O primeiro exemplo pode ter sido um composto agora inanalísavel. No caso das palavras ‘papagaio’ e ‘galinha’ a última sílaba pode representar um antigo sufixo *-la*, cujo sentido não é mais recuperável.

- 509) [wawa'tõ:su] = “círculo”

| x   | nível 2 |
|-----|---------|
| 1   | 1       |
| 2   | 1       |
| 3   | 1       |
| 4   | 1       |
| 5   | 1       |
| 6   | 1       |
| 7   | 1       |
| 8   | 1       |
| 9   | 1       |
| 10  | 1       |
| 11  | 1       |
| 12  | 1       |
| 13  | 1       |
| 14  | 1       |
| 15  | 1       |
| 16  | 1       |
| 17  | 1       |
| 18  | 1       |
| 19  | 1       |
| 20  | 1       |
| 21  | 1       |
| 22  | 1       |
| 23  | 1       |
| 24  | 1       |
| 25  | 1       |
| 26  | 1       |
| 27  | 1       |
| 28  | 1       |
| 29  | 1       |
| 30  | 1       |
| 31  | 1       |
| 32  | 1       |
| 33  | 1       |
| 34  | 1       |
| 35  | 1       |
| 36  | 1       |
| 37  | 1       |
| 38  | 1       |
| 39  | 1       |
| 40  | 1       |
| 41  | 1       |
| 42  | 1       |
| 43  | 1       |
| 44  | 1       |
| 45  | 1       |
| 46  | 1       |
| 47  | 1       |
| 48  | 1       |
| 49  | 1       |
| 50  | 1       |
| 51  | 1       |
| 52  | 1       |
| 53  | 1       |
| 54  | 1       |
| 55  | 1       |
| 56  | 1       |
| 57  | 1       |
| 58  | 1       |
| 59  | 1       |
| 60  | 1       |
| 61  | 1       |
| 62  | 1       |
| 63  | 1       |
| 64  | 1       |
| 65  | 1       |
| 66  | 1       |
| 67  | 1       |
| 68  | 1       |
| 69  | 1       |
| 70  | 1       |
| 71  | 1       |
| 72  | 1       |
| 73  | 1       |
| 74  | 1       |
| 75  | 1       |
| 76  | 1       |
| 77  | 1       |
| 78  | 1       |
| 79  | 1       |
| 80  | 1       |
| 81  | 1       |
| 82  | 1       |
| 83  | 1       |
| 84  | 1       |
| 85  | 1       |
| 86  | 1       |
| 87  | 1       |
| 88  | 1       |
| 89  | 1       |
| 90  | 1       |
| 91  | 1       |
| 92  | 1       |
| 93  | 1       |
| 94  | 1       |
| 95  | 1       |
| 96  | 1       |
| 97  | 1       |
| 98  | 1       |
| 99  | 1       |
| 100 | 1       |

| x   | nível 1 |
|-----|---------|
| 1   | 1       |
| 2   | 1       |
| 3   | 1       |
| 4   | 1       |
| 5   | 1       |
| 6   | 1       |
| 7   | 1       |
| 8   | 1       |
| 9   | 1       |
| 10  | 1       |
| 11  | 1       |
| 12  | 1       |
| 13  | 1       |
| 14  | 1       |
| 15  | 1       |
| 16  | 1       |
| 17  | 1       |
| 18  | 1       |
| 19  | 1       |
| 20  | 1       |
| 21  | 1       |
| 22  | 1       |
| 23  | 1       |
| 24  | 1       |
| 25  | 1       |
| 26  | 1       |
| 27  | 1       |
| 28  | 1       |
| 29  | 1       |
| 30  | 1       |
| 31  | 1       |
| 32  | 1       |
| 33  | 1       |
| 34  | 1       |
| 35  | 1       |
| 36  | 1       |
| 37  | 1       |
| 38  | 1       |
| 39  | 1       |
| 40  | 1       |
| 41  | 1       |
| 42  | 1       |
| 43  | 1       |
| 44  | 1       |
| 45  | 1       |
| 46  | 1       |
| 47  | 1       |
| 48  | 1       |
| 49  | 1       |
| 50  | 1       |
| 51  | 1       |
| 52  | 1       |
| 53  | 1       |
| 54  | 1       |
| 55  | 1       |
| 56  | 1       |
| 57  | 1       |
| 58  | 1       |
| 59  | 1       |
| 60  | 1       |
| 61  | 1       |
| 62  | 1       |
| 63  | 1       |
| 64  | 1       |
| 65  | 1       |
| 66  | 1       |
| 67  | 1       |
| 68  | 1       |
| 69  | 1       |
| 70  | 1       |
| 71  | 1       |
| 72  | 1       |
| 73  | 1       |
| 74  | 1       |
| 75  | 1       |
| 76  | 1       |
| 77  | 1       |
| 78  | 1       |
| 79  | 1       |
| 80  | 1       |
| 81  | 1       |
| 82  | 1       |
| 83  | 1       |
| 84  | 1       |
| 85  | 1       |
| 86  | 1       |
| 87  | 1       |
| 88  | 1       |
| 89  | 1       |
| 90  | 1       |
| 91  | 1       |
| 92  | 1       |
| 93  | 1       |
| 94  | 1       |
| 95  | 1       |
| 96  | 1       |
| 97  | 1       |
| 98  | 1       |
| 99  | 1       |
| 100 | 1       |

/uauatãũn -su/

círculo -S.NOM

- 510) [tʃatʃaˈlãnsu] = “papagaio”

| x   | nível 2 |
|-----|---------|
| 1   | 1       |
| 2   | 1       |
| 3   | 1       |
| 4   | 1       |
| 5   | 1       |
| 6   | 1       |
| 7   | 1       |
| 8   | 1       |
| 9   | 1       |
| 10  | 1       |
| 11  | 1       |
| 12  | 1       |
| 13  | 1       |
| 14  | 1       |
| 15  | 1       |
| 16  | 1       |
| 17  | 1       |
| 18  | 1       |
| 19  | 1       |
| 20  | 1       |
| 21  | 1       |
| 22  | 1       |
| 23  | 1       |
| 24  | 1       |
| 25  | 1       |
| 26  | 1       |
| 27  | 1       |
| 28  | 1       |
| 29  | 1       |
| 30  | 1       |
| 31  | 1       |
| 32  | 1       |
| 33  | 1       |
| 34  | 1       |
| 35  | 1       |
| 36  | 1       |
| 37  | 1       |
| 38  | 1       |
| 39  | 1       |
| 40  | 1       |
| 41  | 1       |
| 42  | 1       |
| 43  | 1       |
| 44  | 1       |
| 45  | 1       |
| 46  | 1       |
| 47  | 1       |
| 48  | 1       |
| 49  | 1       |
| 50  | 1       |
| 51  | 1       |
| 52  | 1       |
| 53  | 1       |
| 54  | 1       |
| 55  | 1       |
| 56  | 1       |
| 57  | 1       |
| 58  | 1       |
| 59  | 1       |
| 60  | 1       |
| 61  | 1       |
| 62  | 1       |
| 63  | 1       |
| 64  | 1       |
| 65  | 1       |
| 66  | 1       |
| 67  | 1       |
| 68  | 1       |
| 69  | 1       |
| 70  | 1       |
| 71  | 1       |
| 72  | 1       |
| 73  | 1       |
| 74  | 1       |
| 75  | 1       |
| 76  | 1       |
| 77  | 1       |
| 78  | 1       |
| 79  | 1       |
| 80  | 1       |
| 81  | 1       |
| 82  | 1       |
| 83  | 1       |
| 84  | 1       |
| 85  | 1       |
| 86  | 1       |
| 87  | 1       |
| 88  | 1       |
| 89  | 1       |
| 90  | 1       |
| 91  | 1       |
| 92  | 1       |
| 93  | 1       |
| 94  | 1       |
| 95  | 1       |
| 96  | 1       |
| 97  | 1       |
| 98  | 1       |
| 99  | 1       |
| 100 | 1       |

|   |   |                    |      |
|---|---|--------------------|------|
| x | x | nível 1 /iaiala-ẽn | -su/ |
|---|---|--------------------|------|

papagaio-CL.côncavo-S.NOM

- 511) [kwakwa<sup>1</sup>lasu] = “galinha”

| x   | nível 2 |
|-----|---------|
| 1   | 1       |
| 2   | 1       |
| 3   | 1       |
| 4   | 1       |
| 5   | 1       |
| 6   | 1       |
| 7   | 1       |
| 8   | 1       |
| 9   | 1       |
| 10  | 1       |
| 11  | 1       |
| 12  | 1       |
| 13  | 1       |
| 14  | 1       |
| 15  | 1       |
| 16  | 1       |
| 17  | 1       |
| 18  | 1       |
| 19  | 1       |
| 20  | 1       |
| 21  | 1       |
| 22  | 1       |
| 23  | 1       |
| 24  | 1       |
| 25  | 1       |
| 26  | 1       |
| 27  | 1       |
| 28  | 1       |
| 29  | 1       |
| 30  | 1       |
| 31  | 1       |
| 32  | 1       |
| 33  | 1       |
| 34  | 1       |
| 35  | 1       |
| 36  | 1       |
| 37  | 1       |
| 38  | 1       |
| 39  | 1       |
| 40  | 1       |
| 41  | 1       |
| 42  | 1       |
| 43  | 1       |
| 44  | 1       |
| 45  | 1       |
| 46  | 1       |
| 47  | 1       |
| 48  | 1       |
| 49  | 1       |
| 50  | 1       |
| 51  | 1       |
| 52  | 1       |
| 53  | 1       |
| 54  | 1       |
| 55  | 1       |
| 56  | 1       |
| 57  | 1       |
| 58  | 1       |
| 59  | 1       |
| 60  | 1       |
| 61  | 1       |
| 62  | 1       |
| 63  | 1       |
| 64  | 1       |
| 65  | 1       |
| 66  | 1       |
| 67  | 1       |
| 68  | 1       |
| 69  | 1       |
| 70  | 1       |
| 71  | 1       |
| 72  | 1       |
| 73  | 1       |
| 74  | 1       |
| 75  | 1       |
| 76  | 1       |
| 77  | 1       |
| 78  | 1       |
| 79  | 1       |
| 80  | 1       |
| 81  | 1       |
| 82  | 1       |
| 83  | 1       |
| 84  | 1       |
| 85  | 1       |
| 86  | 1       |
| 87  | 1       |
| 88  | 1       |
| 89  | 1       |
| 90  | 1       |
| 91  | 1       |
| 92  | 1       |
| 93  | 1       |
| 94  | 1       |
| 95  | 1       |
| 96  | 1       |
| 97  | 1       |
| 98  | 1       |
| 99  | 1       |
| 100 | 1       |

| X   | nível 1 |
|-----|---------|
| 1   | 1       |
| 2   | 1       |
| 3   | 1       |
| 4   | 1       |
| 5   | 1       |
| 6   | 1       |
| 7   | 1       |
| 8   | 1       |
| 9   | 1       |
| 10  | 1       |
| 11  | 1       |
| 12  | 1       |
| 13  | 1       |
| 14  | 1       |
| 15  | 1       |
| 16  | 1       |
| 17  | 1       |
| 18  | 1       |
| 19  | 1       |
| 20  | 1       |
| 21  | 1       |
| 22  | 1       |
| 23  | 1       |
| 24  | 1       |
| 25  | 1       |
| 26  | 1       |
| 27  | 1       |
| 28  | 1       |
| 29  | 1       |
| 30  | 1       |
| 31  | 1       |
| 32  | 1       |
| 33  | 1       |
| 34  | 1       |
| 35  | 1       |
| 36  | 1       |
| 37  | 1       |
| 38  | 1       |
| 39  | 1       |
| 40  | 1       |
| 41  | 1       |
| 42  | 1       |
| 43  | 1       |
| 44  | 1       |
| 45  | 1       |
| 46  | 1       |
| 47  | 1       |
| 48  | 1       |
| 49  | 1       |
| 50  | 1       |
| 51  | 1       |
| 52  | 1       |
| 53  | 1       |
| 54  | 1       |
| 55  | 1       |
| 56  | 1       |
| 57  | 1       |
| 58  | 1       |
| 59  | 1       |
| 60  | 1       |
| 61  | 1       |
| 62  | 1       |
| 63  | 1       |
| 64  | 1       |
| 65  | 1       |
| 66  | 1       |
| 67  | 1       |
| 68  | 1       |
| 69  | 1       |
| 70  | 1       |
| 71  | 1       |
| 72  | 1       |
| 73  | 1       |
| 74  | 1       |
| 75  | 1       |
| 76  | 1       |
| 77  | 1       |
| 78  | 1       |
| 79  | 1       |
| 80  | 1       |
| 81  | 1       |
| 82  | 1       |
| 83  | 1       |
| 84  | 1       |
| 85  | 1       |
| 86  | 1       |
| 87  | 1       |
| 88  | 1       |
| 89  | 1       |
| 90  | 1       |
| 91  | 1       |
| 92  | 1       |
| 93  | 1       |
| 94  | 1       |
| 95  | 1       |
| 96  | 1       |
| 97  | 1       |
| 98  | 1       |
| 99  | 1       |
| 100 | 1       |

/kuakuala -su/

galinha -S.NOM

45 Neste exemplo a intenção foi elicitare a cor marrom, pelo que o informante respondeu que “marrom e preto são a mesma cor”.

Nos seguintes casos excepcionais, a reduplicação se limita à última sílaba da raiz, que está copiada do lado direito desta:

512) [kwanã'na<sub>1</sub>ẽ:su] = “banana”

|                                |     |      |         |
|--------------------------------|-----|------|---------|
| x                              |     |      | nível 2 |
| x                              |     | x    | nível 1 |
| /kuanana                       | -ẽn | -su/ |         |
| REDUPL.banana-CL.côncavo-S.NOM |     |      |         |

513) [jeto'toʔ<sub>1</sub>tasu] = “pato”

|                             |     |      |         |
|-----------------------------|-----|------|---------|
| x                           |     |      | nível 2 |
| x                           |     | x    | nível 1 |
| /ietotoʔ                    | -ta | -su/ |         |
| REDUPL.pato-CL.grande-S.NOM |     |      |         |

514) ['waʔdete:su] = “borboleta”

|                        |      |         |
|------------------------|------|---------|
| x                      |      | nível 2 |
| x                      |      | nível 1 |
| /uaʔtete               | -su/ |         |
| REDUPL.borboleta-S.NOM |      |         |

515) [suko'konãna:] = “está torta [a flecha]”

|                                    |   |     |         |
|------------------------------------|---|-----|---------|
| x                                  |   |     | nível 2 |
| x                                  |   |     | nível 1 |
| /sukoko                            | 0 | -na | -na/    |
| REDUPL.estar torto-3SG-PRES-PERF.F |   |     |         |

#### 4. FONOLOGIA SUPRASEGMENTAL – ACENTO E TOM.

##### 4.1 O ACENTO

Esta seção visa a apresentar o sistema acentual da língua Nutajensu. Inicialmente, faremos uma breve abordagem sobre o viés teórico adotado e, em seguida, falaremos sobre como o acento se configura nas línguas Nambikwara, embora os resultados de análise nas línguas da ramificação Sul ainda não sejam contundentes. Por fim, apresentaremos nossas observações e inferências sobre o padrão acentual do Nutajensu.

Dentre as variadas contribuições teóricas, interessa-nos a de Bruce Hayes (1981), em cujo viés, a Teoria Métrica, fundamentaremos nossas análises. O princípio é de que as sílabas são as unidades através das quais a estrutura métrica se constitui. São elas que portam o acento, independentemente de quantos segmentos o vocábulo contenha. O autor descreve as características do acento a partir das seguintes proposições:

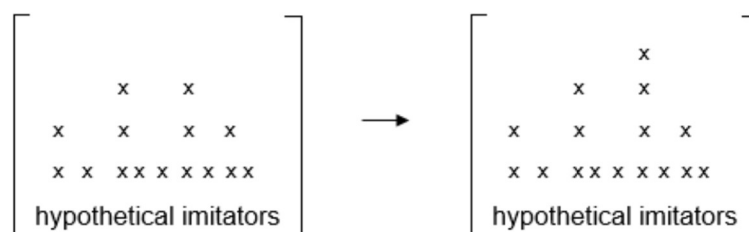
- 1) *Culminativity* (Culminatividade) - a qual preconiza que a palavra fonológica apresenta uma sílaba com o acento principal. As exceções a este princípio são as palavras gramaticais (artigos, pronomes, preposições e verbos auxiliares) por um simples motivo, segundo Hayes: elas ‘se apóiam’ no vocábulo principal por circunstâncias fonológicas. Apesar de parecer um traço relativamente óbvio, dado que um falante/ouvinte é capaz de identificar de oitiva preliminar a proeminência silábica e situar o acento em um vocábulo, os sistemas linguísticos apresentam particularidades acentuais entre si, tornando a identificação do acento mais complexa. Existem sistemas cuja acentuação é previsível, isto é, possuem o padrão acentual fixo como o polonês e o finlandês (penúltima e primeira sílaba, respectivamente), ou apresentam acentuação fonêmica, não-previsível, como o russo. Independentemente do tipo acentual, as línguas podem ser analisadas a partir princípios impostos pela teoria métrica.
- 2) *Rhythmic Distribution* (Distribuição Rítmica) - o acento ritmicamente distribuído referido pelo autor, diz respeito a uma alternância entre as sílabas acentuadas e não-acentuadas. Isso significa que o acento deverá recair numa sílaba respeitando-se a distância entre esta e outra sílaba e entre fronteiras de palavras.
- 3) *Stress Hierarchies* (Hierarquias do acento) – a maioria dos sistemas linguísticos acentuais dispõe de níveis variados de acento (primário, secundário, terciário, por

exemplo). Tais níveis, de acordo com o teórico “can appear within the phonology, rather than being the result of late phonetic rules” (p.25).

4) *Lack of Assimilation* (Ausência de assimilação) – aspecto considerado pelo autor como sendo fonologicamente universal e absoluto, uma sílaba acentuada não induz o acento às sílabas adjacentes, nem à precedente nem à seguinte.

Apesar de o acento parecer facilmente identificável, as definições acima demonstram bem a complexidade que o envolve. A proposta de Hayes (1995) na teoria métrica, é a de que o acento não seja concebido como um traço, mas como uma estrutura hierárquica ritmicamente organizada. Para tanto, o autor apresenta uma grade métrica (*metrical grid*), com o objetivo de retratar a estrutura temporal das batidas (*beats*). De acordo com o autor, este modelo inclui parênteses em todas as camadas da grade para indicar os constituintes que estariam representados na árvore métrica.

Em que pese boa parte dos sistemas linguísticos possuam regras de acento previsíveis, existem aqueles cujo sistema acentual é mais complexo e a atribuição do acento perpassa por regras formais, conforme assinalado por Hayes (1995). Sobre a acentuação no domínio da palavra fonológica, o autor fala sobre as regras formais que a envolvem, afirmando que estas “[...] differ formally from rules that manipulate features, in several ways. While most featural rules obey constraints of locality, applying between adjacent segments or syllables, stress rules are often non-local”. (p.33). Trata-se da regra da localidade (*locality*) que, de maneira geral, diz respeito ao caráter não-local da aplicação do acento, também definida pelo autor da seguinte forma: “the non-locality of stress rules can be explicated on the basis of hierarchical nature of metrical representation [...] because in a metrical grid, the higher layers are phonologically relevant” (p.33). O autor exemplifica a teoria a partir de um exemplo extraído de sua língua materna, o inglês com a locução ‘hypothetical imitators’:



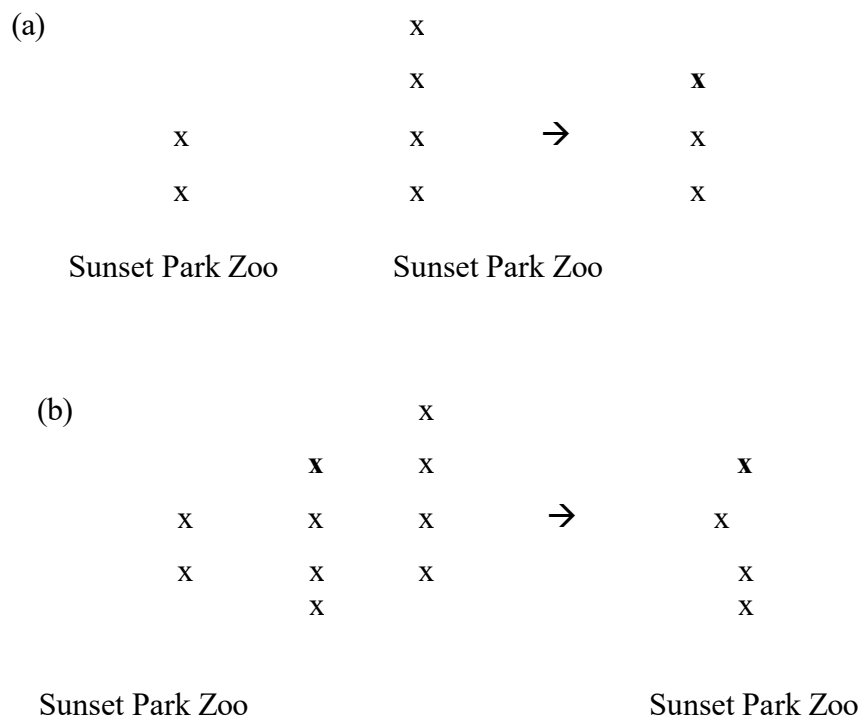
**1.4.20 Figura 24. Sobre localidade do acento adaptada de Hayes (1995, p.34)**

De acordo com Hayes (1995), por motivos de localidade, a regra que atribui o acento primário só “enxerga” a camada mais alta da grade. O que se vê na grade, portanto, é uma

estrutura baseada em uma sequência de batidas (*beats*), cujas forças variam numa relação direta à sua altura. Uma concepção importante para a interpretação do esquema trazida pelo autor é a de que as linhas são tão importantes quanto as colunas, no sentido de que todas as batidas contidas numa camada mais alta devem obrigatoriamente constar nas camadas mais baixas, ao que ele denomina de “*downward implication*”. Esta propriedade implica dizer que uma coluna de grade não pode apresentar lacunas, pois “if a syllable forms a rhythmic beat on a given layer, it must also form a rhythmic beat on all lower layers” (HAYES, 1995, p.34).

Outra noção relevante sobre as regras formais do acento diz respeito a uma tendência geral de que as línguas possuem em exagerar contrastes pré-existent, tornando as sílabas fortes mais fortes e as fracas mais fracas. A ideia central desta teoria é a de “[...] impose an inviolable constraint on metrical representations, to the effect that a grid column may never have a gap” (p.34). Isso quer dizer que uma sílaba apenas receberá um x na camada  $n+1$  sob a condição de o ter recebido na camada  $n$ .

Some-se ainda uma regra à qual Hayes (1995) chama de “Move X”, que teoriza que “if there is more than one possible landing site for a retracted stress, the site onto which stress actually retracts must be that which already bears the strongest pre-existing stress” (p.35). Esta opera determinando qual dentre as sílabas elegíveis receberá o acento principal. Apresentemos o exemplo proposto por Hayes (1995) para elucidar a aplicação das regras supracitadas até então:



**1.4.21 Figura 25. Esquema *Move X* adaptado de Hayes (1995)**





**1.4.23 Figura 27. Sobre a atribuição do acento principal adaptada de Hayes (1995, p.36)**

A primeira regra seleciona um subgrupo de sílabas no vocábulo elegíveis para receber o acento ao nível mais baixo da grade (por exemplo, as sílabas fechadas) a segunda, por sua vez, seleciona a sílaba que vai receber o acento primário mais à esquerda ou mais à direita para receber o acento primário.

Ressalte-se, por fim, que a Teoria Métrica tem relação intrínseca com a Teoria da Estrutura Silábica, mais especificamente no que se refere ao peso silábico. A Teoria Métrica tem a sílaba como portadora do acento. Em línguas em que a estrutura da sílaba determina onde vai cair o acento, será o peso da sílaba que é determinante, não o número de segmentos que compõem a sílabas. Sendo assim, as sílabas pesadas atraem o acento para si, ao passo que as sílabas leves só o fazem na ausência de sílabas pesadas. A relação entre o acento e o peso silábico é tratada pela teoria moraica, de fundamental importância para a teoria métrica. Isso porque o parâmetro utilizado – a mora – contabiliza uma unidade de peso na sílaba, ao contrário da contagem dos segmentos, que atribui o mesmo valor para todos eles.

Como se verá nos dados do Nutajensu, nos basearemos na teoria métrica e na contagem de moras para elucidar o sistema acentual da língua.

#### **4.1.1 O acento nas línguas Nambikwara.**

No artigo intitulado ‘*A Survey of South American stress systems*’, Wetzels e Meira (2010) iniciam a obra com a seguinte assertiva: “in many senses, an assessment of any typological feature in South American indigenous linguistics is premature. Despite a recent increase in the quantity and quality of publications in this field, the number of reliable descriptions is still small.” (p.313). Dentre as complexas características inerentes às línguas indígenas brasileiras, incluindo as da família Nambikwara, o acento é uma que permanece com descrições parcas. Resultados de pesquisas recentes e em desenvolvimento têm contribuído para sanar (ou ao menos amenizar) esta lacuna e evidenciar aspectos que se assemelham ou revelam-se bastante díspares entre os dialetos.

As línguas indígenas sul-americanas apresentam uma ampla variedade de padrões acentuais: o estritamente acentual (*stress accent*), o estritamente tonal (*tonal accent*) ou um sistema misto, especificadas e descritas pelos autores, com base em Beckman (1986) da seguinte maneira:

- I. stress-accent systems**
  - a. weight-driven (mora counting)
  - b. sonority-driven (sensitive to the sonority degree of the nuclear vowel)
  - c. sensitive to the nature of the onset
  - d. syllable-counting or unpredictable.
- II. non-stress accent systems<sup>46</sup>**
- III. mixed tonal/stress systems (evidence for both tone and stress).**

No que tange às línguas Nambikwara, até o momento sabe-se que os padrões acentuais revelam certa semelhança entre si, sendo majoritariamente mistos por ter um acento baseado no peso silábico e sensíveis à estrutura morfológica (exceto o Sabanê) por serem ao mesmo tempo tonais. Wetzels e Meira (2010) elencam as principais características acentuais especialmente das línguas Nambikwara descritas até o ano da publicação de seu estudo, que são o Sabanê (ARAÚJO, 2004) e as línguas do ramo Norte, o Mamaindê (EBERHARD, 2009) o Latundê e o Lakondê (TELLES, 2002). Em termos gerais, as línguas descritas até o momento apresentam seus padrões acentuais conforme se observa na tabela elaborada por Costa (2020), que complementamos com os dados acentuais do Nutajensu:

---

<sup>46</sup> De acordo com a definição de Beckman (1986, p.105) “non-stress accent languages are those in which tonal features enter into the definition of some levels of the organizational hierarchy that are marked in the lexicon. Or putting it another way, stress-accent languages are those in which the lower lexical levels of the hierarchy are well-defined only in terms of such non-intonational features as syllable weight.”

| Línguas Nambikwara                                       | Interpretações sobre o acento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Sabanê (língua isolada)</b><br/>(ARAÚJO, 2004)</p> | <p>O acento é atribuído à sílaba pesada da raiz (nominal, adverbial e verbal);</p> <p>Caso haja apenas sílabas pesadas na raiz, a sílaba mais à direita recebe o acento;</p> <p>Caso a raiz seja composta por apenas sílabas leves, o acento recai sobre a penúltima sílaba;</p> <p>O acento secundário é iterativo e pode alternar;</p> <p>Vogal de sílaba acentuada é alongada foneticamente;</p> <p>Vogal com acento secundário (em raízes com mais de 2 sílabas) é mais longa do que vogal átona e menos longa do que a vogal que recebe o acento primário;</p> <p>Os nomes contêm entre 2 e 4 sílabas, sendo pouco frequentes raízes monossilábicas;</p> <p>Em palavras compostas por mais de uma raiz, a sílaba acentuada da raiz mais à esquerda recebe o acento principal;</p> <p>Há exceções à regra de acento envolvendo a presença de glide;</p> <p>Acento e ritmo são, então, regulados por 3 mecanismos:</p> <p>1º: atribuição do acento à raiz, considerando-se o peso silábico;</p> <p>2º: nível da palavra prosódica – acento atribuído a sílabas pesadas cuja proeminência fonética ocorre por meio de alçamento no pitch;</p> <p>3º: nível da palavra prosódica – atribui acento rítmico às sílabas restantes alternando entre sílabas com e sem acento.</p> |

|                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Latundê e Lakondê (Norte)</b><br/>(TELLES, 2002)</p> | <p>Sistema acentual misto, sendo o acento considerado parcialmente previsível;</p> <p>O acento se realiza foneticamente como pitch alto e sílabas não acentuadas têm pitch baixo. Além disso, vogais de sílabas acentuadas tendem a ser mais longas;</p> <p>Inicialmente consideradas como línguas pitch- accent (TELLES, 2002), porém reinterpretadas como possuindo sistema acentual misto, apresentando acento e sistema tonal de 2 tons (BRAGA e TELLES, 2014);</p> <p>Algumas raízes (verbais, nominais e adverbiais) e afixos são acentuados lexicalmente;</p> <p>O domínio para aplicação do acento é a raiz;</p> <p>Acento em raiz <b>monossilábica</b>: tanto monossílabos com sílaba leve quanto aqueles com sílaba pesada recebem acento;</p> <p>Acento em raiz <b>dissilábica</b>: a sílaba pesada recebe o acento. Caso haja duas sílabas pesadas, o acento recai sobre uma delas invariavelmente, podendo a outra sílaba receber acento fonético secundário. Se as duas sílabas forem leves, o acento é atribuído àquela mais à direita, que tem sua vogal alongada foneticamente (conferindo peso à sílaba);</p> <p>Acento em raiz <b>trissilábica</b>: acentua a última sílaba, se pesada. Se a primeira sílaba for pesada, acentua-se a primeira com acento primário e a última com secundário.</p> <p>Distinguem-se raízes acentuadas lexicalmente daquelas que não o são pelo índice de proeminência de um dos acentos da palavra.</p> |
|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Mamaindê (Norte)</b><br/>(EBERHARD, 2009)</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O acento é atribuído a partir de três condições: morfologia, posição da sílaba na palavra ou estrutura da sílaba;</li> <li>• Sensível ao peso silábico;</li> <li>• Análise realizada com base na Teoria Métrica (LIBERMAN AND PRINCE, 1977) e na <i>Teoria da Grade</i> (<i>Grid Theory</i> – KENSTOWICZ, 1994; GOLDSMITH, 1990);</li> <li>• A raiz sempre recebe o acento primário, e o acento secundário pode estar presente em raízes e afixos;</li> <li>• Correlatos fonéticos do acento: duração, qualidade vocálica e amplitude;</li> <li>• Sílabas acentuadas são geralmente mais longas, suas vogais são menos propensas a sofrer processos e são emitidas com maior amplitude;</li> <li>• Na raiz, o acento ocorre na sílaba pesada. Caso todas as sílabas sejam pesadas ou leves, o acento ocorre na sílaba mais à direita (<i>end rule</i> – aplicável ao pé e à palavra);</li> <li>• Em afixos, ocorre apenas acento secundário em morfemas com sílabas pesadas e que aparecem próximos à raiz;</li> <li>• Raízes com 3 ou 4 sílabas: são geralmente resultantes da presença de mais de um morfema (que já não se consegue discernir) e obedecem às mesmas regras de acento descritas para raízes dissilábicas;</li> <li>• Em raízes reduplicadas, a atribuição do acento ocorre após a fixação da parte reduplicada. Assim, o acento não é reduplicado;</li> <li>• A sensibilidade ao peso silábico funciona em todos os domínios da morfologia, exceto na classe afixos mais distantes da raiz;</li> <li>• Afixos em meio de palavra podem receber acento secundário se compostos por sílaba pesada. Afixos mais distantes da raiz não recebem qualquer acento, mesmo com sílaba pesada;</li> </ul> |
|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Negarotê</b><br/>(BRAGA, 2016)</p> | <p>Análise realizada com base na Teoria Métrica do Acento (HAYES, 1995);</p> <p>Sistema prosódico da palavra é misto: há acento não-previsível em afixos, previsível em raízes e tom lexical;</p> <p>Principais parâmetros para atribuição do acento na raiz: peso silábico e posição da sílaba.</p> <p>Todas as raízes são acentuadas e os morfemas afixados a elas podem ser acentuados ou não (acento lexical);</p> <p>Raízes majoritariamente monossilábicas e dissilábicas, havendo nestas últimas uma tendência à atribuição do acento à sílaba mais à direita (quando todas as sílabas são leves ou pesadas). Em raízes trissilábicas (mais raras), esse comportamento também se confirma;</p> <p>Correlato fonético do acento: duração e estabilidade vocálica;</p> <p>O acento na raiz:</p> <p>A raiz sempre recebe o acento primário;</p> <p>O acento é atribuído à sílaba pesada;</p> <p>- Quando há apenas sílabas pesadas ou apenas sílabas leves, o acento recai sobre a sílaba mais à direita;</p> <p>O acento em morfemas gramaticais:</p> <p>É lexical e, então, não-previsível;</p> <p>O peso silábico não determina o acento;</p> <p>- Os morfemas gramaticais, quando acentuados e afixados à raiz, recebem acento secundário (domínio da palavra).</p> <p>A maioria das raízes é monossilábica e dissilábica;</p> <p>Exceções à regra de acento: raízes terminadas em /i/ átono;</p> <p>Em compostos (palavras com mais de uma raiz), o acento primário recai sobre a sílaba acentuada da raiz mais à direita, de modo que a sílaba acentuada da raiz mais à esquerda recebe o acento secundário.</p> |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Nambikwara do Sul (Sul)</b><br/>(KROEKER, 2001)</p> | <p>O acento não é previsível;<br/>A raiz sempre recebe o acento principal;<br/>A sílaba acentuada é sempre mais comprida: se aberta, alonga-se a vogal, se fechada, alonga-se a consoante em coda;<br/>A sílaba acentuada pode ser ainda mais prolongada por razões enfáticas.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <p><b>Nambikwara do Campo (Sul)</b><br/>(COSTA, 2020)</p> | <p>Acento interpretado e analisado com base na Teoria Métrica do Acento (HAYES, 1995);<br/>Sistema prosódico da palavra é misto: há acento previsível em raízes, parcialmente previsível em afixos e tom lexical;<br/>Em raízes, o acento coincide com a posição contrastiva do tom;<br/>Todas as raízes são acentuadas com acento primário e os morfemas afixados a elas podem ser acentuados ou não (acentos lexical ou previsível pela classificação morfológica, no caso dos classificadores, ou pela posição na palavra, de acordo com a proximidade em relação à base);<br/>Parâmetros para atribuição do acento na raiz: morfologia, peso silábico e posição da sílaba;<br/>Correlatos fonéticos do acento: duração da vogal e baixa propensão da mesma a sofrer processos fonológicos (estabilidade vocálica);<br/>No domínio da palavra, o acento primário é sempre marcado na raiz e o acento secundário pode ocorrer tanto em raízes quanto em afixos, quando tônicos;<br/>O acento na raiz:<br/>É atribuído à sílaba pesada;<br/>- Quando há apenas sílabas pesadas ou apenas sílabas leves, o acento recai sobre a sílaba mais à direita.<br/>O acento em morfemas gramaticais:<br/>- Na maioria dos afixos é lexical e, portanto, imprevisível (como no caso de morfemas com sílabas leves);<br/>- O peso silábico é relevante: afixos com sílabas pesadas que ocorrem próximo à raiz tendem a ser acentuados, e morfemas classificadores nominais com sílaba pesada sempre carregam acento;<br/>Raízes trissilábicas seguem as mesmas regras das dissilábicas no que concerne à atribuição do acento, mas, naquelas formadas por apenas sílabas leves, não foi possível comprovar essa afirmação (foram</p> |

|                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                     | <p>encontrados apenas casos de exceção);</p> <p>Em raízes trissilábicas e polissilábicas com reduplicação, não há cópia de material suprasegmental, sendo o acento marcado na base, a partir da qual ocorre a reduplicação;</p> <p>Extrametricalidade: em raízes formadas por apenas sílabas leves, são consideradas extramétricas sílabas cuja vogal nuclear é /i/ (há exceções);</p> <p>Morfemas gramaticais podem ser acentuados ou não na subjunção (acento lexical e parcialmente previsível);</p> <p>Palavras com mais de uma raiz marcam o acento primário naquela mais à direita;</p> <p>Sequências de duas raízes com o sufixo nominal /-a/ delimitando a primeira (mais à esquerda) configuram duas palavras fonológicas.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <p><b>Nutajensu Sararé</b><br/>(própria autora)</p> | <p>/Acento interpretado e analisado com base na Teoria Métrica do Acento (HAYES, 1995);</p> <p>Sistema prosódico da palavra é misto: há acento previsível em raízes, parcialmente previsível em afixos e tom lexical;</p> <p>Em raízes, o acento coincide com a posição contrastiva do tom;</p> <p>Todas as raízes são acentuadas com acento primário e os morfemas afixados a elas podem ser acentuados ou não (acento lexical ou previsível pela classificação morfológica, no caso dos classificadores, ou pela posição na palavra, de acordo com a proximidade em relação à base);</p> <p>Parâmetros para atribuição do acento na raiz: morfologia, peso silábico e posição da sílaba;</p> <p>Correlatos fonéticos do acento: duração da vogal;</p> <p>No domínio da palavra, o acento primário é sempre marcado na raiz e o acento secundário pode ocorrer tanto em raízes quanto em afixos, quando estes são lexicalizados como tônicos;</p> <p>O acento em raiz:<br/>É atribuído à sílaba pesada;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando há apenas sílabas leves, o acento recai sobre a sílaba mais à direita.</li> </ul> <p>O acento em morfemas gramaticais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Na maioria dos afixos é lexical e, portanto, imprevisível (como no caso de morfemas com sílabas leves);</li> </ul> |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>- O peso silábico é relevante: afixos com sílabas pesadas que ocorrem próximo à raiz tendem a ser acentuados, e morfemas classificadores nominais com sílaba pesada sempre carregam acento;</p> <p>Raízes trissilábicas seguem as mesmas regras das dissilábicas no que concerne à atribuição do acento;</p> <p>Em raízes trissilábicas e polissilábicas com reduplicação, não há cópia de material suprasegmental, sendo o acento marcado na base, a partir da qual ocorre a reduplicação;</p> <p>Extrametricalidade: em raízes formadas por apenas sílabas leves, são consideradas extramétricas sílabas cuja vogal nuclear é /i/, salvaguardando casos excepcionais;</p> <p>Morfemas gramaticais podem ser acentuados ou não na subjacência (acentos lexical e parcialmente previsível);</p> <p>Palavras com mais de uma raiz marcam o acento primário naquela mais à direita;</p> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**Tabela 10 adaptada de Costa (2020) sobre os padrões acentuais das línguas Nambikwara.**

#### 4.2 O CORRELATO FONÉTICO DO ACENTO

No que tange à língua Nutajensu, vamos ver que, como nas demais línguas Nambikwara, além da relação direta do acento primário com a proeminência silábica, a sua distribuição envolve referência à morfologia e à posição da sílaba dentro do morfema. Outras regras tomam conta da emergência de acentos secundários.

Tomando por base as análises dos trabalhos apontados por Hayes (1995), depreende-se que o correlato fonético do acento dependerá de cada sistema linguístico em particular. Mas isso não invalida o fato de que alguns correlatos são comuns a várias línguas, como assinalado pelo autor:

“[...] naturally, certain phonetic correlates serve more readily as cues for stress than others: it is only natural that strong rhythmic beats should coincide with breath pulses, with greater duration and with raising of pitch. But these are only tendencies, and since phonology serves many ends other than rhythmic ones, sometimes override the natural correlation between strong rhythmic beats and particular phonetic phenomena. The prediction corresponds to what we observe: there are general tendencies in how stress is manifested across languages, but nothing is iron-clad”

Em consonância com Hayes (1995), Kager (1995) também aponta dificuldades no estabelecimento do correlato fonético do acento em línguas específicas, devido às peculiaridades inerentes a cada sistema:

“Although the mental reality of prominence is undisputed, an unambiguous phonetic correlate has not yet been discovered. Prominent syllables are potentially capable of bearing pitch movements with a strong perceptual load. They also tend to be of longer duration, as well as of higher intensity, but both of the latter factors are usually subordinated to pitch. On the other hand, the use of pitch is by no means an exclusive property of stress systems, as it is widespread in tonal and pitch accent systems. However, stress is different from both tone and pitch accent in several ways”(p.272).

Ao analisarmos o sistema acentual da língua Nutajensu, os parâmetros atribuídos como correlatos fonéticos do acento foram a duração e a qualidade vocálica. O primeiro critério diz respeito à maior duração das vogais em posição tônica quando comparadas àquelas em ambiente átono. Isto é, as sílabas acentuadas são mais longas do que as não-acentuadas. Tanto em fala espontânea quanto em fala elicitada (através da silabação ou porque os informantes enunciaram os vocábulos lentamente perante solicitação nossa), percebemos que a vogal acentuada tem uma duração que é normalmente acima de 100m/s. Previsivelmente, durante a silabação este valor tendeu a variar para mais devido à ênfase dada pelos informantes na sílaba proeminente. Também era de se esperar que as vogais das sílabas não acentuadas apresentassem duração menor que 100m/s e, ainda que não haja um valor estipulado para estas ocorrências, as tomamos como breves a partir do critério “possuir duração menor que 100m/s”. Nosso segundo parâmetro, a qualidade vocálica, diz respeito a uma constância, uma estabilidade no comportamento de uma vogal em determinado ambiente. Em outras palavras, as vogais que compõem a sílaba acentuada são menos susceptíveis a sofrerem processos fonológicos<sup>47</sup> que alterem sua qualidade ou incorram em seu apagamento. Elas são, portanto, mais estáveis do que aquelas que sofrem tais processos. O sândi vocálico, por exemplo, nos mostra que as vogais que sofrem alteração em sua qualidade e incorrem no apagamento ocorrem exclusivamente em sílabas não-acentuadas.

---

47 Os únicos casos em que observamos as vogais de sílaba acentuada afetadas por processo fonológico ocorrem nos ditongos /au/ e /ãũ/ que, estando em sílaba acentuada, são fusionados e resultam num único segmento vocálico,

[o] ou [õ], respectivamente.

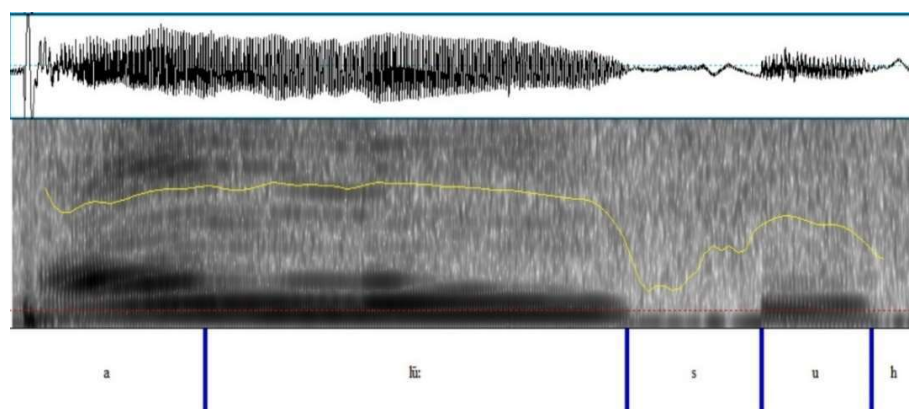
O fato de o Nutajensu possuir sistema misto - em que acento e tom se mostram relevantes na prosódia da língua - não coloca automaticamente o *pitch* como parâmetro fonético na realização física do acento. No Nutajensu, o *pitch* relaciona-se diretamente com o tom, que é distintivo na raiz e ocorre em dados específicos, que serão abordados no capítulo dedicado a esta temática. Abaixo trazemos exemplos de realizações com duração vocálica alongada, respectivamente 1) em sílaba aberta; 2) em sílaba fechada sem apagamento da coda e 3) em sílaba fechada com apagamento da coda. Além da duração, o intuito é o de mostrar que a qualidade vocálica não é alterada, corroborando os motivos pelos quais selecionamos tais critérios para a análise acentual da língua.

515) [a.<sup>h</sup>lũ:su<sup>h</sup>] = “anta”

/a.lũ.su/

/alũ -su/

anta-S.NOM



1.4.24 Figura 28. Espectrograma de [a<sup>h</sup>lũ:su<sup>h</sup>] - /alũsu/ = “anta”,

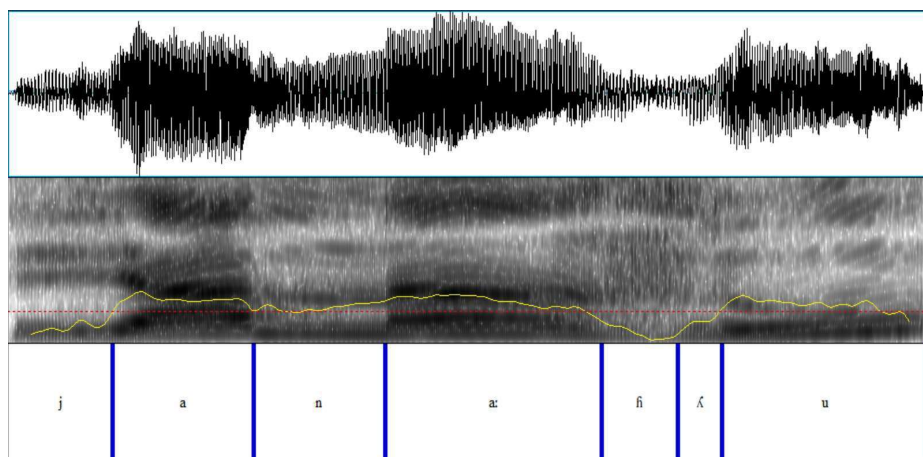
1.4.25 realizado em fala espontânea do informante.

516) [jã.<sup>h</sup>nah:li<sup>h</sup>] = “onça”

/ja.nah.li.su/

/ianah-li -su/

onça-?-S.NOM



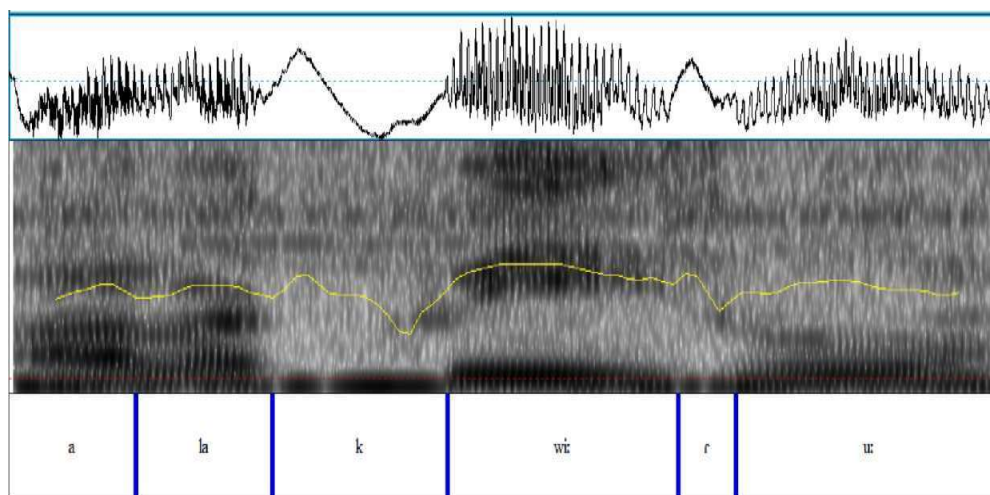
**Figura 29 - Espectrograma de [ja'na:hɫu] - /ianahlisu/ = “onça”  
Pronunciado em fala lenta pelo informante.**

517) [a.la.'kwɪ:ru] = “flecha” [que sai em linha reta]

/a.la.kwɪh.su/

/alakuih -su/

flecha-S.NOM



**Figura 30 - Espectrograma de [ala'kwɪ:ru] - /alakuihsu/ = “flecha”  
enunciado em fala pausada (em dois tempos) pelo informante.**

Os registros expostos foram intencionalmente selecionados com o intuito de evidenciar o acento em diferentes contextos. Em todos eles, vê-se que é na raiz onde o acento primário recai. É válido salientar, porém, que por inúmeras vezes o critério intuitivo de proeminência silábica para identificar o acento em nossos dados não foi suficiente, sobretudo na fala rápida dos indivíduos. Embora tenhamos apresentado majoritariamente os registros nos quais o acento

está mais facilmente identificado (em fala mais lenta e/ou silabada), exporemos ainda, no capítulo sobre a tonologia da língua, os dados com fala rápida dos informantes nos quais acento e tom podem ser observados.

### 4.3 O ACENTO NAS RAÍZES

Embora os sistemas prosódicos das línguas Nambikwara se assemelhem pelo fato de serem predominantemente mistos, há que se assinalar as diferenças nas regras de atribuição do acento. Sendo a sílaba o constituinte fundamental para a marcação acentual, especialmente para línguas nas quais o peso silábico é imprescindível, partiremos dela para explicar a estruturação acentual do Nutajensu. O acento é atribuído às palavras da língua a partir de três critérios: o tipo de morfemas que as compõem, o peso das sílabas constituintes dos morfemas e a posição das sílabas nos morfemas acentuáveis<sup>48</sup>.

Em resumo, a atribuição do acento no Nutajensu ocorre da seguinte forma: o acento primário é atribuído inicialmente à raiz, seguindo regras específicas, as quais serão apresentadas na sequência. Os afixos se dividem em dois grupos: um grupo nunca carrega acento, entre eles alguns contendo sílaba pesada, e outro grupo, o que sempre carrega acento, podendo manifestar-se como acento secundário ou terciário. A característica de possuir ou não o acento deve ser marcado lexicalmente para os afixos. Os classificadores nominais são excepcionais, no sentido de que, se estes contêm uma sílaba pesada, eles sempre emergem com acento secundário ou terciário naquela sílaba. Dos classificadores nominais que não possuem sílaba pesada, alguns podem carregar acento e outros não, um fato que deve ser marcado lexicalmente. É também na raiz, e exclusivamente nela, que percebemos o tom contrastivo, a ser abordado na próxima seção. Por fim, o acento primário exerce sua função culminativa dentro do domínio da palavra fonológica. Para ilustrar a marcação acentual na língua Nutajensu, trouxemos abaixo um registro no qual ambos, raiz e morfema classificador, são acentuados. Utilizamos o modelo da *metrical grid* proposto por Hayes (1995), aplicando-so aos nossos dados:

---

48 Goldsmith (1990), elenca as três maneiras principais utilizadas pelas línguas em geral na atribuição do acento, quais sejam:

- “1. On the basis of morphology.
2. On the basis of syllable location in the word.
3. On the basis of internal syllable structure”. (p.114).

Sobre a utilização de tais critérios, Eberhard (1995) assinala que “many languages use only one of the above strategies. The most common ones seem to be #2 or #3. There are also a good number of languages which make use of both #2 and #3 simultaneously” (p.51).

|                                 |                                    |   |         |
|---------------------------------|------------------------------------|---|---------|
| 518)                            | [ta.'laʔ. ˌta.su] = “pedra grande” |   |         |
| x                               |                                    |   | nível 2 |
| x                               |                                    | x | nível 1 |
| Raiz Nominal[ta ˌlaʔ] -ta] -su] |                                    |   |         |
| pedra -CL.grande -S.NOM         |                                    |   |         |

Na língua Nutajensu o vocábulo constitui-se mínima e obrigatoriamente da raiz e de um afixo nominal ou verbal. As sílabas portadoras do acento primário e do acento secundário é que receberão a marcação de um ‘x’ no primeiro nível<sup>49</sup>. Na palavra acima, pelo fato de a raiz possuir uma sílaba pesada, é nela que automaticamente recairá um x no nível 1. O sufixo *-ta*, classificador acentuável, é marcado lexicalmente como portador de acento e por essa razão também recebe um x no nível 1. No nível 2, o x recai na sílaba proeminente da raiz e sai como acento primário da palavra. No entanto, caso a raiz possuísse as duas sílabas leves, a sílaba mais à direita seria a eleita a receber a marcação dentre ambas.

Apresentamos na sequência, e apenas a título de exemplificação, registros de acentuação no domínio da palavra fonológica, dispostos da seguinte maneira: dois exemplos – um de palavra nominal e outro de palavra verbal – para raízes monossilábicas, dissilábicas e trissilábicas, respectivamente.

#### 4.3.1 Raízes monossilábicas

Nos exemplos abaixo, as raízes estão representadas em negrito. Os afixos marcados lexicalmente como acentuáveis terão um x atribuído ao nível 1.

|                                  |                        |  |         |
|----------------------------------|------------------------|--|---------|
| 519)                             | ['kwaʔ.ksu] = “feijão” |  |         |
| x                                |                        |  | nível 2 |
| x                                |                        |  | nível 1 |
| kuaʔ -ki -su                     |                        |  |         |
| feijão-CL.redondo,oblongo-S.NOM. |                        |  |         |

---

49 O nível 1 corresponde ao acento marcado na raiz e ao acento lexicalmente marcado no afixo; o nível 2 ao acento da palavra fonológica.

520) [ʔi.tu.la] = “olha aqui!”

|           |     |         |
|-----------|-----|---------|
| x         |     | nível 2 |
| x         |     | nível 1 |
| ĩ         | -tu | -la     |
| olhar,ver | FUT | PERF.M  |

#### 4.3.1.2 Raízes dissilábicas

##### 1.4.26

521) [wa.ʔlu.ɿtasu] = “tatu grandão”

|   |   |         |   |         |                       |
|---|---|---------|---|---------|-----------------------|
| x |   | nível 2 |   |         |                       |
|   | x |         | x | nível 1 | ualu -ta -su          |
|   |   |         |   |         | tatu-CL.grande -S.NOM |

522) [ja.ʔlu.sã.na] = “morrer”

|        |           |         |
|--------|-----------|---------|
| x      |           | nível 2 |
| x      |           | nível 1 |
| ialu   | 0         | -sa -na |
| morrer | 3SG -PRES | -PERF.F |

#### 4.3.1.3 Raízes trissilábicas

523) [ja.wa.ʔla.su] = “gambá”

|        |   |         |
|--------|---|---------|
|        | x | nível 2 |
|        | x | nível 1 |
| iauala |   | -su     |
| gambá  |   | -S.NOM  |

524) [wa.ʔlãũ.su.su] = “cenoura”

|         |   |         |
|---------|---|---------|
|         | x | nível 2 |
|         | x | nível 1 |
| ualãũsu |   | -su     |
| cenoura |   | -S.NOM  |

### 4.3.2 Raízes monossilábicas.

As raízes monossilábicas não são muito recorrentes no Nutajensu, mas também não se pode considerá-las raras. Elas podem constituir sílabas leves e pesadas (estas últimas são as mais abundantes) sendo ambas portadoras do acento primário. As raízes monossilábicas geralmente compõem-se de rima ramificada. Quando elas se compõe de sílaba aberta é comum haver o alongamento da vogal do núcleo, criando o peso que lhe é característico. Apresentamos abaixo registros de raízes monossilábicas constituídas por sílabas leves (525) a (528) e sílabas pesadas (529) a (532).

525) ['ka.su] = “gato”

x                      nível 2

x                      nível 1

/ka     -su/

gato-S.NOM

526) ['ju:.su] = “abelha sem ferrão” (tipo de) x nível 2

x                      nível 1

/iu     -su/

abelha-S.NOM

527) ['sĩ:.su] = “nuvem”

x                      nível 2

x                      nível 1

/sĩ     -su/

nuvem-S.NOM

528) ['o:.su] = “em cima” x            nível 2

x                      nível 1

/o            -su/

em.cima-S.NOM

529) [ʰhaj.su] = “roça”

x                      nível 2

x                      nível 1

/hai            -su/

roça-S.NOM

530) [ʰãw̃ː.su] = “palha” (tipo de) x            nível 2

x                      nível 1

/ãũn           -su/

palha- S.NOM

531) [ʰduː.su] = “mulher” x            nível 2

x                      nível 1

/tuh            -su/

mulher-S.NOM

532) [ʰhuː.su] = “irara”

x                      nível 2

x                      nível 1

/huh           -su/

irara-S.NOM

#### 4.3.3 Raízes dissilábicas

As raízes dissilábicas certamente são as de maior ocorrência no Nutajensu. Tomando por base os parâmetros já mencionados, podemos prever que o acento recai na sílaba pesada da raiz se esta tiver uma só sílaba pesada e, na condição de as sílabas da raiz serem todas leves, o acento recai naquela que se encontra mais à direita. Surpreendentemente, raízes polissilábicas com duas sílabas pesadas ou mais não foram encontradas.

## 4.3.3.1 Raízes com sílaba mais pesada à esquerda

## 1.4.27

533) [ʼajʔ.kɑ.ʔɑ.su] = “gavião”

x nível 2

x x nível 1

/aiʔ.ki -a -ta -su/

pássaro-S.NOM-CL.grande-S.NOM

534) [ʼnaw.sa.ʔɑ.su] = “caranguejo”

x nível 2

x x nível 1

/nausa -ta -su/

caranguejo-CL.grande-S.NOM

535) [ʼhaw.ta.ka:.su] = “ponte”

x nível 2

x x nível 1

/hauta -kat -su/

ponte-CL.duro-S.NOM

536) [ʼsa:.ti.su] = “moradia” x nível 2

x nível 1

/sahti -su/

moradia-S.NOM

## 4.3.3.1.2 Raízes com sílaba mais pesada à direita (última sílaba da raiz acentuada)

537) [ta.ʔtãj:.su] = “pássaro quero-quero” x nível 2

x nível 1

/tatãjñ -su/

pássaro.quero-quero-S.NOM

538)[ka.'lõ:.ksu] = “galão de água”

|                                        |     |         |
|----------------------------------------|-----|---------|
| x                                      |     | nível 2 |
| x                                      |     | nível 1 |
| /kalãũn                                | -ki | -su/    |
| galão de água-CL.redondo,oblongo-S.NOM |     |         |

539)[kwa.'lĩ:.su] = “esquilo”

|         |                    |
|---------|--------------------|
| x       | nível2             |
| x       | nível 1            |
| /kualĩn | -su/ esquilo-S.NOM |

540)[kwa.'rej.ksu] = “jabuticaba”

|                                     |          |
|-------------------------------------|----------|
| x                                   | nível 2  |
| x                                   | nível 1  |
| /kualei                             | -ki -su/ |
| jabuticaba-CL.redondo,oblongo-S.NOM |          |

#### 4.3.3.1.3. Raízes com duas sílabas leves (última sílaba da raiz acentuada)

541)[hã.'ne.su] = “fogo”

|            |         |
|------------|---------|
| x          | nível 2 |
| x          | nível 1 |
| /hane      | -su/    |
| fogo-S.NOM |         |

542)[ta.'lo.su] = “fora”

|        |         |
|--------|---------|
| x      | nível 2 |
| x      | nível 1 |
| /ta.lo | -su/    |

fora S.NOM

543)[nu.<sup>1</sup>ta.su] = “pium” (tipo de inseto)

|        |         |
|--------|---------|
| x      | nível 2 |
| x      | nível 1 |
| /nu.ta | -su/    |
| pium   | -S.NOM  |

544)[ti.<sup>1</sup>su.su] = “cana”

|        |         |
|--------|---------|
| x      | nível 2 |
| x      | nível 1 |
| /ti.su | -su/    |
| cana   | -S.NOM  |

#### 4.3.4 Raízes trissilábicas e polissilábicas

Os registros de palavras com mais de duas sílabas são mais poucos na língua Nutajensu, sendo parte delas resultantes do processo de reduplicação. Verificamos que as línguas Sobre a formação de raízes com mais de duas sílabas, Eberhard (2009) chama a atenção para a sua complexidade pelo fato de elas envolverem a concatenação de ao menos dois morfemas (p.161).

Trata-se de um contexto aplicável ao Nutajensu para os vocábulos não formados a partir do processo de reduplicação, mas igualmente construídos por múltiplas sílabas. Estes casos expõem a dificuldade em estabelecer o significado de determinados morfemas no nível sincrônico, posto que alguns deles possivelmente encontram-se cristalizados no léxico.

No que tange à acentuação das raízes compostas de três ou mais sílabas, o raciocínio é o mesmo ao aplicado às dissilábicas, ou seja: quando a raiz contém apenas uma sílaba pesada, nela recairá o acento. Nas raízes trissilábicas, porém, chamemos a atenção para as sílabas à direita da raiz terminadas pela vogal alta /i/, que configuram uma exceção na língua e cuja abordagem será feita na sequência. Abaixo trazemos exemplos de raízes trissilábicas formadas apenas por sílabas leves e, em seguida, aquelas formadas por uma sílaba pesada mais à direita<sup>51</sup>. Após a apresentação destes registros, seguem mais exemplos de raízes com mais de 3 sílabas:

#### 4.3.4.1 Raízes trissilábicas com todas as sílabas leves:

545) [sa.te<sup>1</sup>.sa.ka.<sub>1</sub>lo.su] = “espelho”

|                                 |       |      |         |
|---------------------------------|-------|------|---------|
|                                 | x     |      | nível 2 |
|                                 | x     | x    | nível 1 |
| /satesa                         | -kalo | -su/ |         |
| espelho-CL.comprido,longo-S.NOM |       |      |         |

546) [ha.so<sup>1</sup>ta.su] = “de graça”

|          |        |  |         |
|----------|--------|--|---------|
|          | x      |  | nível 2 |
|          | x      |  | nível 1 |
| /hasota  | -su/   |  |         |
| de graça | -S.NOM |  |         |

Raízes terminando em Ci extramétrico:

547) [sã.<sup>1</sup>ni.ki.na.la] = “[Paulinho]enterrou”

|         |   |         |                              |
|---------|---|---------|------------------------------|
| x       |   | nível 2 |                              |
|         | x |         | nível 1                      |
| /saniki | 0 | -na     | -la/ enterrar-3SG-PRC-PERF.M |

548) [ka.<sup>1</sup>te.tsu] = “borrachudo” x nível 2

|                  |      |  |         |
|------------------|------|--|---------|
|                  | x    |  | nível 1 |
| /kateti          | -su/ |  |         |
| borrachudo-S.NOM |      |  |         |

---

51 não verificamos em nossos dados quaisquer registros de raízes dissilábicas e trissilábicas com mais de uma sílaba pesada.

## 4.3.4.2 Raízes trissilábicas com uma sílaba pesada

549)[wa.le.'jõ:̃.su] = “percevejo”

x nível 2

x nível 1

/ualeiãũn -su/

percevejo-S.NOM

550)[<sup>1</sup>taw.kwa.si.na.la] = “pegar”

x nível 2

x nível 1

/taukuasi 0 -na -la/

pegar 3SG -PRES-PERF.M

## 4.3.4.3 Raízes com mais de 3 sílabas:

551)[si.ka.la.ka'jaw.kai.su] = “cadeira”

x nível 2

x x nível 1

/sikalakaiau -kat -su/

cadeira -CL.duro -S.NOM

552) [kwi.ta.lu.'ka.ta.su] = “girafa”

x nível 2

x x nível 1 /kuitaluka -ta -su/

girafa-CL.grande-S.NOM

553)[sa.tẽ.sa.la.'ta.su] = “maçã”

x nível 2

x nível 1

/satẽsalata -su/

maçã -S.NOM

Raiz terminando em Ci extramétrico:

554)[ka.sa.'ka.tĩ.na.la] = “ele espirrou”

x nível 2

x nível 1

/kasakati 0 -na -la/ espirrar -3SG -PRC-PERF.M

#### 4.4 RAÍZES FORMADAS A PARTIR DA REDUPLICAÇÃO

Podemos atribuir boa parte da formação das raízes tri- e polissilábicas ao processo morfológico de reduplicação. O acento nessas palavras sempre será atribuído à base a partir da qual a reduplicação ocorre. A sílaba elegível para receber o acento principal é a pesada e, caso haja apenas sílabas leves, o acento recairá na última sílaba do morfema da base da reduplicação, exceto quando a última sílaba é do tipo Ci. Os poucos exemplos com reduplicação da última sílaba sugere que toda a sequência, base + reduplicante, funciona como o domínio do acento morfológico, pelo fato de que a sílaba que está adjungida à direita da raiz vai receber o acento:

555)[kwi.'kwi.ki.su] = “semente de laranja ou limão” x nível 2

x nível 1

/kuikui -ki -su/

laranja,limão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

556)[kwẽ.'kwẽ.ka.lo.su] = “abanador”

x nível 2

x x nível 1 /kuẽkuẽ -kalo -su/

abanador-CL.comprido,longo-S.NOM

557)[ho.'ho.ki.su] = “coruja”

x nível 2

|                                              |     |      |         |
|----------------------------------------------|-----|------|---------|
| x                                            |     |      | nível 1 |
| /hoho                                        | -ki | -su/ |         |
| REDUPL.IDEOF.coruja-CL.redondo,oblongo-S.NOM |     |      |         |

558)[wa.wa.<sup>1</sup>tõ:su] = “círculo”

|           |              |        |
|-----------|--------------|--------|
| x         | nível 2      |        |
| x         | nível 1      |        |
| /uauatãũn | -su/ círculo | -S.NOM |

559) [tʃa.tʃa.ˈlãn.su] = “papagaio”

|                           |   |                 |          |
|---------------------------|---|-----------------|----------|
| x                         |   | nível 2         |          |
| x                         | x | nível 1 /iaiala | -ẽn -su/ |
| papagaio-CL.côncavo-S.NOM |   |                 |          |

Observamos também que, nos raros exemplos de reduplicação da última sílaba da raiz, a sílaba que está adjungida é suscetível para receber o acento:

560) [kwa.nã.<sup>1</sup>na.ẽ:su] = “banana”

|          |     |                                     |
|----------|-----|-------------------------------------|
| x        |     | nível 2                             |
| x        | x   | nível 1                             |
| /kuanana | -ẽn | -su/ REDUPL.banana-CL.côncavo-S.NOM |

561)[je.to.'toʔ.ta.su] = “pato”

|                             |     |         |
|-----------------------------|-----|---------|
| x                           |     | nível 2 |
| x                           | x   | nível 1 |
| /ietotoʔ                    | -ta | -su/    |
| REDUPL.pato-CL.grande-S.NOM |     |         |

## 4.5 OS CASOS DE EXTRAMETRICIDADE

Existem sílabas tratadas pela literatura como “desvios” do padrão acentual estabelecido numa língua. Liberman e Prince (1977) chamaram a atenção para estes casos a partir de uma observação de alguns vocábulos que não se aplicavam à regra acentual da língua inglesa. Isto é,

eles possuíam componentes ramificados à direita que, na árvore, são tidos como fracos. Para justificar tal ocorrência, os teóricos se basearam em uma análise feita por Chomsky e Halle (1968) no inglês, em que os segmentos finais que se manifestam na superfície como [i,r,l] eram derivados das consoantes não-silábicas subjacentes /y,r,l/.

Em estudos posteriores, Hayes (1982) assume que estes casos, na verdade, devem ser tratados a partir da noção de extrametricidade (ou extrametricalidade), cuja definição o autor faz em simples palavras: “in the metrical theory of stress, a syllable is called extrametrical if it is ignored by the stress rules; that is, treated as if it were not there” (p.227). A representação desta regra é dada pelo esquema:

$$X \rightarrow [\text{extrametrical}] / \_\_\_ ]_D$$

#### 1.4.28 Figura 31. Regra de extrametricidade proposta por Hayes (1982)

A interpretação é feita da seguinte maneira: X é um constituinte fonológico único, (como sílaba, rima, segmento, consoante ou sufixo); e [...] D é o domínio no qual as regras de acento da língua se aplicam, geralmente na palavra ou na frase fonológica.

Durante nossas análises reconhecemos que alguns casos excetuavam-se ao que estabelecemos como padrão. Algumas raízes ausentes de sílabas pesadas tem sua última sílaba não-acentuada, mais especificamente aquelas terminadas em /ki/<sup>52</sup>, /ti/ e /li/<sup>53</sup>, que nunca são acentuadas. Nestes casos, então, a penúltima sílaba é a que recebe o acento primário. Esta, aliás, pode utilizar-se do alongamento da vogal nuclear, corroborando a premissa de que o acento deverá recair nela. Observemos abaixo os exemplos compilados - dois de cada uma das raízes citadas - que exemplificam a extrametricidade na língua:

---

52 /ki+s/ pode realizar-se foneticamente [k/gi+s] , embora a realização mais comum seja como a sequência [ks] devido ao apagamento do /i/ na fala rápida dos indivíduos. Chamamos a atenção também para o fato de /ki/ também ser um morfema classificador, bastante recorrente em algumas frutas, animais e partes do corpo humano.

53 Os registros apresentados neste tópico restringem-se aos casos em que a referida partícula compõe a raiz vocabular em posição não-acentuada. Seguindo a lógica do constituinte supracitado, /ti/ pode manifestar-se na superfície abundantemente como consoantes africadas [tsi] e [tʃi] e, em menor frequência, como /di/. O /li/, por seu turno, apresentou-se na superfície como /ri/.

#### 4.5.1 Raízes dissilábicas com última sílaba átona:

562)[<sup>l</sup>hukisu] ~ [<sup>l</sup>hu:ksu] ~ [<sup>l</sup>huksu] = “espingarda, arma de branco”

/hu < ki > -su/

espingarda-S.NOM

563)[<sup>a</sup>nekisu] ~ [<sup>a</sup>neksu] = “cabeça”

/a -ne < ki > -su/

INAL.-cabeça-S.NOM

564)[<sup>l</sup>w̥arisu] = “mandioca”

/w̥a < li > -su/

mandioca-S.NOM

565)[<sup>l</sup>hatisu] ~ [<sup>l</sup>hatsu] = “cesta”

/ha < ti > -su/

cesta-S.NOM

566)[<sup>l</sup>jatisu] ~ [<sup>l</sup>jatsu] = “pé de jenipapo”

/ia < ti > -su/

pé de jenipapo-S.NOM

#### 4.5.2 Raízes trissilábicas com última sílaba átona

567)[<sup>l</sup>w̥arikisu] ~ [<sup>l</sup>waliksi] = “chumbo”

/w̥ali < ki > -su/ chumbo-S.NOM

568)[ja'tetisu] ~ [ja'tetsu] = “estou morando” (retirado de oração)

/iate < ti > -su/

filhote de veado-S.NOM

569)[te'tetisu] ~ [te'tetsu] = “podre”

/tete < ti > -su/

podre -S.NOM

570)[ha'lukisu] ~ [ha'luksu] = “lança” (tipo de)

/halu < ki > -su/

lança-S.NOM

O Nutajensu apresentou comportamento similar às suas línguas-irmãs do Norte, Mamaindê e Negarotê e, do Sul, às línguas do Campo. Para o Mamaindê, Eberhard (2009) admite a grande recorrência de raízes com última sílaba não acentuada terminada em /i/ na língua, mas as trata como exceções, não como casos de extrametricidade. Braga (2016) atesta que no Negarotê tais ocorrências, por sua vez, são exceções, trazendo como exemplo as sílabas fonológicas leves nas quais o acento não recai, /ni/ e /ki/. No entanto, ao contrário do que Eberhard (2009) aponta para o Mamaindê, a autora afirma tratar-se claramente de casos de extrametricidade no Negarotê. As línguas Nambikwara do Campo apresentam extrametricidade tanto em raízes dissilábicas quanto trissilábicas, nas quais o acento não recai na sílaba mais à direita, mas sim, como atestado por Costa (2020):

“[...] verificou-se que todas [as raízes trissilábicas] marcam o acento na sílaba do meio, e não na localizada mais à direita, como era esperado. No entanto, as poucas raízes trissilábicas encontradas se enquadram na regra de exceção do acento, uma vez que contêm a última sílaba terminada em /i/. Então, os dados analisados não são suficientes para afirmar com certeza se as raízes trissilábicas contendo apenas sílabas leves posicionam o acento na sílaba mais à direita, seja devido ao enquadramento dos exemplos encontrados na regra de extrametricidade do acento, seja porque a última sílaba dessas raízes eram morfemas gramaticais átonos que foram gramaticalizados na língua e permaneceram átonos”. (p.263).

Uma maior recorrência das raízes trissilábicas no Nutajensu nos permitiu corroborar a premissa da autora no sentido de o acento situar-se na sílaba prefinal da raiz quando da última

sílaba terminar na vogal /i/. A nossa hipótese, em concordância com Eberhard (2009), é que estas sílabas sejam antigos classificadores que foram fossilizados como parte da raiz ao longo do tempo. Entretanto, não temos acesso a dados diacrônicos desta língua que possam confirmar a existência desta vogal /i/ como morfema. Também não podemos considerar que essa vogal /i/ seja decorrente de epêntese vocálica, uma vez que a epêntese vocálica afeta apenas sílabas terminadas em consoante fricativa laringal /h/. Estas são ressilabificadas formando sílabas com uma vogal epentética idêntica à vogal nuclear da sílaba anterior. O que, portanto, não acontece no caso da vogal /i/ final, em posição pós-tônica. Desta forma, a nossa abordagem considerará raízes formadas apenas por sílabas fonológicas leves, com sílaba final terminada em /i/ átona, como extramétricas.

#### 4.6 O ACENTO NOS MORFEMAS GRAMATICAIIS

Os parâmetros estruturais permitem que a atribuição do acento na raiz lexical do Nutajensu configure-se de maneira previsível, ao contrário dos morfemas gramaticais. Estes não apresentam exatamente a mesma previsibilidade acentual quando adjungidos à base vocabular, mas pudemos fazer as seguintes inferências: 1) os afixos com sílabas pesadas que se realizam diretamente à raiz geralmente são acentuados, sendo poucos os que não o fazem 2) afixos representados por sílabas leves podem portar acento secundário, mas estes são menos recorrentes e 3) os afixos que aparecem acentuados, pesados ou leves, sempre são acentuados e com acento secundário. Por isto, os afixos devem ser marcados lexicalmente por ser ou não acentuáveis.

Sendo o Nutajensu uma língua polissintética - característica predominante dos dialetos Nambikwara - são variados os morfemas, raízes, afixos e classificadores que constituem as palavras. Mattissen (2004) define e caracteriza as línguas polissintéticas da seguinte forma:

“A language is acknowledged to be polysynthetic because of (i) the existence of complex, polymorphemic verb forms which allow, within one word unit, for components in the form of non-root bound morphemes with rather "lexical" meaning and optionally for concatenation of lexical roots, (ii) with these components expressing several of the following categories: event or participant classification and quantification, setting (e.g. 'in the night'), location or direction, motion, instrument (e.g. 'by hand'), manner ('by pulling', 'quickly'), modality (including evidentiality), degree, scale ('only', 'also') and focus, chronology (e.g. 'first', MATTISSEN: POLYSYNTHESIS 191 'again') as well as the usual categories, valence, voice, central participants, tense, aspect (phase), mood, and polarity” (p.190).

Ainda conforme a autora, a relevância da morfologia em línguas com esta tipologia deve-se “firstly because of the existence of a fair amount of non-root bound morphemes with rather concrete (“lexical”) meanings, and secondly because the formation of words is more complex than the syntagmatic rules on the clause level” (p.190). Temos, então, que a formação de estruturas nominais e verbais do Nutajensu perpassa pela adjunção de variados morfemas. Para exemplificar tal estruturação, apresentamos na tabela abaixo a composição de substantivos da língua como segue:

| Formação de nomes do |                  |       |   |                   |             |
|----------------------|------------------|-------|---|-------------------|-------------|
|                      | Prefixos         | Raiz  |   | Sufixos           |             |
| -                    | +Flexionais      | +Raiz | - | + Derivacionais   | -           |
|                      |                  |       |   | + Formativo       | + Flexional |
| -                    | +Posse           | Raiz  |   |                   |             |
|                      | +Raiz            | -     |   |                   |             |
|                      | +Classificadores |       | - | +Sufixos variados | -           |
|                      | +Específico      |       |   | +Referencial      | -           |

**Tabela 11 adaptada de Borella (2003) sobre a formação nominal do Nutajensu/Sararé.**

Façamos, agora, a interpretação da tabela: as categorias assinaladas com ‘+’ são aquelas que podem ou não ocorrer no nome, a depender do tipo da raiz à qual irão se afixar. Em que pese os afixos contribuam para atribuir sentido aos vocábulos, na língua Nutajensu, os únicos constituintes irrestritamente obrigatórios são a raiz e os sufixos flexionais (BORELLA, 2003). Colocamos alguns exemplos num esquema também sugerido pela autora para elucidar o leitor sobre tal estruturação:

| Nome                     |                    |         |      |             |                  |
|--------------------------|--------------------|---------|------|-------------|------------------|
| Prefixos<br>+ Flexionais | Raiz<br>+Raiz nom. | Sufixos |      | +Flexionais | Significado      |
|                          | tuh                |         |      | -su/-sa/-a  | “mulher”         |
|                          | iti                |         | -ana |             | “grupo de Homens |
| a-                       | io                 |         |      | -su/-sa/-a  | “boca” “mamão”   |
| a-                       | u <u>al</u> u      |         | -ki  | -su/-sa/-a  |                  |
| ta-                      | hati               | -ên     | -nân | -su/-sa/-a  | “minhas cestas”  |

**Tabela 12 adaptada de Borella (2003).**

Este esquema permite-nos visualizar as ocorrências possíveis dos morfemas que podem contribuir para a formação dos nomes e a ordem em que eles aparecem. Observe-se que os afixos obrigatórios para a estrutura nominal da língua Nutajensu são a raiz e o sufixo flexional (ao qual também chamamos de referencial<sup>54</sup>).

No que tange ao acento, conforme explanação prévia, os afixos com acento secundário são contíguos à raiz, sendo ela sempre o constituinte que porta o acento principal e os morfemas adjungidos junto a ela portarão o acento secundário.

Apresentaremos na sequência o inventário dos afixos nominais e verbais do Nutajensu precisando também quais deles são átonos e quais aparecem com acento secundário. Para tanto, nos fundamentamos na *Gramática Descritiva da Língua Nambikwara* de Kroeker (2001), que faz um apanhado morfológico detalhado destas línguas, e nos artigos cedidos pela pesquisadora Cristina Borella (2003), cujos estudos sobre a morfologia do Sararé (Nutajensu) foram de extrema valia na composição dos quadros abaixo. Iniciaremos com os morfemas monossilábicos e, na sequência, serão apresentados os dissilábicos, ambos os quadros envolvendo morfemas nominais e verbais, indistintamente. No que tange à acentuação, priorizamos os morfemas átonos para então abordar os tônicos.

| Afixos monossilábicos átonos |                                                                                                                                                                                                                                                     |                           |                                                                                                                                |
|------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                              | Classificação                                                                                                                                                                                                                                       | Realizações fonéticas     | Posição ocupada na palavra                                                                                                     |
| [a-]                         | <p>Afixo marcador de posse inalienável.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[a'.wĩ.su] = “dente”</p> <p>/a -uĩ -su/</p> <p>INAL-dente-S.NOM</p><br><p>[a'.wĩ.ksu] = “asa”</p> <p>/a -ũĩki -su/</p> <p>INAL-asa-S.NOM</p>                                 | [a]                       | Antecedendo a raiz nominal                                                                                                     |
| [-li]                        | <p>Afixo ainda não definido pela literatura<sup>55</sup></p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[jã.'nah.ɰu] = “onça”</p> <p>/ianah -li -su/</p> <p>onça ? -S.NOM</p><br><p>[a.ti.'ta.li.su] = “sombra”</p> <p>/a -titali -su/</p> <p>INAL-sombra-S.NOM</p> | [li] ~ [ɾi] <sup>56</sup> | Admite-se que este morfema tenha sofrido fossilização no léxico, pelo que admite-se que ele compõe as raízes nominal e verbal. |

---

54 Assumimos o termo “referencial” que, primeiramente, foi adotado por Telles (2002) para classificar a flexão nominal das línguas Lakondê e Latundê. Nestas, os referidos sufixos são /-tu/ e /-te/ e, no Nutajensu, são /-su/ e /-sa/, que desempenham exatamente a mesma função nominal, motivo pelo qual fizemos esta correspondência.

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |      |                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [-ki] | <p>Morfema classificador para ‘redondo,oblongo’</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>h</sup>hu.ki.su] = “arco”</p> <p>/hu -ki -su/</p> <p>arco-CL. redondo, oblongo-S.NOM.</p> <p>[<sup>h</sup>ali.ki.ki.su] = “semente de pequi”</p> <p>/ǁli -ki -ki -su/</p> <p>pequi-CL.redondo-CL.sementeS.NOM</p> <p>[a.<sup>h</sup>ki.su] = “semente”</p> <p>/a -ki -su/</p> <p>INAL-semente-S.NOM</p> <p>[a.<sup>h</sup>hi.ki.su] = “mão”</p> <p>/a -hiki -su/</p> <p>INAL-mão-S.NOM.</p> | [ki] | <p>Esta partícula realiza-se comumente após a raiz nominal. A sequência também pode funcionar como raiz nominal significando “semente” em cujo caso recebe o acento primário da palavra (como se vê no penúltimo exemplo dado ao lado, “semente”).</p> |
| [-te] | <p>Afixo interrogativo e nominalizador (KROEKER, 2001). Sufixo dêitico indicador de proximidade do referente tanto do falante quanto do ouvinte (BORELLA, 2003).</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sub>i</sub>ta.mĩ.<sup>h</sup>nu.te.su] = “um tio meu”</p> <p>/ta -uinu -te -su/</p> <p>PRON.1SG-CL.macho-NZD-S.NOM</p> <p>[hi.te # <sup>h</sup>sah.ti # te.a?] = “com quem você mora?”</p> <p>/hite sahti te -a/</p> <p>INTER morar DEI-S.NOM</p>                              | [te] | <p>Realiza-se após a raiz nominal e juntamente com o sufixo locativo -na.</p>                                                                                                                                                                          |

55 Apesar da grande recorrência deste morfema nas línguas Nambikwara, não conseguimos mapear e delimitar seu significado nos vocábulos. Tentamos elicitá-lo com informantes distintos via silabação das palavras para, então, elencar o significado de cada morfema. Unanimemente o /li/ representou uma incógnita para todos os indivíduos. Investigamos posteriormente nas pesquisas disponíveis sobre as línguas aparentadas do Nutajensu e identificamos que os autores relatam o mesmo problema.

56 Quando fusionado com o morfema denotador de concavidade, as realizações de [li] identificadas foram [lẽ] e [rẽ]. Exemplo: [kwa<sup>h</sup>ta.rẽna] = “a panela”; [<sup>h</sup>ja.lẽtsu] ~ [<sup>h</sup>ja.rẽtʃu] = “flauta”

/kuatali-en-a/  
panela-CL.côncavo-S.NOM

/iali-en-su/  
faca-CL.côncavo-S.NOM

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                 |                                                                                                                                                                                        |
|-------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       | <p>[<sup>1</sup>a. li.ki.te # te.<sup>1</sup>te.na.la] = “esse pequi está podre”</p> <p>/a<sup>1</sup>i -ki -te -tete -na -la/</p> <p>pequi-CL.redondo-DEI podre-PRES-PERF.M</p>                                                                                                                                                                                             |                 |                                                                                                                                                                                        |
| [-so] | <p>Sufixo formativo gramatical (BORELLA, 2003), que denota exclusividade. Corresponde ao advérbio de modo ‘somente’, ‘apenas’.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>hu.kia # ,waj.na.so.<sup>1</sup>ũ.tu.a] = “vou dar arco só pra você”</p> <p>/hu -ki -a</p> <p>arco-CL.redondo,oblongo -S.NOM</p> <p>uaina -so ã -tu -ua/</p> <p>você-somente dar-FUT-IMPERF.M</p> | [-so]           | Realiza-se após a raiz nominal e pronomes pessoais.                                                                                                                                    |
| [-su] | <p>Sufixo nominal referencial, é o morfema responsável pela formação da grande maioria dos substantivos.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>si.su] = “casa, oca”</p> <p>/sih -su/</p> <p>casa,oca-S.NOM</p> <p>[sa.<sup>1</sup>naj.su] = ‘tatu’</p> <p>/sanai -su/</p> <p>tatu -S.NOM</p>                                                                           | ~ [tsu] ~ [tʃu] | Pode ocorrer imediatamente após a raiz nominal ou após um morfema classificador. Emerge especialmente quando da elicitación de nomes sem um contexto específico <sup>57</sup>          |
| [-sa] | <p>Sufixo nominal referencial, exerce função similar ao -su.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>ta.<sup>1</sup>ŵẽ. sa # ju.kwaj.na.la] = “minha filha está brincando”.</p> <p>/ta -ũẽ -sa</p> <p>POSS.1SG-CL.pequeno,filhote-S.NOM</p>                                                                                                                              | [sa]            | Apresenta comportamento idêntico ao sufixo -su, diferenciando-se dele apenas no âmbito pragmático, fazendo referência a um participante que terá relevância no desenrolar do discurso. |

57 O sufixo referencial –su, como apontado inicialmente por Borella (2003) e cuja interpretação nós corroboramos, “ocorre em raiz nominal quando esta referencia um participante que não terá continuidade no contexto de fala (discurso/conversação). Sua frequência de ocorrência é alta na língua e ocorre mais comumente quando a raiz nominal é falada isoladamente, sem contexto pragmático ou sem predicação, durante elicitación de dados” (p.94)

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       | <p>iukuai 0 -na -la<br/>brincar-3SG.PRES- PERF.M</p> <p>[<sup>h</sup>ow:sa # a,<sup>m</sup>ẽ.<sup>n</sup>ũ.sa] = “filhote de macaco”</p> <p>/hout -sa a -ũẽ<br/>macaco-S.NOM-INAL-CL.pequeno,filhote<br/>-nũ -sa/<br/>parentesco-S.NOM</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| [-a]  | <p>Sufixo nominal que delimita o substantivo (KROEKER, 2001). Sua ocorrência tem relação com o contexto e com relações genitivas e de composição.</p> <p>Sufixo nominal referencial de especificidade<sup>58</sup> (BORELLA, 2003) sendo amplamente utilizado em frase com predicação nominal, salvo situações específicas do discurso.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[a.<sup>l</sup>ũ.a: # <sup>j</sup>u.ki.su] = “pegada da anta”</p> <p>/alũ -a a -iu -ki -su/<br/>anta-S.NOM INAL-pé-CL.redondo-S.NOM</p> <p>[ta.mĩ.<sup>n</sup>u.a # tu.<sup>l</sup>ĩ.na.la] = “meu pai acordou”</p> <p>/ta -uinu -a tuli -na<br/>POS-CL.masc-S.ESP acordar-3SG.PRC<br/>-la/ PERF.M</p> <p>[<sup>l</sup>du.ha # <sup>m</sup>ah.li.sa] = “calça da mulher”</p> <p>/tuh -a uah -li -sa/<br/>mulher-S.ESP tecido,pano-? S.NOM</p> | [a]  | <p>Realiza-se após a raiz, podendo também ser antecedido por esta ou por um morfema classificador. Sua ocorrência no meio do vocábulo se dá perante composição ou em relações genitivas (KROEKER, 2001).</p> <p>Realiza-se sucedendo especialmente raízes nominais. Também participa de construções possessivas e com pronome demonstrativo (BORELLA, 2003)</p> |
| [-na] | <p>Sufixo verbal de tempo presente e passado recente, equativo e de evidência visual (KROEKER, 2001); e de pessoa.</p> <p>Sufixo locativo (BORELLA, 2003).</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>l</sup>waj.na # <sup>ũ</sup>.hi.ki.na.la] = “você cortou o dedo”</p> <p>/uaina ũh -hiki -na -la<br/>2SG INSTR-dedo-0-3SG.PRC PERF.M</p> <p>[<sub>l</sub>ta: #<sup>l</sup>hiki #<sup>l</sup>e:jna] = “o fumo está na minha mão”</p> <p>/ta -a -hiki -ei? -na/<br/>POSS.1SG INAL-mão-fumo-LOC</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | [na] | <p>Realiza-se em meio e final de vocábulo, sendo geralmente seguido por um morfema aspectual. Quando opera como sufixo locativo, este morfema dispensa sufixos referenciais<sup>59</sup>.</p>                                                                                                                                                                   |

<sup>58</sup> Kroeker (2001) assume o valor de definitude para o sufixo **-a**, mas tanto em sua obra quanto em nossos registros temos algumas ocorrências de nomes que estão sufixados pelo **-a** com valor de indefinitude. Dedicamos um espaço para a explanação dos sufixos **-su**, **-sa** e **-a** ao final desta seção.

<sup>59</sup> Borella (2003) acrescenta ainda que “semanticamente, uma ‘posição locativa’ traz por si só o traço de especificidade, contudo, não causaria nem uma restrição semântica se esta co-ocorresse com **-a**. De qualquer maneira, sua não obrigatoriedade demonstra que **-na** não é um morfema flexional”. (p.90).

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                      |                                                                                                       |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>[-he]</p> | <p>Sufixo verbal indicador de tempo, envolve a ideia de verificação, orientação e observação por parte do locutor<sup>60</sup>. Faz referência ao passado. (KROEKER, 2001)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>daĩ. na # <sup>ĩ</sup>.na.he.ra] = “não vi (sua camisa)”<br/>/taina <sup>ĩ</sup> -na -hela/<br/>1SG ver-PRC-PERF.M</p> <p>[<sup>1</sup>aj.na.na.he.la] = “pesquei [ontem]”<br/>/ain -a -nahe -la/<br/>pescar-1SG-PAS-PERF.M</p> <hr/> <p>Sufixo verbal indicador de tempo futuro.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[ha.<sup>1</sup>kwa.ta # hu.<sup>1</sup>haj.li.tu.a] = “[eles] vão pescar amanhã”<br/>/hakwata huhai-li -tu -ua/<br/>ADV.amanhã-pescar-?- FUT-IMPERF.M</p> | <p>[-he] ~ [-hẽ]</p> | <p>Realiza-se ao final do vocábulo (ou do enunciado), geralmente sucedendo um morfema de aspecto.</p> |
| <p>[-tu]</p> | <p>Sufixo verbal indicador de tempo futuro.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[ha.<sup>1</sup>kwa.ta # hu.<sup>1</sup>haj.li.tu.a] = “[eles] vão pescar amanhã”<br/>/hakwata huhai-li -tu -ua/<br/>ADV.amanhã-pescar-?- FUT-IMPERF.M</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <p>[-tu]</p>         | <p>Realiza-se ao final do vocábulo (ou do enunciado), geralmente sucedendo um morfema de aspecto.</p> |

60 Kroeker (2001) assinala existirem ‘categorias’ de verificação, orientação e observação nas quais o sufixo -he pode ser aplicado na língua:

“1) A verificação nos diz quem é que pode verificar a declaração do evento. A *verificação individual* indica que o evento foi presenciado apenas pelo falante. A *verificação coletiva* indica que o evento foi presenciado pelo falante e pelo(s) ouvinte(s).

2) A orientação nos conta a fonte da informação dada pelo falante. A *orientação de observação* indica que determinada atividade foi vista pelo falante e depois relatada ao(s) ouvinte(s). A *orientação dedutiva* indica que determinada atividade não foi presenciada pelo falante, mas que alguma outra ação ou evento o levou a inferir a probabilidade de ocorrência daquilo que ele relata ao(s) ouvinte(s). A *orientação costumeira* indica que determinada atividade sempre ocorre de certa maneira, como por exemplo, os hábitos dos animais. A *orientação narrativa* indica que determinada atividade sobre a qual o falante ouviu falar ele agora relata ao(s) ouvinte(s)” (p.74)

|                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                             |                                                                               |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
| [-ua]          | <p>Sufixo verbal de aspecto imperfectivo utilizado pelo falante quando refere-se a um interlocutor do sexo masculino.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[<sup>1</sup>teʔ.a.na # <sup>1</sup>jawh.te.ra.wa] = “ele vai ficar”</p> <p>/teʔana iauh -tel -a -ua/</p> <p>3SG ficar -IMIN-PRES-IMPERF.M</p> | [wa] ~ [waʔ]                | Realiza-se ao final do vocábulo (ou do enunciado).                            |
| [-la]<br>[-li] | <p>Sufixo verbal de aspecto perfectivo utilizado pelo falante quando refere-se a um interlocutor do sexo masculino.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[<sup>1</sup>te:.na # ja.<sup>1</sup>lũ.na.la] = “ele está doente”</p> <p>/teʔana ialu -na -la/</p> <p>3SG doença-PRES-PERF.M</p>                | [-la] ~ [li]                | Realiza-se ao final do vocábulo (ou do enunciado).                            |
| [-na]<br>[-ni] | <p>Sufixo verbal de aspecto em referência ao interlocutor do sexo feminino.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[{Raquel} ta.<sup>1</sup>la # a.la.<sup>1</sup>sa.su.nã.na] = “Raquel é alta</p> <p>/ {Raquel} tala # alasa -su -na -na/</p> <p>/CL.senhora magra-S.NOM PRES.PERF.F.</p>                 | [-na] ~ [nã]<br>[ni] ~ [nĩ] | Realiza-se ao final do vocábulo, geralmente afixando-se após sufixos verbais. |

| Afixos tônicos com sílaba leve |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                         |                                                           |
|--------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
|                                | Classificação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Realizações fonéticas                   | Posição ocupada no vocábulo                               |
| [- <sup>1</sup> ta]            | <p>Pronome possessivo de 1SG para ambos os gêneros, masculino e feminino.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sub>1</sub>ta.<sup>1</sup>du.ha] = “minha esposa”</p> <p>/ta -tuh -a/</p> <p>POSS.1SG-mulher-S.ESP</p> <p>[<sub>1</sub>ta.<sup>1</sup>hu.ksu] = “meu arco”</p> <p>/ta -hu -ki -su/</p> <p>POS.1SG-arco-CL.redondo,oblongo-S.NOM</p> | [ <sup>1</sup> ta] ~ [ <sup>1</sup> da] | Prefixo que se realiza sempre antecedendo a raiz nominal. |

|        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |              |                                            |
|--------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|--------------------------------------------|
| [ua]   | <p>Pronome possessivo de 2ª pessoa do singular: ‘teu, tua, seu, sua’.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[wa. 'wi.su] = “seu dente”</p> <p>/ua -uĩ -su/</p> <p>POSS.2SG-dente-S.NOM</p> <p>[wa. 'su.su] = “seu osso”</p> <p>/ua -su -su/</p> <p>POSS.2SG-osso-S.NOM</p>                                                                                              | [wa] ~ [wã]  | Realiza-se antecedendo a raiz nominal      |
| [-'ta] | <p>Morfema denotador de intensidade (‘ser grande’)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[hi.ka. 'ta.su] = “árvore grande”</p> <p>/hi -kat -ta -su/</p> <p>árvore-CL.duro-CL.grande-S.NOM</p> <p>[wa.ka.li. 'ta:.su] = “crocodilo”</p> <p>/ua? -kali -ta -su/</p> <p>jacaré-CL.liso-CL.grande-S.NOM</p>                                                                 | [ta] ~ [ta:] | Realiza-se sucedendo a raiz nominal        |
| [hã ]  | <p>Morfema que denota a ideia de plural, de coletividade.</p> <p><i>Exemplo:</i></p> <p>[i.ti. 'ti. hã:.su] = “sangue de todos os homens”</p> <p>/iti -ti -hã -su/</p> <p>homem-sangue-PLR-S.NOM</p>                                                                                                                                                             | [nã] ~ [na]  | Realiza-se sucedendo raízes.               |
| [ĩ]    | <p>“Agente não-especificado que atua num contínuo” (KROEKER, 2001, p.74)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[daĩ. na # 'ĩ.na.wa] = “acabei de sair”</p> <p>/taina ã -na -ua/</p> <p>1SG CONT-1SG-IMPERF.M</p> <p>[ĩ. 'heh.sa.na.li] = “estou com fome”</p> <p>/ĩ -heh -sa -na -li/</p> <p>CONT-fome-O.1SG-PRES-PERF.M</p>                                            | [ĩ]          | Prefixo que se realiza antecedendo a raiz  |
| [ũh]   | <p>Sufixo instrumental no qual o instrumento/ferramenta atua como agente sobre o alvo (Kroeker, 2001)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[ũ. hi.ki.na.he.li] = “cortei a mão”</p> <p>/ũh -hiki -na -he -li/</p> <p>INSTR-mão-1SG-PAS-PERF.M</p> <p>[taĩ. na # 'ũ.ha.tu.a] = “eu socar [pilão]”</p> <p>/taina ũh -ha -tu -ua/</p> <p>1SG INSTR-socar-FUT-IMPERF.M</p> | [ũ] ~ [ũh]   | Prefixo que se realiza antecedendo a raiz. |

| Afixos tônicos com sílaba pesada |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                            |                                      |
|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
|                                  | Classificação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Realização fonética                                                                        | Posição ocupada na palavra           |
| [-i'au]                          | Morfema classificador denotador de 'líquido'.<br><i>Exemplos:</i><br>[ <sup>1</sup> ha. <sub>1</sub> jaw.su] = "água"<br>/ha - <sub>1</sub> jaw -su/<br>água-CL.líquido-S.NOM<br><br>[ <sup>1</sup> wa.ri. <sub>1</sub> tʃaw.su] = "chica de mandioca"<br>/uʁali - <sub>1</sub> jaw -su/<br>mandioca-CL.líquido-S.NOM.                                                 | [ <sup>1</sup> jaw] ~ [ <sup>1</sup> dʒaw] ~<br>[ <sup>1</sup> tʃaw] ~ [ <sup>1</sup> ɲaw] | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |
| [ <sup>1</sup> kat]              | Morfema classificador para 'duro', 'rígido', 'sólido'.<br><i>Exemplo:</i><br>[ <sup>1</sup> hi. <sub>1</sub> ka.su] = "árvore"<br>/hi- -kat -su/<br>árvore-CL.duro-S.NOM                                                                                                                                                                                               | [ <sup>1</sup> kat] ~ [ <sup>1</sup> ka:]                                                  | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |
| [ <sup>1</sup> ũẽh]              | Morfema classificador denotador de 'fio', 'corda', remetendo a ideia de 'ser reto'.<br><i>Exemplos:</i><br>[ <sup>1</sup> hu. <sub>1</sub> kũẽh. <sub>1</sub> nõ.su] = "cipó"<br>/huki -ũẽh -nãũ -su/<br>cipó-CL.ser reto-CL.folha-S.NOM<br><br>[a. <sup>1</sup> si. <sub>1</sub> mẽ.ru] = "rabo, cauda"<br>/a -si -ũẽh -su/<br>INAL-rabo,cauda-CL.reto,alinhado-S.NOM | [ <sup>1</sup> ũẽh] ~ [ <sup>1</sup> wẽ:]<br><br>[mẽ:]                                     | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |
| [ <sup>1</sup> ẽn]               | Morfema classificador que denota concavidade.<br><i>Exemplos:</i><br>[ <sup>1</sup> si. <sub>1</sub> hẽ.su] = "toca"<br>/sih -ẽn -su/<br>casa-CL.côncavo-S.NOM<br><br>[wa. <sup>1</sup> lu. <sub>1</sub> tẽ.su] = "cabaça"<br>/ualuti -ẽn -su/<br>cabaça-CL.côncavo-S.NOM                                                                                              | [ <sup>1</sup> ẽn] ~ [ẽ:]                                                                  | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |
| [ <sup>1</sup> nãũ]              | Morfema classificador denotador de 'folha'.<br><i>Exemplos:</i><br>[ <sup>1</sup> eh. <sub>1</sub> nã.su] = "folha de fumo"<br>/ehʔ -nãũ -su/<br>fumo-CL.folha-S.NOM<br><br>[ <sup>1</sup> wajh. <sub>1</sub> nãw̃.su] = "palha"<br>/uaih -nãũ -su/<br>palha-CL.folha-S.NOM                                                                                            | [ <sup>1</sup> nãũ] ~ [ <sup>1</sup> nã:]<br><br>[nõ:]                                     | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |

|                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                       |                                                                                |
|------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| [ <sup>1</sup> ei <sup>t</sup> ] <sup>61</sup> | <p>Morfema classificador de ‘aldeia’</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [<sub>1</sub>wa.la.<sup>1</sup>si:.<sub>1</sub>ej.tʃu] = “nossa aldeia”<br/> /uaʔla -sih -eit -su/<br/> 1PL -casa -aldeia-S.NOM</p> <p>[a.<sub>1</sub>nũ.ha<sup>1</sup>ej.su] = “aldeia do índio”<br/> /anũ -a -eit -su/<br/> índio-S.ESP-aldeia-S.NOM</p> <p>[wa.lo.<sup>1</sup>kwi.<sub>1</sub>ej.tsu] = “Serra da Borda”<br/> /uatokui -eit -su/<br/> Serra da Borda-aldeia-S.NOM</p> | [ <sup>1</sup> ei <sup>t</sup> ] ~ [ <sup>1</sup> ei] | Realiza-se após a raiz nominal                                                 |
| [k <sup>1</sup> ain]                           | <p>Morfema enfático que denota ideia de “mesmo, realmente”</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [<sup>1</sup>kãĩʔ # <sup>1</sup>wã:.<sub>1</sub>su] = “que calor!”<br/> /kain ããũ -su/<br/> ADVZ.muito.calor-S.NOM</p>                                                                                                                                                                                                                                             | [k <sup>1</sup> ãjn ] ~ [k <sup>1</sup> ãjn ]         | Realiza-se antecedendo ou sucedendo a raiz nominal isoladamente                |
| [ũẽ]                                           | <p>Morfema classificador denotador de ‘pequeno,filhote,jovem’</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [<sup>1</sup>hu.ka.<sub>1</sub>mẽ. su] = “arco pequeno”<br/> /hu -ki -a -ũẽ -su/<br/> arco-CL.redondo-S.ESP-CL.pequeno-S.NOM.</p> <p>[a.<sup>1</sup>wẽ.ri.su] = “criança”<br/> /a -ũẽ -li -su/<br/> INAL-criança,filhote-?-S.NOM</p>                                                                                                                            | [wẽ] ~ [wẽ] [mẽ]                                      | Realiza-se sucedendo a raiz, o prefixo de inalienabilidade e sufixos nominais. |

---

61 Algumas línguas Nambikwara do Sul atestam o morfema classificador /-ien/ para designar ‘aldeia’. Não obtivemos êxito ao tentar acessar a protoforma deste afixo, mas aparentemente a língua Nutajensu pode ter guardado resquício desta partícula no nome da própria aldeia/língua. Se recorremos à sua segmentação e descrição, temos algo como:

/nũ -ta -ien -su/ ~ [nutatʃẽsu].

índio, pessoa-CL.grande-aldeia-S.NOM.

|          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                             |                                                                                                                                                                          |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [t'el]   | <p>Morfema que denota ação iminente (KROEKER, 2001)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[t'daĩ. na # te.sa # so.'te.la] = “vou pegar isso”<br/>/taina te -sa so -tel -a/<br/>1SG-DEM-S.NOM DEI-IMINS-ESP.</p> <p>[t'taĩ. na # wa.'klon.te.ra.wa] = “vou trabalhar agora”<br/>/taina uakalon 0 tel -a -ua/<br/>1SG trabalho-1SG-IMIN-PRES-IMPERF.M</p>      | [t'el] ~ [t'er]             | <p>Realiza-se próximo à raiz verbal, não necessariamente a seguindo. De acordo com Kroeker “ocorrem com raízes e sufixos verbais transitivos e intransitivos” (p.84)</p> |
| ['lau]62 | <p>Morfema classificador para ‘velho(a), idoso(a), líder’</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[t'hoi.sa # mĩ.'no.'lo.su] = “macaco macho velho”<br/>/hou -sa uinu -lau -su<br/>macaco-S.NOM CL.masc-velho-S.NOM</p> <p>[t'ka.a # mĩ.'nu.'lo.su] = “quati macho velho”<br/>/ka -a uinu -lau -su/<br/>quati-S.ESP CL.masc.-velho-S.NOM</p>                   | [lo] ~ [lo:] [lu]           | <p>Realiza-se sucedendo raiz nominal ou o sufixo nominal [-a]</p>                                                                                                        |
| ['nãũ]   | <p>Morfema classificador para ‘pó’, ou relacionado à terra.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[t'jũ.'nõ.su] = “minhoca”<br/>/iũ -nãũ -su/<br/>minhoca-CL.terra,pó-S.NOM</p> <p>[a.ki.'nũ.su] = “terra”<br/>/a -ki -nãũ -su/<br/>INAL-?-CL.terra,pó-S.NOM</p> <p>[a.su.'ka.'nãw.su] = “açúcar”<br/>/asuka -nãũ -su/<br/>EMPR.açúcar-CL.terra,pó-S.NOM</p> | [nãw] ~ [nõ] ~ [nõ:] ~ [nũ] | <p>Realiza-se sucedendo raiz nominal e alguns morfemas classificadores.</p>                                                                                              |

62 Ao questionarmos nossos informantes se poderíamos fazer referência a todos os animais machos/pessoas do gênero masculino com este morfema, eles responderam que o termo era geralmente utilizado para se referir à figura de liderança que o animal/homem representa(va) dentro do seu bando/grupo. Assim deduzimos que, quando os nativos se referiam a homens com algum papel de liderança ou notoriedade (médico, pajé, cacique) o afixo /- lau/ se fazia presente, mas não obrigatoriamente. Disseram, ainda, que o mesmo poderia ser aplicado aos animais líderes de seu bando (especialmente os macacos-aranha e quatis com os quais conviviam na aldeia, e por isso sabiam dizer qual era o líder do grupo). No que tange ao uso desta partícula para fazer referência à liderança feminina, a recorrência é bem menor, mas ainda assim é possível. O morfema /-lau/ afixado em um vocábulo que faz referência à mulher possui o significado implícito de “velha” ao sugerir que ela é a matriarca de uma família.

| Afixo gramatical CV tônico |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                  |                                                   |
|----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------------------------|
|                            | Classificação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Realizações fonéticas            | Posição ocupada no vocábulo                       |
| [-sa]                      | <p>Sufixo verbal (argumento interno) de 1ª pessoa do singular (objeto)</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>taĩ. na # <sup>1</sup>kaʔ.ta.sa.na.li] = “estou com ciúme”<br/>           /taina kaʔta sa -na -li/<br/>           1SG ciúme-O.1SG-PRES-PERF.M</p> <p>[<sup>1</sup>ta.je.ka.lo.su # <sup>1</sup>sã.na.ni] = “[essa é] minha roupa”<br/>           /ta -ieki -kalo -su/<br/>           POSS.1SG-RN-CL.longo,comprido-S.NOM<br/>           -sa -na -ni<br/>           O.1SG-PRES-PERF.F</p> | [sa] ~ [sa <sup>h</sup> ] ~ [sã] | Realiza-se sucedendo a raiz, em meio de vocábulo. |

#### 4.6.1 O acento em morfemas dissilábicos

| Afixos dissilábicos tônicos        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                            |                                                                                       |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
|                                    | Classificação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Realização fonética                                                        | Posição ocupada no vocábulo                                                           |
| [ <sup>1</sup> uaʔla]              | <p>Possessivo de primeira pessoa do plural: “nosso, nossa”</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>1</sup>waʔ.la # sa.<sup>1</sup>we.rẽ.tʃu] = “nossa rede”<br/>           /uaʔla saueli -ẽn -su/<br/>           POSS.1PL rede-CL.côncavo-S.NOM</p> <p>[<sup>1</sup>ma.la # <sup>1</sup>jo.su] = “nossa boca”<br/>           /uaʔla io -su/<br/>           POSS.1PL-boca-s.NOM</p>                                                                                                                                                                         | [ <sup>1</sup> waʔla] ~ [ <sup>1</sup> wa:lã]<br><br>[ <sup>1</sup> ma:lã] | Realiza-se antecedendo a raiz nominal.                                                |
| [ <sup>1</sup> ta <sup>h</sup> la] | <p>Morfema classificador para “mulher, senhora<sup>63</sup>”</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[&lt; Raquel &gt; ta<sup>h</sup>.la # a.la.<sup>1</sup>sa.su.nã.na] = “senhora’ Raquel é alta”<br/>           /&lt; Raquel &gt; ta.la alasa -su<br/>           &lt;Raquel&gt;CL.senhora-magra-S.NOM-<br/>           -na -na<br/>           1SG-PERF.F/</p> <p>Cristina passeou [no mato]”<br/>           / &lt; Cristina &gt; ta.la ai.ki<br/>           &lt;Cristina&gt;-CL.senhora-andar,passear<br/>           -hu -ua/<br/>           PASS-IMPERF.F</p> | [ta <sup>h</sup> .la] ~ [ta <sup>h</sup> la]                               | Realiza-se sucedendo o nome feminino quando se pretende fazer referência à sua idade. |

|                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                        |                                                                                           |
|----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| [ <sup>h</sup> kali] | <p>Morfema classificador para ‘superfície lisa’.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>h</sup>wa.<sub>1</sub>ka.li.<sub>1</sub>ta.su] = “crocodilo”<br/> /uaʔ        -kali        -ta        -su/<br/> jacaré-CL.liso-CL.grande-S.NOM</p> <p>[<sup>h</sup>tiʔ.<sub>1</sub>ka.li.su] = “tamanduá-bandeira”<br/> /tiʔ                        -kali        -su/<br/> tamanduá.bandeira-CL.liso-S.NOM</p> <p>[<sup>h</sup>te.ã.na # <sup>h</sup>ka.li.ka.<sub>1</sub>lo.a # <sup>h</sup>aj.tu.a] = “ele vai pra escola”<br/> /teʔana kali        -kalo        -a<br/> 3SG    CL.liso-CL.comprido-S.NOM<br/> ai        -tu        -ua<br/> andar-FUT-IMPERF.M</p> <p>[<sup>h</sup>waʔ.lã.na # <sup>h</sup>ka.li.ka.<sub>1</sub>lo.su] = “nosso livro”<br/> /uaʔlana        kalikalo        -su/<br/> POSS.1PL                        livro -S.NOM</p> | [ <sup>h</sup> kali]                                                   | Realiza-se sucedendo a raiz nominal (com exceção do vocábulo /kalikaloa/) <sup>64</sup> . |
| [ka <sup>h</sup> lo] | <p>Morfema classificador para ‘comprido e plano, unidimensional’. Também é utilizado para compor nomes relacionados a ‘tecido’.</p> <p><i>Exemplos:</i></p> <p>[<sup>h</sup>mah.ka.<sub>1</sub>lo.su] = “roupa”<sup>65</sup><br/> /uah        -kalo        -su/<br/> roupa,tecido-CL.comprido-S.NOM.</p> <p>[<sup>h</sup>ju.ka.<sub>1</sub>lo.su] = “sapato”<br/> /iu        -kalo        -su/<br/> pé-CL.comprido-S.NOM</p> <p>[<sup>h</sup>o.ka.<sub>1</sub>lo.su] = “céu”<br/> /o        -kalo        -su/<br/> céu-CL.comprido-S.NOM</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | [ka <sup>h</sup> lo] ~ [ko <sup>h</sup> lo]<br><br>[ <sup>h</sup> klo] | Realiza-se sucedendo a raiz nominal.                                                      |

63 Ao contrário do classificador masculino [<sup>h</sup>tʃahla], o feminino [ta<sup>h</sup>la] não carrega qualquer sentido relacionado à liderança, pois os papéis hierárquicos na comunidade Nutajensu são exclusivos dos homens. Ao se referir a uma mulher com o classificador [tala], o locutor quer dizer que ela é ou idosa ou a matriarca de uma família.

64 Há, ainda uma forma unificada para tudo aquilo que se refere à educação: [kalikaloa]. Seu significado abrange os termos escola, professor, aluno, livro, cartilha e biblioteca, por exemplo.

65 Os nativos nos informaram que esta forma pode ser usada para fazer referência a várias peças de roupa (camisa, calça, bermuda, vestido) e tecidos em geral (toalha, lençol, pano, etc)

|                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                          |                                      |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------|
|                       | <p><b>Empréstimos do Português:</b><br/> [kã.'ne.ta.ka.lo.su] = “caneta”<br/> /kaneta -kalo -su/<br/> caneta-CL.comprido-S.NOM</p> <p>[is.'pe.ʔu.ka.lo.su] = “espelho”<br/> /espelho -kalo -su/<br/> espelho-CL.comprido-S.NOM</p> <p>[ʔfo.tu.ka.lo.su] = “foto”<br/> /foto -kalo -su/<br/> foto-CL.comprido-S.NOM.</p>                                                        |                                          |                                      |
| [uĩ'nu] <sup>66</sup> | <p>Morfema classificador para ‘macho, homem’ que exerce algum tipo de liderança em seu bando/grupo.</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [ʔka.a # mĩ.'no.lo.su] = “quati macho velho”<br/> /ka -a uinu -lau -su/<br/> quati-S.ESP CL.masc.-velho-S.NOM</p> <p>[ʔhow.sa # wĩ.'nu.ta.su] = “macaco macho grande”<br/> /hou -sa uinu -ta -su/<br/> macaco-S.NOM macho-CL.grande-S.NOM</p> | [wĩ'nu] ~ [mĩ'nu]<br>~ [mĩ'nu] ~ [mĩ'no] | Realiza-se sucedendo a raiz nominal  |
| [nãũ]                 | <p>Morfema classificador para ‘pó’, ‘terra’.</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [ʔjũ.nõ.su] = “minhoca”<br/> /iũ -nãũ -su/ minhoca-CL.terra,pó-S.NOM</p> <p>[ʔka.ta.nãũ.su] = “cupinzeiro”<br/> /kat -a -nãũ -su/<br/> CL.duro-S.NOM-CL.pó,terra-S.NOM</p>                                                                                                                           | [nãũ] ~ [nõ:] ~<br>[nõ]                  | Realiza-se sucedendo a raiz nominal. |

| Afixos dissilábicos com primeira sílaba pesada |                                                                                                                                               |                       |                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                | Classificação                                                                                                                                 | Realizações fonéticas | Posição ocupada no vocábulo                                                                                                                                                 |
| [ʔiahlo]                                       | Classificador para ‘homem, senhor’ e para referir-se aos machos dos animais. Realiza-se também como raiz lexical significando “velho, idoso”. | [ʔtʃahla]             | Realiza-se após raiz nominais referentes a seres do gênero masculino. Há ainda a construção [kaʔʃa.tisu], referente a “homem branco”:<br>/ka-te-iahlo-iti-su/ <sup>67</sup> |

66 De acordo com Greenberg (2007), a proto-forma deste classificador é /mĩn/.

67 A carência de estudos diacrônicos da língua nos impediu de inferir o significado do morfema /-ka/, mas acreditamos que, possivelmente, o termo denota ‘animicidade’ por ser bastante recorrentes em vocábulos referentes à seres humanos, animais e ações envolvendo ambos. No entanto, preferimos não fazer uma inferência precipitada e sugerir que este caso específico seja alvo de maiores investigações.

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                    |                                                                                                        |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <p>Borella (2003) trata como honorífico<sup>68</sup> e sugere uma composição feita a partir da raiz /iti/ ‘homem’, isto é: /iti/ + /iah/ = /tjah/<sup>69</sup>.</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> [&lt;Domingos&gt;    'tjah.la] = “o senhor Domingos” ou “o velho Domingos”<br/> /Domingos te            -iahlo            -a/<br/> Domingos DEM-CL.velho,idoso-S.NOM.</p> <p>[ka.'tʃa.lɔ.su] = “cacique”<br/> /ka -te            -iahlo    -lau -su/<br/> ? DEM-CL.idoso-CL.líder-S.NOM</p> <p>[je.wi.'tʃa.lu.su] = “médico, pajé”<br/> /ieui            -te            -iahlo            -su/<br/> médico,pajé-DEM-CL.velho,idoso-S.NOM.</p> |                    |                                                                                                        |
| ['ieki] | <p>Raiz semanticamente nula<sup>70</sup><br/> (BORELLA,2003)</p> <p><i>Exemplos:</i><br/> /ieki/ como recurso anafórico:</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | ['jekɪ] ~ ['tʃekɪ] | <p>Realiza-se sucedendo formas livres de pronomes, raiz nominal e prefixo de inalienabilidade /-a/</p> |

68 Os honoríficos denotam o status social de um indivíduo dentro da comunidade. Qualquer homem considerado mais velho (não necessariamente idoso) pelo locutor, receberá a denominação ['tʃahla] no enunciado. O mesmo raciocínio serve para as mulheres, cuja denominação é [ta'la]. A questão da idade é peculiar para os indígenas. Apesar de possuírem expectativa de vida alta (aqui nos referimos exclusivamente ao povo Nutajensu, sobre o qual pudemos colher informações tanto com os nativos quanto com a prof. Sara e a funcionária da Funai, Adriani), homens e mulheres podem ser considerados “velhos” a partir dos 30 anos. Outro critério utilizado pelos nativos para identificar/deduzir a idade de um indivíduo é a cor do cabelo: cabelos brancos os remetem imediatamente à velhice.

69 Embora a interpretação de Borella (2003) sobre este classificador seja pertinente, acatamos a interpretação de Costa (2019), que se baseou em Kroeker (2001), ao fazer referência à junção do pronome demonstrativo /-te, assinalado pelo teórico, com a forma livre do pronome “ele” /iahlo/ : “sufixo classificador que, entre outros contextos, ocorre junto ao morfema demonstrativo {te-}, formando com este o pronome livre “ele”, ou junto a raízes lexicais” (p.292).

70 Eis a definição da autora para a referida raiz:

“A raiz semanticamente nula ‘ieki’ é largamente utilizada como anáfora, tanto de nomes que já foram referidos no discurso, quanto para nomes que estão visualmente presentes no ato da fala. Pode ser utilizada, como estratégia, para referir nomes que são semanticamente não possuídos. Muitas vezes, ao substituir a raiz nominal, em processo de anáfora, a raiz ‘ieki’ pode ser sufixada por um classificador nominal que salienta uma característica do nome referido.[...] Se um nome não possuído, em contexto de fala, precisar ser referenciado com um possuidor, a raiz nominal nula ‘ieki’ poderá ser utilizada. fruta.[...] A raiz nominal nula pode levar sufixo, em processo anafórico, o morfema classificador do nominal referido” (p.34).

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |  |  |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|
|  | <p>[ta.'je.ki.ɔw.su] = “minha chicha”<br/>/ta -ieki -iaɔ -su/<br/>POSS-RN-CL.líquido-S.NOM</p> <p>[ta.'je.ki.ki.su] = “meu mamão”<br/>/ta -ieki -ki -su/<br/>POSS.1SG-RN-CL.redondo,oblongo-S.NOM</p> <p>[ka.sa # wa.'je.kẽ.na] = “gato (está) na sua bolsa”<br/>/ka -sa ua -ieki -ẽn<br/>gato-S.NOM POSS.2SG-RN-CL.côncavo-<br/>-na/ locativo.</p> <p>/ieki/ como estratégia para referir nomes não-possuídos:<br/>[a.'je.ki.su] = “comida, refeição”<br/>/a -ieki -su/ INAL-RN-S.NOM</p> <p>[a.'lu.tʃe.ki.su] = “sol”<br/>/a -lu -ieki -su/<br/>INAL-sol-RN-S.NOM</p> |  |  |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|

#### 4.7 EXCURSO SOBRE A DIFERENÇA ENTRE OS SUFIXOS *-SU*, *-SA* E *-A*

Consideramos relevante uma abordagem mais detalhada sobre os sufixos formativos do Nutajensu, *-su*, *-sa* e *-a*, devido não apenas à sua grande recorrência por serem formadores dos nomes da língua, como também para estabelecer a diferença entre eles, elucidando sua função no vocábulo.

Os sufixos *-su* e *-sa*, como mencionamos anteriormente, afixam-se à raiz nominal e aos demais morfemas gramaticais, ocorrendo na posição final da palavra, com status de obrigatoriedade na formação dos nomes. A diferença entre eles é mais evidente do que entre estes e o *-a*, cuja abordagem deixaremos para mais adiante.

A noção de referencialidade assumida por Borella (2003) para identificar a função destes sufixos não foi a referencialidade semântica, mas sim àquela pertencente ao universo do discurso com base na premissa de Givón: “The study of human language(s) suggest that reference relations are not a mapping of propositions or terms in a language onto The Real World, but rather a mapping from the language to some “Universe of Discourse” (p.93). Aplicando tal afirmação à realidade da língua, inferimos (tal como Borella) que o sufixo *-su* faz referência a um participante que não tem relevância no discurso, na conversação. Em outras

palavras, o interlocutor refere-se a um participante “qualquer” ou ainda, nas palavras dos indígenas, a algo que está “na cabeça, no pensamento”. Dentre os sufixos, o sufixo *-su* certamente é o mais recorrente, sendo utilizado quando a raiz nominal é elicitada isoladamente, sem nenhum contexto pragmático. Algumas situações que vivenciamos junto aos indígenas durante as entrevistas exemplificam o uso dos referidos sufixos, bem como ilustram a diferença entre eles:

- 571) Exemplo de registro elicitado sem contexto específico. (Perguntamos ao informante simplesmente “como se diz *mamão* na sua língua?”, cuja resposta foi, prontamente [maɫukisu]):

[<sup>h</sup>maɫukisu] = “mamão”

/waɫ.lu.ki.su/

/uaɫlu                      -ki                      -su/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- 572) Exemplo de registro elicitado dentro de um contexto linguístico, com relevância no discurso. (A filha pequena do informante foi ao seu encontro pedindo para que ele abrisse o mamão que tinha em mãos para poder comê-lo).

[<sup>h</sup>waɫlukisa] = “mamão” (retirado de oração)

/waɫ.lu.ki.sa/

/uaɫlu                      -ki                      -sa/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.NOM

- 573) Exemplo de registro elicitado dentro de um contexto específico, sendo que o referente também era específico. (As crianças estavam tentando colher o mamão do pé, atirando-lhe pedras. Um adulto aproximou-se para ajudar e colheu um mamão, mas as crianças o recusaram e pediram que ele pegasse um mamão específico, provavelmente o que julgavam ser o maior ou o mais maduro):

[<sup>h</sup>waɫluka] = “o mamão” (retirado de oração)

/waɫ.lu.ka/

/uəʔlu                      -ki                      -a/

mamão-CL.redondo,oblongo-S.ESP.

Nos exemplos acima, os sufixos destacam o grau de saliência dos referentes no discurso. A presença de *-sa* evidencia a sua relevância, enquanto que o uso do *-su* pontua a sua não relevância (Borella, p.93). Entretanto, é importante salientar que embora os contextos selecionados atestem a interpretação teórica dada a esses sufixos nominais, nem sempre a diferença entre eles é muito óbvia.

Além disso, destacamos que a produção do *-sa* se apresentou escassa em todo o nosso corpus. entretanto, como os dados disponíveis foram em sua maioria coletados através da elicitación, não podemos afirmar que o sufixo seja pouco produtivo na língua.

Abaixo segue um exemplo encontrado em Borella (2003), com a indicação de seu respectivo contexto pragmático, no qual o sufixo ocorre conferindo saliência ao referente no desenrolar no discurso:

Contexto: o falante tinha a intenção comunicativa de salientar a beleza do macaco filhote, com relação ao macaco adulto.<sup>91</sup>

[<sup>h</sup>howsa # a,mẽ'nũsa # <sup>w</sup>inala] = “o filhote de macaco é bonito”

/howt.sa a.ũẽ. nũ.sa wi.na.la/

/hout                      -sa                      a                      -ũẽ                      -nũ                      -sa                      ui-                      -na

macaco-S.NOM INAL-CL.filhote-parentesco-S.NOM                      CL.ser bom,bonito-0-PRES-  
-la/ PERF.M

No dado a seguir, coletado por mim, apresentamos a ocorrência do mesmo sufixo, também com a função de evidenciar saliência do referente. O exemplo abaixo teve o seguinte contexto de fala: ao questionarmos o informante se ele preferia dormir na esteira ou na rede, ele relatou que preferia a rede, mas que estava dormindo no chão, já que a sua rede estava velha, e ele tinha receio de que a mesma rompesse durante a noite. A referida rede não se encontrava em nosso campo visual, e o falante fez uso do sufixo *-sa*, por se tratar de um referente com relevância no seu discurso.

---

<sup>91</sup> Exemplo extraído de Borella (2003).

[tasa<sup>1</sup>we<sub>1</sub>lêsa # ko<sup>1</sup>kosãnala] = “minha rede está velha”

/ta.sa.we.lên.sa ko.ko.sa.na.la/

/ta- sauli -ên -sa koko sa -na -li/

POSS.1SG-rede-CL.côncavo-S.NOM ser velho-1SG-PRES-PERF.M

No que tange ao sufixo *-a*, alguns de nossos dados divergem da função apontada por Kroeker (2001) para este sufixo. De acordo com este autor, o referido sufixo possui o valor de artigo definido nas línguas Nambikwara do Sul. Entretanto, mesmo do trabalho do autor, em alguns dos seus exemplos, a tradução livre traduz o dado com o valor indefinido. Observam-se abaixo registros extraídos da obra de Kroeker (2001) para exemplificar a ocorrência:

574) hu<sup>3</sup>kʔa<sup>2</sup> yʔo<sup>2</sup>kwajn<sup>3</sup> -sa<sup>3</sup> - nha<sup>2</sup> - wa<sup>2</sup>.

espingarda querer O.1SG INTERN IMPF “Quero uma espingarda”.  
(p.9)

575) y<sup>3</sup>la<sup>2</sup> ten<sup>3</sup> -na<sup>3</sup> -la<sup>2</sup>.

faca querer -3SG-PRES.PF “Ele quer uma faca”. (p.10)

576) hu<sup>3</sup>kʔ -a<sup>2</sup> yø<sup>3</sup>n -a<sup>1</sup>-wa<sup>2</sup>.

arco- DEF-próprio-1SG-IMPF  
“Tenho um arco”. (p.48)

Na língua Nutajensu, percebemos que o sufixo ora denota definitude (579) e (580), ora indefinitude (581) e (582), o que põe em discussão a escolha estrita dessas categorias para diferenciar sufixos referenciais nas línguas Nambikwara:

577) [ta<sup>1</sup>siha # tũnana] = “construo minha casa”

/ta.si.ha tũ.na.na/

/ta -sih -a tũ -na -na/

POSS.1SG-casa-S.ESP. construir-O.1SG-PERF.F

578)[ma'wa:la # 'tiʔinala] = “sua camisa está suja”

/wa.wah.la ti.ti.na.la/

/ua -uah- -li a titi -na -la/

POSS.2SG-roupa,tecido-?-S.ESP. estar sujo-3SG-PERF.M

579)['kaja # 'ʔsaheɾi] = “um quati me mordeu”

/ka.ja ʔ.sa.he.li/

/kai -a ʔ -sa -he -li/

quati-S.ESP. ver-O.1SG-PAS-PERF.M

580)[a'nũa # ka'lanala] = “tem muitos índios”

/a.nũ.a ka.la.na.la/

/anũ -a kala 0 -na -la/

índio-S.ESP. ter muitos-3SG-PRES-PERF.M

Borella (2003) atesta que a noção de definitude é comumente associada (e confundida) com a de especificidade. A autora cita Frawley (1992), que esclarece a diferença: “definites tend to be known, and if they are known, they tend to be referentially accessible; if they are referentially accessible, they tend to be specific; if they are specific, they tend to be definite” (p.76). Em resumo, “embora todo definido seja específico, nem todo referente com traço de [+ específico] é necessariamente [+ definido]” (BORELLA, 2003, p.99).

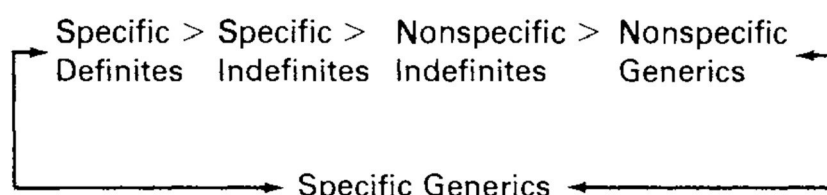
Ainda de acordo com Frawley (1992), em citação a Fódor (1970), a especificidade não é uma propriedade discreta de uma forma particular, mas da representação semântica de uma expressão como um todo, a qual deriva da interação de uma forma linguística com o resto do contexto. Ou seja, a especificidade ou não de um nome pode estar relacionada à semântica dos demais componentes do enunciado como o tempo e o modo, por exemplo. Há línguas, no entanto, que não diferenciam com propriedade a definitude a indefinitude, mas conservam a distinção entre o específico e o não específico. Consideramos que a língua Nutajensu se enquadra neste contexto. A dificuldade em estabelecer definitude e indefinitude numa língua, de acordo com Frawley (1992), reside no fato de que “there is an undeniable link between specificity and definiteness and nonspecificity and indefiniteness” (p.76). Givón, então, propõe três maneiras para decodificar os nomes numa língua:

“1. *Definites*, which are overwhelmingly *specific*, and occur with definite determiners, numerals and quantities;

2. *Indefinites*, which, as we have seen, may be *specific* or *nonspecific*;

3. *Generics*, or types, which also may be either *specific* or *nonspecific* (cf. *those dinosaurs were a large beast*, definite generic, and *dinosaurs were a large beast*, indefinite generic)” (p.76)

Essas três categorias, portanto, são as que determinam a seguinte escala, também sugerida pelo autor:



**Figura 32. Escala de definitude e especificidade extraída de Frawley (1992, apud Givón, 1984).**

A decodificação de definitude decresce da esquerda para a direita, como sugere o sinal >, mas, de acordo com Frawley (1992), a escala também pode ser lida como uma hélice, ou um *loop*. Givón pontua que os genéricos podem decodificar tanto específicos quanto não-específicos e que as línguas, em geral, podem codificar áreas contíguas da escala como semelhantes: “some languages encode the first two categories of the scale – specific definites and specific indefinites – alike because of their specificity” (p.77).

O caso do Nutajensu pode ser aplicado a esta definição do autor, pois a língua não diferencia precipuamente nomes definidos e indefinidos. Borella (2003) deduziu pertinentemente que, na língua, “como todo o definido é específico, aparentemente, o sufixo - *a*, parece denotar definitude, mas na verdade, denota especificidade. Sua ocorrência é largamente utilizada em frase com predicação nominal, salvo situações específicas do discurso” (p.100-101). Apresentemos a seguir os contextos nos quais verificamos a ocorrência do sufixo -*a*. Como acima mencionado, a mais evidente diz respeito a uma referência específica feita pelo falante:

581) [ʔduha # ʔwǎliɑ # ʔejtu:a] = “a mulher vai ralar [uma dada] mandioca”

/tu.ha wǎ.li.ɑ ej.tu.ɑ/

/tuh        -ɑ        ʔǎ    -li    -ɑ        ei    0    -tu    -uɑ/

mulher-S.ESP mandioca-?-S.ESP    ralar-3SG-FUT-IMPERF.M

582)[<sup>1</sup>waʃn a # <sup>1</sup>huka # <sup>1</sup>taʔwãna # <sup>1</sup>ũnatu:a] = “você vai dar [um dado] arco pra ela”

/waj.na hu.ka ta.wa.na ã.na.tu.wa/

/uaina hu -ki -a tauana ãn -a -tu -ua/

2SG arco-CL.redondo,oblongo-S.ESP 3SG dar-3SG-FUT.IMPERF.M

583)[<sup>1</sup>hota # ja<sup>1</sup>lutula] = “o [dado] macaco vai morrer”

/ho.ta ja.lu.tu.la/

/hot -a ialu -tu -la/

macaco-S.ESP. morrer-FUT.IMPERF-M

Aplicando aos termos de Givón (1984), o indefinido específico também ocorre no Nutajensu:

584)[<sup>1</sup>waʃʔ .ra # <sup>1</sup>ĩ.sa.na.la] = “um cachorro me mordeu”

/waʃʔ.ra ã.sa.na.la/

/uãʃʔ -li -a ãn -san -a -la/

cachorro-?-S.ESP. morder-PRC-3SG-PERF.M

585)[<sup>1</sup>ja:ka.ta.a # <sup>1</sup>a<sup>d</sup>n.nu.he.la] = “ele matou um cateto”

/ja.ka.ta.a an.nu.he.la/

/iahkata -a an -nu -he -la/

cateto -S.ESP matar-3SG-PAS-PERF.M

O valor de definitude em si não é expresso pelo sufixo *-a*, mas em algumas construções possessivas e com o pronome demonstrativo, esta ideia fica evidenciada<sup>71</sup> (588) e (589). Outro contexto em que o referido sufixo é largamente utilizado é perante sintagmas nominais (590)

---

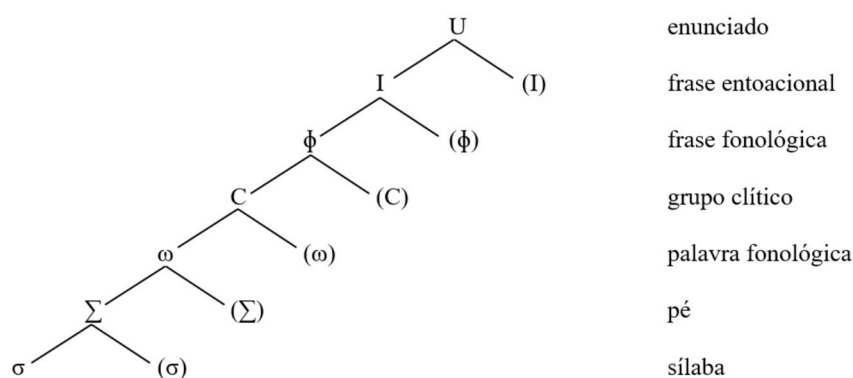
71 Lyons (1999), pontua: “The minority of languages showing articles is, however, not a small minority, and one can probably only speculate on why many languages express a distinction which many other do not. Definiteness marking is obviously not essential to communication. Yet many languages which do not mark simple definiteness can be argued to compensate by having other distinctions which a similar function.(op cit.:48)



Ao que parece, apenas o Mamaindê apresenta uma variada gama de sufixos com valores diversos e critérios de uso igualmente variados dentre as línguas Nambikwaras estudadas até então. Salientamos, contudo, que nossos dados e os de Borella (2003) foram coletados fundamentalmente à base de eliciações, o que significa que existe uma carência de contextos envolvendo os sufixos referenciais que precisam ser exauridos e melhor trabalhados. A precisão, ou uma melhor acurácia, acerca do uso destes sufixos certamente requer estudos posteriores e mais exaustivos para elucidar seu funcionamento.

#### 4.8 O ACENTO NA PALAVRA FONOLÓGICA SOB A PERSPECTIVA DA HIERARQUIA PROSÓDICA.

A palavra fonológica é a unidade prosódica na qual são definidas as relações de proeminência que caracterizam o acento principal. Trataremos deste constituinte sob a perspectiva da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986). Na introdução deste trabalho, apresentamos o esquema arboreo das autoras com a organização de todos os constituintes envolvidos. Nesta seção, faremos uma breve explanação sobre cada um dos envolvidos em nossa análise - a sílaba, o pé e a palavra fonológica - tendo por foco esta última:



**Figura 33. Hierarquia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986)**

O esquema proposto pelas autoras apresenta a organização hierárquica dos constituintes fonológicos. Tais unidades - definidas com base em regras de mapeamento que incorporam informações dos vários componentes da gramática - são agrupados de acordo com os seguintes princípios que estabelecem a referida geometria:

*“Principle 1.* A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy,  $X^p$ , is composed of one or more units of the immediately lower category  $X^{p-1}$

*Principle 2.* A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is part.

*Principle 3.* The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

*Principle 4.* The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).”

As autoras explicam ainda que, uma vez que a estrutura interna de cada constituinte prosódico é caracterizada pela mesma configuração geométrica, as regras que constroem as árvores das diferentes categorias prosódicas terão a mesma forma. Isto é, a construção do constituinte prosódico deverá ser feita de modo que todos os constituintes de uma camada  $X^p$  conterão aqueles da camada imediatamente anterior,  $X^{p-1}$ . Sendo assim, o menor constituinte verificado é a sílaba que, apesar de seu status basilar, tem domínio sobre os segmentos que a compõe. No caso da língua Nutajensu, o único segmento obrigatório da sílaba (chamado ‘cabeça’ do constituinte), é a vogal nuclear e, os demais componentes silábicos não-obrigatórios, serão os dominados.

É importante salientar que, embora haja uma interface entre a fonologia e morfologia, os constituintes não necessariamente coincidem, pois cada um deles apresenta funcionamento e regras próprias. No caso dos constituintes aqui abordados, isso significa que há palavras morfológicas que correspondem a mais de uma palavra fonológica, e vice-versa, como apontam Dixon e Aikhenvald (2002):

“In some languages the two types of word coincide and one can then felicitously talk of a single unit ‘word’, which has a place both in the hierarchy of phonological units and in the hierarchy of grammatical units. In other languages phonological word and grammatical word generally coincide, but do not always do so. We may have a grammatical word consisting of a whole number of phonological words, or a phonological word consisting of a whole number of grammatical words. Or there can be a more complex correspondence between the two types of word with, say, a grammatical word consisting of all of one and part of another phonological word” (p.17)

Logo acima da sílaba segue o pé métrico ( $\Sigma$ ), constituinte que se vale de duas ou mais sílabas e, fundamentalmente, no qual se estabelecem as relações acentuais das sílabas. Nespor & Vogel (1986) advertem que o pé foi alvo de questionamento em algumas teorias fonológicas

(Prince, 1983 e Selkirk, 1984) nas quais ele é excluído da hierarquia prosódica e a determinação do acento é atribuída apenas à grade métrica. As autoras assinalam, porém, a relevância da manutenção/não-exclusão do pé métrico na hierarquia, justificando que:

“while metrical grid theory offers interesting advantages over an arboreal theory with feet as far as stress is concerned, it is not clear that it can obviate the role of the foot as a domain of other types of phonological rules. Even if it were the case that all foot-sensitive rules can, in fact, be formulated in relation to grid configurations, this does not necessarily mean that the foot should be eliminated from phonological theory. Furthermore, on analogy to what was found in relation to the syllable, one might suspect that one of the risks in eliminating the foot as the domain of certain phonological rules is that the alternative accounts will nevertheless require that the definition of the foot be built into the formulation of the rule itself. The result would thus be a loss of generalization” (p.83-84).

Em termos gerais, a estrutura de um pé pode ser caracterizada como consistindo de uma cadeia de uma sílaba relativamente forte e qualquer número de sílabas relativamente fracas, dominadas por um único nó. Logo acima do pé métrico vem a palavra fonológica, constituinte de nosso interesse neste tópico. De acordo com Nespor e Vogel (1986), este é o domínio mais baixo da hierarquia construído com base em regras de mapeamento e que faz uso de noções não fonológicas. A palavra fonológica ( $\omega$ ), portanto, representa a interação entre os componentes fonológico e o morfológico da gramática. Conforme exigência da hipótese do *strict layer* elencada pelas autoras, a palavra fonológica domina o pé métrico.

Neste ponto, faz-se necessário delimitar a definição de palavra, uma vez que, para a sua análise, é fundamental estabelecer um critério no qual o conceito abarque o maior número de línguas possível. Inicialmente, Nespor e Vogel (1986) ressaltam a grande variação na natureza da palavra gramatical nas línguas do mundo e questionam “whether the Phonological Word exhibits the same degree of variation or rather abstracts away from it due to the typically flatter nature of the phonological hierarchy” (p.1). A palavra morfológica (gramatical) pode ser entendida sob diversos vieses (semântico, ortográfico e morfossintático, por exemplo) e, por este motivo, não se pode tomá-la como ponto de partida para análise na hierarquia. Dixon e Aikhenvald (2002) estabelecem a seguinte definição para a palavra morfológica:

“A grammatical word consists of a number of grammatical elements which:

- (a) always occur together, rather than scattered through the clause (the criterion of cohesiveness);
- (b) occur in a fixed order;
- (c) have a conventionalised coherence and meaning” (p.19)

De maneira semelhante acontece com a palavra fonológica. Os autores admitem a dificuldade em estabelecer critérios que possam abranger o conceito de palavra fonológica que se adeque a todas as línguas existentes. Eis a definição para este constituinte fornecida por eles:

“A phonological word is a phonological unit larger than the syllable (in some languages it may minimally be just one syllable) which has at least one (and generally more than one) phonological defining property chosen from the following areas:

- (a) Segmental features – internal syllabic and segmental structure; phonetic realisations in terms of this; word boundary phenomena; pause phenomena.
- (b) Prosodic features – stress (or accent) and/or tone assignment; prosodic features such as nasalisation, retroflexion, vowel harmony.
- (c) Phonological rules – some rules apply only within a phonological word; others (external sandhi rules) apply specifically across a phonological word boundary” (p.13).

Ainda que estes critérios se enquadrem na análise de boa parcela das línguas, os autores admitem a individualidade e a necessidade de adaptação destes para cada uma das línguas. Sugerem então que, *a priori*, os critérios fonológicos sejam utilizados para a definição/análise da palavra fonológica e o mesmo se aplicando aos critérios morfológicos para a palavra gramatical. Pode acontecer ainda de a palavra fonológica e a gramatical de uma língua coincidirem, caracterizando uma isomorfia. Nestes casos, o que ocorre é simples: a mesma forma se enquadra em ambas as hierarquias fonológica e gramatical.

Sobre a interface morfofonológica na hierarquia prosódica, Vogel (2008) assume que “it is widely accepted that the phonological constituents above the level of the foot are constructed via a mapping procedure from morphological and syntactic structure onto a hierarchical phonological structure” (p.205). Nessa perspectiva, a autora sinaliza uma questão interessante sobre a análise da palavra em línguas distintas. Em línguas isolantes como o chinês e o vietnamita, por exemplo, a palavra gramatical geralmente consiste de um único morfema, ao passo que em línguas polissintéticas (como as indígenas americanas citadas pela autora), correspondem a uma sentença inteira naquela língua. O Nutajensu também configura um caso de língua polissintética e na grande maioria das vezes sua palavra gramatical corresponde a uma sentença inteira em comparação, por exemplo, às línguas indo-europeias. A língua Nutajensu - assim como os demais dialetos Nambikwara - aglutinam vários morfemas em um

único vocábulo. São raras as construções vocabulares com apenas um morfema, sendo realmente o mais comum as palavras gramaticais serem longas e complexas representando sentenças inteiras, como mencionado por Vogel (2008).

Para provar a complexidade em tentar ‘equalizar’ a palavra fonológica e a gramatical entre línguas distintas, a autora parte de uma simples equação: PW = GW (palavra fonológica = palavra gramatical) numa correspondência de um para um, mas chega à conclusão de que “the simple equation [...] does not accurately account for either isolating or polysynthetic languages. Indeed, it is inadequate for other types of languages (i.e., agglutinating, fusional, templatic) as well” (p.210). A representação abaixo comprova a teoria da autora:

| Vietnamese PWs (PW= GW) |    |                                                                    |      |       |        |        |     |      |      |       |                  |        |     |
|-------------------------|----|--------------------------------------------------------------------|------|-------|--------|--------|-----|------|------|-------|------------------|--------|-----|
| PW                      | PW | PW                                                                 | PW   |       |        |        | PW  | PW   | PW   | PW    | PW <sup>72</sup> | PW     | PW  |
|                         |    |                                                                    |      |       |        |        |     |      | / \  |       |                  | Khi    | tôi |
|                         |    | đ'ên                                                               | nhà  | ba.n  | tôi,   | chúng, | tôi | b'ăt | d'âu | làm   | bài.             | when   |     |
|                         |    | I                                                                  | come | house | friend | I      |     | pl   | I    | begin | do               | lesson |     |
|                         |    | <i>‘When I came to my friend’s house, we began to do lessons.’</i> |      |       |        |        |     |      |      |       |                  |        |     |

**Figura 34 - extraída de Vogel (2008)**

É perceptível que esta configuração não pode ser aplicada a línguas isolantes e polissintéticas, pois a correspondência de um pra um não acontece se comparada com uma língua em que cada elemento corresponde a uma palavra gramatical. Para a identificação da palavra fonológica, Vogel (2008) estabelece alguns critérios. Alguns morfemas, de acordo com a autora, frequentemente são elegíveis a compô-la, tais como raízes, afixos derivacionais, afixos flexionais, clíticos e palavras funcionais. É também neste constituinte em que ocorrem regras fonológicas (incluindo a atribuição do acento), restrições fonotáticas e restrições minimalistas.

Por fim, a autora fornece a seguinte definição (à qual denomina de ‘genérica’) para a palavra fonológica: “A PW consists of a single root plus any additional morphemes within the “grammatical word” such that the resulting constituent exhibits the properties determined to be the crucial PW domain properties for the language in question (i.e., application of P-rules, stress, phonotactic constraints, etc.)”.

---

72 A autora explica que “The word for ‘begin’ contains two morphemes and would be considered a compound. Since a compound would be considered a single GW, in the present, simplified structure (i.e., PW=GW) such an item would also be considered a single PW” (p.210).

Apesar de fornecer uma definição para o constituinte em questão, a autora faz questão de ressaltar que em todas as línguas haverá propriedades fonológicas a ele associadas; contudo, nem todas as propriedades são cruciais em todas as línguas.

#### 4.8.1 O acento em palavras compostas

Os elementos mínimos obrigatórios na composição da palavra gramatical do substantivo Nutajensu são a raiz e o sufixo referencial *-su* ou *-sa*. Os demais afixos – morfemas gramaticais e lexicais – são adjungidos opcionalmente na língua, conforme representação na tabela constante na seção 4.5 “*O acento nos morfemas gramaticais*” (p.225). A palavra gramatical verbal, por sua vez, constitui-se de uma raiz e a ela são acrescentados, mas não obrigatoriamente, sufixo pessoal de sujeito, tempo/evidência/pessoa e aspecto/pessoa. Em contexto isolado, é possível a sufixação em *-su* nos verbos.

Com as características acima mencionadas, as palavras gramaticais normalmente coincidem com as palavras fonológicas: elas constituem o domínio da regra de atribuição do acento primário - um só por palavra prosódica - e o(s) acento(s) secundário(s), funcionando também como o domínio para a silabação assim que dos processos fonológicos, entre eles os que são condicionadas pela sílaba, limitados ao domínio da palavra, como a regra de *shielding*, a regra de nasalização regressiva e a regra do rotacismo do /s/, que não aplicam por cima da fronteira da palavra fonológica

No capítulo do acento, observamos que a língua Nutajensu manifesta, ao lado do acento primário na raiz da palavra, acentos secundários em morfemas que funcionam como afixos. Entre outros afixos, a maioria dos classificadores pode emergir sistematicamente com acento secundário. Essa característica é sistemática para classificadores que também podem funcionar sincronicamente como palavras independentes -mas não somente eles-, como ilustrado pelos exemplos abaixo:

| Morfema | Funcionando como classificador | Funcionando como raiz do vocábulo |
|---------|--------------------------------|-----------------------------------|
|---------|--------------------------------|-----------------------------------|

|                                   |       |                                                  |      |                                      |
|-----------------------------------|-------|--------------------------------------------------|------|--------------------------------------|
| [-kalo]                           |       | [ <sup>1</sup> oka <sub>1</sub> losu] = “céu”    |      |                                      |
| /o                                |       | -kalo                                            |      | -su/ céu-CL.comprido,plano-S.NOM     |
| [-kat]                            |       | [a <sup>1</sup> su <sub>1</sub> katsu] = “fêmur” |      |                                      |
| /a                                |       | -su                                              | -kat | -su/ INAL-osso-CL.duro-S.NOM         |
| [aka <sup>1</sup> losu] = “pele”  |       |                                                  |      |                                      |
| /a                                | -kalo | -su/ INAL-pele-S.NOM                             |      |                                      |
|                                   |       | [a <sup>1</sup> katsu] = “costas, coluna”        |      |                                      |
|                                   | /a    | -kat                                             |      | -su/ INAL-costas,coluna-S.NOM        |
| [-ki]                             |       | [ <sup>1</sup> kwa <sub>1</sub> kisu] = “feijão” |      |                                      |
| /kua <sup>?</sup>                 |       | -ki                                              |      | -su/ feijão-CL.redondo,oblongo-S.NOM |
| [-ên]                             |       | [wa <sup>1</sup> lu <sub>1</sub> tênsu]          |      |                                      |
| /ualuti                           |       | -ên                                              |      | -su/ cabaça-CL.côncavo-S.NOM         |
| [a <sup>1</sup> kisu] = “semente” |       |                                                  |      |                                      |
| /a                                | -ki   | -su/ INAL-semente-S.NOM                          |      |                                      |
| [a <sup>1</sup> ênsu]             |       |                                                  |      |                                      |
| /a                                | -ên   | -su/ INAL-buraco-S.NOM                           |      |                                      |

**Tabela 13 adaptada de Costa (2020)**

Em palavras compostas de uma raiz mais classificador, a raiz constitui a cabeça da palavra, semanticamente e prosodicamente. Como os classificadores se juntam como afixos diretamente à raiz, o acento primário é localizado do lado esquerdo do conjunto. Outros sufixos com acento lexicalizado também aparecem sempre com acento secundário. Palavras deste tipo, apesar de conter dois acentos, claramente representam uma só palavra gramatical e constituem o

domínio para silabação e processos fonológicos típicos de palavras que não contém classificadores ou outros morfemas gramaticais carregando acento secundário.

Outras palavras compostas que encontramos em nosso corpus que mostram sempre dois acentos com proeminência diferente são constituídas de duas raízes:

1. [N+N]
2. [N+V], [N+Vadjetival]
3. Composições genitivas

Apesar de serem formadas por duas raízes, tais estruturas configuram uma só palavra gramatical, pois verificamos a ausência de morfemas gramaticais entre as raízes.

Prosodicamente, observamos nelas as mesmas características das palavras compostas de uma raiz mais classificador ou com outro sufixo acentuado. As duas raízes são acentuadas, mas sempre uma delas carrega o acento principal que, em todas as construções mencionadas, caracteriza a raiz à direita. O acento da primeira raiz será, portanto, secundário. Somente a vogal acentuada da raiz portadora do acento primário realiza-se sempre alongada, caso a sílaba seja aberta, enquanto que a vogal com acento secundário normalmente não é alongada, ou menos.

#### 4.8.1.1 Composições com duas raízes: (N + N)

591) [si'jo:su] = “porta”

|  |   |           |
|--|---|-----------|
|  | x | nível 2   |
|  | x | x nível 1 |

<sub>RN</sub>[sih] <sub>RN</sub>[io] -su] casa-boca -S.NOM

592) [a,jo'we;tʃawsu] = “barba”

|  |        |           |
|--|--------|-----------|
|  | x      | nível 3   |
|  | x      | x nível 2 |
|  | x    x | x nível 1 |

[a- <sub>RN</sub>[io] <sub>RN</sub>[uet] -jau] -su]

INAL -boca -pelo -CL.líquido-S.NOM

593) [a<sub>j</sub>jo'wa:ɬu] ~ [a<sub>j</sub>jo'wahɬu] = “lábio”

|   |        |         |     |          |       |                |           |
|---|--------|---------|-----|----------|-------|----------------|-----------|
|   |        |         |     |          |       | x              | nível 2   |
|   |        |         |     |          |       | x              | x nível 1 |
| a | RN[io] | RN[uah] | -li | -su INAL | -boca | -pele- ?-S.NOM |           |

X

nível 2

X

x nível 1

#### 4.8.1.2 Composições com duas raízes: (N+N/V<sub>adjetival</sub>)

594) [ne<sup>1</sup>hã:su] = “cabelo branco”

|                     |                     |                         |   |         |
|---------------------|---------------------|-------------------------|---|---------|
|                     |                     |                         | x | nível 2 |
|                     |                     |                         | x | nível 1 |
| R <sub>N</sub> [ne] | R <sub>V</sub> [hã] | -su cabeça-branco-S.NOM |   |         |

x

nível 2

**X**

X

nível 1

595) [sa'wĩsa # 'ti.h.nãũa] = “a formiga tucandeira”

|                                  |     |                     |      |    |               |
|----------------------------------|-----|---------------------|------|----|---------------|
| X                                |     | X                   |      |    | nível 2       |
| X                                |     | X                   |      | X  | nível 1       |
| <sub>RN</sub> [saũã]             | -sa | <sub>RN</sub> [tih] | -nãũ | -a | formiga-S.NOM |
| rastró,caminho-CL.pó,terra-S.ESP |     |                     |      |    |               |

nível 2

nível 1

rastros,caminhos-CL.pó,terra-S.ESP

Não encontramos em nosso *corpus* provas fonológicas sólidas permitindo verificar se estamos lidando com palavras prosódicas únicas ou compostas. Isto porque em todos os compostos encontrados, a primeira raiz termina em vogal e a segunda começa ou com consoante ou com glide. Isto é, o contato fonotático criado pela composição gramatical não é um contexto que permite verificar a aplicação ou a não-aplicação dos processos fonológicos típicos da palavra fonológica, como o fato de uma consoante final da primeira raiz ser silabada como onset da vogal inicial da segunda raiz, ou a aplicação da nasalização regressiva a partir de uma consoante nasal inicial da segunda raiz. Por outro lado, também não encontramos provas que os compostos gramaticais correspondem com compostos de palavras prosódicas. Não encontramos, por exemplo, nem aspiração, nem sonorização de plosiva surda no início da segunda raiz, processos característicos de onset inicial de palavra prosódica. Entretanto, pelo fato de estes dois processos serem opcionais, a não-aplicação deles no interior do composto gramatical também não fornece uma prova sólida de uma estrutura prosódica composta do

conjunto de raízes. Igual ao que observamos em palavras prosódicas com raiz única, sempre um dos acentos em palavras compostas é o mais proeminente. Supomos, por ora, que estes compostos constituem uma palavra prosódica única, deixando as provas decisivas para um estudo futuro, quando tivermos a oportunidade para ampliar nosso corpus.

#### 4.8.2 Composições que expressam relações genitivas.

Ressaltemos os casos de sequências de palavras que expressam relações genitivas. Tratam-se de casos em que as palavras em questão acabam por estabelecer relação de posse entre si. Nestes casos, o vocábulo compõe-se de duas raízes nominais ou de uma raiz nominal e uma raiz verbal, podendo haver material morfológico entre elas. Percebemos que as construções genitivas, em sua grande maioria, apresentam o sufixo de especificidade *-a*, que delimita a palavra gramatical:

596) [ʰota # ʷɪsu] = “dente do macaco”

x x nível 2

x x nível 1

<sub>RN</sub>[hot] -a a- <sub>RN</sub>[ui] -su macaco-S.ESP. INAL-dente-S.NOM

597) [aˈnũa # ˈsi:su] = “oca” (lit. casa de índio) x x nível 2

x x nível 1

<sub>RN</sub>[anũ] -a <sub>RN</sub>[sih] -su índio-S.ESP casa-S.NOM

598) [ˈita # ˈhi,katʃu] = “galho do homem”

x x nível 2

x x x nível 1

<sub>RN</sub>[iti] -a <sub>RN</sub>[hi] -kat -su

homem-S.ESP árvore-CL.duro-S.NOM

599) [ˈduha # ˈhukisu] = “arco da mulher”

x x nível 2

x x nível 1

<sub>RN</sub>[tuh]                      -a      <sub>RN</sub>[hu]                      -ki                      -su mulher-S.ESP                      arco-  
CL.redondo,oblongo-S.NOM

As estruturas genitivas apresentadas acima e abaixo, que envolvem duas palavras gramaticais, mostram um padrão acentual diferente: há dois acentos principais, de modo que inferimos se tratar de duas palavras fonológicas independentes. Para determinar se as estruturas genitivas se organizam em uma ou duas palavras prosódicas, não podemos usar o critério da silabação. Isto porque o sufixo de especificidade *-a* separa as duas raízes e, por não constituir sílaba fechada, a silabação de consoante por cima da fronteira não pode acontecer. Entretanto, verificamos no capítulo sobre os processos fonológicos, que a degeminação de sequências de vogais baixas /aa/ é comum por cima de fronteira de palavra. A construção *hot/aa/wisu* (“dente de macaco”) mostra tal encontro de vogais baixas, que está reduzido por degeminação. Outros exemplos seguem:

600)            [a<sup>1</sup>lũa # <sup>1</sup>jukisu] ~ [a<sup>1</sup>lũa: # <sup>1</sup>jukisu] = “pata da anta”

|                        |  |                                  |     |         |
|------------------------|--|----------------------------------|-----|---------|
| x                      |  | x                                |     | nível 2 |
| x                      |  | x                                |     | nível 1 |
| <sub>RN</sub> [alũ] -a |  | a- <sub>RN</sub> [iu]            | -ki | -su     |
| anta-S.ESP             |  | INAL-pé-CL.redondo,oblongo-S.NOM |     |         |

601)            [jã<sup>1</sup>nala # <sup>1</sup>tisu] ~ [jã<sup>1</sup>nala: # <sup>1</sup>tisu] = “sangue da onça”

|                           |   |                            |                        |         |
|---------------------------|---|----------------------------|------------------------|---------|
| x                         | x |                            |                        | nível 2 |
|                           | x |                            | x                      | nível 1 |
| <sub>RN</sub> [ianah] -li |   | -a    a-                   | <sub>RN</sub> [ti] -su |         |
| onça                      |   | ? -S.ESP INAL-sangue-S.NOM |                        |         |

602)            [<sup>1</sup>waj a # <sup>1</sup>sĩsu] ~ [<sup>1</sup>waja: # <sup>1</sup>sĩsu] = “costela do cachorro”

|                      |  |                    |                     |         |
|----------------------|--|--------------------|---------------------|---------|
| x                    |  | x                  |                     | nível 2 |
| x                    |  | x                  |                     | nível 1 |
| <sub>RN</sub> [uajʔ] |  | -a    a            | <sub>RN</sub> [sin] | -su     |
| cachorro-S.ESP       |  | INAL-costela-S.NOM |                     |         |

603) [ka'juha: # 'si,mẽhru] ~ [ka'juha: # 'si,ũẽhsu] = “rabo do animal”

|                       |    |            |                    |        |         |
|-----------------------|----|------------|--------------------|--------|---------|
| x                     | x  | nível 2    |                    |        |         |
|                       | x  |            | x                  | x      | nível 1 |
| <sub>RN</sub> [kaiuh] | -a | a-         | <sub>RN</sub> [si] | -ũẽh   | -su     |
| animal -S.ESP         |    | INAL -rabo | -CL.reto,alinhado  | -S.NOM |         |

A produtividade da degeminação mostrada por esses exemplos pode ser um indicador para a existência de uma estrutura prosódica composta, envolvendo duas palavras prosódicas. Entretanto, não é claro se uma sequência idêntica seria vítima do mesmo processo se estiver dentro de uma palavra prosódica, pois sequências de vogais baixas se criam somente no encontro entre palavras gramaticais. Além disto, sabemos que encontros de vogais diferentes podem ser eliminados ao interior de uma palavra fonológica. Portanto, a produtividade da degeminação vocálica nas construções genitivas seria um argumento dentre de um conjunto mais largo de argumentos, mas não pode ser considerado um argumento decisivo se for o único argumento. Outros argumentos que podem mostrar que estamos lidando com duas palavras prosódicas são ocorrências de plosivas aspiradas ou sonoras no início da segunda raiz e ausência de nasalização regressiva a partir de uma consoante nasal inicial da segunda raiz.

Infelizmente, não encontramos em nosso corpus exemplos que permitem mostrar a atividade (ou ausência de atividade) desses processos. Apesar da ausência de provas decisivas provenientes da aplicação de processos fonológicos outros que a degeminação vocálica, optamos por uma análise das construções genitivas como representando duas palavras prosódicas, pelos seguintes motivos:

1. As construções genitivas contém sufixo flexional interno
2. As palavras gramaticais que compõem a construção genitiva contém cada uma um acento primário
3. A degeminação vocálica se mostra atuante por cima da fronteira entre as duas palavras.
4. A correspondência entre palavra gramatical e prosódica é o caso mais comum e faltam argumentos que mostrem o contrário.

#### 4.9 TOM

Fisicamente, as porções ressonantes do sinal de fala são geradas pelas cordas vocais. A frequência de vibração das cordas vocais é referida como *pitch* em fonética articulatória. A frequência fundamental (F0) é uma medida acústica do *pitch*, visível nos espectrogramas. As diferenças na frequência das vibrações são utilizadas nas línguas com funções diferentes, uma delas sendo para distinguir palavras, em cujo caso se fala de línguas tonais.

Assim, sob a perspectiva da fonética acústica, é a vibração das cordas vocais refletida no espectrograma a partir de alturas variadas para o F<sub>0</sub>, que sugere o comportamento do tom nas línguas. De fato, é um recurso que possibilita identificar as variações do *pitch*, mas a atribuição dos valores em tom alto, tom baixo, tom de nível e tom de contorno deverá ser feita no escopo fonológico da língua.

Os chamados tons de contorno são resultantes da combinação dos tons de nível. No espectrograma, são vistos como curvas ascendentes e descendentes, sendo chamados, respectivamente, de *rising* e *falling* tone. De acordo com Yip (2002), o contorno do tom realiza-se de três maneiras distintas dependendo da língua na qual se manifesta, a saber: 1) em polissílabos de modo que cada sílaba apresente um tom de nível, com a primeira alta e a segunda baixa<sup>73</sup>. Em tais casos, conforme a autora, o idioma pode ser descrito apenas com tons de nível, não havendo a necessidade de ser tratado como uma língua possuidora de tom de contorno; 2) Outra possibilidade é a de o tom de contorno ocorrer dentro de uma única sílaba, na condição de ela ser pesada. Nessa perspectiva “tones are properties of weight units (moras), and that therefore only if a syllable has two moras can it bear two tones, giving rise to a surface contour” (YIP, 2002, p.28) e 3) O tom de contorno pode ocorrer em qualquer sílaba, leve ou pesada, sendo que sua ocorrência nas sílabas leves são mais escassas.

Não se chegou a um consenso acerca do status do tom em registros deste tipo devido a duas interpretações possíveis. Uma possibilidade é a de que o contorno se apresente como sequência de tons de nível, permitindo que uma sílaba ou mora tenha mais do que um tom ligado a ela. A outra interpretação é a de que tais contornos sejam objetos fonológicos únicos, podendo aparecer em qualquer vogal, mora ou sílaba.

A interpretação dada aos tons de contorno enquanto objetos fonológicos únicos citada por Yip (2002) advém de Goldsmith (1976) que explica sua visão do tom da seguinte maneira:

“The formal approach we will take toward a resolution [...] is to deny that tonal features are features of the vowel in the case of the problematic contour tone. Rather, the tonal features are factored out to another level; feature specifications on the other level constitute segments, but their relation to the



“Autosegmental representations of tone are widely employed, and most current theoretical discussions of tonal processes in languages use this framework. Of more significance, perhaps, than its use as a descriptive tool are the implications of the model for the place of tone in prosodic structure itself. The separation of tone from other features which the autosegmental framework embodies, at least in its original form, carries the implication that tone is to a considerable degree independent of the rest of phonological structure. Furthermore, although the links between tones and tone bearing-units of this structure are controlled by a variety of principles – the Wellformedness Condition, the OCP – the validity and universality of these principles is far from established. Autosegmental representations therefore point to the conclusion that tone is less well integrated into prosodic structure than features which are not treated autosegmentally, in the sense that – unlike accent, for example – it is not itself *part* of the prosodic organization, but rather depends on its organization” (p.230-31).

Nas seções seguintes, trataremos da configuração tonológica da língua Nutajensu com base nas teorias dos autores supracitados. Antes de analisarmos tal sistema, faremos uma abordagem prévia acerca da representação e manifestações do tom nas demais línguas da família Nambikwara com fins de traçar um paralelo entre estas e o Nutajensu.

#### 4.9.1 O tom nas línguas Nambikwara

É fato que os estudos sobre as línguas Nambikwara tem avançado quantitativamente e sinalizado cada vez mais aspectos relacionados a sua estrutura. Embora exista a necessidade em se exaurirem os estudos sobre o acento e o tom destas línguas, a literatura disponível assinala um consenso entre os pesquisadores acerca da predominância de um sistema misto acentual e tonal, à exceção do Sabanê. Esta última, dentre as línguas Nambikwara, é isolada e a mais distante em termos tipológicos, apresentando um sistema diverso de suas línguas irmãs. De acordo com Araújo (2004), estudioso desta língua, o tom aparentemente inexistente e o sistema acentual é caracterizado como *pitch-accent*, como o próprio afirma: “I claim that there is no evidence to classify Sabanê as a genuine tone language. Instead, I argue that Sabanê has a predictable stress system in the noun domain as well as in the verbal domain that manifests itself phonetically mainly by pitch” (p.70).

As línguas Nambikwara tem em comum o fato de apresentarem o tom lexical nos substantivos e nos verbos. Com base na proposta de Yip (2002), Eberhard (2009) propõe uma



A língua Mamaindê (EBERHARD, 2009) dispõe de dois tons de nível, alto e baixo que, combinados, formam tons de contorno, crescente e decrescente, que ocorrem em sílabas pesadas. De acordo com o autor, quaisquer destes tons podem recair na sílaba pesada, mas apenas os tons alto e baixo recaem em sílaba não acentuada. Deduz-se, então, que o *tone-bearing unit* (doravante TBU) do Mamaindê é a mora, e não a sílaba. Para o Negarotê, Braga (2016) sinaliza um sistema tonal bastante similar ao do Mamaindê – os tons de nível são fonológicos e estes combinam-se para formar os tons de contorno, que se realizam em sílaba pesada. Ainda de acordo com a autora “o contraste tonal [no Negarotê] não ocorre apenas em morfemas que são adicionados à raiz. O tom é também distintivo em raízes lexicais” (p.237).

Para as línguas do Sul, há a descrição feita por Kroeker (2001, p.110) mas ele não adentra nas minúcias do sistema tonal. O autor menciona três tons fonêmicos nestas línguas, os quais denomina ascendente, decrescente e grave, e cujas ocorrências são lexicalizadas. Constata também o autor que o tom e o acento de intensidade não guardam uma relação necessária. A pesquisa mais recente sobre o sistema tonal de outras línguas do ramo Sul, as Nambikwara do Campo, foi realizada por Costa (2020). A autora constatou que, ao contrário do que ocorre com as línguas do ramo Norte, o tom não necessariamente está associado ao núcleo e à coda<sup>75</sup> e também não é previsível em sílabas acentuadas. No entanto, as línguas convergem na análise dos tons de contorno, que tendem a se realizar em sílabas pesadas somente, e no tom baixo previsível, quando se realiza em sílaba átona. Veremos adiante que a língua Nutajensu apresenta comportamento tonal semelhante às das línguas Nambikara do Campo.

Numa análise mais ampla, nota-se que todas as línguas acima mencionadas apresentam sistema prosódico misto acentual e tonal. Segundo Eberhard (2009), as diferenças tonais entre as línguas vão além da questão meramente linguística, havendo também uma relação com sua vitalidade. Nessa lógica, as línguas Nambikwara do Sul e o Mamaindê são as que apresentam um sistema tonal mais “saudável”, nas palavras do autor. Isso porque, apesar de todo o contato dos nativos com a língua portuguesa por um longo período (mais de um século), os grupos mantiveram o uso da língua vernacular. O Latundê e o Sabanê encontram-se em real situação de vulnerabilidade. O primeiro possui um sistema tonal considerado “fraco” pelo teórico e conta com um número bastante reduzido de falantes. A nova geração demonstra ter uma noção da língua materna, mas nela já prevalece o português enquanto idioma principal. O segundo, de sistema tonal inexistente, encontra-se em situação ainda mais delicada, posto que somente alguns poucos adultos ainda mantêm a língua viva<sup>76</sup>. Sobre este difícil cenário, Eberhard (2009) sugere que “this possible connection between the degree of language loss in general (directly related to the amount of contact with Portuguese) and the degree of tone loss in particular seems

plausible, and should be investigated further in any future attempt to explain the differences between these tone systems” (p.191).

De fato, a inferência de Eberhard (2009) pode ser aplicada à realidade que presenciamos na aldeia indígena Serra da Borda, na TI Sararé. Apesar de um número de falantes considerado pequeno<sup>77</sup>, existe uma grande preocupação e esforço dos nativos em preservar a língua, incluindo as características que eles percebem como identificadores de seu dialeto, que é “muito difícil para o branco entender e falar”, nas palavras deles. Isto é, fora a laringalização, percebida pelos nativos como um som complexo, há ainda a percepção de que o tom é outro aspecto relevante na língua<sup>78</sup> – e que deve ser mantido e passado para as gerações futuras.

Também é verdade que o contato com a língua portuguesa tornou-se uma constante na realidade deste povo. No entanto, o Nutajensu ainda é a língua principal e predominante no dia-a-dia do grupo e, neste ponto, as mulheres exercem um papel fundamental na manutenção e transmissão da língua para os filhos: elas se recusam a falar português com as crianças e as incentivam a frequentar a escola indígena. Enfim, apesar de apresentar um inventário fonológico mais simplificado em comparação com as demais línguas Nambikwara, o contato com o português ainda não chegou a mudar muito a estrutura fonológica da língua.

Para uma melhor visualização do sistema tonal das línguas Nambikwara, apresentamos ao leitor o quadro resumitivo abaixo:

| Língua                    | Sistema tonal                                 | Descrição                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------|-----------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sabanê<br>(ARAÚJO, 2004)  | Inexistente                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Possui tipologia distinta das demais línguas Nambikwara registradas com um sistema exclusivamente acentual;</li> <li>• O <i>pitch</i> é o correlato fonético do acento;</li> </ul>                                                                                                                  |
| Latundê<br>(TELLES, 2002) | Dois tons de nível subjacentes, alto e baixo. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inicialmente foi considerado como sistema <i>pitch-accent</i>. Em estudos posteriores, Telles (2002) classificou-a como sistema tonal com tom alto independente do acento;</li> <li>• O tom é distintivo em alguns itens lexicais e na morfologia verbal (quando da marcação de pessoa).</li> </ul> |
| Mamaindê (EBERHARD, 2009) | Dois tons de nível subjacentes, alto e baixo. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi considerado em primeira análise por Kingston (s.d) como possuidor de quatro tons de nível (alto, baixo, crescente e decrescente). Posteriormente, Eberhard (2009) considerou apenas dois tons de nível subjacentes, alto e baixo.</li> </ul>                                                    |

|                                      |                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Negarotê<br>(BRAGA, 2016)            | Dois tons de nível subjacentes, alto e baixo.                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>Os tons subjacentes combinam-se para formar tons de contorno em sílabas acentuadas.</li> <li>Apresenta sistema tonal semelhante ao do Mamaindê;</li> <li>Os tons subjacentes se combinam formando tons de contorno em sílabas pesadas;</li> </ul>                                                                                                                                                                                     |
| Kitãulhu<br>(KROEKER, 2001)          | Kroeker (2001) assinala três tons subjacentes – alto, baixo e grave | <ul style="list-style-type: none"> <li>Não há descrição detalhada acerca de como o tom se comporta na língua;</li> <li>Não foi verificada relação entre tom alto e acento. Este último, de acordo com Kroeker (2001), ocorre de maneira mais previsível na língua.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                |
| Nambikwara do Campo<br>(COSTA, 2019) | Dois tons de nível subjacentes, alto e baixo.                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>Os TBU's do tom são, fora das vogais, as consoantes soantes e as fricativas /s, h/.</li> <li>Os tons de nível combinam-se para formar tons de contorno, os quais se realizam apenas em sílaba pesada;</li> <li>O tom não é previsível em sílabas acentuadas e, em sílabas átonas, é previsível, sendo sempre baixo.</li> </ul>                                                                                                        |
| Nutajensu<br>(análise própria)       | Dois tons de nível subjacentes, alto e baixo.                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>Os segmentos soantes (vogais, glides, líquidas e nasais) bem como a fricativa glotal [h] são unidades portadoras de tom fonológico na língua.</li> <li>Os tons de nível combinam-se para formar tons de contorno em sílabas pesadas apenas;</li> <li>As sílabas não acentuadas portam sempre tom baixo (<i>default</i>).</li> <li>Há distinção tonal em morfemas de tempo e pessoa e em sentenças afirmativas e negativas.</li> </ul> |

---

<sup>75</sup> De acordo com a autora, o TBU's da língua são os segmentos soantes (vogais, glides, consoantes líquidas e nasais) e as fricativas /h/ e /s/. As consoantes podem manter o tom lexical em posição do onset, o que acontece quando um TBU posvocálico final de morfema se realiza como onset ao nível da palavra.

<sup>76</sup> De acordo com Telles (em conversa informal), é provável que o último falante da língua já tenha falecido alguns anos atrás.

<sup>77</sup> Em conversa informal com a funcionária da FUNAI, Adriani Vicentini, o último censo contabilizou 174 indivíduos do grupo Sararé no ano de 2017.

<sup>78</sup> Não se trata de uma percepção consciente, no sentido de que os indivíduos sabem classificar o tom e discerni-lo do acento, por exemplo. Mas sim, a percepção de que alguns vocábulos distinguem-se por um traço que não é plenamente identificado por não-falantes da língua.

#### 4.9.1.2 O tom na língua Nutajensu

No tópico anterior vimos que, independentemente de como os sistemas acentual e tonal das línguas Nambikwara se configurem, ambos acento e tom não possuem uma relação intrínseca, como atestado por Yip (2002): “the languages are almost always called ‘tone languages’, making it clear that everybody’s working definition of a tone language is ‘a language that has lexical tones’, and that the definition does not also commit to an absence of stress” (p.257).

Tomando nossa língua de análise como exemplo, temos que o correlato fonético do acento é a duração vocálica, ao passo que o correlato fonético do tom é o *pitch*. Ou seja, ambos tem realização concomitante, mas cada um possui atuação independente no vocábulo.

A primeira grande evidência que nos levou a classificar o Nutajensu como uma língua tonal reside nos contrastes verificados nas raízes lexicais e em alguns afixos. Ao nível da sílaba, os tons podem ser simples ou compostos. Entretanto, como supomos que ao nível lexical os morfemas não são silabados, um contorno será representado lexicalmente como uma sequência de tons, com o primeiro tom ligado à vogal e o segundo tom flutuante. Também pode ocorrer de uma consoante final de morfema ser silabada como onset. Neste caso, ela pode carregar o tom do núcleo da sílaba antecedente ou o tom flutuante através de um espriamento tonal. Os segmentos não-nucleares que podem carregar um tom são todas as consoantes soantes (glides, nasais e líquidas) e a fricativa gotal /h/. Costa (2020) reportou configuração semelhante para as línguas Nambikwara do Campo, que apresentam fonologia muito próxima a do Nutajensu. A única diferença está no fato de que, naquelas línguas, a fricativa alveolar /s/ também pode ser portadora do tom<sup>79</sup>, fato que não se aplica ao Nutajensu.

Apresentaremos na sequência alguns dos registros que comprovam nossas inferências. Para a análise do tom, selecionamos os dados que foram elicitados em contexto isolado. Isso se deve pelo fato de o tom ser mais facilmente identificado fora de contexto pragmático, sem que haja fala (tão) rápida e espontânea dos indivíduos. Em alguns dos exemplos há a silabação do vocábulo por parte dos nativos numa tentativa de nos elucidar as diferenças entre os vocábulos. Sempre que for possível e pertinente, traçaremos um paralelo com as demais línguas, especialmente com as Nambikwara do Campo, por também pertencer à ramificação Sul e ser bem próxima estruturalmente do Nutajensu.

---

<sup>79</sup> Costa (2020) sinaliza que o /s/ na coda “nunca se superficializa devido à restrição da língua a segmentos [+soante, +contínuo, coronal] nessa posição. No entanto, pode carregar tom na subjacência” (p.322)

Utilizaremos a notação mais aceita pelos teóricos e difundida na literatura para a representação tonal: 1) H (*high*) refere-se ao tom alto; 2) L (*low*) refere-se ao tom baixo; 3) HL (*high-low*) refere-se ao tom de contorno decrescente; 4) LH (*low-high*) refere-se ao tom de contorno ascendente. No espectrograma, o *pitch* é indicado pela linha azul e a frequência fundamental ( $F_0$ ) média dos informantes foi o parâmetro utilizado para definir o tom de cada um:

#### 1.4.29 Informante 1 – Homem \*R:

Valores médios: \* Tom baixo – entre 114Hz e 154Hz  
\* Tom alto – entre 170Hz e 288Hz

#### 1.4.30 Informante 2 – Homem \*A1:

Valores médios: \* Tom baixo – entre 95Hz e 141 Hz  
\* Tom alto – entre 156Hz e 258Hz

#### 1.4.31 Informante 3 – Homem \*A2:

Valores médios: \* Tom baixo – entre 83HZ e 127HZ  
\* Tom alto – 141Hz e 218Hz

#### 1.4.32 Informante 4 – Mulher \*T:

Valores médios: \* Tom baixo – entre 127Hz e 190Hz  
\* Tom alto – entre 222Hz e 352Hz

A incidência dos tons de nível subjacentes na língua, alto e baixo, não é previsível em sílabas acentuadas na língua Nutajensu, sendo, nesse contexto, lexical - isto é, o tom faz parte das entradas lexicais subjacentes. Observamos também que o tom é contrastivo nas raízes lexicais e que, nas sílabas átonas, é sempre baixo (*default*) no domínio da palavra. Os tons altos, que por sua vez são não-*default*, encontram-se lexicalizados na língua e serão assinalados no intuito de mostrar sua incidência. Em sílabas tônicas, serão indicados ambos os tons de nível, alto e baixo, tanto em raízes quanto em afixos.

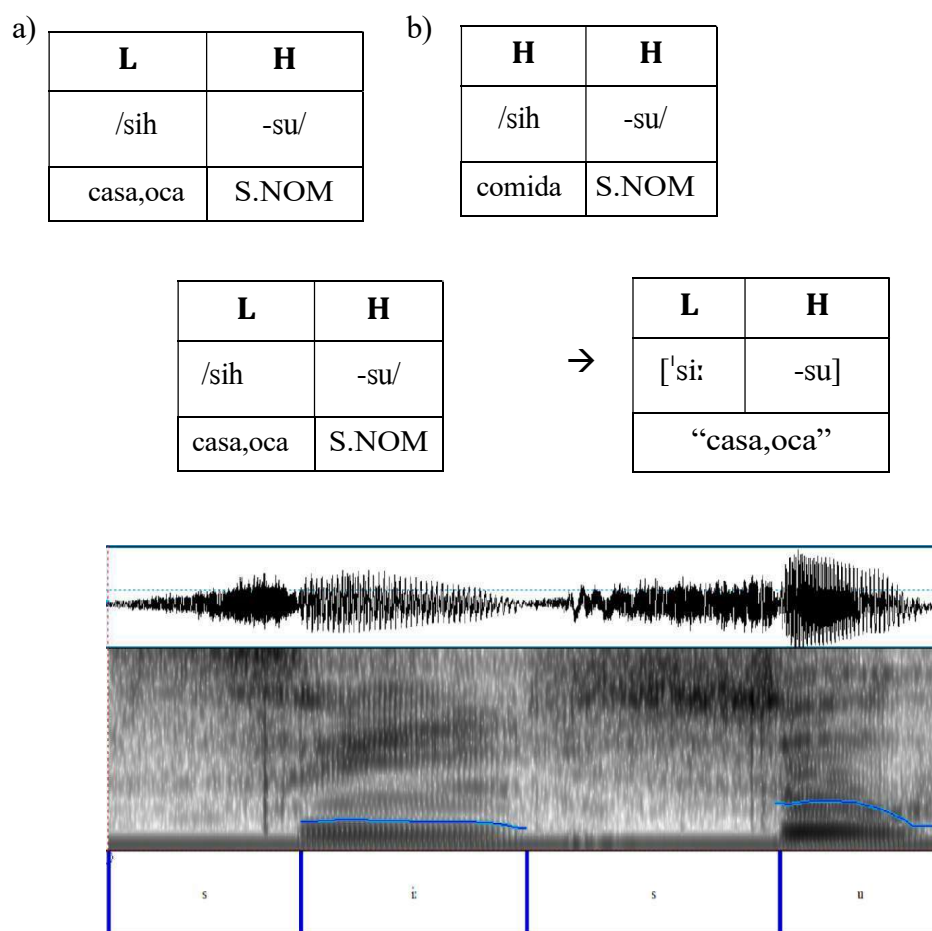
Ressalte-se que os tons de nível estão lexicalmente associados às vogais, ao passo que os de contorno, além de incidirem estritamente em sílabas pesadas, dispõem-se distintamente: o primeiro tom associa-se à vogal, mas o segundo tom está lexicalmente flutuante e se associa à mora que as regras de silabificação atribuem à rima, cujo núcleo é lexicalmente especificado por um tom. Desta maneira, o tom flutuante se realiza superficialmente na consoante da coda se faz parte do conjunto de consoantes capazes de funcionar como TBU e, no caso em que a consoante é apagada, na segunda parte da vogal que é obrigatoriamente alongada (bimoraica). Também pode ocorrer de uma consoante final de morfema ser silabada como onset. Neste caso, ela pode carregar o tom do núcleo precedente ou o tom flutuante por espraçamento tonal progressivo. No capítulo sobre o acento mostramos que para as regras que dão conta da atribuição do acento, a consoante da coda é relevante devido à sua contribuição para o peso silábico. Já no que tange ao tom, sua incidência se dará nas unidades portadoras, que nem sempre coincidem com as consoantes que criam peso no funcionamento do acento. Por exemplo, a fricativa glotal /h/ cria peso no contexto do acento em Nutajensu, mas não faz parte do conjunto que funciona como TBU para o tom. Nas línguas Nambikwara do Campo, Costa (2020) incorpora ainda a fricativa alveolar /s/ como TBU, o que não ocorre com o Nutajensu, conforme já mencionado.

Os substantivos da língua Nutajensu apresentam tom lexical em sílabas acentuadas, nas quais se constata os tons de nível, alto e baixo e combinações de ambos, formando tons ascendentes (LH) e descendentes (HL). As sílabas átonas, por seu turno, apresentam sempre tom baixo, à exceção dos sufixos átonos nominais *-su*, o de especificidade *-a*, e o prefixo de

posse inalienável *a-*, que sempre portam tom alto já lexicalizado. Saliente-se que o acento nos afixos em geral é majoritariamente lexical e, portanto, imprevisível. No Nutajensu, afixos com sílabas leves, como os supracitados *-su*, *-a* e *a-*, podem carregar acento lexical. Quanto à especificação tonal, somente estes três, dentre os afixos nominais, aparecem sempre com tom alto. Os demais, portanto, emergem sempre com tom baixo, independentemente do fato de ser lexicalmente acentuado ou não. Para os afixos verbais, o portador de tom é o morfema gramatical de tempo/pessoa {-a, -na}, que pode carregar tom de nível alto ou baixo. O tom alto indica marcação de pessoa associado com o comportamento tonal da raiz e de outros morfemas que podem vir antes do morfema de tempo/pessoa. No caso da 1ª pessoa do singular de verbos ativos (e adjetivais que se comportam como ativos), a marcação de tom alto é suficiente para identificar o sujeito (1SG), não sendo necessário haver alteração no padrão tonal da raiz que implique em mudança de sentido. Sendo assim, trataremos do comportamento tonal nos substantivos e, na sequência, nos verbos. Por fim, salientamos que somente os afixos com

tom alto serão marcados nas representações. Os que sempre emergem com tom baixo são representados sem especificação tonal nas representações fonológicas e fonéticas.

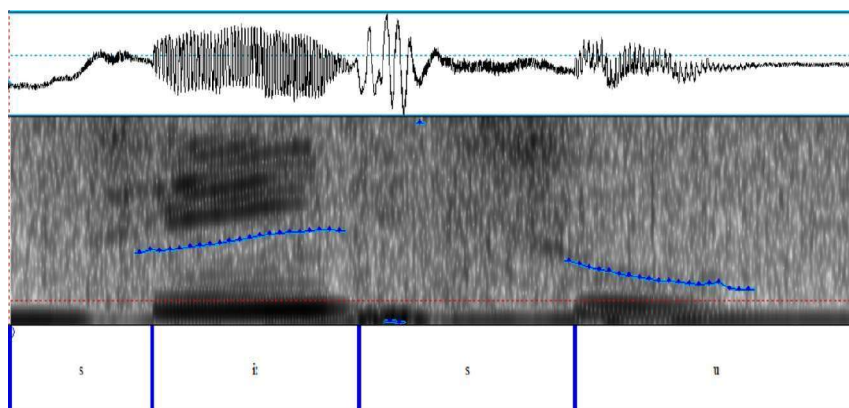
Apresentamos abaixo exemplos de pares mínimos de substantivos nos quais há o contraste tonal na raiz, sinalizados nos vocábulos e que, na sequência, podem ser visualizados em seus respectivos espectrogramas:



**Figura 36 - Espectrograma de [<sup>l</sup>si:su] = “casa”**

| H      | H     |
|--------|-------|
| /sih   | -su/  |
| comida | S.NOM |

| H        | H    |
|----------|------|
| [si: →   | -su] |
| “comida” |      |



**Figura 37 - Espectrograma de [ˈsi:su] = “comida”**

O alongamento da vogal tipicamente acontece em sílaba acentuada aberta. Neste contexto, a vogal alonga pela regra de “stressed open syllable lengthening” e o tom se estende sobre a duração da sílaba. Isto acontece também quando a abertura da sílaba está causada pelo apagamento do segmento na coda, como no exemplo acima e outros que seguem.

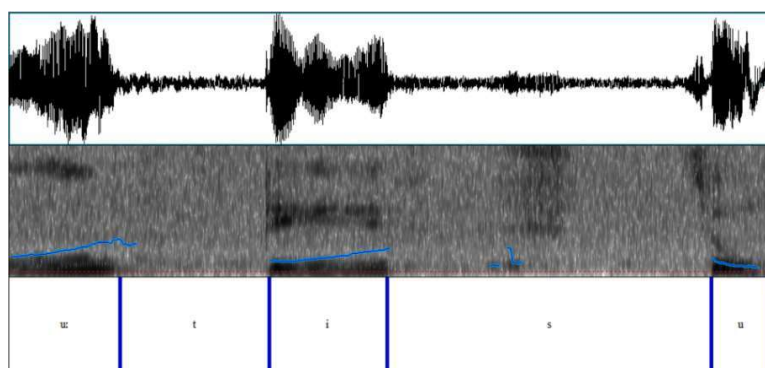
b)

| H         |     | H     |
|-----------|-----|-------|
| /ul       | -ti | -su/  |
| ser longe |     | S.NOM |

| HL              |     | H     |
|-----------------|-----|-------|
| /ul             | -ti | -su/  |
| ter<br>preguiça |     | S.NOM |

| H         |     | H     |
|-----------|-----|-------|
| /ul       | -ti | -su/  |
| ser longe |     | S.NOM |

| → H       |     | H    |
|-----------|-----|------|
| [ˈu:]     | -ti | -su/ |
| “é longe” |     |      |

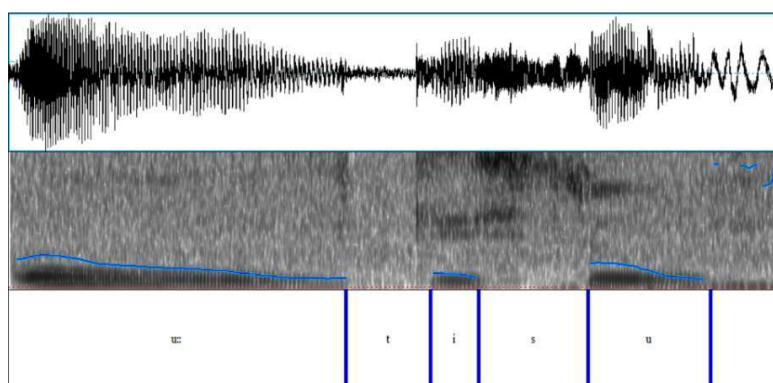


**Figura 38. Espectrograma de [ˈu:ti.su] = “ser longe”**

| HL              |     | H         |
|-----------------|-----|-----------|
| /ul             | -ti | -su/      |
| ter<br>preguiça |     | S.NO<br>M |

→

| HL                |     | H    |
|-------------------|-----|------|
| [ˈu::             | -ti | -su] |
| “ter<br>preguiça” |     |      |



**Figura 39 - Espectrograma de [ˈu::ti.su] = “ter preguiça”**

Quando a vogal acentuada está lexicalmente ligada a um tom e seguida por outro tom flutuante, o apagamento da coda dá lugar a um contorno fonético que se realiza na vogal alongada, como na palavra acima.

1. a)

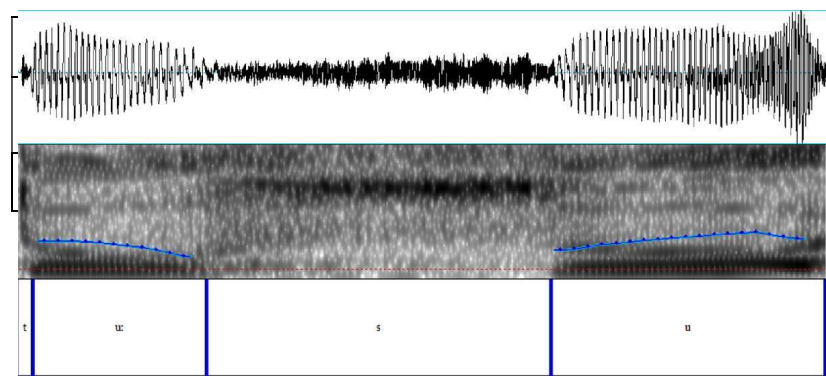


Figura 40 - Espectrograma de [ˈtu:su] = “mulher”

b)

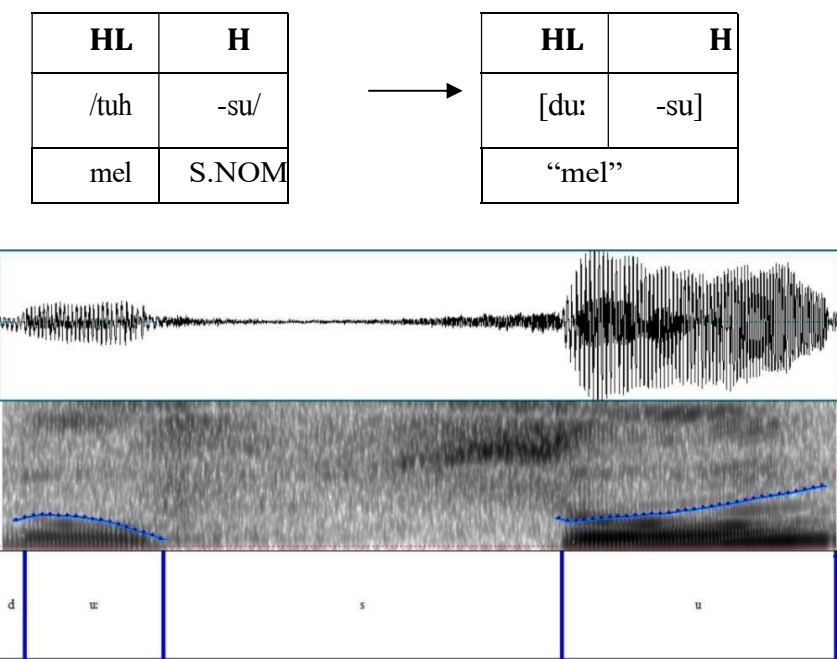
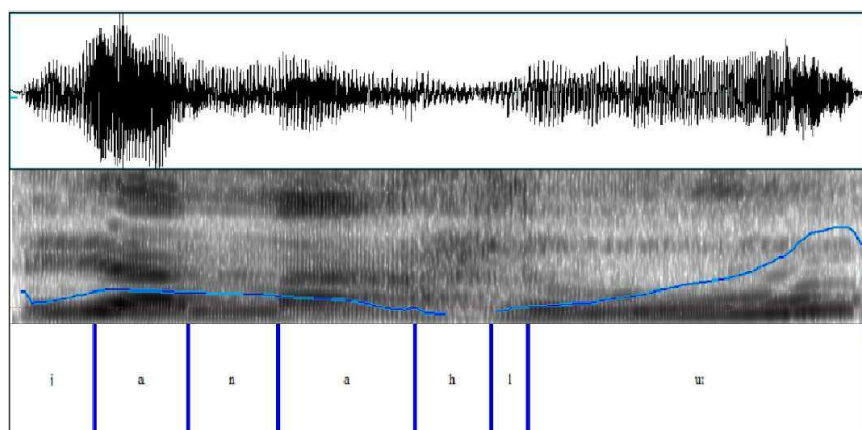


Figura 41 - Espectrograma de [ˈdu:su] = “mel”

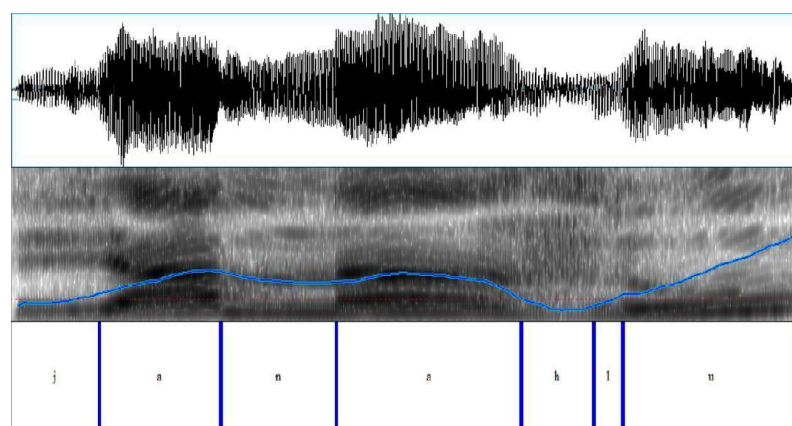


**Figura 42 - Espectrograma de [jã'nahlu:] = “lagarto”**

| HL       |     | H      |  |
|----------|-----|--------|--|
| /ia -nah | -li | -su/   |  |
| onça     | ?   | -S.NOM |  |

→

| HL      | H    |
|---------|------|
| [jã nah | -lu] |
| “onça”  |      |



**Figura 43 - Espectrograma de [jã'nahlu] = “onça”**

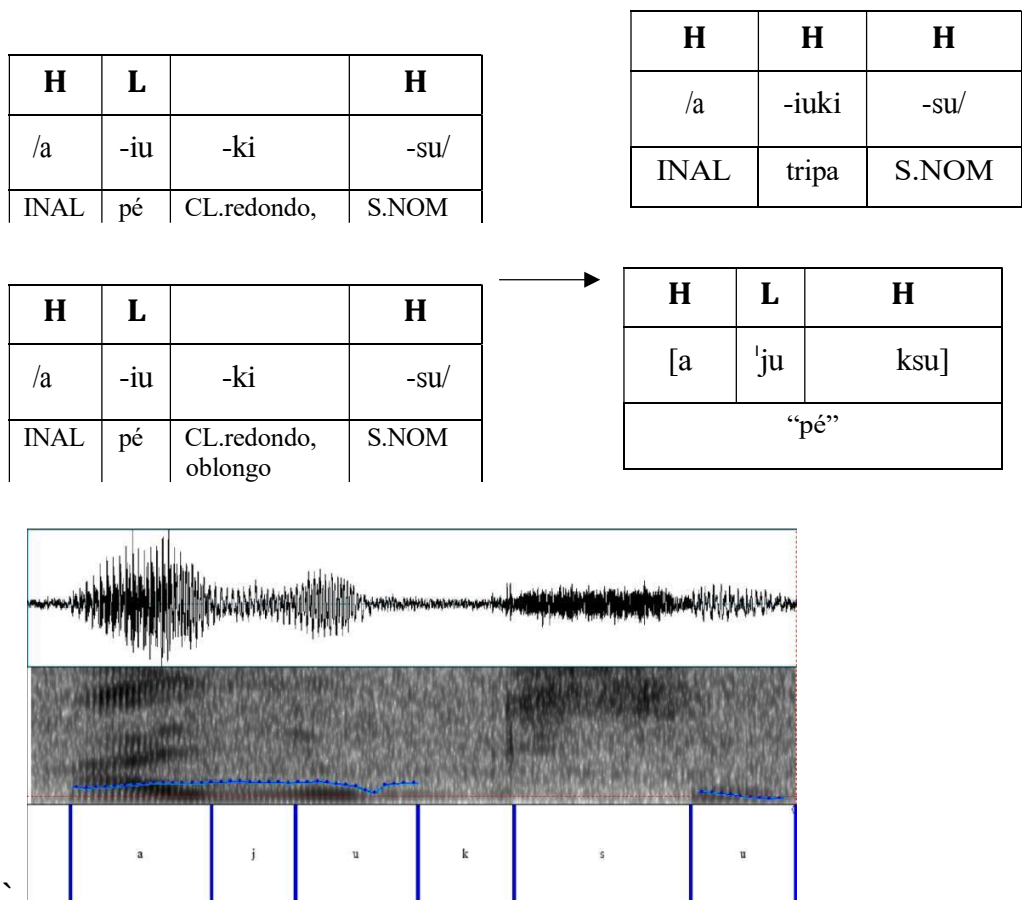


Figura 44. Espectrograma de [a'juksu] = “pé”

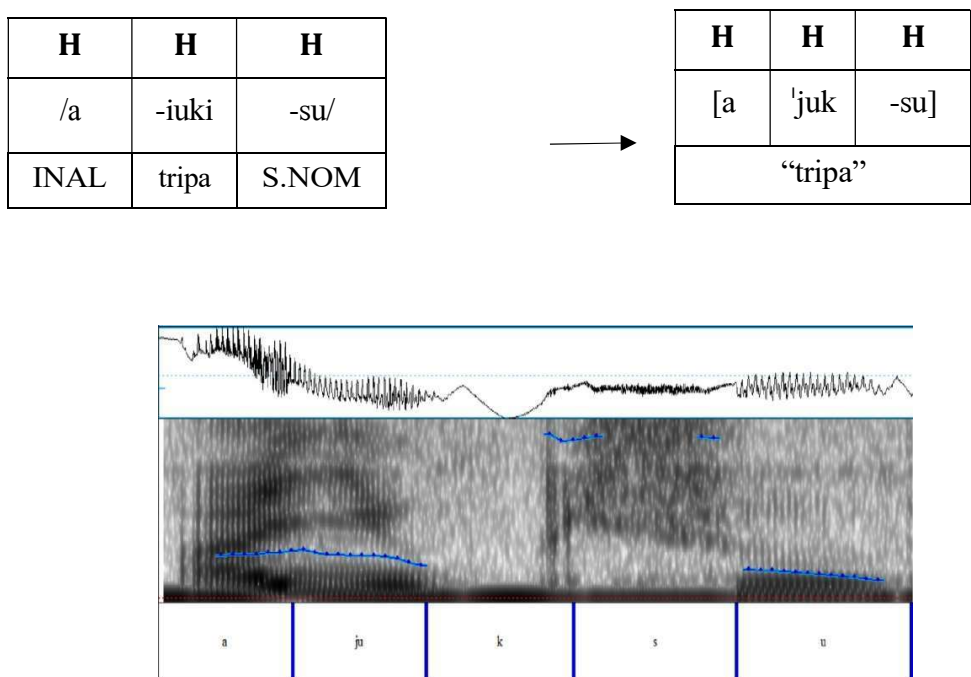
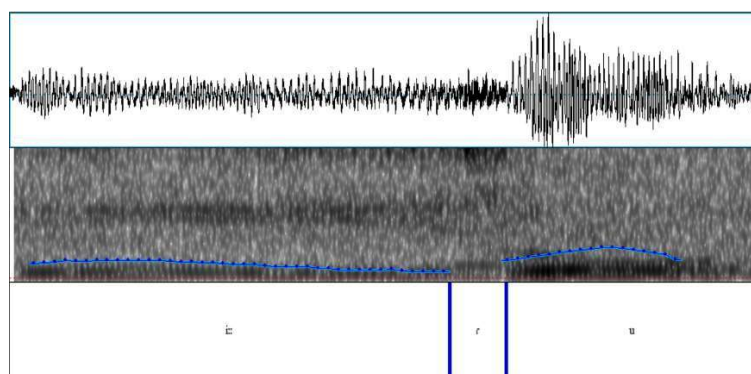


Figura 45 - Espectrograma de [a'juksu] = “tripa”

Para a exemplificação do tom, buscamos trazer registros nos quais a maioria dos sujeitos realizou palavras um pouco mais lentamente, de modo que pudéssemos entender a enunciação com mais clareza em comparação à fala espontânea. Porém, ainda assim pode ocorrer o apagamento de segmentos da coda na superfície, fazendo com que a vogal nuclear seja alongada devido ao acento, conforme já apresentamos em alguns exemplos anteriores. Os segmentos na coda que podem carregar tom são os glides [j, w], a lateral /l/, a nasal /n/ e a glotal /h/ que, quando deletados, tem o tom preservado através do alongamento da vogal remanescente. Plotamos alguns espectrogramas para ilustrar este tipo de ocorrência:

604)

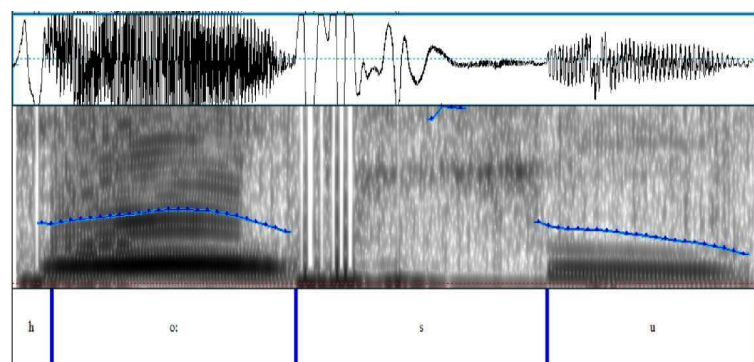
| L     | H      |   | L       | H    |
|-------|--------|---|---------|------|
| /ih   | -su/   | → | [i:]    | -ru] |
| bugio | -S.NOM |   | “bugio” |      |



**Figura 46 - Espectrograma de [i:ru] = “bugio”**

605)

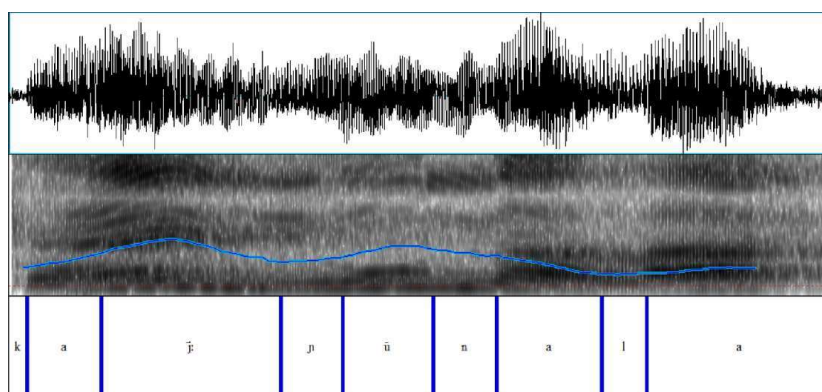
| H      | H      |   | H        | H    |
|--------|--------|---|----------|------|
| /hou   | -su/   | → | [ho:]    | -su] |
| macoco | -S.NOM |   | “macoco” |      |



**Figura 47 – Espectrograma de [ˈho:su] = “macaco”**

606)

| H              | H   |     | H     | H      | → | H            | H  | H   | H    |
|----------------|-----|-----|-------|--------|---|--------------|----|-----|------|
| /kain          | ju  | 0   | -na   | -la/   |   | [kaĩ:        | ɲũ | -na | -la/ |
| CL.intensidade | ter | 3SG | PRES. | PERF.M |   | “tem muitos” |    |     |      |
|                |     |     |       |        |   |              |    |     |      |



**Figura 48 – Espectrograma de [kaĩ:ˈɲũnala] = “tem muitos”**

As consoantes que servem de TBU podem receber o tom marcado lexicalmente do núcleo precedente quando silabadas no onset ao nível a palavra. Outros exemplos que seguem a mesma configuração são:

607)

|          |     |          |
|----------|-----|----------|
| <b>H</b> |     | <b>H</b> |
| /kuah    | -li | -su/     |
| abacaxi  | ?   | S.NOM    |

|                     |          |
|---------------------|----------|
| <b>H</b>            | <b>H</b> |
| [ <sup>1</sup> kwa: | Λu]      |
| “abacaxi”           |          |

608)

|          |      |          |
|----------|------|----------|
| <b>L</b> |      | <b>H</b> |
| /iti     | -nan | -su/     |
| homem    | PLR  | S.NOM    |

|                    |     |          |
|--------------------|-----|----------|
| <b>L</b>           |     | <b>H</b> |
| [i <sup>1</sup> ti | na: | su/      |
| “homens”           |     |          |

609)

|           |     |      |          |
|-----------|-----|------|----------|
| <b>L</b>  |     |      | <b>H</b> |
| /ul       | 0   | -na  | -la/     |
| ser.longe | 3SG | PRES | PERF.M   |

|                    |    |          |
|--------------------|----|----------|
| <b>L</b>           |    | <b>H</b> |
| [ <sup>1</sup> u:: | na | la]      |
| “é longe”          |    |          |

Durante nossas análises, percebemos claramente que a incidência do tom foi mais recorrente nos substantivos quando comparada aos verbos. Trouxemos alguns registros para exemplificar tais inferências:

#### 4.9.2 Sílabas tônicas leve portadora de tom alto (H):

610)

|          |          |          |
|----------|----------|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b> | <b>H</b> |
| /a       | -hi ki   | -su/     |
| INAL     | mão      | S.NOM    |

|          |                    |          |
|----------|--------------------|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b>           | <b>H</b> |
| [a       | <sup>1</sup> hi ki | su/      |
| “mão”    |                    |          |

611)

|          |          |          |
|----------|----------|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b> | <b>H</b> |
| /a       | uĩ       | -su/     |
| INAL     | dente    | S.NOM    |

|          |                 |          |
|----------|-----------------|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b>        | <b>H</b> |
| [a       | <sup>1</sup> wĩ | -su]     |
| “dente”  |                 |          |

612)

|          |                        |          |
|----------|------------------------|----------|
| <b>H</b> |                        | <b>H</b> |
| /hu      | -ki                    | -su/     |
| arco     | CL.redondo,<br>oblongo | S.NOM    |

→

|          |   |          |
|----------|---|----------|
| <b>H</b> |   | <b>H</b> |
| ['hu     |   | su]      |
|          | i |          |
| “arco”   |   |          |

613)

|          |          |     |          |
|----------|----------|-----|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b> |     | <b>H</b> |
| /a       | -ie      | -li | -su/     |
| INAL     | figado   | ?   | S.NOM    |

→

|          |          |    |          |
|----------|----------|----|----------|
| <b>H</b> | <b>H</b> |    | <b>H</b> |
| [a       | 'je      | li | -su]     |
| “figado” |          |    |          |

#### 4.9.2.1 Sílabas tônicas leve portadora de tom baixo (L):

614)

|          |          |
|----------|----------|
| <b>L</b> | <b>H</b> |
| /hane    | -su/     |
| fogo     | S.NOM    |

→

|          |          |
|----------|----------|
| <b>L</b> | <b>H</b> |
| [ha 'ne  | su]      |
| “fogo”   |          |

615)

|          |                    |          |
|----------|--------------------|----------|
| <b>L</b> |                    | <b>H</b> |
| /tisi    | -ki                | -su/     |
| abóbora  | CL.redondo,oblongo | S.NOM    |

→

|           |     |          |
|-----------|-----|----------|
| <b>L</b>  |     | <b>H</b> |
| [ti'si    | -ki | su]      |
| “abóbora” |     |          |

616)

|          |                    |          |
|----------|--------------------|----------|
| <b>L</b> |                    | <b>H</b> |
| /talú    | -ki                | -su/     |
| coco     | CL.redondo,oblongo | S.NOM    |

→

|          |     |          |
|----------|-----|----------|
| <b>L</b> |     | <b>H</b> |
| [ta'lu   | -ki | su]      |
| ‘coco’   |     |          |

617)

| H    | L    | H     |
|------|------|-------|
| /a   | -io  | -su/  |
| INAL | boca | S.NOM |

→

| H      | L   | H   |
|--------|-----|-----|
| [a     | 'jo | su/ |
| “boca” |     |     |

#### 4.9.3 Sílabas tônicas pesada portadora de tons de nível e de contorno (L, H, LH, HL):

618)

| L     | H     |
|-------|-------|
| /kai  | -su/  |
| quati | S.NOM |

→

| L       | H   |
|---------|-----|
| ['kaj   | su] |
| “quati” |     |

| H                    | H     |
|----------------------|-------|
| /uaj <sup>?</sup> li | -su/  |
| cachorro             | S.NOM |

→

| H                     | H   |
|-----------------------|-----|
| ['waj <sup>?</sup> li | su] |
| “cachorro”            |     |

619)

| LH    |                    | H     |
|-------|--------------------|-------|
| /ũãĩn | -ki                | -su/  |
| manga | CL.redondo,oblongo | S.NOM |

→

| LH      |     | H    |
|---------|-----|------|
| ['wãĩ]  | -ki | -su/ |
| “manga” |     |      |

620)

| HL         | H     |
|------------|-------|
| /ta lãũ ti | -su/  |
| tosse      | S.NOM |

→

| HL          | H   |
|-------------|-----|
| [ta 'lãũ di | su] |
| “tosse”     |     |

Como já exposto acima, exceto os três afixos *a-*, *-a* e *-su*, os demais afixos nominais sempre emergem com tom baixo. Sílabas átonas que fazem parte da raiz também sempre emergem com tom baixo.

#### 4.9.4 Tom baixo em sílabas átonas leves na raiz:

621)

| L HL          | H     |
|---------------|-------|
| /ua luh       | -su/  |
| tatu.canastra | S.NOM |

→

| L HL            | H    |
|-----------------|------|
| [wa lu:         | -ru/ |
| “tatu canastra” |      |

622)

| L H       | L                  | H     |
|-----------|--------------------|-------|
| /ia la    | -ki                | -su   |
| guariroba | CL.redondo,oblongo | S.NOM |

→

| L H         | L  | H   |
|-------------|----|-----|
| [ja 'la     | ki | su] |
| “guariroba” |    |     |

623)

| L L    | H     |
|--------|-------|
| /ha lo | -su/  |
| campo  | S.NOM |

→

| L L     | H   |
|---------|-----|
| [ha 'lo | su] |
| “campo” |     |

624)

| H    | L L     | H     |
|------|---------|-------|
| /a   | -na sa  | -su/  |
| INAL | maxilar | S.NOM |

→

| H         | L L    | H   |
|-----------|--------|-----|
| [a        | na 'sa | su] |
| “maxilar” |        |     |

Como as raízes, os classificadores tem tom imprevisível na sílaba acentuada:

626)

| H    | L          | H     |
|------|------------|-------|
| /ha  | -i̇ȧu     | -su/  |
| água | CL.líquido | S.NOM |

→

| H                 | L   | H   |
|-------------------|-----|-----|
| [ <sup>h</sup> ha | ᵹaw | su] |
| “água”            |     |     |

627)

| L      | H       | H     |
|--------|---------|-------|
| /hi    | -kat    | -su/  |
| árvore | CL.duro | S.NOM |

→

| L                 | H    | H   |
|-------------------|------|-----|
| [ <sup>h</sup> hi | ᵹka: | su] |
| “árvore”          |      |     |

628)

| L   | L           | H     |
|-----|-------------|-------|
| /o  | -ka lo      | -su/  |
| Céu | CL.comprido | S.NOM |

→

| L                | L      |     |
|------------------|--------|-----|
| [ <sup>h</sup> o | ka ᵹlo | su] |
| “céu”            |        |     |

629)

| L     | L         | H     |
|-------|-----------|-------|
| /sĩ̇  | -ta       | -su/  |
| capim | CL.grande | S.NOM |

→

| L                  | L   | H    |
|--------------------|-----|------|
| [ <sup>h</sup> sĩ̇ | ᵹta | -su] |
| “capim alto”       |     |      |

4.9.4.1 Nos classificadores átono [ki] e tônico [<sup>h</sup>ta]:

630)

| HL   | L                  | H     |
|------|--------------------|-------|
| /hau | -ki                | -su/  |
| coco | CL.redondo,oblongo | S.NOM |

→

| HL                 | L  |     |
|--------------------|----|-----|
| [ <sup>h</sup> haw | ki | su] |
| “coco”             |    |     |

631)

| H    | H       | L                      | H     |
|------|---------|------------------------|-------|
| /a   | -kũn    | -ki                    | -su/  |
| INAL | coração | CL.redondo,<br>oblongo | S.NOM |

→

| H         | H    | L  | H   |
|-----------|------|----|-----|
| [a        | 'kũm | ki | su] |
| “coração” |      |    |     |

632)

| L    | H     | L         | H     |
|------|-------|-----------|-------|
| /tuh | -a    | -ta       | -su/  |
| mel  | S.ESP | CL.grande | S.NOM |

→

| L                           | H  | L   | H   |
|-----------------------------|----|-----|-----|
| [ <sup>l</sup> tu           | ha | ,ta | su] |
| “colmeia” (lit. mel grande) |    |     |     |

633)

| H      | L         | H     |
|--------|-----------|-------|
| /ua.lu | -ta       | -su/  |
| tatu   | CL.grande | S.NOM |

→

| H                    | L   | H   |
|----------------------|-----|-----|
| [wa. <sup>l</sup> lu | ,ta | su] |
| “tatu grandão”       |     |     |

Em Nutajensu, tom e *creaky voice* contribuem para o contraste no sistema vocálico. Os exemplos abaixo mostram que o contraste tonal funciona independentemente do *creaky voice* contrastivo e alofônico. Podemos concluir que quaisquer vogais, incluindo os ditongos nasais, podem portar ambos os tons de nível (alto e baixo), bem como os tons de contorno superficializados. Apresentamos abaixo alguns dos registros compilados que exemplificam este fato:

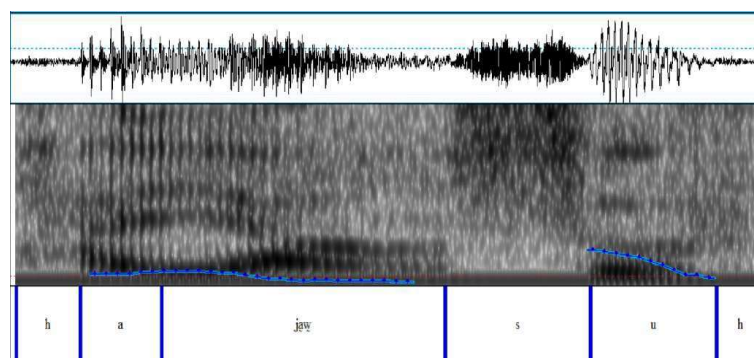
#### 4.10 VOGAL COM *CREAKY VOICE* CONTRASTIVO PORTADORA DE TOM BAIXO (L):

634)

| L    | L             | H     |
|------|---------------|-------|
| /ha  | - <u>ia</u> u | -su/  |
| água | CL.líquido    | S.NOM |

→

| L                 | L               | H                  |
|-------------------|-----------------|--------------------|
| [ <sup>l</sup> ha | ǰa <sup>w</sup> | -su <sup>h</sup> ] |
| água              | CL.líquido      | S.NOM              |



1.4.33 Figura 49 - Espectrograma de [ˈha.jawsuʰ] = “água”

#### 4.10.1 Vogal nasal-laringal com *creaky voice* portadora de tom alto (H):

635)

| H     | H      | # | L     | H     |
|-------|--------|---|-------|-------|
| /sĩ/  | -a     |   | -tũnt | -su/  |
| nuvem | S.ESP. |   | preto | S.NOM |

→

| H               | H | # | L   |    | H    |
|-----------------|---|---|-----|----|------|
| [ˈsĩ]           | a |   | ˈtũ | ti | suʰ] |
| “a nuvem preta” |   |   |     |    |      |

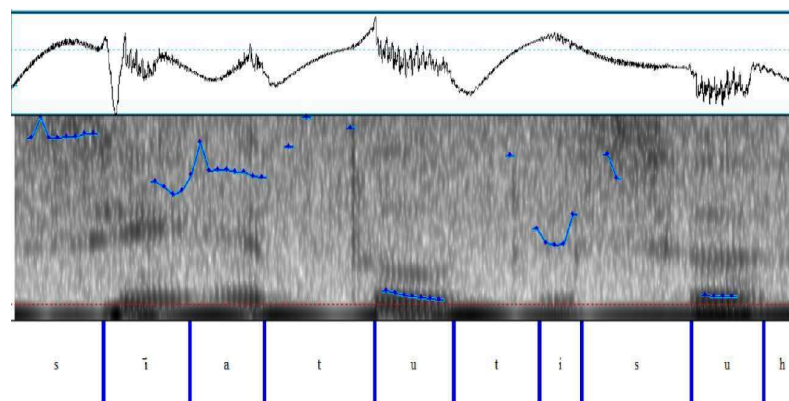


Figura 50 - Espectrograma de [ˈsĩa ˈtũtisʰu] = “nuvem preta”

#### 4.10.2 Vogal nasal-laringal portadora de tom baixo (L):

636)

→

| H        | H       | L      | H     |
|----------|---------|--------|-------|
| /ta      | -kat    | -tãn   | -su/  |
| POSS.1SG | CL.duro | joelho | S.NOM |

| H            | H   |    | L    | H   |
|--------------|-----|----|------|-----|
| [ˌta         | ˌka | te | ˈtãn | su] |
| “meu joelho” |     |    |      |     |

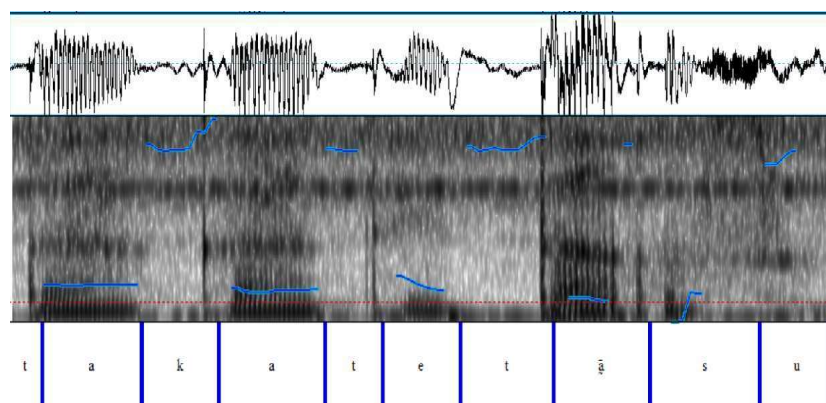


Figura 49 - Espectrograma de [takate'tãsu] = “meu joelho”

#### 4.10.3 Ditongo nasal portador de tom de contorno descendente (HL):

637)

| HL             |     |      | H      |
|----------------|-----|------|--------|
| /kain          | 0   | -na  | -la/   |
| CL.intensidade | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| HL                  |    | H                 |
|---------------------|----|-------------------|
| [ <sup>l</sup> kãĩ: | na | la <sup>h</sup> ] |
| “é grande”          |    |                   |

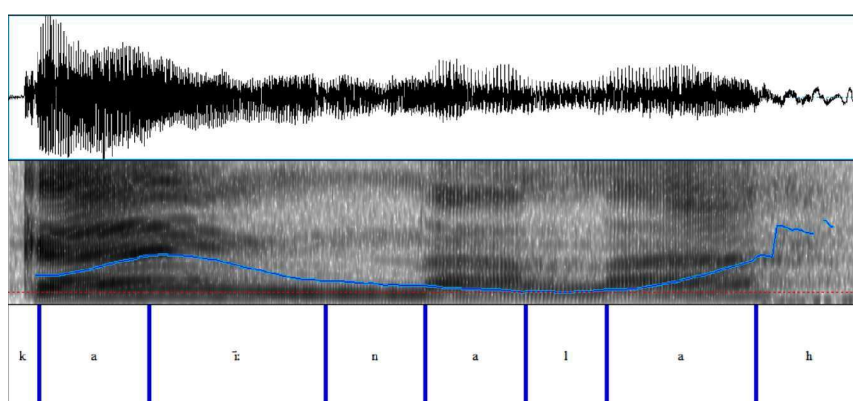


Figura 50 - Espectrograma de [<sup>l</sup>kãĩ:na.la<sup>h</sup>] = “é grande”

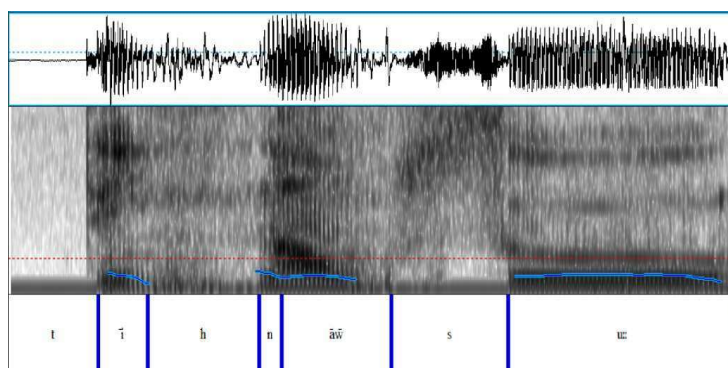
#### 4.10.4 Ditongo nasal portador de tom baixo (L):

638)

| L       | L           | H     |
|---------|-------------|-------|
| /tih    | -nãũ        | -su/  |
| caminho | CL.pó,terra | S.NOM |

→

| L                  | L                 | H    |
|--------------------|-------------------|------|
| [ <sup>l</sup> tih | <sub>l</sub> nãw̃ | su:] |
| “caminho, rastro”  |                   |      |



**Figura 51 - Espectrograma de [<sup>l</sup>t̪ih.nãw̃su:] = “caminho”**

Outro fato observado acerca do tom da língua diz respeito às raízes reduplicadas. Diferentemente do que ocorre com o acento, que não é transferido para a sílaba reduplicada, o tom se comporta de maneira distinta. Se a sílaba acentuada está envolvida no processo de reduplicação, o tom dela está reservado na cópia. Se somente a sílaba não acentuada de uma raiz polissilábica está reduplicada, no reduplicante emerge o tom baixo *default*, como esperado.

639)

| H           | H          | L            | H    |
|-------------|------------|--------------|------|
| /kui        | kui        | -ia <u>u</u> | -su/ |
| RED.laranja | CL.líquido | S.NOM        |      |

→

| H                   | H     | L                 | H    |
|---------------------|-------|-------------------|------|
| [kwi                | 'kwi: | - <sub>l</sub> aw | -su/ |
| “chicha de laranja” |       |                   |      |

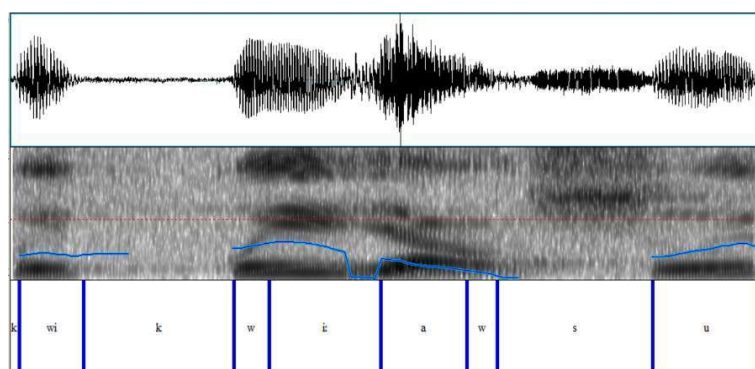


Figura 52 - Espectrograma de [kwi'kwi:awsu] – “chicha de laranja”

640)

| H            | H    | H      | H    | → | H            | H   | H   | H     |
|--------------|------|--------|------|---|--------------|-----|-----|-------|
| /he          | he   | -na    | -na/ |   | [he          | 'he | -na | -na:] |
| RED.vermelho | PRES | PERF.F |      |   | “é vermelho” |     |     |       |

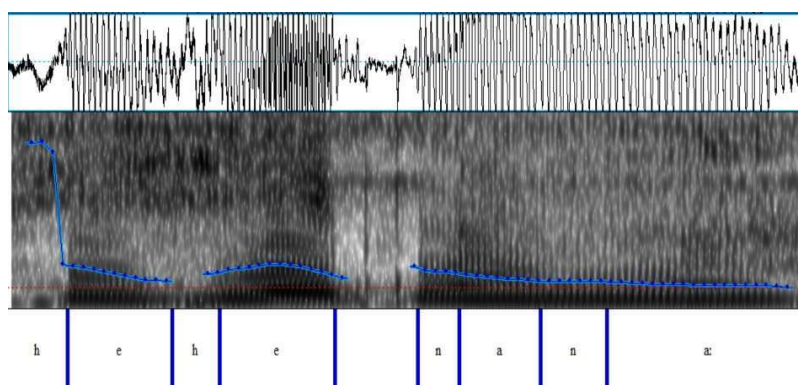
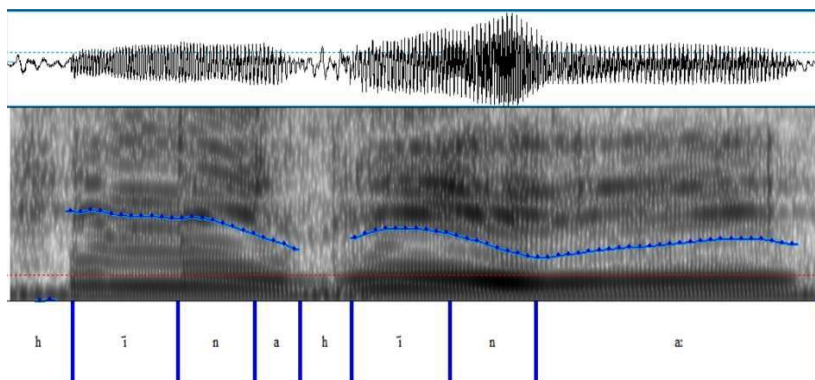


Figura 53 - Espectrograma de [he'hena:na:] – “é vermelho”

641)

|                  |    |     |     |   |                  |    |     |      |
|------------------|----|-----|-----|---|------------------|----|-----|------|
| H                | H  | H   | H   | → | H                | H  | H   | H    |
| /hi              | na | -hi | na/ |   | [hĩ              | na | 'hi | na:] |
| REDUPL.acreditar |    |     |     |   | REDUPL.acreditar |    |     |      |



**Figura 54 - Espectrograma de [hĩna'hĩna:] = “acreditar”**

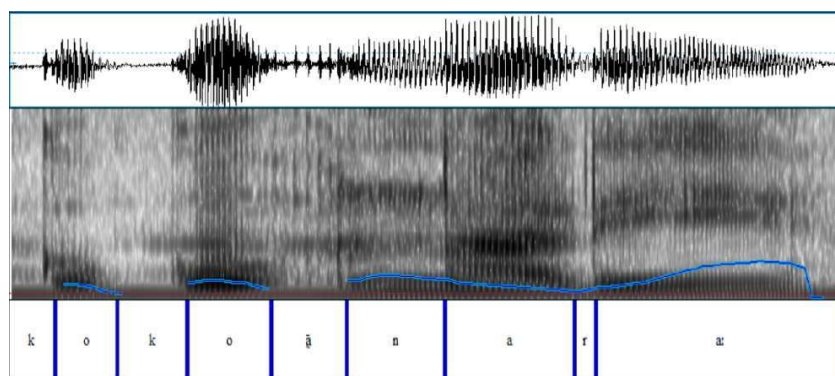
Nos casos em que há reduplicação inteira de raízes mono e dissilábicas, o acento permanece intacto, mas com a parte criada na reduplicação manifestando acento *default* nas sílabas não acentuadas. No entanto, com relação à especificação tonal, em ambas as sílabas, base e cópia, o tom é idêntico. Os exemplos (642) e (643) são de reduplicação inteira de raízes monossilábicas e (644) e (645), de raízes dissilábicas:

642)

| L           | L   |       |        | H    |
|-------------|-----|-------|--------|------|
| /ko         | ko  | -a    | -na    | -la/ |
| REDUPL.feio | 3SG | PRES. | PERF.M |      |

→

| L        | L   |  |    | H    |
|----------|-----|--|----|------|
| [ko      | 'ko |  | na | ra:] |
| “é feio” |     |  |    |      |



**Figura 55 - Espectrograma de [ko'koãara:] – “é feio”**

643)

| H           | H   |      |        | H    |
|-------------|-----|------|--------|------|
| /ti         | ti  | -a   | -na    | -la/ |
| REDUPL.sujo | 3SG | PRES | PERF.M |      |

→

| H           | H   |   |    | H   |
|-------------|-----|---|----|-----|
| [ti         | 'ti | ã | na | la] |
| “está suja” |     |   |    |     |

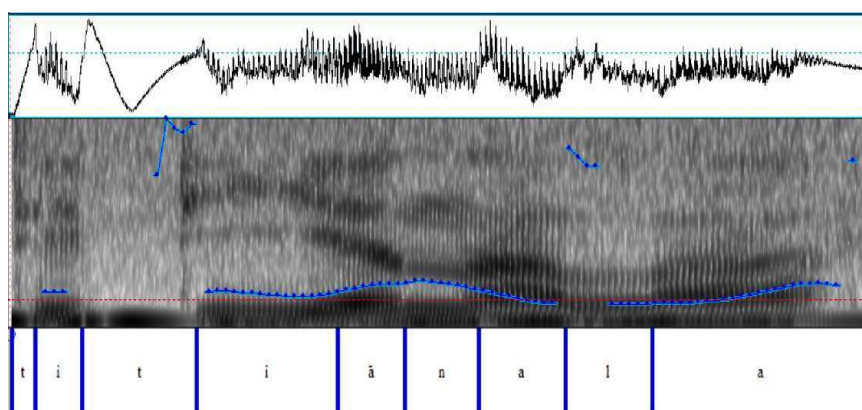


Figura 56. Espectrograma de [ti'tiānala] = “está suja”

644)

|                   |    |          |    |          |   |              |    |          |  |                    |
|-------------------|----|----------|----|----------|---|--------------|----|----------|--|--------------------|
| <b>L</b>          |    | <b>L</b> |    | <b>H</b> |   | <b>L</b>     |    | <b>L</b> |  | <b>H</b>           |
| /ka               | li | -ka      | li | -su/     | → | [ka          | ri | 'ka      |  | -su <sup>h</sup> ] |
| REDUPL.marimbondo |    |          |    | S.NOM    |   | “marimbondo” |    |          |  |                    |

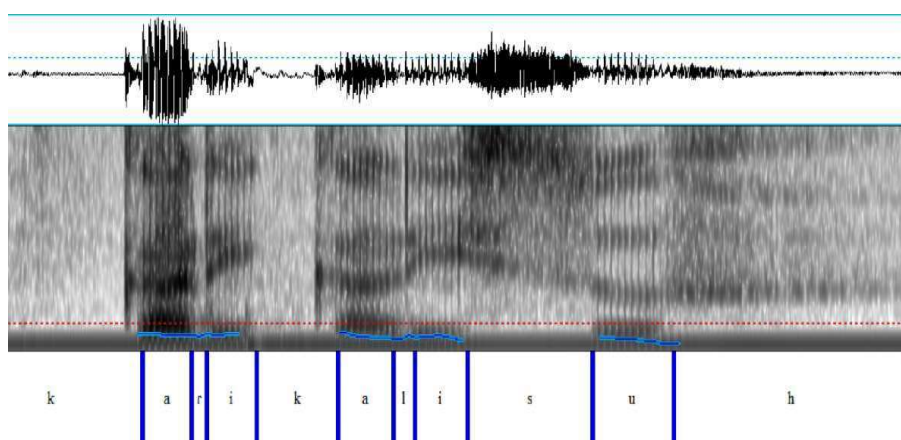
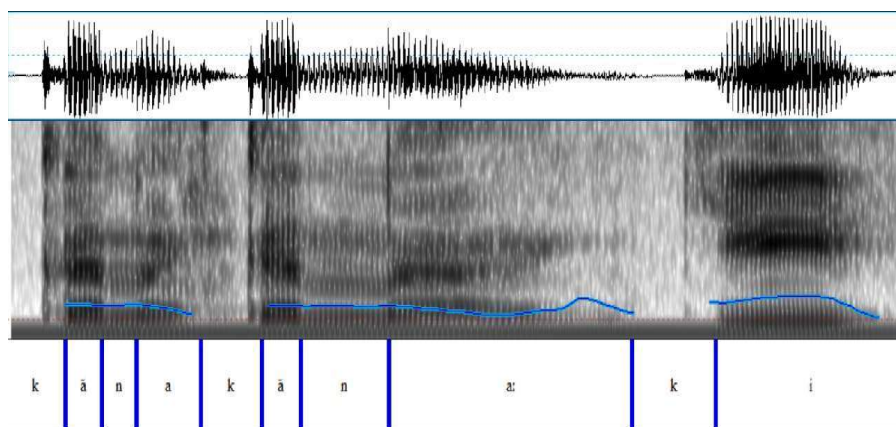


Figura 57. Espectrograma de [kari'kalisu<sup>h</sup>] – “marimbondo”

645)

|                 |          |    |          |          |   |                 |          |    |                  |          |
|-----------------|----------|----|----------|----------|---|-----------------|----------|----|------------------|----------|
|                 | <b>H</b> |    | <b>H</b> | <b>H</b> | → |                 | <b>H</b> |    | <b>H</b>         | <b>H</b> |
| /ka             | na       | ka | na       | ki/      |   | [ka             | na       | ka | <sup>1</sup> na: | ki]      |
| REDUPL.ter.dois |          |    |          | 1PL.INC. |   | REDUPL.ter.dois |          |    |                  | 1PL.INC. |



**Figura 58. Espectrograma de [kãnakã'naki] = “ter dois”**

#### 4.11 O TOM NOS VERBOS

Ao estabelecermos uma comparação entre a incidência tonal nas palavras fonológicas da língua, verificamos que nos nomes o contraste ocorre nas raízes, ao passo que nos verbos tal contraste pode ocorrer tanto nas raízes quanto nos sufixos. Desta forma, há que se ressaltar a relevância da função do tom morfossintático para a distinção de pessoa, formas verbais e afirmação/negação, como será exposto na sequência.

Conforme explanação anterior, é sabido que o contraste tonal ocorre na sílaba tônica dos substantivos do Nutajensu. Na morfologia verbal da língua, além de distinções tonais nas sílabas tônicas das raízes, verificamos a presença do tom também com fins contrastivos nos morfema de pessoa e tempo /-a, -na/ de presente e passado recente<sup>80</sup>, bem como em sentenças afirmativas e negativas. Iniciemos pela distinção entre os tempos verbais mencionados.

Serão abordados apenas os morfemas de tempo/pessoa na 1ª e 3ª pessoas do singular pelo fato de neles os contrastes tonais se evidenciaram em maior recorrência e relevância. Também identificamos distinções tonais em raízes verbais em construções envolvendo a 2ª pessoa do singular, porém, dado o caráter não contumaz destas ocorrências – ora com presença, ora com ausência de tom - não nos ativemos a uma investigação mais aprofundada.

Isso posto, a função contrastiva do tom no contexto em análise ocorre na seguinte estrutura: (Raiz Verbal) + morfema de tempo/pessoa + morfema de aspecto/pessoa. O morfema de tempo/pessoa /-a/ e /-na/ pode portar tons de nível alto e baixo. Na 1ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivais, o tom alto é o que indica qual o sujeito da oração, não sendo necessárias alterações no padrão tonal da raiz. No que tange à 3ª pessoa do singular, o tom do morfema, /-na/, é baixo quando indica tempo presente e alto para o tempo passado recente,

também não se fazendo necessárias alterações do tom na raiz vocabular. Sendo assim, verifica-se que o tom alto no morfema tem relação intrínseca com a marcação do sujeito, juntamente com a raiz. Abaixo apresentamos a estruturação da palavra verbal de um verbo ativo, /uakonala/~ [wa'kõnala] = “trabalhar” nos tempos verbais presente e passado recente em ambas as pessoas em análise, 1ª e 3ª do singular:

| Estruturação verbal na 1ª pessoa do singular de verbos ativos. |             |                      |                        |                        |
|----------------------------------------------------------------|-------------|----------------------|------------------------|------------------------|
| Tempo verbal                                                   | Raiz verbal | Morfema tempo/pessoa | Morfema aspecto/pessoa | Tradução               |
| Presente                                                       | uakon       | H<br>-a              | H<br>-la (PERF.M)      | “Eu estou trabalhando” |
| Passado recente                                                |             |                      | H<br>-ua (IMPERF.M)    | “Eu trabalhei”         |

| Estruturação verbal na 3ª pessoa do singular em verbos ativos. |             |                      |                         |                        |
|----------------------------------------------------------------|-------------|----------------------|-------------------------|------------------------|
| Tempo verbal                                                   | Raiz verbal | Morfema tempo/pessoa | Morfema aspecto/ pessoa | Tradução               |
| Presente                                                       | /uakon/     | L<br>-na             | H<br>-la (PERF.M)       | “Ele está trabalhando” |
| Passado recente                                                |             | H<br>-na             | H<br>-ua (IMPERF.M)     | “Ele trabalhou”        |

---

<sup>80</sup> Em Nutajensu, não existe diferença entre presente contínuo (ex. 'estou nadando') e o presente simples (ex. 'eu nado'), sendo a “ambiguidade” desfeita a partir de um contexto mais amplo ou com o uso de advérbios ('hoje' e 'agora' foram os mais utilizados durante nossas eliciações na tentativa de estabelecer tal diferença). O passado recente diz respeito a uma ação que acabou de acontecer ou que ocorreu há pouco tempo/recentemente.

Nos exemplos abaixo apresentamos registros do mesmo verbo ativo conjugado em tempo e pessoa distintos para evidenciar a diferença tonal, que se encontram dispostos da seguinte maneira: a) 1ª pessoa do singular no tempo presente

b) 1ª pessoa do singular no tempo passado recente

c) 3ª pessoa do singular no tempo presente

d) 3ª pessoa do singular no tempo passado recente

1) Distinção tonal nos morfemas gramaticais de tempo/pessoa /-a/, /-na/ no verbo “trabalhar”.

a)

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| <b>H</b>  | <b>H</b> | <b>H</b> |
| /uakon    | -a       | -la/     |
| trabalhar | 1SG/PRES | PERF.M   |

→

|                     |          |    |     |
|---------------------|----------|----|-----|
|                     | <b>H</b> |    |     |
| [wa                 | 'kõ      | na | la] |
| “estou trabalhando” |          |    |     |

b)

|           |          |          |
|-----------|----------|----------|
| <b>H</b>  | <b>H</b> | <b>H</b> |
| /uakon    | -a       | -ua/     |
| trabalhar | 1SG/PRC  | IMPERF.M |

|                |          |          |          |
|----------------|----------|----------|----------|
|                | <b>H</b> | <b>H</b> | <b>H</b> |
| [wa            | 'kõ      | na       | wa]      |
| “eu trabalhei” |          |          |          |

c)

|           |     |          |          |
|-----------|-----|----------|----------|
| <b>L</b>  |     | <b>L</b> | <b>H</b> |
| /uakon    | 0   | -na      | -la/     |
| trabalhar | 3SG | PRES     | PERF.M   |

→

|                        |          |          |
|------------------------|----------|----------|
| <b>L</b>               | <b>L</b> | <b>H</b> |
| [wa'ko <sup>d</sup> n  | na       | la]      |
| “ele está trabalhando” |          |          |

d)

|           |     |          |          |
|-----------|-----|----------|----------|
| <b>L</b>  |     | <b>H</b> | <b>H</b> |
| /uakon    | 0   | -na      | -ua/     |
| trabalhar | 3SG | PRC      | IMPERF.M |

→

|                 |          |          |
|-----------------|----------|----------|
| <b>L</b>        | <b>H</b> | <b>H</b> |
| [wa'kon         | -na      | -ua]     |
| “ele trabalhou” |          |          |

2) Distinção tonal nos morfemas gramaticais de tempo/pessoa /-a/, /-na/ no verbo “*morder*”

a)

| L      | H        | H      |
|--------|----------|--------|
| /ianun | -a       | -la/   |
| morder | 1SG/PRES | PERF.M |

→

| L                             | H  | H   |
|-------------------------------|----|-----|
| [ja'nũ                        | na | la] |
| “estou mordendo [a mandioca]” |    |     |

b)

| L      | H       | H        |
|--------|---------|----------|
| /ianun | -a      | -ua/     |
| morder | 1SG/PRC | IMPERF.M |

→

| L                    | H  | H   |
|----------------------|----|-----|
| [ja'nũ               | na | wa] |
| “mordi [a mandioca]” |    |     |

c)

| L      |     | L    | H      |
|--------|-----|------|--------|
| /ianun | 0   | -na  | -la/   |
| morder | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| L                                | L  | H   |
|----------------------------------|----|-----|
| [ja'nu <sup>d</sup> n            | na | la] |
| “ele está mordendo [a mandioca]” |    |     |

d)

| L      |     | H   | H        |
|--------|-----|-----|----------|
| /ianun | 0   | -na | -ua/     |
| morder | 3SG | PRC | IMPERF.M |

→

| L                         | L  | H   |
|---------------------------|----|-----|
| [ja'nu <sup>d</sup> n     | na | wa] |
| “ele mordeu [a mandioca]” |    |     |

3) Distinção tonal nos morfemas gramaticais de tempo/pessoa /-a/, /-na/ no verbo “*terminar*”

a)

| L        | H        | H      |
|----------|----------|--------|
| /talun   | -a       | -la/   |
| terminar | 1SG/PRES | PERF.M |

→

| L                  | H   | H    |
|--------------------|-----|------|
| [ta'lũ             | -na | -la/ |
| “estou terminando” |     |      |

b)

| L        | H       | H        |
|----------|---------|----------|
| /talun   | -a      | -ua/     |
| terminar | 1SG/PRC | IMPERF.M |

→

| L                   | H   | H    |
|---------------------|-----|------|
| [ta <sup>l</sup> lũ | -na | -wa/ |
| “terminei”          |     |      |

c)

| L        |     | L    | H      |
|----------|-----|------|--------|
| /talun   | 0   | -na  | -la/   |
| terminar | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| L                     | L   | H    |
|-----------------------|-----|------|
| [talu <sup>d</sup> n  | -na | -la/ |
| “ele está terminando” |     |      |

d)

| L        |     | H   | H        |
|----------|-----|-----|----------|
| /talun   | 0   | -na | -ua/     |
| terminar | 3SG | PRC | IMPERF.M |

→

| L                    | H  | H   |
|----------------------|----|-----|
| [talu <sup>d</sup> n | na | wa] |
| “ele terminou”       |    |     |

Os verbos adjetivais podem apresentar morfologia diferente da dos verbos ativos. O recorte feito nesse trabalho objetiva demonstrar estritamente o contraste tonal dos verbos adjetivais na morfologia verbal no contexto morfossintático semelhante ao de verbos ativos. Os verbos estativos, por sua vez, não serão abordados porque apresentam um paradigma distinto, que foge ao escopo de nossas análises. Nestes verbos, o sujeito é sempre paciente, havendo a adjunção de morfologia de objeto entre a raiz verbal e o morfema de tempo/pessoa. Um exemplo disso pode ser visto em “estou com fome”:

[<sup>l</sup>he:sãnawa:] = “estou com fome”

/heh            -san        -a        -ua/

ter.fome-O.1SG-PRES/1SG-IMPERF.M

“estou com fome”.

Isso posto, apresentamos na sequência alguns exemplos da incidência tonal nos morfemas gramaticais de tempo/pessoa /-na/ da 3ª pessoa do singular em verbos adjetivais que se comportam como ativos:

a)

| HL          |     | L    | H      |
|-------------|-----|------|--------|
| /ui         | 0   | -na  | -la/   |
| bom, bonito | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| HL                 | L  | H   |
|--------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> wi: | na | la] |
| “é bom/é bonito”   |    |     |

b)

| H        |     | L    | H      |
|----------|-----|------|--------|
| /situ    | 0   | -na  | -la/   |
| ser.raso | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| H                        | L  | H   |
|--------------------------|----|-----|
| [si <sup>l</sup> tũ      | na | la] |
| “é rasa [a água do rio]” |    |     |

c)

| LH             |     | L    | H      |
|----------------|-----|------|--------|
| /kain          | 0   | -na  | -la/   |
| CL.intensidade | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| LH                  | L  | H   |
|---------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> kaĩ: | na | la] |
| “é grande”          |    |     |

Há que se mencionar, ainda, a distinção tonal na superfície e em sentenças afirmativas, entre a 1ª pessoa do singular no passado recente e a 3ª pessoa do singular no presente. Nessas construções, o morfema de tempo/pessoa porta tom alto na 1ª pessoa (PRC), e tom baixo na 3ª pessoa (PRES), gerando, assim, a tal distinção. Em ambos os contextos, as sentenças terminam com o sufixo de aspecto perfectivo /-la/, para interlocutor masculino e /-na/, para o feminino:

1.

a)

| L       | H       | H      |
|---------|---------|--------|
| /satun  | -a      | -la/   |
| dirigir | 1SG-PRC | PERF.M |

→

| L                   | H  | H   |
|---------------------|----|-----|
| [sa <sup>l</sup> tũ | na | la] |
| “eu dirigi”         |    |     |

b)

| <b>L</b> |     | <b>L</b> | <b>H</b> |
|----------|-----|----------|----------|
| /satun   | 0   | -na      | -la/     |
| dirigir  | 3SG | PRES     | PERF.M   |



| <b>L</b>             | <b>L</b> | <b>H</b> |
|----------------------|----------|----------|
| [sa'tũ:              | na       | la]      |
| "ele está dirigindo" |          |          |

2.

a)

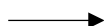
| <b>H</b> | <b>H</b> | <b>H</b> |
|----------|----------|----------|
| /hanen   | -a       | -na/     |
| tentar   | 1SG-PRC  | PERF.F   |



| <b>H</b>                  | <b>H</b> | <b>H</b> |
|---------------------------|----------|----------|
| [ha'ne                    | na       | na]      |
| "eu tentei [fazer colar]" |          |          |

b)

| <b>H</b> |     | <b>L</b> | <b>H</b> |
|----------|-----|----------|----------|
| /hanen   | 0   | -na      | -na/     |
| tentar   | 3SG | PRES     | PERF.F   |



| <b>H</b>                          | <b>L</b> | <b>H</b> |
|-----------------------------------|----------|----------|
| [ha'nẽ:                           | na       | na]      |
| "ela está tentando [fazer colar]" |          |          |

Saliente-se, no entanto, que tal contraste nas estruturas idênticas acima acontece apenas na superfície, pois na subjacência os morfemas de tempo/pessoa apresentam-se na mesma forma: o de 1ª pessoa do singular em sentenças afirmativas é /-a/ e o de 3ª pessoa do singular é /-na/. Ademais, para que essa distinção seja realizada apenas pelo tom, é preciso que a raiz verbal termine com sílaba tônica com coda nasal, a qual será silabificada para o onset da sílaba seguinte (no caso, o morfema de tempo/pessoa de 1ª pessoa do singular em sentenças afirmativas /-a/, realizar-se-á como [na]). Se a raiz verbal terminar em coda não-nasal (ou não tiver consoante na coda), o resultado na superfície será diferente para as construções, de modo que a diferença tonal não será o único elemento que indique a distinção entre as formas envolvidas:

1.a)

| <b>HL</b> | <b>H</b> | <b>H</b> |
|-----------|----------|----------|
| /hau      | -a       | -la/     |
| dançar    | 1SG-PRC  | PERF.M   |



| <b>HL</b>   | <b>H</b> | <b>H</b> |
|-------------|----------|----------|
| ['ha        | wa       | la]      |
| "eu dancei" |          |          |

b)

| <b>HL</b> |     | <b>L</b> | <b>H</b> |
|-----------|-----|----------|----------|
| /hau      | 0   | -na      | -la/     |
| dançar    | 3SG | PRES     | PERF.M   |



| <b>HL</b>           | <b>L</b> | <b>H</b> |
|---------------------|----------|----------|
| ['haw               | na       | la]      |
| "ele está dançando" |          |          |

2.

a)

| HL       | H       | H      |
|----------|---------|--------|
| /taiki   | -a      | -na/   |
| pendurar | 1SG-PRC | PERF.F |

→

| HL                     | H  | H     |
|------------------------|----|-------|
| ['taj ki               | -ã | -na:] |
| "eu pendurei [a rede]" |    |       |

b)

| HL       |     | L    | H      |
|----------|-----|------|--------|
| /taiki   | 0   | -na  | -na/   |
| pendurar | 3SG | PRES | PERF.F |

→

| HL                             | L  | H    |
|--------------------------------|----|------|
| ['taj ki                       | nã | na:] |
| "ela está pendurando [a rede]" |    |      |

#### 4.12 INTERAÇÃO ENTRE TOM NOS AFIXOS GRAMATICAIIS E O AFIXO NEGATIVO

A formação de sentenças negativas do Nutajensu ocorre a partir do acréscimo do morfema /-ʔ/. Este se realiza após o morfema de pessoa e antecedendo o morfema temporal, suscitando a ocorrência do tom baixo deste último por meio do apagamento do tom alto do morfema de pessoa /-a/ (1ª pessoa do singular) e pessoa/tempo, /-na/, (3ª pessoa do singular). O morfema indicador de negação /-ʔ/ é posicionado na coda da sílaba que lhe antecede, já que a língua não licencia a ocorrência do segmento glotal /ʔ/ no onset silábico. Sendo assim, na construção de uma frase negativa, o sufixo glotal /-ʔ/ apaga o tom alto (se houver) do morfema de tempo/pessoa /-a/, e /na/ que sucedem a raiz, de maneira que esses afixos se realizam sempre com tom baixo (L). Juntamente com as construções negativas, apresentaremos as afirmativas do mesmo verbo a título de comparação da incidência do tom em ambas:

1)a)

| L                | L                      | H   | L    | H      |
|------------------|------------------------|-----|------|--------|
| ne <sup>81</sup> | -ki                    | -a  | -na  | -la    |
| cabeça           | CL.redondo,<br>oblongo | 3SG | PRES | PERF.M |

→

| L                 | H  | L  | H   |
|-------------------|----|----|-----|
| [ <sup>l</sup> ne | ka | na | la] |
| “entende”         |    |    |     |

b)

|        | L                          | H   | L   | L    | H      |
|--------|----------------------------|-----|-----|------|--------|
| /ne    | -ki                        | -a  | -ʔ  | -na  | -la/   |
| cabeça | CL.<br>redondo,<br>Oblongo | 3SG | NEG | PRES | PERF.M |

→

| L                 | L   | L  | H   |
|-------------------|-----|----|-----|
| [ <sup>l</sup> ne | kaʔ | na | ra] |
| “não entende”     |     |    |     |

Nos exemplos acima, o sufixo negativo /-ʔ/, associado com tom L, está inserido seguindo o sufixo de pessoa, que perde seu tom H e recebe o tom associado com o morfema de negação.

2)a)

| H       | H   | H   | H      |
|---------|-----|-----|--------|
| /ail    | -a  | -na | -na/   |
| passear | 3SG | PRC | PERF.F |

→

| H                            | H   | H   | H    |
|------------------------------|-----|-----|------|
| [ <sup>l</sup> aj            | -la | -nã | -na] |
| “ele passeia/está passeando” |     |     |      |

b)

| H       | H   | L   | H   | H      |
|---------|-----|-----|-----|--------|
| /ail    | -a  | -ʔ  | -na | -na/   |
| passear | 3SG | NEG | PRC | PERF.F |

→

| H                                    | L   | L  | H   |
|--------------------------------------|-----|----|-----|
| [ <sup>l</sup> aj                    | laʔ | nã | na] |
| “ele não passeia/não está passeando” |     |    |     |

---

<sup>81</sup> De acordo com os falantes, os verbos “entender” e “pensar” se assemelham, possuindo a mesma raiz nominal, “cabeça”, por ser esta a parte do corpo utilizada para estas ações.

3)

a)

| H     | H   | H   | H      |
|-------|-----|-----|--------|
| /an   | -a  | -na | -la/   |
| matar | 3SG | PRC | PERF.M |

→

| H                | H  | H  | H   |
|------------------|----|----|-----|
| ['ã              | na | Na | la] |
| "matou [a anta]" |    |    |     |

b)

| H     | H   | L   | H   | H      |
|-------|-----|-----|-----|--------|
| /an   | -a  | -ʔ  | -na | -la/   |
| matar | 3SG | NEG | PRC | PERF.M |

→

| H                    | L   | L  | H   |
|----------------------|-----|----|-----|
| ['ã                  | naʔ | na | la] |
| "não matou [a anta]" |     |    |     |

Nos exemplos acima, os morfemas de tempo/pessoa /-a/ e /-na/ encontram-se expressos nas orações, sofrendo alteração tonal devido ao sufixo negativo, como já mencionado. Nos verbos em que há a ausência do morfema gramatical de pessoa, como nos casos abaixo (4a/b a 7a/b), o morfema negativo /-ʔ/ é afixado à raiz, tornando baixo o tom alto (se houver) da sílaba

seguinte relativa ao morfema de tempo/pessoa. Caso esse morfema já carregue tom baixo, a exemplo da 3ª pessoa do singular no tempo presente, então o tom desse morfema permanece inalterado:

4)

a)

| LH             |     | L    | H        |
|----------------|-----|------|----------|
| /kain          | 0   | -na  | -ua/     |
| CL.intensidade | 3SG | PRES | IMPERF.M |

→

| LH         | L  | H   |
|------------|----|-----|
| ['kã]      | na | wa] |
| "é grande" |    |     |

b)

| LH                 |         | L       | L        | H            |
|--------------------|---------|---------|----------|--------------|
|                    |         |         |          |              |
| /kain              | 0       | -ʔ      | -na      | -ua/         |
| CL.inten<br>sidade | 3S<br>G | NE<br>G | PRE<br>S | IMPERF.<br>M |



| LH                   | L  | H   |
|----------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> kãjʔ] | na | wa] |
| “não é grande”       |    |     |

5)

a)

| HL          |     | L    | H        |
|-------------|-----|------|----------|
| /uil        | 0   | -a   | -ua/     |
| bom, bonito | 3SG | PRES | IMPERF.M |



| HL                 | L  | H   |
|--------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> wi: | ra | wa] |
| “é bom, bonito”    |    |     |

b)

| HL          |     | L   | L    | H        |
|-------------|-----|-----|------|----------|
| /uil        | 0   | -ʔ  | -a   | -ua/     |
| bom, bonito | 3SG | NEG | PRES | IMPERF.M |



| HL                  | L  | H   |
|---------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> wi:ʔ | ra | wa] |
| “não é bom, bonito” |    |     |

6)

a)

| L       |     | H   | H      |
|---------|-----|-----|--------|
| /uain   | 0   | -na | -la/   |
| arrotar | 3SG | PRC | PERF.M |



| L                    | H  | H    |
|----------------------|----|------|
| [ <sup>l</sup> waj̃: | na | -la] |
| “ele arrotou”        |    |      |

b)

| L       |     | L   | H   | H      |
|---------|-----|-----|-----|--------|
| /uain   | 0   | -ʔ  | -a  | -la/   |
| arrotar | 3SG | NEG | PRC | PERF.M |



| L                   | L  | H   |
|---------------------|----|-----|
| [wajʔ               | Na | la] |
| “[ele] não arrotou” |    |     |

7)

a)

| L     |     | H   | H        |
|-------|-----|-----|----------|
| /nĩn  | 0   | -a  | -ua/     |
| zunir | 3SG | PRC | IMPERF.M |

→

| L                        | H  | H   |
|--------------------------|----|-----|
| [ <sup>l</sup> nĩ        | na | wa] |
| [o mosquito] está zuniu" |    |     |

b)

| L     |     | L   | H   | H        |
|-------|-----|-----|-----|----------|
| /nĩn  | 0   | -ʔ  | -a  | -ua/     |
| zunir | 3SG | NEG | PRC | IMPERF.M |

→

| L                       | L   | H   |
|-------------------------|-----|-----|
| [ <sup>l</sup> nĩ       | naʔ | wa] |
| [o mosquito] não zuniu" |     |     |

Podemos afirmar que a língua Nutajensu apresenta-se como uma língua tonal, como as demais línguas Nambikwara, exceto o Sabanê. O tom tem uma função distintiva nas raízes verbais e nominais, onde se localiza na sílaba acentuada. Com tom contrastivo especificado nas raízes, o acento vira previsível para raízes nominais e verbais a partir da presença dos tons no léxico. Entretanto, fora das raízes lexicais tom e acento muitas vezes se mostram independentes um do outro. No que tange aos afixos nominais, os que portam tom alto marcados no léxico (apesar de não serem acentuados lexicalmente) são o prefixo de inalienabilidade *a-*, o sufixo nominal *-su* e o sufixo de especificidade *-a*. Os morfemas gramaticais portadores de tom, por sua vez, são os de tempo/pessoa */-a/* e */-na/*, distintivo para a 1ª e 3ª pessoas do singular dos tempos presente e passado recente, como já verificado.

Ademais, o tom exerce um papel limitado na exponência das categorias gramaticais, atuante na 3ª pessoa do singular nos tempos presente e passado recente, bem como na distinção entre a 1ª pessoa do singular no tempo passado recente e a 3ª pessoa do singular no tempo presente em sentenças afirmativas, o que também pode ser observado nas línguas irmãs do Norte, o Latundê (TELLES, 2002) e do Sul, Nambikwara do Campo (COSTA, 2020). Outro contexto no qual o tom opera no Nutajensu é na distinção de sentenças afirmativas e negativas, fato igualmente verificado no Mamaindê (EBERHARD, 2009), Negarotê (BRAGA, 2016) e Nambikwara do Campo (COSTA, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, nesta pesquisa, apresentar a fonologia segmental e suprasegmental da língua indígena Nutajensu/Sararé, que pertence à ramificação Sul da família Nambikwara. O capítulo I foi dedicado a informar o leitor sobre os dados etnográficos e linguísticos tanto da referida família quanto do povo Nutajensu.

No capítulo II dedicamo-nos à descrição da fonologia segmental da língua, sendo 7 consoantes, e 18 vogais orais, nasais, laringais e nasais-laringais. É característico das línguas Nambikwara apresentar um número de segmentos vocálicos maior do que os consonantais – fato também observado no Nutajensu. No que tange às sequências vocálicas, a interpretação dada aos ditongos leva em consideração o status dos segmentos [j] e [w]: optamos por considerá-los como realizações de superfície apenas, devido à interação entre o acento e sílaba e à morfologia da língua, essenciais para a análise envolvendo este tipo de som. Sendo assim, os glides da língua, [j] e [w], são fonéticos e apresentam-se como alofones das vogais altas /i/ e /u/, respectivamente. Há, portanto, uma boa variedade de ditongos, tritongos e sequências vocálicas na fonologia da língua.

No capítulo III, a temática contemplada foi a sílaba e os processos fonológicos do Nutajensu. Identificamos que o molde silábico subjacente é (C)V(C)(C) e a estrutura silábica da superfície é (C)(C)V(C)(C), decorrente de processos fonológicos. Isso significa que o núcleo licencia apenas uma posição e a rima pode apresentar até três posições ocupadas. No que tange aos processos fonológicos, observamos os seguintes operando na língua: vozeamento dos segmentos oclusivos no onset silábico, assimilação do ponto de articulação da consoante nasal na coda silábica, nasalização regressiva das vogais átonas, harmonia vocálica, fortalecimento dos glides, laringalização dos segmentos vocálicos, pré-oralização das nasais na coda silábica, alongamento de vogais em sílabas abertas acentuadas, alongamento enfático, monotongação, sândi vocálico, coalescência consonantal, aspiração (de segmentos no onset e na coda silábica) e reduplicação. Ressalte-se que grande parte dos processos, além de opcional, ocorre na coda silábica, podendo resultar em formas superficializadas bastante distintas das subjacentes.

No capítulo IV fizemos uma abordagem sobre o acento e a tonologia do Nutajensu. As pesquisas sobre as línguas Nambikwara estudadas até então apontam uma característica em comum entre elas: o fato de possuírem prosódia mista, com tom e acento operando em

concomitância. As línguas do Norte Latundê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2009) e Negarotê (BRAGA, 2017) apresentam tal configuração que, mais recentemente, foi observada também em Nambikwara do Campo (COSTA, 2020), da ramificação Sul. Verificamos uma grande semelhança nos sistemas acentual e tonal do Nutajensu com as línguas do Campo, salvaguardando algumas questões pontuais, que são intrínsecas a cada uma das línguas. Os seguintes parâmetros foram considerados na atribuição do acento da língua: peso silábico, morfologia e posição na sílaba. Inferimos, então, que o acento é sensível ao peso silábico, além de ser previsível na raiz vocabular. Quanto aos morfemas gramaticais, eles devem ser marcados lexicalmente para ser ou não portador de acento, que sempre se manifesta com acento secundário. O tom, por seu turno, apresenta-se na língua como alto (H) e baixo (L) – tons de nível – podendo ainda realizar-se como tom de contorno na superfície em sílabas com tom lexical fixo seguido por tom flutuante. A língua manifesta contraste tonal na raiz nominal e, na raiz verbal, tal distinção ocorre majoritariamente nos morfemas de tempo e pessoa da 1ª pessoa do singular (passado recente) e 3ª pessoa do singular (presente).

Nesta pesquisa, intentamos apresentar aspectos relacionados à fonologia da língua Nutajensu, mostrando algumas de suas características prosódicas, sobretudo no domínio da palavra fonológica. Os apontamentos e reflexões aqui trazidos são apenas um recorte de uma língua complexa e repleta de nuances. Sendo assim, nosso objetivo não é o de exaurir, tampouco trazer definições e interpretações estanques, mas sim, de iniciar uma investigação e analisar (algumas de) suas características fonológicas. A partir da investigação da tipologia do Nutajensu, buscamos contribuir também para um melhor entendimento da tipologia das línguas da família Nambikwara. Pesquisas futuras são fundamentais e necessárias para que novas questões sejam abarcadas e mais aspectos da língua sejam contemplados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, G. A. de. 2004. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. Tese de Doutorado. Amsterdã: Vrije Universiteit, Amsterdam. Utrecht: LOT Publications. .
- Beckman, M. E. 1986. *Stress and Non-stress Accent, Netherlands Phonetic Archives, vol. VII*. Dordrecht: Foris Publications.
- Biondo, D. 1993. O estudo da sílaba na fonologia autosegmental. *Revista Est. Ling.*, Belo Horizonte, ano 2, v.2, pp.37-51. Universidade Federal do Paraná, Brasil.
- Bisol, L. (Org.). 2001. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Blevins, J. 1996. The Syllable in Phonological Theory. Goldsmith, J. A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell. pp. 206-244
- Borella, C. de C. 2003. *Manuscrito sobre a morfologia do nome no Sararé*. Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Letras, Núcleo de Estudos Indigenistas.
- Braga, A.G.M. 2017. *Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua do grupo Negarotê (família Nambikwára)*. Tese de Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit.
- Cagliari, L.C. 2008. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática*. Campinas: Mercado de Letras.
- Câmara Jr, J.M. 1969. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- Chomsky, N. e Halle. M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row.
- Clements, G. N. 1985. The Problem of Transfer in Nonlinear Morphology. *Cornell Working Papers in Linguistics* 7, pp. 38-73.
- Clements, G. N. 1990. The Role of the Sonority Cycle in Core Syllabification. Kingston, J. e M. Beckman (eds.). *Papers in Laboratory Phonology 1: Between the Grammar and Physics of Speech*. Cambridge: Cambridge University, pp. 283-333.

Clements, G. N. 1991. Place of Articulation in Consonants and Vowels: A Unified Theory.

*Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*. v. 5, pp. 77-123.

Clements, G. N. e E. Hume. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. Goldsmith, J.

A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, pp. 245-306.

Clements, G; e S.J. Keyser. 1983. *CV Phonology. a Generative Theory of the Syllable*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Costa, A.M.R.F.M. 2008. *Wanintesu: um construtor do mundo Nambikwara*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.

Costa, P.M. 2020. *Fonologia segmental e suprasegmental Nambikwara do Campo*. Tese de Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam. Utrecht: LOT Publications.

Dixon, R.M.W. e A. Y. Aikhenvald 2002. *Word: a Crosslinguistic Typology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Eberhard, D. 1995. *Mamainde Stress: the Need for Strata*. *SIL Publications in Linguistics 122*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington. pp. ix + 159.

Eberhard, D. 2009. *Mamaindê Grammar: A Northern Nambikwára Language and its Cultural Context*. Tese de Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, Amsterdam. Utrecht: LOT Publications.

Fox, A. 2000. *Prosodic features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*.

Oxford: Oxford University Press.

Fundação Nacional do Índio (Funai). 2019. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 14 de agosto de 2019.

Goldsmith, J. 1976. *Autosegmental Phonology*. Indiana University Linguistics Club.

Goldsmith, J. 1979. The Aims of Autosegmental Phonology. Dinnsen, Daniel (org.). *Current approaches to phonological theory*. Bloomington: Indiana University, pp. 202-222.

Goldsmith, J. 1990. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers.

Goldsmith, J. (org.). 1996. *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford: Blackwell Publishers.

Goldsmith, J. 2011. The Syllable. Goldsmith, J., J.Riggle, and A. Yu (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. 2.ed. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing. pp.164-196.

Greenberg, J. H. e M. Ruhlen. 2007. *An Amerind Etymological Dictionary*. Standford University.

Gussenhoven, C. e H. Jacobs. 2017. *Understanding Phonology*. 4.ed. New York: Routledge.

Hayes, B. 1995. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

Henton , C. e Bladon, W. 1988. Creak as a Sociophonetic Marker. *Language, Speech and Mind: Studies in Honour of Victoria A. Fromkin*. Ingemann, F., L. Hyman, and C. Li (org.): London: Routledge, pp.3-19.

Hora, D. 2003. *Fonética e Fonologia*. João Pessoa: Editora Universitária.

Hora, D e C. Matzenauer. 2017. *Fonologia, Fonologias - uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto.

Hulst, H. van der, R. Goedemans and E. van Zanten. 2010. *A Survey of Word Accentual Patterns in the Languages of the World*. Berlin: Walter de Gruyter.

Hyman, L. M. 1975. *Phonology: Theory And Analysis*. University of Southern California.

Hyman, L. M. 2001. Tone Systems. Haspelmath et al. (orgs) *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*, vol. 2. Berlin & New York: Walter de Gruyter, pp 1367-1379.

Hyman, L. M. 2007. Tone: Is it different?. *UC Berkeley PhonLab Annual Report*, v.3. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/1sr5f98x>>.

Hyman, L. M. 2016. Lexical vs. Grammatical Tone: Sorting out the Differences. *Proc. 5th International Symposium on Tonal Aspects of Languages (TAL 2016)*, pp. 6-11.

Instituto Socioambiental (ISA). 2019. *Povos Indígenas do Brasil*:

Nambikwara. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara#Nomes>>. Acesso em: 18 de setembro de 2019.

Katamba, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. London and New York: Longman,

Kenstowicz, M. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge/Massachusetts: Blackwell Publishers.

Kingston, P. 1973. *Phenomena of Morpheme Juxtaposition in Mamaindê*. Ms. SIL.

Kingston, P. 1976. Sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Mamaindê. *Série Linguística*, 5. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

Kiparsky, P. 1982. Lexical Morphology and Phonology. Yang, I. S. (org.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, pp. 3-91.

Kiparsky, P. 1985. The role of Quantity in Finnish and English Metres. Paper presented at the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society.

Kroeker, B. 2003. *Aspectos da lingual Nambikuara*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística.

Kroeker, M. 1977. *The Role of Tone in Nambikuara*. Rio de Janeiro: Instituto Antropológico Prof. Souza Marques.

Kroeker, M. 1996. *Dicionário escolar bilingue Nambikuara-Português, Português- Nambikuara*. Porto Velho: SIL.

Kroeker, M. 2001. Gramática descritiva da língua Nambikuara. *International Journal of American Linguistics*, vol.67, n.1. Chicago: The University of Chicago Press, pp.1-87.

Ladd, D. R. 2008. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lass, R. 1984. *Phonology: An Introduction to Basic Concepts*. Cambridge: Cambridge University Press.

Leben, W. 1973. *Suprasegmental Phonology*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, USA.

Lévi-Strauss, C. 1946. The Name of the Nambikwara. *American Antropologist*. pp.139-40

Lévi-Strauss, C. 1948. La vie familiale et sociale des indiens Nambikwara. *Journal de la Société des Américanistes*. v.37. pp.1-132.

Lévi-Strauss, C. 1996. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras.

Liberman, M. 1975. *The Intonational System of English*. Tese de doutorado, MIT, Cambridge, Massachusetts.

Liberman, M.e A. Prince. 1977. On stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry* 8, pp. 249-336.

Lowe. I. 1999. Nambiquara. Dixon, R. M. e A. Aikhenvald (org.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.268-291.

Miller, J. 2007. *As coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Miller, J. 2019. *Instituto Socioambiental: Povos indígenas do Brasil* (Nambikuara). Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara#Nomes>>. Acesso em: 18 de setembro de 2019.

Mori, A. 2010. *Os desafios das pesquisas em línguas indígenas no Brasil*. CELCAM- IEL/UNICAMP. pp.1-13.

Nespor, M. 2010. Prosody: an Interview with Marina Nespor. *ReVEL*, vol. 8, n. 15. pp.381-387. Disponível em: <[www.revel.inf.br/eng](http://www.revel.inf.br/eng)>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020.

Nespor, M. e I. Vogel. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

Newman. P. 1972. *Syllable weight as a Phonological Variable. The Nature and Function of the Contrast Between "Heavy" And "Light" Syllables*. Studies in African Linguistics. Volume 3, Number 3. University of Yale. pp.301-324.

Payne, T. E. 1997. *Describing Morphosyntax: a Guide for Field Linguists*. Cambridge: Cambridge University Press.

Price, D. 1972. *Nambikwara Society*. Tese de Doutorado. Chicago: University of Chicago. Price, D. 1976. Southern Nambiquara Phonology. *IJAL*, 42, pp. 338-48.

Price, D. 1978. The Nambiquara Linguistic Family. *Antropological Linguistics*. v.20. n.1, pp.14-35.

Price, D. 1983. Parici, Cabixi, Nambiquara: A Case Study in the Western Classification of Native Peoples. *Journal de la Société des Américanistes*. V. 69, pp. 129-148.

Price, D. 1985. Nambiquara Languages: Linguistic and Geographical Distance Between Speech Communities. Klein, H. E. M. e L.R. Stark (org.) *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, pp.304-323.

Price, D. 1987. *Nambiquara Geopolitical Organisation*. Man (N. S.). v.22. Cornell University, pp.1-24.

Price, D.; Cook, C. E. 1969. The Present Situation of the Nambikwara. *American Anthropologist. Journal of the American Anthropological Association*. v.71, pp.688-693.

Rodrigues, A. D. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Rondon, C. M. S. 1947. *Publicação no. 2 da comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas* (“Comissão Rondon”). Anexo no. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, pp.45-54.

Santos, A. J. 2000. *Sararé: reocupações Nambiquara no Alto Guaporé*. Monografia de conclusão do curso de especialização em antropologia. Universidade Federal do Mato Grosso.

Seki, L. 2000. *A lingüística indígena no Brasil*. Lingüística vol 11, pp. 273-362.

Seki, L. 2000. Línguas indígenas no Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*, vol 12, n.27, pp. 233-257. Universidade Metodista de Piracicaba.

Selkirk, E. 1978. On Prosodic Structure and its Relation to Syntactic Structure. Fretheim, T. (ed.). *Nordic Prosody II*. Trondheim: TAPIR, pp.111-140.

Selkirk, E. 1984. *Phonology and Syntax: The Relation Between Sound and Structure*. Cambridge, MA: The MIT press.

Selkirk, E. 2011. The Syntax-Phonology Interface. Goldsmith, J., J. Riggle e A. YU (org.). *The Handbook of Phonological Theory*, 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing. pp.435-484.

Selkirk, E. 2003. The Prosodic Structure of Function Words. McCarthy, J. (org). *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Oxford :Blackwell Publishing. pp. 464-482

Schutz, R. 2003. Interferência, interlíngua e fossilização. Disponível em [www.geocities.ws/leiturainstrumental/interferencia\\_em\\_lingua.doc](http://www.geocities.ws/leiturainstrumental/interferencia_em_lingua.doc). Acesso em setembro de 2017.

Spencer, A. 1986. *Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers.

Telles, S. 2002. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Tese de Doutorado. Vrije Universiteit, Amsterdam.

Telles, S. 2013. Traços laringais em Latundê (Nambikwára do Norte). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas. v. 8. n. 2, pp. 291- 306.

Telles, S. 2019. Consoante nasal pós-vocálica no Latundê e no Português do Brasil. *Linguística* [online]. Vol.35, n.1, pp.167-177. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190009>>.

Tenani, L. 2002. Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

Wiese, R. 2011. *The representation of Rhotics*. The Blackwell Companion to Phonology, Marc van Oostendorp et al. (org.). Berlin: Mouton de Gruyter. Vol.1, pp. 711-729.

Wetzels, W. L. 1995. Consoantes intrusivas em Maxacalí. Wetzels, L. (ed.). *Estudos fonológicos de línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Wetzels, W. L. 1995. *Estudos fonológicos de línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Wetzels, W. L. 2008. Thoughts on the Phonological Interpretation of {Nasal,Oral} Contour Consonants in Some Indigenous Languages of South-America. *Revista Alfa*. São Paulo, 52, 2, pp. 251-278.

Wetzels, W.L. e S. Meira. 2010. A Survey of South American Stress Systems. Van der Hulst, H, R. Goedemans e E. van Zanten (org.) *A Survey of Word Accentual Patterns in the Languages of the World*. Berlin: Walter De Gruyter, pp. 313-381.

Wetzels, W. L. e A. Nevins. 2018. Prenasalized and Postoralized Consonants: The Diverse Functions of Enhancement. *Language*, Volume 94, Number 4. pp.834-866.

Yip, M. 2002. *Tone*. Cambridge: Cambridge University Press.